

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

O LIVRO: OBJETO DE ESTUDO E DE MEMÓRIA DE LEITURA

Ilsa do Carmo Vieira Goulart

Campinas
2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Goulart, Ilsa do Carmo Vieira.

G729L O livro: objeto de estudo e de memória de leitura / Ilsa do Carmo
Vieira

Goulart. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador : Norma Sandra de Almeida Ferreira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Livros. 2. Leitura. 3. Memória. 4. Leitores. I. Ferreira, Norma
Sandra de Almeida. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III.

Título.

09-204/BFE

Título em inglês : The book: object of study and memory of reading

Keywords: Books; Reading; Memory; Readers

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Norma Sandra de Almeida Ferreira (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Heloísa Helena Pimenta Rocha

Prof^a. Dr^a. Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Guedes-Pinto

Prof^a. Dr^a. Renata Junqueira

Data da defesa: 11/08/2009

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : ilsa.vieira@uol.com.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: O LIVRO: OBJETO DE ESTUDO E DE MEMÓRIA DE LEITURA

**Autor: ILSA DO CARMO VIEIRA GOULART
Orientadora: NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por ILSA DO CARMO VIEIRA GOULART e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 11 DE AGOSTO DE 2009

Assinatura:.....

Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



Helcio Helena Azeiteiro Romão



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

O LIVRO: OBJETO DE ESTUDO E DE MEMÓRIA DE LEITURA

ILSA DO CARMO VIEIRA GOULART

Área de concentração: Educação, Conhecimento,
Linguagem e Arte

Grupo de pesquisa: ALLE – Alfabetização, Leitura
e Escrita.

Linha de pesquisa: Sociedade, Cultura e Educação

Orientadora: Prof. Dra. Norma Sandra de Almeida
Ferreira

Campinas

2009

iv

*À grande protagonista e inspiradora
deste trabalho,
Efigênia Maria Pereira: “vovó Gena”.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato sublime. Por ser um ato que excede a capacidade humana, não teria palavras o suficiente para manifestar minha gratidão a todos que, de uma forma ou de outra, ajudaram-me a edificar um grande sonho.

Agradeço a Deus, o Criador de todas as coisas, que, na sua grandeza e bondade, foi colocando pessoas em meu caminho as quais me ajudaram a realizar o que sozinha não conseguiria. Ao Espírito Santo, por me conceder a sabedoria necessária e a tão almejada inspiração na realização da escrita dos textos; e aos anjos, pela proteção divina nas rodovias e pela disposição a mim concedida para realizar todas as viagens.

Um agradecimento especial às pessoas que se tornaram muito especiais em minha vida:

Aos meus pais, Pedro e Ilza (in memoriam), por me concederem a vida e, na simplicidade de seus atos, terem me proporcionado os mais ricos ensinamentos;

Aos meus irmãos, cunhadas e cunhados, sobrinhos e sobrinhas, pelo carinho e pela alegria de formarmos nossa grande família;

Aos meus pais “adotivos”, Bete e Guinho, pela acolhida, pelo exemplo de vida, de estudo e de fé;

Aos meus irmãos de afinidade: Bruno, Leidilene e Túlio, por compartilharem comigo cada derrota e também as grandes conquistas;

Às minhas amadas filhas, Ana Cecília e Maria Clara, por entenderem que a mamãe precisava estudar, e tudo o que decorreria a partir desta opção;

Ao meu sogro, José Marques, pela companhia nas viagens, sempre disponível a percorrer 400km durante estes anos de estudo;

À minha sogra, Maria Bernadete, por cuidar das netas com tanto carinho na minha ausência, minha eterna gratidão;

À profa. Norma Sandra, pela admirável orientação a mim concedida. Agradeço-lhe por tudo, principalmente por acreditar em mim. Você foi um excelente “mestre de obras”, ao acompanhar a construção de cada parte do texto. Guiada por seu olhar atento e prestativo, foi possível ir adiante. Obrigada pelo carinho e atenção dispensados a mim sempre que eu recorria a você. Obrigada pelas instruções, pela confiança, por sua sinceridade e espontaneidade.

Agradeço as contribuições e os apontamentos gentilmente cedidos pela Profa. Dra. Maria Rosa Rodrigues Martim de Camargo e pela Profa. Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha, as quais muito auxiliaram para o andamento deste trabalho.

Minha gratidão às amigas do grupo de pesquisa ALLE: à Yara, à Paulinha, à Lygia, à Maria das Dores, Juliana, grandes companheiras que, a cada leitura, a cada dica e a cada sugestão, ajudavam-me a assentar um “tijolinho” desta obra.

Aos amigos leitores e revisores, Profa. Valesca e Prof. Giovanni, agradeço pelas preciosas contribuições.

Aos amigos da música, por cantarmos juntos as alegrias da realização deste sonho.

Meus sinceros agradecimentos às grandes estrelas da pesquisa, os entrevistados, por cederem seus depoimentos, por me atenderem com disposição, por serem tão solícitos com este trabalho, muito obrigada à:

Sra. Efigênia Maria Pereira;

Sra. Maria Bernadete Goulart Pereira;

Sra. Dirce Sanches Rossi;

Sra. Maria de Barros Magalhães;

Sra. Maria Virgínia Brandão Krepp;

Sra. Maria Helena Cunha Narciso;

Sra. Maria Aparecida Francescato (Cida Francescato);

Sra. Maria Aparecida Cobra Borges (Nubinha),

E ao Sr. Pe. Márcio Silva Souza.

Markito, meu esposo, amigo e companheiro, a você que tanto apostou em mim, meu mais sincero e profundo agradecimento.

Agradeço à contribuição financeira cedida pela CAPES, que muito me auxiliou na conclusão deste trabalho.

Livro a troca

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que no meu jeito de ver as coisas é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

*Mas, como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra em algum lugar uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.**

* BOJUNGA, L. *Livro – um encontro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

RESUMO

Este trabalho tem como propósito compreender a interação e o vínculo que se constrói no decorrer do tempo entre o leitor e a leitura por intermédio do livro. Para a efetivação desta pesquisa, foram utilizadas entrevistas com pessoas, a partir de cinquenta anos, as quais guardaram seu livro do período em que estudaram, bem como daquelas que em um determinado momento de suas vidas, adquiriram outro exemplar do mesmo impresso, e também daqueles que conservaram o livro de outra pessoa. Pelo relato das experiências de leitura que ocorreram com este material, tanto na palavra proferida quanto na memória restituída, é possível investigar sobre o papel que o livro, enquanto objeto físico, ocupa na relação do leitor com a leitura. Um objeto-livro que se torna revelador das marcas de um tempo, de lembranças e sentimentos. Desta forma, a pesquisa destacará o livro como objeto cultural e desencadeador de práticas de leitura. Para tanto, buscar-se-ão como suporte teórico as contribuições de Bakhtin (2004), numa compreensão da linguagem no campo da enunciação; de Benjamin (1994), Certeau (1994) e Bosi (1994), nas noções de experiência e memória; de Chartier (1990, 1994, 1996, 1998, 1999) e Darnton (1990), na história do livro, da leitura e de leitores.

Palavras-chave: Livro. Leitura. Leitor. Memórias de leitura.

ABSTRACT

This work has as intention to understand the interaction and the bond that it constructs in elapsing of the time between the reader and the reading through the book. For the fulfillment of this research, they had been used interviews with people, from fifty years, that had kept its book of the period that it studied, as well as, of that in a determined moment of its lives they had acquired another unit of this printed matter, or some of that they had conserved the book of another person. For the reports of the experiences that had occurred with this material, joint such in pronounced word, as in restituted memory, it is possible to investigate on the paper that the book, while physical object, takes up in the relation of the reader with the reading. An object-book that becomes revealing of the marks of a time, memories and feelings. In such a way, the research will point the book as cultural and propellant object of practical reading. For in such a way, it will search as theoretical support the contributions of Bakhtin (2004), in an understanding of the language in the field of the articulation; of Benjamin (1994), Certeau (1994) and Bosi (1994), in the slight knowledge of experience and memory; of Chartier (1990, 1994, 1996, 1998, 1999) and Darnton (1990) in the history of the book, the reading and readers.

Key-words: Book. Reading. Reader. Memories of reading.

SUMÁRIO

<i>Dedicatória</i> -----	v
<i>Agradecimentos</i> -----	vii
<i>Epígrafe</i> -----	ix
<i>Resumo</i> -----	xi
<i>Abstract</i> -----	xii
INTRODUÇÃO -----	1
1 O LIVRO: UM OBJETO EM FOCO -----	11
1.1 O livro: um suporte material para o texto -----	12
1.2 O objeto-livro numa diversidade de práticas de leitura-----	15
1.3 Da materialidade do livro à interatividade do leitor-----	18
2 O LIVRO POR ENTRE EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS DE LEITURA -----	23
2.1 O livro como objeto da experiência de leitura-----	23
2.2 O livro nas memórias de leitura-----	27
2.3 A lembrança como processo de reconstrução-----	32
3 NOS CAMINHOS SINUOSOS DA PESQUISA: RASTROS DE UMA PESQUISADORA -----	35
3.1 Processos de constituição entre uma pesquisadora e uma pesquisa-----	35
3.2 Os desafios para se chegar aos entrevistados-----	40
3.3 O encontro dos entrevistados: um garimpo em meio às histórias de uma sociedade-----	46
3.4 Do entrevistado à entrevista: conhecendo as preciosidades-----	48
3.5 Entrevista e entrevistadora: uma relação dialógica-----	51
4 O OBJETO-LIVRO: DO GUARDAR AO (RE)LEMBRAR -----	55
4.1 A ação de guardar sob diferentes perspectivas-----	55
4.1.1 O livro <i>original</i> -----	56
4.1.2 O livro (re)encontrado-----	62
4.2.1 O livro legado-----	66
4.2 As experiências de leitura e os sentidos atribuídos a um objeto-livro-----	68
4.2.1 Efigênia e a série <i>Meninice</i> , de Luís Gonzaga Fleury-----	68
4.2.2 Bernadete e a cartilha <i>Lalau, Lili e o Lobo</i> , de Rafael Grisi-----	79
4.2.3 Dirce e o livro <i>O tesouro da criança</i> , de Antônio D'Ávila-----	85
4.2.4 Cida e o almanaque <i>Jeca Tatuzinho</i> , de Monteiro Lobato-----	90
4.2.5 Maria Virgínia e a coleção <i>Reino Infantil</i> -----	97
4.2.6 Nubinha e o livro <i>A bonequinha preta</i> , de Alaíde Lisboa-----	100
4.2.7 Pe. Márcio e a série <i>As mais belas histórias</i> , de Lúcia Casasanta-----	107
4.2.8 Maria Helena e as cartilhas <i>Sodré, Lalau, Lili e o Lobo</i> e o Livro de poesias-----	114
4.3.9 Maria de Barros e a <i>Cartilha Nacional</i> , de Hilário Ribeiro-----	119
CONCLUSÃO -----	125

REFERÊNCIAS	133
OBRAS CONSULTADAS	137
ANEXOS	139
A. Dados referentes aos entrevistados	139
B. Termo de Compromisso	140
C. Questionário	141
D. Entrevistas	142
d.1 Entrevista I	142
d.2 Entrevista II	148
d.3 Entrevista III	152
d.4 Entrevista IV	159
d.5 Entrevista V	165
d.6 Entrevista VI	169
d.7 Entrevista VII	174
d.8 Entrevista VIII	181
d.9 Entrevista IX	185

INTRODUÇÃO

[...] Porém, em meio e alheio a tais miudezas, bradava o poeta Gonçalves de Magalhães:
“Waterloo! Waterloo! Lição sublime!”

Só esta voz parece que ficou, porque era em verso, era a magia do ritmo... e continua ressoando pelos corredores mal-iluminados da memória. (Em vão tenho procurado nos sebos um exemplar da Seleta...)

Sim, havia aulas de leitura naquele tempo.

A classe toda abria o livro na página indicada, o primeiro da fila começava a ler e, quando o professor dizia “adiante!”, aí do que estivesse distraído, sem atinar o local do texto!

Essa leitura atenta e compulsória seguia assim, banco por banco, do princípio ao fim da turma.

E como a gente aprende a escrever lendo, da mesma forma que aprende a falar ouvindo, o resultado era – quando necessário escrever um bilhete, uma carta – nós, os meninos, o fazíamos naturalmente, ao contrário de muito barbadão de hoje. E havia, também, os ditados.

E, uma vez por mês, a prova de fogo da redação. E tudo isso ainda no curso elementar. Pelo menos era assim em Alegrete. E é comovidamente que escrevo aqui o nome do meu lente de português e diretor do colégio, o saudoso professor Antônio Cabral Beirão.

Mário Quintana (1989, p. 152)

Nesse texto de Mário Quintana (1989), *Leitura: Redação*, encontro uma proximidade entre a narrativa descrita e a proposta de análise deste trabalho, quando, nos “*corredores mal-iluminados da memória*”, surgem, junto às lembranças de um poema, reminiscências de um tempo que parecia estar perdido na escuridão dos labirintos do esquecimento. O ressoar dos versos traz à lembrança um tempo de escola, de aprendizagem, de maneiras de se efetuar a leitura e de um período marcado pela presença de alguém especial: um professor.

Se observarmos a descrição desse texto, perceberemos que retrata uma situação típica de aula de leitura numa escola, com características específicas de uma determinada época. Uma leitura direcionada pelo professor, feita em voz alta e em sequência: “*banco por banco, do princípio ao fim da turma*”. Junto com essa leitura, uma escrita conivente com as necessidades dos alunos: cartas, bilhetes, e uma temida avaliação, em forma de ditados e de redações. Também aparece a imagem do professor, destacado com emoção: uma figura de respeito, alvo da admiração do aluno, o qual ainda é capaz de se lembrar do seu nome completo: “*saudoso professor Antônio Cabral Beirão*”.

Um tempo em que também esteve presente um livro-objeto, acompanhando silenciosamente cada minutância. Ao simples toque ou a um ligeiro olhar do indivíduo, o livro lhe permite um ecoar de lembranças e sentidos de um momento que lhe fora único. Lembranças que ocasionam o desejo de reencontrá-lo novamente numa busca em sebos.

Mas que sentido teria esta lembrança para o autor? O que o levaria a escrever: “*Em vão tenho procurado nos sebos um exemplar de Seleta...*”¹? Ou mesmo, o que o impulsionaria a procurar novamente esta obra em sebos? Que significado teria aquele livro para despertar tal desejo?

Assim como Quintana, podemos destacar autores, outros, que verbalizam, derramam em palavras ou em versos esse envolvimento com um objeto-livro; e nessa relação leitor/leitura, o impresso ganha um papel exclusivo e por ele se cultiva uma intensa ligação e sentimentos.

Na obra de Lygia Bojunga (2004), *Livro – um encontro*, a autora escreve sobre sua relação com o livro como um envolvimento afetivo, uma cumplicidade, uma espécie de troca de sentimentos que se procede através daquilo que ela busca no livro e o que este lhe pode oferecer.

A autora personifica cada livro que marcou sua vida, lhe atribui gestos humanos acompanhados de uma situação de convivência e de relacionamento tal qual acontece entre pessoas. Nessa relação, os laços de sentimentos de amizade, de amor e de companheirismo unem a leitora a um livro, cuja referência torna-se maior que um simples objeto; é gente que, como tal, olha, caminha lado a lado, ama e pode ser amado.

A cada novo poema, lido ou ouvido no passado, e onde o meu olho batia agora, voltava todo o mundo, todo o espaço onde eu me movia naquela época.

Mil lugares.

Mil cheiros.

Mil sensações esquecidas de dezessete anos atrás voltaram pra mim naquela noite. E esse é ainda um outro aspecto maravilhoso do livro: ele guarda, ele segura o que a gente é quando transa com ele; e então, passados os anos, a gente pode visitar, reavaliar, reviver a vida da gente, voltando aos livros com os quais a gente teve um caso de amor. (BOJUNGA, 2004, p. 49).

Bojunga refere-se ao livro como pessoa, utiliza de uma linguagem própria para representar atos enamorados entre duas pessoas como “*caso de amor*”; um flerte, uma troca de olhares: “*a gente ficou se olhando um tempão*”, ou mesmo, um toque nas mãos seguras de um companheiro: “*Eu tinha ido sozinha, mas saí tão... de mãos dadas com Fernando Pessoa.*”

¹ **Seleta em prosa e verso**, de Alfredo Clemente Pinto, citada pelo próprio Mário Quintana no início do texto *Leitura: Redação*. Esse livro foi editado final do séc. XIX e início do séc. XX. Nessa obra, encontra-se o poema *Napoleão em Waterloo*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães (Rio de Janeiro, 1811 – Roma, 1882) é um dos principais nomes do Romantismo no Brasil. Publicou *Suspiros poéticos e saudades*, marco inicial do Romantismo no Brasil, em 1836.

Ana Maria Machado (1996), em sua obra: *Esta força estranha: trajetória de uma autora*, também descreve seu percurso como leitora e escritora. Relata uma vida marcada pela presença dos livros e de pessoas queridas e significativas.

O livro, com sua forma e conteúdo, passa a ser um disparador de emoções e fantasias e, graças a este significado que lhe foi atribuído, torna-se alguém muito especial, um amigo e companheiro. Para Machado, autor e obra se fundem, incorporam-se num objeto-livro: “Mas que maravilha! Então se podia escrever assim? Não larguei o livro. Não larguei o Érico nunca mais, virou um amigo, um autor querido.” (MACHADO, 1996, p. 22).

No conto *Felicidade clandestina*, Clarice Lispector (1998) cria um personagem – leitora ávida – que, no desejo incontrolável de ter, mesmo que emprestado, o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, sofre com a promessa de empréstimo, sempre sistematicamente adiada, feita pela amiga que possuía um exemplar da obra. Depois de muitas idas à casa dessa amiga, quando finalmente a personagem consegue pôr as mãos no livro, emociona-se:

Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. (LISPECTOR, 1998, p. 9).

Para essa personagem, ter o livro-objeto consigo era um marco de uma relação entre leitor/leitura, cujo início firmou-se pela materialidade do impresso. Não bastava para ela ter o livro, precisava senti-lo em seu corpo, apertá-lo contra o peito. Andava com o livro pela casa, comia junto com ele, fingia tê-lo perdido para depois procurá-lo. O livro estava com ela em atividades preferidas e sentia-o, e esta sensação lhe dava prazer. “Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais a menina com o livro: era a mulher com seu amante.”

A forma poética como Drummond (1988), em *Biblioteca verde*, relata e descreve as manifestações espontâneas da criança para adquirir um livro, mostra também algo mais do que uma típica insistência infantil: mostra uma volição pela posse do objeto-livro.

Esta veleidade não é algo momentâneo, frágil, banal ou passageiro. É impulsionada por um sentimento: obter um material inusitado e pouco apropriado – a coleção completa de uma obra –, que não era destinada especificamente para crianças:

Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
São só 24 volumes encadernados,
Em percalina verde.
Meu filho, é livro demais para uma criança.
Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
Quando crescer eu compro. Agora não.
Papai, me compra agora. É em percalina verde,
Só 24 volumes. Compra, compra, compra.
Fica quieto, menino, eu vou comprar. (DRUMMOND, 1988, p. 115).

Ter um livro, aquele desejado e procurado para ler, nem sempre se concretiza por um empréstimo ou pela compra legitimada. Manguel (1997), por exemplo, declara em *Uma história da leitura*, o desejo incontrolável de posse do objeto pelos leitores e revela que, aos dezesseis anos, arrumou um trabalho numa biblioteca, sendo sua tarefa diária tirar o pó dos livros:

Infelizmente, muitos dos livros tentavam-me para além da limpeza, eles queriam que alguém os segurasse, queriam ser abertos e inspecionados e, às vezes, nem isto era suficiente. Umás poucas vezes roubei um livro tentador; levei-o para casa, enfiado no bolso do casaco, porque eu não tinha apenas que lê-lo, tinha que tê-lo, chamá-lo meu. (MANGUEL, 1997, p. 29).

Para o autor, a leitura não consiste em apenas ter acesso ao conteúdo impresso nas páginas do livro; ela também está relacionada ao suporte que acompanha cada edição, ao tipo do material de que é feito o livro, às características que ele contém ou que decorrem de seu manuseio: uma folha rasgada ou dobrada, uma mancha de café são indicadores dos modos como a leitura foi realizada, são indicadoras dos gestos de um leitor.

O desejo de posse está ligado à ideia de que cada livro é único, de que ele pode carregar marcas deixadas pelo seu dono/leitor, sugerindo uma cumplicidade reveladora, indícios de uma leitura dominada e possuída.

Manguel também descreve uma de suas experiências de leitura na infância e o que o livro representava para ele. O autor, quando criança, vê o livro e o sente como um objeto de refúgio. A materialidade estável e concreta do impresso permitia-lhe a segurança e o aconchego de um lar:

Como meu pai era diplomata, viajávamos muito. Os livros davam-me um lar permanente, e um lar que eu podia habitar exatamente como eu queria, a qualquer momento, por mais estranho que fosse o quarto que eu tivesse de dormir ou por mais inteligíveis que fossem as vozes do lado de fora da minha porta. (MANGUEL, 1997, p. 24).

No livro, *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2007), a personagem principal, Liesel Minenger, uma menina de 11 anos, vive uma história comovente em meio à Segunda

Guerra Mundial. Cercada pela pobreza e por inúmeras dificuldades, Liesel encontra refúgio e consolo nos livros. Movida por um desejo muito forte de possuí-los, rouba-os, um a um, e para ela cada objeto-livro continha um significado relacionado a algum episódio ou personagem marcante de sua vida.

Em outra obra, *Capitães da areia*, de Jorge Amado, o personagem Professor rouba livros, não para vendê-los, mas para lê-los. A leitura possibilitava-lhe conhecer outros mundos, outras aventuras, outros heróis, outras histórias para depois (re)contá-las aos colegas:

João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa na Barra, se tornara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os numa ânsia que era febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outros histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heroicos e lendários que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. (AMADO, 1978, p. 29).

Borges (1985), mesmo impossibilitado de ver, cultuava seus livros e os preservava – confessava sentir a presença deles. Ao comentar sobre uma coleção que recebeu em 1966, a Enciclopédia Brokhaus, descreve seus sentimentos:

Senti sua presença em minha casa – eu a senti como uma felicidade. Ali estavam os vinte e tantos volumes com uma letra gótica que sou incapaz de ler, com mapas e gravuras que não posso ver. E, no entanto, o livro estava ali. Eu sentia como que uma gratidão amistosa partindo do livro. Penso que o livro é uma das possibilidades de felicidade de que dispomos, nós, os homens. (BORGES, 1985, p. 10).

A relação entre o leitor e o livro se constitui muitas vezes por augustos sentimentos de afinidade, afetividade, companheirismo e cumplicidade que ultrapassam barreiras como o tempo e a distância ou mesmo limitações físicas do próprio corpo. Manguel (1997) revela-nos um momento interessante que teve com Borges numa livraria:

Uma tarde, Jorge Luis Borges veio à livraria acompanhado de sua mãe, de 88 anos de idade. Era famoso, mas eu lera apenas alguns de seus poemas e contos e não me sentia arrebatado por sua literatura. Estava quase completamente cego, mas recusava-se a usar bengala e passava a mão sobre as estantes como se seus dedos pudessem ler os títulos. (MANGUEL, 1997, p. 30).

Nessa relação entre o leitor e a leitura, marcada pelo livro, enquanto objeto físico permeado de valores e sentimentos, cuja concretização se dá pela posse, pela presença e pela manipulação, o livro torna-se um objeto de aspiração e possuí-lo chega a ser uma necessidade.

Os depoimentos desses autores apresentam um envolvimento afetivo intenso entre leitor e livro, leitor e leitura, que se constitui e se manifesta através de uma relação de proximidade com a materialidade do impresso.

Assim, poderíamos enumerar outras tantas passagens na literatura reveladoras dessa presença do livro como um objeto marcante, como um objeto de desejo ou ainda do que tal livro representaria para os personagens ou seus autores.

No entanto, este trabalho ater-se-á a uma questão um tanto mais direcionada. Tomamos por objetivo compreender qual a função e a dimensão constitutiva que o livro ocupa na relação entre o leitor e a leitura; como também entender os motivos de um material de leitura adquirir um valor tão significativo e os sentidos que lhe são reservados pelo leitor com o passar do tempo.

Os escritores que citamos são consagrados na literatura, por suas obras, pelos talentos, pelos traquejos no domínio e no manejo das palavras; portanto, nada lhes dificultaria a expressão de seus sentimentos por aquilo que se torna a grande razão de suas vidas: o livro.

Contudo, esta pesquisa destinou-se a olhar para pessoas consideradas comuns, sujeitos caracterizados como um “herói comum, personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocando no limiar de meus relatos, o ausente que lhes dá princípio e necessidade, interrogo-me sobre o desejo cujo objeto impossível ele representa.” (CERTEAU, 1994, p. 57).

Pessoas que estudaram ou não completaram seus estudos; profissionais atuantes na sociedade ou que já estão aposentados; indivíduos que construíram uma família ou não; enfim, pessoas comuns que não são reconhecidas como famosas ou por terem realizado grandes feitos em âmbito nacional.

Ao constatarmos que algumas pessoas conservavam consigo um material de leitura durante décadas; que outras se sentiram, assim como o escritor Mário Quintana, movidas a encontrar um exemplar do livro em que haviam estudado; ou ainda que havia quem guardava um livro que pertencera a outro, deparamo-nos com uma situação bastante instigante para o desenvolvimento desta pesquisa: o que levaria esses sujeitos a conservarem um material de leitura durante tanto tempo? Que sentidos estariam agregados a esse material?

Diante dessas indagações, este trabalho se propõe a olhar para o livro, enquanto objeto concreto, como fator proeminente na relação leitor e leitura, diretamente envolvido na construção de um sentido.

Dessa forma, optamos pela realização de entrevistas com nove pessoas selecionadas, adotando como critérios a idade e a conservação do material de leitura. Ao utilizarmos as memórias de leitura dessas pessoas que conservavam um livro/cartilha/almanaque durante décadas, tornou-se necessário destacar o que aquele material nos revelava no decorrer de cada depoimento.

Para tanto, fez-se necessário um olhar para alguns elementos que aparecem agregados àquelas lembranças como: pessoas, objetos, circunstâncias, modos de ler e usos que também acompanham ou acompanharam o impresso num determinado tempo e lugar.

Os estudos referentes à História da Leitura e à História do Livro marcam avanços significativos quanto aos aspectos destinados à produção do impresso, a sua circulação, recepção, apropriação, suporte. Compreender esse universo da materialidade requer, não apenas um estudo dos processos de produção deste material, mas também uma aproximação do sujeito que interage com este impresso, pois:

esta encadernação do texto numa materialidade específica carrega diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos. Isto quer dizer que é preciso ligar, uns com os outros, as perspectivas ou processos tradicionalmente separados. (CHARTIER, 1999, p. 18).

Se considerarmos o livro apenas em seu aspecto físico e material, sem a aceção do leitor, teremos apenas um aglomerado de símbolos gráficos impressos em páginas sobrepostas, encadernados e envoltos por uma capa. Um objeto repleto de palavras que nada pode falar:

Que são as palavras impressas em um livro? Que significam estes símbolos mortos? Nada, absolutamente. Que é um livro se não o abrimos? É, simplesmente, um cubo de papel e couro, com folhas. Mas, se o lemos, acontece uma coisa rara: creio que ele muda a cada instante. (BORGES, 1985, p. 11).

No entanto, se considerarmos esse objeto possuído por um sujeito concreto, real, alguém que o toca e que, ao tocá-lo e lê-lo, sente, imagina, reflete, vivencia situações diversas de leitura, ou reconstrói lembranças de outro momento de leitura, promove-se, aí, um encontro tanto físico quanto afetivo entre o leitor e o livro. A cada contato com esse material, acontecerá um novo encontro: a leitura não será a mesma, os leitores não serão os mesmos; os livros mudam porque os leitores mudam. Chartier (1994).

Por compartilharmos da proposição descrita por Chartier (1999), de que “cada leitor, cada espectador produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe” (p. 19), podemos

ressaltar que a apropriação é uma produção de sentidos própria de cada leitor. Assim percorreremos os terrenos da singularidade que cercam o sujeito, tomando os cuidados para não ficarmos reféns desta restrição singular, esquecendo a dimensão mais amplamente humana, na qual estamos inseridos.

Se a leitura, conforme Certeau (1994), não se deixa fixar e não possui reservas, o livro se tornará aquilo que se pode guardar numa estante, numa mesa, na memória. Não (apenas) pelo seu conteúdo, pela história que ensina, pelo estilo do autor, mas porque, naquela edição, com aquela capa, com aquela cor, com aquele tipo de papel e letra, o livro poderá oferecer ou mesmo restituir imagens, fatos, sensações, sentimentos e até pessoas significativas para quem guarda esse impresso, os quais estão ligadas a um momento – singular – vivido e gerador de uma experiência e de uma memória de leitura.

Se essa leitura, descrita por Certeau (1994), não resiste ao esquecimento oferecido pela ação do tempo e se o leitor não pode garantir uma estabilidade daquilo que leu ou a integralidade do sentido que atribuiu a determinado texto; o livro, ao contrário está ali, como um objeto sempre acessível, possível de ser visto, tocado, manuseado, sentido e lido novamente.

O livro, objeto físico e substancial, contribui para serem firmados diversos sentidos pelo leitor. Essa construção de sentidos varia tanto de indivíduo para indivíduo como para o mesmo. Um livro poderá suscitar diferentes significados para diferentes leitores e, em diferentes tempos e lugares, para um único leitor assumir sentidos diversos.

É nesse processo de interação leitor/livro, nessa relação entre um sujeito real, historicamente datado e situado, e num material concreto de leitura que se torna possível a construção de um sentido. Uma relação física que se efetua pela postura do corpo - sentado, deitado - impondo maneiras distintas de se ler²; pelas práticas de leitura escolares e não escolares, como também uma relação afetiva, mediante as experiências de leitura, constituem, dessa forma, atitudes do leitor sobre e com este material, possibilitando agregar-lhe um valor.

Tais ações que podem deixar marcas no impresso ou que se esforçam por não o macular, que estabelecem formas específicas de guardá-lo ou que lhe atribuem determinadas representações reveladoras de um tempo, trazem concomitantemente um significado único desse

² Cf. GOULEMOT, J. M. **Da leitura como produção de sentidos**. In: CHARTIER, R. (Org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

livro para cada leitor e também o sentido do livro de leitura para a história das experiências e relações humanas.

Para a efetivação deste trabalho, discorreremos sobre a temática em quatro capítulos. No primeiro, tem-se uma discussão sobre os conceitos e as ideias das abordagens teóricas que orientaram toda a pesquisa. O texto traz proposições de Chartier (1990, 1994, 1996, 1998, 1999) e Darnton (1990) sobre a importância do impresso dentro da história da leitura como também o enfoque para a leitura como uma prática cultural, para seus gestos e usos; sobre a função que o livro ocupa e ocupou num contexto histórico, bem como a materialidade do impresso. As proposições de Goulemot (1996) sobre a leitura como produção de sentidos vêm embasar os estudos deste trabalho.

O segundo capítulo destina-se a apontamentos sobre os aspectos teóricos, um tanto mais direcionados à pesquisa. Trata-se de um texto dividido em dois momentos de reflexão: o primeiro sobre as experiências de leitura, considerando sua constituição, sua importância e sua relação com as lembranças; para tal, trazemos proposições de Benjamin (1999) e Larrosa (2002) sobre a experiência de leitura. Em outro, uma discussão sobre as memórias de leitura a qual se embasará nas proposições de Certeau (1994) e Bosi (1994). O texto traz, além das definições desses autores sobre a memória, a sua importância para a constituição deste trabalho e comenta sobre as lembranças de um determinado tempo da vida.

A abordagem sobre as questões metodológicas para o desenvolvimento da pesquisa e tudo o que se movimentou antes e durante sua realização, recebe um destaque no terceiro capítulo. Nesse momento, apresento cada etapa vivenciada durante a pesquisa: desde os motivos que a inspiraram, os procedimentos utilizados para a busca dos entrevistados, as dificuldades encontradas, até a consolidação das entrevistas, num registro que mostra o quanto a pesquisa está entrelaçada com o pesquisador.

O quarto capítulo pode se considerar como a materialização da pesquisa. Apresenta os protagonistas deste trabalho: os entrevistados e seus livros de leitura. Primeiramente, apontamos o ato de guardar, como uma efetivação heterogênea; comentamos as diferentes perspectivas dessa ação sobre o respectivo material de leitura. Em seguida, apresentamos cada livro-objeto e as características do material impresso. Depois trazemos o leitor acompanhado das circunstâncias de leitura, das experiências que permearam o encontro, a relação com este objeto-livro e as práticas de leitura. O texto se configura pela intervenção das falas dos entrevistados.

Ao analisarmos cada depoimento, cada resquício de comunicação, cada indício da interação entre o leitor e o seu material de leitura, procuramos levantar os elementos que marcaram este encontro, e assim nos víamos dotadas de uma ânsia de saber ainda mais sobre essa relação:

Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto –
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n' alma
É germe – que faz a palma,
É chuva que faz o mar. (Castro Alves)³

Em cada depoimento, percebemos que “*o livro caindo na alma*” pode ser revelador de inúmeras experiências de leitura, de emoções infindáveis, de uma vida repleta de sentidos contíguos a um objeto-livro, por ser este um “*germe que faz a palma*” ou por ser a “*chuva que faz o mar*”.

³ Cf. CASTRO ALVES. **Espumas flutuantes**. São Paulo: Klick Editora, [s. d.].

1 O LIVRO: UM OBJETO EM FOCO

*A beleza dos versos impressos em livro
– serena beleza com algo de eternidade –
Antes que venha conturbá-los a voz das declamadoras.
Ali repousam eles, misteriosos cântaros,
Nas suas frágeis prateleiras de vidro...
Ali repousam eles, imóveis e silenciosos.
Mas não mudos e iguais como esses mortos em suas tumbas.
Só tua alma distingue seus diferentes passos,
Quanto ao único rumor em teu quarto
É quando voltas, de alma suspensa – mais uma página
Do livro... Mas um verso fere o teu peito como a espada de um anjo.
E ficas como se tivesses feito, sem querer, um milagre...
Oh! Que revoada, que revoada de asas!
Mário Quintana (1989, p. 109)*

Na contemporaneidade, o livro já esteve ameaçado de desaparecer pela força de outras tecnologias e suportes como, por exemplo, o cinema, a televisão, o *game* e, mais recentemente, o computador. Colocado sob suspeita nas suas condições de (não) oferecer aos seus usuários informações de forma mais ágil e mais próxima, entre outras (des)vantagens, o livro passou a ser visto por muitos como um suporte ultrapassado e, por isso, presumível de desaparecer.

Seria possível que a invenção de Gutenberg, que possibilitou a entrada em uma nova era da comunicação, a era do impresso – um reinado que vigora há cinco séculos no mundo – esteja, hoje, como tantos outros impérios que se destacaram na história da humanidade, em vias de declínio?

Mediante vários debates em relação à possível extinção do livro impresso, Bauman (2003) mostra que há uma crença vinculada à modernidade tecnológica que põe em xeque o futuro do livro na sociedade.

Zilberman (2001), ao escrever sobre esta previsão do fim do livro, comenta que as profecias que anunciam esta possível aniquilação do material impresso abarcam duas vertentes: a que se entusiasma por revelar um mundo promissor vinculado às maravilhas tecnológicas e outras que temem um desaparecimento de tradições, de uma cultura que se agrega em torno do impresso.

A cultura traz uma carga de mudanças, no decorrer de sua história, que nem sempre são aceitas ou compreendidas de imediato; a adaptação aos novos valores é um processo que pode levar gerações para se efetuar. O novo passa a substituir o que já se faz *velho e ultrapassado*;

uma visão bastante polêmica e atemorizante, porque não está em jogo um simples objeto mais sofisticado ou menos antiquado e, sim, hábitos e usos que se fazem a partir deles, ou seja, uma prática cultural que se inicia ou se encerra com a chegada de uma *inovação*.

Neste capítulo, trataremos o livro como objeto de discussão e de análise, tomando os estudos de Chartier (1994, 1996, 1998, 1999) e Darnton (1990) entre outros autores que privilegiam esse tema como fonte de perscrutação.

1.1 O livro: um suporte material para o texto

Tais suposições em relação à morte anunciada do livro talvez expliquem o interesse redobrado de pesquisadores pelo tema, principalmente os identificados com a História Cultural (CHARTIER, 1996 e DARNTON, 1990). Tais estudos destacam que a substituição de um suporte de texto por outro – rolos de papiros, códices, telas de computadores – pode significar a perda, não só desse objeto, mas do mundo de que ele fez parte um dia.

Com a falta de um determinado suporte de texto, torna-se difícil aproximar-se dos sentidos que os homens lhe deram, das relações que com ele foram construídas, das práticas e representações que giraram em torno dele. A mudança do suporte escrito

[...] obriga o leitor a novos gestos, a novas práticas intelectuais. Do *codex* à tela, o passo é tão importante quanto o que foi dado ao passar do rolo ao *codex*. Com ele, é a ordem dos livros que foi dos homens e das mulheres do Ocidente desde os primeiros séculos da era cristã que está em causa. São assim afirmadas ou impostas novas maneiras de ler que ainda não foi possível caracterizar totalmente, mas que, sem a menor dúvida, implicam práticas de leitura sem precedentes. (CAVALLO & CHARTIER, 1998, p. 32).

O suporte textual ganha terrenos investigativos frente à consideração de que a existência do texto só é possível acoplada a uma materialidade; de que não existe um texto fora do suporte que possibilita a sua leitura:

Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes. (CAVALLO & CHARTIER, 1998, p. 9).

Ferreira (1999) aponta que, apesar do volume e diversidade da produção em torno da leitura, produzida sob diferentes pontos de vista, tendências, ênfases e nuances, muito ainda está

para ser melhor compreendido. A pesquisadora destaca ainda que, entre as diversas abordagens teórico-metodológicas, no temário em que a leitura se coloca, um conjunto de pesquisas de cunho historiográfico ganha força, a partir dos anos 90, no Brasil⁴. Tal linha de pesquisa se volta para a história dos livros, dos leitores, dos espaços de leitura e para as práticas e representações que dão forma aos modos dos homens lidarem com a cultura impressa.

Os livros, em sua materialidade, têm sido tomados como objeto de estudo em trabalhos que focalizam: 1) os sujeitos que atuam em sua produção, divulgação e circulação – autores, editores, livreiros; 2) os projetos editoriais que assumem, ao longo do tempo, em diferentes edições de luxo ou em brochuras populares, formatos, tamanhos e disposições tipográficas e textuais diversas, de acordo com o público que pretende alcançar; 3) os gêneros discursivos que emergem e desaparecem com o tempo e 4) seus leitores, para os quais são criados e imaginados e que experienciam, com esse objeto, práticas e representações distintas, em culturas e tempos também diversos.

Os caminhos dos livros até os leitores e os projetos editoriais que eles assumem, a cada edição, têm sido também investigados à luz da História Cultural, por autores como Abreu (2003) e Correa (2006), entre outros. São trabalhos que se apoiam na ideia de que livros nascem e morrem, seguindo praticamente um mesmo circuito e que eles circulam e cruzam fronteiras da censura, da ilegalidade, das classes sociais e dos interesses dominantes, bem como dos limites geográficos.

Mas, de modo geral, os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é livreiro que assume este papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. O leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato da composição. (DARNTON, 1990, p. 112).

No campo das práticas e representações ligadas ao mundo da leitura, o livro ganha destaque por sua materialidade, pois é preciso

[...] que a atenção se volte para a maneira como se dá o encontro entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor” - para retomar as palavras de Paul Ricoeur. Reconstruir em suas dimensões históricas um tal processo exige, em primeiro lugar, considerar que suas significações dependem das formas e das circunstâncias por meio das quais os textos são recebidos e apropriados por seus leitores (ou seus ouvintes). Estes últimos nunca são

⁴ Cf. FERREIRA, N. S. A. **Pesquisa em leitura:** um estudo dos resumos de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado defendidas no Brasil de 1980 a 1995. Universidade Estadual de Campinas, 1999.

confrontados com textos abstratos, ideais, desligados de qualquer materialidade: eles manipulam objetos, ouvem palavras cujas modalidades governam a leitura (ou a escuta) e, ao fazê-lo, comandam a possível compreensão do texto. [...] é preciso considerar que as formas produzem sentido e que um texto se reveste de uma significação e de um estatuto inédito quando mudam os suportes que o propõem à leitura. Toda história das práticas de leitura é, portanto, necessariamente uma história dos objetos escritos e das palavras leitoras. [...] Longe de uma abordagem fenomenológica que apaga as modalidades concretas da leitura, considerada como um invariante antropológico, é preciso identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores, as tradições de leitura, as maneiras de ler. (CAVALLO & CHARTIER, 1998, p. 6).

Nessa direção, os livros trazem inscritos, em seus distintos projetos editoriais e edições, orientações textuais e tipográficas que contribuem para a produção de sentidos da parte do leitor no momento da leitura. Para seus usuários, os livros têm textos, imagens, formas, cheiros, tamanhos, protocolos que encaminham a leitura (título, índice, notas de rodapé, referências bibliográficas, autoria); servem para determinados fins e objetivos, são provocadores até mesmo quando fechados e ainda não possuídos:

[...] após você ter percorrido rapidamente com o olhar os títulos dos volumes expostos na livraria, você se dirigiu a uma pilha de exemplares recém-impresos de *Se um viajante numa noite de inverno*, pegou um e o levou ao caixa para ver reconhecido o seu direito de possuí-lo. Você ainda lançou sobre os livros em redor um olhar desgarrado (ou melhor: os livros é que o olharam com um olhar perdido como o dos cães nos cercados do canil municipal quando veem um ex-companheiro ser levado pela coleira pelo dono que veio resgatá-lo) e, enfim, saiu.

Um livro recém-publicado lhe dá um prazer especial, não é apenas o livro que você está carregando, é também a novidade contida nele, que poderia ser apenas a do objeto saído há pouco da fábrica, é a beleza diabólica com a qual os livros se adornam, que dura até que a capa amarelece, até que um véu de poeira se deposita nas bordas das folhas e os cantos da lombada se rasgam, no breve outono das bibliotecas. (CALVINO, 1999, p. 14).

Chartier (1998) traz algumas concepções a respeito do texto: uma de que não existe um texto separado da materialidade, do suporte que possibilita a leitura; outra de que os autores escrevem textos e não livros, eles “escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com épocas, lugares e ambientes.” (CAVALLO & CHARTIER, 1998, p. 9).

O texto, ao assumir uma determinada forma física, permite uma prática de leitura distinta; num suporte digital, por exemplo, basta apenas um *click* para se acionar o escrito sobre o qual pode se ajustar a forma, o tamanho, a cor das letras, como também o formato textual, pela ação audaciosa e operante do leitor que aproxima o objeto-texto digitalizado às suas necessidades, às suas apreciações ou às suas preferências particulares.

1.2 O objeto-livro numa diversidade de práticas de leitura

Juntamente com a leitura, o livro também possui suas revoluções, suas reformas. Segundo os estudos de Cavallo e Chartier (1998), a história do livro revela que, ao passar por transformações, adaptações em sua estrutura física, essa forma material ocasiona uma prática de leitura distinta. Essa transformação do suporte textual desde o *volumen*, o *codex*, o impresso até chegar ao texto digital, o livro assumiu funções a partir do uso, das práticas de leitura que eram efetuadas.

Na Grécia antiga, século VI até o século V a.C., os livros eram constituídos de grandes rolos, traziam consigo práticas, modos, usos e gestos específicos na realização da ação leitora. A leitura era seguida de movimentos precisos num rolar e desenrolar e efetuada em voz alta; o escrito carregava a função de conservar um texto, de preservar uma escrita de relatos de vida, de feitos históricos, de conquistas, de uma palavra que fora outrora oralizada. Tinha-se a concepção de que: “a escrita fora inventada para fixar textos e trazê-los assim novamente à memória, na prática, para conservá-los.” (CAVALLO & CHARTIER, 1998, p. 10).

Mais adiante, nos séculos V e IV a.C. na Grécia, Cavallo e Chartier (1998), percebem uma mudança na concepção do escrito: “tem-se uma leitura dita de percurso e que, ao ‘percorrer’ o texto, considera-o, examina-o, investiga-o” (p. 13). O livro passa a assumir uma função intelectual, tornando-se um instrumento de estudo e de meditação. Com ele, ancora-se uma prática de leitura que utiliza o escrito como instrumento de reflexão em um período caracterizado pela escassez do manuscrito, o que ocasionava inúmeras leituras sobre um mesmo material.

No decorrer desse período histórico, há uma (re)descoberta do escrito, evidencia-se uma ampliação na cultura escrita, seja pela produção de grandes quantidades de documentos, seja pela ampliação do ensino escolar, pela difusão das práticas de leitura ou pela constituição de bibliotecas.

As conquistas do Império Romano, nos séculos III e II a. C., além da expansão territorial, do dominar político e econômico, apossou-se também da cultura escrita grega. Houve uma inserção de novas práticas de leitura, o uso do livro se expandiu entre as famílias nobres, surgiram as bibliotecas particulares. Os livros também assumiram a função estética, de ornamento; ter um livro era sinal de riqueza, de civilização, de vida culta e refinada.

A mais significativa divulgação e expansão da leitura ocorreu a partir dos séculos II d. C., com utilização do *codex*, do livro em forma de páginas sobrepostas, difundido pelos cristãos e leitores desses manuscritos. Por apresentar um baixo custo em sua produção, feito de pele animal, podia-se usar os dois lados do suporte; o *codex* também oferecia uma leitura mais livre de movimentos e de manuseio. Um período marcado por mudanças tanto do suporte do texto quanto dos usos e modos de ler.

Durante a Idade Média, o livro foi marcado pela representação do conhecimento, de valores morais e religiosos e pela diversidade de práticas decorrentes de seu uso. A maior transformação da prática leitora, sem dúvida, foi a passagem da leitura em voz alta para a leitura silenciosa ou murmurada.

Embora o conhecimento estivesse em ascendência nas Universidades em várias cidades da Europa, nos séculos XI a XIV, o livro nem sempre foi predestinado à leitura: muitas vezes, aparecia como um objeto de ornamentação, bem patrimonial, sinal do sagrado e do místico; outras como uma valiosa mercadoria para os estudantes das universidades e, também, como um objeto de temor pelo texto que carregava: retiravam-no de circulação, entrava para a lista dos *index* – os livros proibidos – e era incinerado.

Num período em que se lia muito e de diferentes maneiras, a atividade leitora ultrapassava a simples compreensão dos signos linguísticos para adquirir a apreensão do significado do texto. O livro assumiu uma função de instrumento intelectual, aquele que possibilitava chegar ao saber ou a diferentes saberes. De uma leitura centrada em poucos escritos passava agora a uma leitura de fragmentos de diversos livros.

Na Idade Média, ainda mesmo como um manuscrito, o livro em forma de *codex* já possuía um formato de acordo com a sua utilização: o grande fólio – livro grande e pesado, que necessitava ser colocado sobre um apoio (mesa) para ser lido – era um livro de estudo, de universidade; o livro humanista, livro médio, mais maleável, continha textos clássicos e de novidades; o livro portátil ou de bolso era menor, possível de se transportar consigo para se realizar leituras em qualquer lugar. (CAVALLO & CHARTIER, 1998).

Com o Iluminismo, no início da Idade Moderna, marcado por tantas conquistas e descobertas do homem, ocorrera uma das maiores revoluções que afetaria as práticas de leitura decorrente todos os tempos. A invenção da imprensa, por Gutenberg, na metade do XV, além da

alteração no formato do livro, viabilizava a propagação do texto, barateando seu custo e num tempo mais curto.

Depois de percorrer séculos, o livro impresso também segue quase que mesmo padrão de produção: um encadernado impresso de páginas sobrepostas, envolto por uma capa, de tamanhos e formatos de acordo com o uso ou seu público. A produção editorial aproxima o formato do impresso à leitura que dele se efetivará, ao tipo de texto que ele receberá ou mesmo ao público ao qual se direcionará.

Pode-se considerar que as mudanças que ocorrem no suporte da escrita promovem mudança nas práticas de leitura que serão efetuadas sobre ele. Isso ocorre porque “as transformações no livro e transformações das práticas de leitura somente podiam avançar juntas.” (CAVALLO & CHARTIER, 1998, p. 19).

Diante da função inicial da escrita de conservar o texto, de fixá-lo sobre um suporte e trazê-lo à memória, o que vemos, na atualidade, é uma função um tanto alargada do impresso, pois mais do que conservar um texto, o livro é também uma conservação das práticas de leitura sobre ele realizadas, dos gestos, dos usos de um material em um determinado tempo.

Acoplado ao livro estão os modos de leitura que nele se efetivam ou se efetivaram. Os livros tornam-se objetos carregados, não apenas de um escrito, de conteúdo textual, mas também de uma ação leitora sobre/com a materialidade.

Como objeto cultural, o livro ganha formas e sentidos diferentes quando interpretados no interior de distintas comunidades de leitores, em tempos e lugares distintos. No campo das representações – “configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos” (CHARTIER, 1996, p. 23) – o livro adquire uma diversidade de sentidos. Diferentes grupos atribuem significados distintos a esse material.

Para muitos homens, o livro enquanto objeto afasta demônios e maus pensamentos, cura doenças, irradia luz e sabedoria, dá status e poder a quem o expõe (FABRE, 1996). Para um determinado grupo, por exemplo, pode representar conhecimento e intelectualidade, ser um objeto de estudo, informação, enquanto que para outros poderá representar sabedoria divina, sagrada que exigirá respeito e devoção.

O livro, pelas práticas que incita e pelo poder que culturalmente a ele foi agregado, já foi visto por muitos olhos atemorizados, queimado em praças públicas, interdito, recolhido depois

de impresso; despertou a desconfiança, o medo, a ira, a discórdia por não mais poder ser controlado por aqueles cuja *autoridade* e o *conhecimento* lhes fora reservado. Como exemplo deste temor ao livro, o romance *O nome da rosa*, de Umberto Eco (1986) revela os diferentes dramas, as diferentes crenças e medos que se construía sobre um determinado manuscrito:

E caso carecesses de prova de que este livro é maldito, tu a tiveste. Mas não deve ter morrido em vão. E a fim de que não tenham morrido em vão, uma outra morte não será demais.

Disse, e começou com as mãos descarnadas e diáfanas a rasgar lentamente, em pedaços e em tiras, as páginas moles do manuscrito, colocando-as aos bocados na boca, e mastigando lentamente como se consumindo a hóstia e quisesse torná-la carne na própria carne. (ECO, 1986, p. 539).

Para outros, o livro foi amado, venerado, protegido e guardado a sete chaves; adotado por diferentes instituições como produto cultural mais eficiente na divulgação, no debate das ideias públicas e como arma contra a ignorância e o atraso.

Mas há de ser possível chegar a uma ideia mais sólida do sentido dos livros para as pessoas. A presença do livro na prestação de juramentos, na troca de presentes, na concessão de prêmios e na doação de heranças oferece pistas sobre seus significados em diferentes sociedades. A iconografia dos livros poderia indicar o peso de sua autoridade, mesmo para trabalhadores analfabetos que se sentavam nas igrejas diante de pinturas representando as tábuas de Moisés. O lugar dos livros no folclore e dos motivos folclóricos nos livros mostra que, quando a tradição oral entrou em contato com o texto impresso, as influências se deram em ambas as direções, e que os livros têm de ser estudados em relação com outros meios de comunicação. (DARNTON, 1990, p. 130).

1.3 Da materialidade do livro à interatividade do leitor

O livro impresso, diferente do suporte digital, mostra-se fixo e imutável em sua apresentação tipográfica em uma determinada edição. Entretanto, ele espera a vontade do leitor de conhecê-lo para assim se revelar. Espera um olhar para se mostrar, um toque para se deixar sentir e uma leitura para construir um diálogo.

Por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa. O mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo; assim cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos. (MANGUEL, 1997, p. 201).

Para Manguel (1997, p. 201), quando texto e leitor se encontram intimamente, ocorre uma ligação profunda, indescritível, que, segundo o autor, está além da apropriação do conteúdo do escrito:

[...] lemos intelectualmente, num nível superficial, aprendendo certos significados e conscientes de certos fatos, mas ao mesmo tempo, invisivelmente, texto e leitor se entrelaçam, criando novos níveis de significado, e, assim, toda vez que, interagindo-o, fazemos o texto entregar algo, simultaneamente nasce sob ele outra coisa que ainda não aprendemos.

Deste contato com o leitor, os livros trazem marcas de uma posse temporária ou duradoura, cedidas por seu(s) leitor(es). São marcas deixadas pelo leitor durante a leitura: do manuseio, de grifos no texto, de intervenções escritas nas páginas ou nas margens, da ação de colorir as ilustrações, de sinais marcadores das pausas ou mesmo páginas dobradas. São marcas de preservação: livros encapados, com nome de quem os comprou, com a data da aquisição.

Esses sinais fixados no objeto-livro são reveladores das práticas culturais pelas quais se realizou a leitura, além de sugerirem também características do leitor. Um grifo, por uma anotação ou ainda uma mancha, talvez, de café ou de tinta do tinteiro tornam-se evidências da relação estabelecida entre o leitor e o livro no momento da leitura, bem como da possibilidade de referir-se aos usos efetuados sobre este material.

E, contudo, a verdade é que os livros determinados emprestam certas características a leitores determinados. Implícita na posse de um livro está a história das leituras anteriores do livro – ou seja, cada novo leitor é afetado pelo que imagina que o livro foi em mãos anteriores. (MANGUEL, 1997, p. 30).

O primeiro contato desencadeador da leitura, sem dúvida, acontece na exterioridade. O sujeito utiliza-se das sensações que este material impresso pode lhe oferecer. A materialidade do objeto-livro sugere ao leitor determinadas posturas, escolhas e usos distintos, e isto se processa porque “antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro. Pode-se até ouvi-lo se folhearmos suas páginas.” (MARTINS, 1986, p. 42).

O livro, segundo a autora, torna-se um atrativo por possibilitar uma exploração concreta – sua forma, imagens, textura, cores, configuração, capa, disposição do título, tipo de letra, facilidade de manuseio –, bem como por conter um enigma que instiga a curiosidade e por se revelar, assim, um ato desafiador, favorecendo a constituição de uma relação consistente.

Reconstituir o processo pelo qual as obras adquirem sentido significa, nos estudos expostos, principalmente por Chartier (1996), considerar uma relação em tríade: o texto, o objeto

que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera. Nesta direção, trazer como foco da pesquisa o livro, em sua materialidade, é contemplar os valores e sentidos dados a ele no campo das representações, mas também no das práticas que ele incita.

Uma história sólida das leituras e de leitores deve, portanto, ser a da historicidade dos modos de utilização, de compreensão e de apropriação dos textos. Ela considera o “mundo do texto” um mundo de objetos, de formas, de rituais cujas convenções e disposições incitam e obrigam à construção do sentido. Considera, de outro lado, que o “mundo do leitor” é constituído por “comunidades de interpretação”, segundo expressão de Stanley Fish, às quais pertencem os leitores (e leitoras) particulares. Cada uma dessas comunidades partilha, em sua relação com o escrito, um mesmo conjunto de competências, de usos, de códigos, de interesses. Surge daí, pois, em todo este livro, uma atenção dupla: para com as materialidades dos textos e para com as práticas de seus leitores. (CAVALLO & CHARTIER, 1998, p. 7).

As práticas de leitura não são significadas em si mesmas, não acontecem somente por meio dos olhos ou do psiquismo; são modos aprendidos e ensinados culturalmente de lidar com determinados objetos e de atribuir-lhes sentidos. A leitura ganha, então, uma dimensão mais ampla do que apenas um ato intelectual: ela é um envolvimento do corpo como um todo, uma inserção num lugar, num ambiente, sendo também este um envolvimento consigo e com os outros.⁵

A leitura, enquanto prática cultural, requer do leitor um elenco próprio: objeto de leitura, gestos, espaços, pessoas, atitudes, uma predisposição. Lê-se através de uma junção de sentidos que operam em ressonância: o toque, o cheiro, a posição do corpo, a sonoplastia do ambiente. Enfim, Goulemot (1996) explicita: “Há uma dialética inscrita na história do corpo e do livro.” E acrescenta: “As relações com o livro, isto é, a possibilidade de constituir sentido, dá-se por meio dessas atitudes do leitor.” (GOULEMOT, 1996, p. 109).

O autor expõe as atitudes do leitor como *ritos de leitura*: a posição que assume ao iniciar a leitura, seja sentado, em pé ou deitado; o local em que se realiza, seja no quarto ou num escritório; sozinho ou com outras pessoas. Neste contexto, sugere que as ações do indivíduo com este material possibilitam a efetivação de várias situações de leitura como também a constituição de sentidos para o ato de ler.

⁵ Cf. CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. M. Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1994, p. 16.

Nessa perspectiva, os modos como os homens se relacionam com este objeto chamado livro não podem ser identificados como uma relação abstrata e universal, mas podem ser investigados em suas diferenças e aproximações entre os indivíduos e comunidades de leitores:

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. (CHARTIER, 1999, p. 77).

A liberdade do leitor, frente ao texto, apresenta certa vulnerabilidade pelo fato de o livro, em sua materialidade, ser um provocador de ações e pelas práticas da comunidade leitora na qual está inserido. A história da leitura possibilita não só a percepção como o registro dessas mudanças, no decorrer do tempo, nos atos e nas razões de ler.

Tomar o livro como objeto que incita gestos, habilidades, competências, desejos, valores e significados é um esforço de investigação sobre a posição que ele ocupa no encontro entre ele e o leitor no momento da leitura. Focalizar o livro como aquele que não só se oferece como objeto para ser lido, nem exclusivamente como marcado por protocolos orientadores dos itinerários da leitura, mas como carregado de valores, sentidos simbólicos dados culturalmente pelas comunidades de leitores, é a intenção desse trabalho.

O objeto-livro ao provocar no leitor sensações, emoções e por compartilhar de um tempo da infância, de estudo e de aprendizagem incita ações, outras, que vão além do ato de ler como a vontade de mantê-lo consigo, de preservá-lo ao longo de sua vida, de procurá-lo em diferentes lugares até (re)encontrá-lo e de cuidados com a materialidade do impresso.

Ao aproximar dos gestos, dos modos, das ações de guardar, de buscar, de cuidar de um objeto-livro, durante décadas, temos diante de nosso estudo não apenas um objeto que se prestou a uma prática leitora, mas um material de leitura impregnado de valores, sentimentos e sentidos construídos e vivenciados por uma experiência significativa de leitura.

Se um livro é, para alguns, objeto de temor, tédio, inquietação e desprezo, para outros, no entanto, é objeto de amor, cumplicidade, veneração e respeito. Permite práticas antigas e contemporâneas, solitárias e coletivas, oralizadas e vistas.

Como nos mostra Chartier (1999), há para cada comunidade de leitor uma determinada maneira de ler, um uso específico deste material de leitura como também os instrumentos interpretativos. O que regerá esta prática dependerá das maneiras como o texto é lido. Esta

maneira de ler varia, pois cada leitor possui uma capacidade intelectual distinta e estabelece uma relação com o escrito a qual é individual e única.

2 O LIVRO POR ENTRE EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS DE LEITURA

*Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem,
o mais espetacular é, sem dúvida, o livro.
Os demais são extensões do seu corpo. [...] O livro, porém, é outra coisa:
o livro é extensão da memória e da imaginação.
Borges (1985)*

2.1 O livro como objeto da experiência de leitura

Um conjunto de pesquisas acadêmicas, mapeadas pelos estudos de FERREIRA (1999), tem centrado suas análises nos registros, nas histórias de leitura, de leitores, quer identificados pelo gênero, pela profissão, pela idade ou comunidade de leitores a que pertencem (MOURA, 1994; MORAIS, 1996; RIBEIRO, 2004; MATOS, 2007).⁶

São trabalhos que, pelos depoimentos e entrevistas de alunos, de professores, de pessoas portadoras de necessidades especiais, de mulheres etc., direcionam seu enfoque às memórias e experiências de leitura a indagar os diversos modos de ler, as representações e práticas que orientam os sentidos construídos no encontro dos leitores com seus objetos e espaços de leitura.

Quando Bauman (2003) escreve sobre o livro como um diálogo entre as culturas, salienta que o impresso mantém uma relação com o leitor por meio da narrativa, e cria assim um diálogo permanente: “[...] e muito antes que ele tivesse tomado a forma que ficou associada à sua imagem nos últimos séculos, o livro tem sido, acima de tudo, uma narrativa relatada em perpétuo diálogo com a experiência humana.” (p. 19).

A partir dessa definição, do autor, do livro como uma narrativa em confabulação com a experiência humana, pode-se refletir o que seria, ou mesmo, como se daria esta proximidade entre experiência humana e o objeto-livro?

Ao trazer consigo uma narrativa, o livro torna-se não muito diferente das narrativas orais que permeiam o convívio social. Segundo Benjamin (1994), ao escrever sobre experiência, mostrará que há uma proximidade entre a experiência vivida e uma narrativa escrita.

⁶ Este levantamento realizou-se na Biblioteca Prof. Joel Martins (FE-UNICAMP), no dia 19 de fevereiro de 2008, através do site: <<http://www.libdig.unicamp.br/document/list.php?tid=27>>. Foram analisados 2.219 títulos e resumos disponíveis de teses e dissertações, que abordavam a temática: leitura, história de leitura, leitor, livro, história cultural.

Ao narrar uma história, narra-se, também, uma experiência de vida. Os livros ao trazerem consigo escritos narrativos, poderão aproximar o leitor da história, envolvê-lo numa experiência do vivido, mesmo sendo uma ficção, pode provocar-lhe sentimentos e sensações e possibilitar uma identificação com os personagens.

Segundo o autor, as experiências nos foram transmitidas de forma benevolente ou ameaçadora à medida que crescíamos. E não há experiência mais marcante que aquela vivida pelo próprio corpo, experimentada, sentida e depois compartilhada por meio de relatos orais. Um tecer de narrativas de histórias de vida, numa mistura da realidade e com doses do imaginário.

Como nos lembra Mário Quintana (2006, p. 60), a narrativa possui a capacidade de nos encantar, de nos enfeitiçar:

Mestra de estilo, feiticeira da arte narrativa, era aquela negra velha que nos contava histórias em pequeninos. Ficávamos literalmente no ar, nem respirávamos quando ela, encompridando a corda, dizia arrastadamente esta longa frase, cheia de nada e de tudo:
– E vai daí o príncipe pegou e disse...

Possuidora de enunciados repletos *de nada e de tudo*, a narrativa esteve sempre presente na história das civilizações, uma linguagem entremeada de contos e de encantos que se misturam num jogo, numa vicissitude e numa proximidade entre a realidade e o mundo imaginário.

A narrativa se encontra infiltrada em meio a uma prática que decorre de um contar e de um ouvir histórias de príncipes e princesas, de assombrações, de seres meio bichos, meio homens, de tragédias, de dificuldades, de viagens, de lutas e conquistas, ao redor de um fogão à lenha, uma fogueira ou alpendre da casa. Resumia-se numa reunião de pessoas que desenrolavam fios de uma narrativa, na qual entrelaçavam histórias e, com isso, asseguravam a atenção do público ouvinte:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará na sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado cada vez mais raro. (BENJAMIN, 1994, p. 204).

O papel que o narrador assume ao contar/ler uma história está em envolver seu público a tal ponto de se gravar o enredo na memória, provocar-lhe uma experiência e instigá-lo ao reconto.

Ao trazermos para esta pesquisa o propósito de recuperar histórias vivenciadas com um material de leitura e (re)contá-las, é também recuperar experiências de vida, circunstâncias de leitura decorrentes de um tempo e lugar distinto.

Para Benjamin (1994), a humanidade já não direciona mais o olhar para as experiências de vida ou para os relatos de histórias, “com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (p. 205).

Para o autor, se não é possível vivenciar uma *experiência* de uma narrativa ou como um narrador, isso gera uma situação de pobreza ao desprezá-la ou ignorá-la: “Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a liberdade de toda experiência.” (BENJAMIN, 1994, p. 118).

Podemos compreender que a ausência da experiência ou a negação a ela, segundo Benjamin (1994), significa pobreza interna ou externa. Dessa forma, o contrário validaria sua definição. A experiência pode ser compreendida como uma riqueza extraída da vivência humana, o patrimônio de maior valor que se pode adquirir.

Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. (p. 119).

Quando movidos pela ânsia de atingir a plenitude da informação ou informatização da atualidade, deixa de valer a experiência vivida e, em decorrência disso, assume-se um estado de mendicância. A informação traz um significado entremeado de ser/estar algo recente, novo, e tem seu ápice enquanto impera o título de atual, em contradição com a narrativa:

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (p. 204).

Nesta direção, Larrosa (2002) procura definir “experiência”, explorando seis aspectos que a envolvem, que estão ligados à própria palavra. Com isso, busca na etimologia do vocábulo ou nas ideias que o revestem, a presença de algo que necessita ser vivido e sentido pelo indivíduo: “a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” E acrescenta: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca.” (LARROSA, 2002, p. 25).

Para esse autor, a experiência não se resume a um acúmulo de saberes; ela é algo além de uma vivência, de uma situação que nos ocorre, e viver uma circunstância não significa para ele

ter uma experiência. Pode-se viajar ou visitar um lugar, mas caso essa vivência não lhe tenha tocado interiormente, tal fato não gera uma experiência.

A experiência está também relacionada a um saber, que é diferente de conhecimentos, na elaboração de um sentido para os acontecimentos, as circunstâncias que nos rodeiam. “Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.” (LARROSA, 2002, p. 27).

Bem distante da detenção e posse de informação e de conhecimento que se instalou na sociedade contemporânea, na qual destacam-se os possuidores pela sua quantidade e sua atualidade, a experiência não gera estoques, ela é a própria ação de se permitir, de deixar-se seduzir pelo olhar, pelo ouvir, pelo toque, por uma aglutinação de sentidos, por uma entrega às sensações, num ebulir de emoções, cuja inteireza do ser consente uma apropriação do fato vivido, um momento em que “a alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo eles definem uma prática.” (BENJAMIN, 1994, p. 220).

Se considerarmos esta experiência muito mais do que a vivência de um fato, e sim um deixar-se tomar, possuir-se por completo por um acontecimento ou situação, partiremos então da premissa de que o livro-objeto pode materializar uma experiência de leitura, sentida e experimentada pelo sujeito, num determinado tempo e lugar. Ela é uma forma de conhecimento instalado no momento vivido pelo leitor junto com seu livro.

Talvez a força dessa experiência na sociedade letrada e o valor social que ela carrega, deem à aprendizagem da leitura um significado colossal para o indivíduo. Quer pelo lugar e função que os primeiros anos de escolarização ocupam no momento da vida de um indivíduo, quer pelo valor dado a apropriação da leitura como uma prática social.

Talvez isto explique por que o adulto, ao guardar seu material de leitura, ao tentar (re)encontrá-lo ou ao buscar em suas práticas as marcas desse tempo, faça-o envolvido por sentimentos, emoções, narrativas e explicativas.

Nessa experiência de leitura – marcada pela posse da escrita por alguém – qual significado é dado ao objeto livro? O que leva uma pessoa a guardar durante anos um livro/uma cartilha que estudou? Que aspectos e marcas os leitores destacam desse objeto quando diante de um exemplar com o qual iniciaram sua aprendizagem de leitura e de escrita?

2.2 O livro nas memórias de leitura

A fase azul
Havia um tempo em que o céu mirava-se nos meus olhos
E não meus olhos no azul do céu,
O que não é nenhuma novidade,
Porque todo mundo já passou por essa fase:
Só tem que nem todos se lembram.
Mário Quintana (2006, p. 172)

A função de *guardião do passado* que, nas antigas civilizações fora reservada exclusivamente aos velhos, assume na atualidade uma nova configuração. Criam-se novos suportes de registro e de manutenção da memória como documentos escritos, imprensa, fotografia, vídeos, CDs, DVDs, etc. Do mesmo modo, museus, arquivos, bibliotecas e centros de memória constituem instituições que realizam, de forma profissional, o trabalho de guardar o passado.⁷

A reconstrução da memória coletiva é uma ferramenta utilizada na sociedade contemporânea, identificada como a *sociedade do esquecimento*⁸. Esse processo de reconstituição assume duas posições distintas: uma de se divulgar as memórias dos grupos sociais e outra de se tentar compreender o momento presente.

Trata-se de um passado que é presente, como escreve Quintana (2006): “O passado não reconhece o seu lugar, está sempre presente”. É um olhar do hoje que procura uma visão do passado, uma construção composta de um ir e vir entre presente e passado, numa busca de sentidos sobre nossas incessantes inquietações, ideias, sentimentos.

No romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1984, p. 11), o personagem fala das lembranças de um tempo, visto pelo olhar do hoje:

Lembremo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe enfiada das decepções que nos ultrajam.
Eufemismo, felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores.

⁷ VON SIMSON, O. R. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**. In: FILHO, L. M. de F. **Arquivos fontes e novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000.

⁸ Op. Cit.

A cada tentativa de aproximação com o passado, este ganha novas cores e nuances, e isto deve-se ao fato de que a memória não é estática, fixa: ela é uma produção marcada pela instabilidade e seletividade dos acontecimentos.

Mas o que poderia ser investigado em uma pesquisa sobre leitura, em que o livro é trazido pelo próprio pesquisado como um objeto guardado por um longo período de tempo? O que um objeto – companheiro no tempo – aciona quando colocado na frente do entrevistado sobre suas lembranças de leitura, sobre um determinado momento de sua vida?

O conjunto de pesquisas que envolvem o trabalho de Ferreira (1999) aponta para uma investigação do livro como objeto e fonte para o conhecimento da produção, circulação e apropriação de determinadas obras em suas edições e projetos editoriais.

Outros trabalhos revisitam a história da leitura, do livro, ao trazerem escritos sobre a alfabetização, a produção didática editorial, as práticas pedagógicas de leitura, assim como: Mortatti (2000), Kramer (1997), Amâncio (2002), Maciel e Frade (2003), Faria Filho (2002), entre outros. Estes autores dedicam-se, por exemplo, à história da leitura em sua relação com a escolarização, a identificação e análise de manuais didáticos e as representações e práticas neles inscritos.

No entanto, desconheço pesquisas que colocam em destaque o papel ou o lugar que o livro, enquanto objeto físico, carregado de uma carga afetiva, parece ocupar no processo da leitura.

Todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado ao objeto e a esta circunstância. (CHARTIER, 1999, p. 70).

O leitor recebe o livro mediante uma circunstância vivida ou um momento que lhe é significativo, que o remete a uma experiência de leitura com esse material. E o livro carrega, não só o conteúdo (as histórias, os exercícios, as ilustrações), mas circunstâncias (de um tempo, de um lugar, de pessoas) circunscritas na afetividade e na intelectualidade.

Dessa forma, compete-nos refletir sobre que livro é este que não serviu apenas à iniciação do leitor ao mundo das letras, mas que precisou ser guardado, ficar sempre à mão como objeto de posse. Que tipo de “investimento afetivo” reveste esse objeto e a circunstância à qual ele está intimamente ligado? Ou mesmo indagar com Chartier (1999, p. 154): “Será que o mundo do texto

existe quando não há ninguém para dele se apossar, para fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência?”

Em meio aos questionamentos e às inquietações, enveredamos pelo caminho de identificar leitores que, pelas suas lembranças, movimentam e dão concretude ao mundo dos livros.

Com apoio nos estudos de Certeau (1994) e Chartier (1999), permite-se afirmar que a resposta do leitor frente ao objeto-livro é, ao mesmo tempo, partilhada, comum à de outros leitores de seu tempo e lugar, mas também singular, assim como suas experiências e memórias de leitura.

Aproximar-se do encontro do leitor com o livro, tendo este suporte como o principal agente desta relação, é buscar, no estudo das memórias de leitura do leitor, aspectos da interação que se estabeleceu com o objeto lido e possuído.

Pela memória, os leitores instigados recuperam os livros entre outros suportes de textos, pelas pessoas que os leram, pelo que eles significaram nas primeiras experiências com a leitura, pelas histórias contadas, pelos lugares e horários em que foram lidos, em meio a outros tantos livros não esquecidos pelo tempo.

Certeau (1994, p. 163) afirma que “longe de ser o relicário ou lata de lixo do passado, a memória vive de *crer* nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita.” A memória utiliza-se de modos de procedência, organizando a *ocasião*, ou seja, fatos que oportunizam a reminiscência, no comportamento do cotidiano. Para o autor, a memória usa de três modos de procedência: *o jogo múltiplo da alteração*, a *prática metonímica da singularidade* e *uma mobilidade desconcertante*.

O *jogo múltiplo da alteração* se constitui por encontros externos através de fatos vivenciados com outras situações já vivenciadas, marcas colecionadas internamente. O que acontece diante de uma situação ou fato depois de retido, é que ele se libera por estímulos externos, o que se torna o momento oportuno, a “ocasião”, o momento imprevisto, denominado de “surpresa” e utiliza-se como impulso para a reconstrução da reminiscência.

A memória não dispõe de uma organização pré-estabelecida: ela se mobiliza em relação aos acontecimentos, é estimulada pelas circunstâncias e, em grande parte, provocada pelo outro: “[...] a memória é tocada pelas circunstâncias, como um piano que produz sons ao toque das mãos. Ela é sentido do outro” (CERTEAU, 1994, p. 163).

O segundo modo de procedência da memória é a *singularidade* da resposta produzida em gestos ou palavras. “Mas o que mais poderia a memória nos fornecer? Ela é feita de clarões e fragmentos particulares. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são as lembranças” (CERTEAU, 1994, p. 164).

Para o autor, a memória é feita de clarões ou focos de lembranças e fragmentos particulares, de um a muitos detalhes. Embora incontáveis coleções de fatos estejam retidos, nem tudo é lembrado, apenas um foco que se sobressai, que se destaca em relação ao todo que se tem armazenado.

Essas particularidades têm a força de demonstrativos: aquele sujeito ao longe que passava inclinado... aquele odor que nem se sabe de onde subia... Detalhes cinzelados, singularidades internas funcionam já na memória quando intervêm na ocasião. (p. 164).

O terceiro modo é a *mobilidade* da memória em torno de si mesma. Há uma capacidade implícita de alterar detalhes, pois se deparam com uma ferrugem do tempo: o esquecimento. Os fragmentos não são o que realmente parecem ter sido: “[...] nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois oferecem o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera” (p. 165).

Nesta perspectiva, o trabalho destacará a memória como fonte geradora da própria história e da cultura ligadas aos livros e ao mundo dos homens.

Em concordância, Bosi (1994), quando nos remete o olhar às lembranças dos velhos como fonte de memória mais contextualizada e definida, declara que: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p. 55).

Para a autora, lembrar é um processo interior de trabalho, de reconstituição, uma busca no acontecimento das cenas, das formas, das cores, das pessoas, dos detalhes que parecem perdidos em arquivos não etiquetados dentro da memória. Não lembramos o todo de uma circunstância; lembramos parte dele, pois apenas alguns fragmentos se destacam na reminiscência, assim: “Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição” (p. 39).

Longe da inutilidade, da fragilidade e da impossibilidade de inserção num mundo bem distante do que outrora conhecera, o(a) velho(a) assume uma nova função: “Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lidas cotidianas, não está se entregando

fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da subsistência mesma da sua vida” (p. 60).

No decorrer da pesquisa, ao indagar por novos (outros) sentidos dados pelos entrevistados ao livro-objeto no campo das representações e práticas articuladas ao mundo da leitura, estaremos em cumplicidade com esse trabalho feito com a memória de cada um deles, bem como com a da própria pesquisadora.

No campo das memórias, serão colhidos relatos de experiências de leitura de pessoas que, no período da pesquisa, podem ser identificadas como acima de 50 anos e que apresentam uma ligação afetiva com o material impresso, conservando-o até o presente momento. Considerando que a “memória, onde nasce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.” (LE GOFF, 1996, p. 477).

O trabalho não traz como centralidade a história editorial de uma obra ou os caminhos que os livros percorreram até chegar aos leitores, nem mesmo as práticas editoriais ou tipográficas destinadas ao leitor. A pesquisa pretende inventariar lembranças, experiências significativas traduzidas em atitudes, sentimentos e valores atribuídos aos livros e produzidos na relação do leitor com este material, nos primeiros anos de escolarização, pois “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular.” (CHARTIER, 1999, p. 91).

Na perspectiva teórico-metodológica da História Cultural, esta pesquisa pretende colaborar na compreensão do significado dado ao livro por leitores comuns, na nossa contemporaneidade. Encontrar esses leitores e investigar seus sentidos, valores e o papel que eles atribuem aos seus livros, por meio do relato de suas experiências de leitura.

Cumprir, assim, identificar a importância do livro como objeto impresso e, nessa importância, analisar as práticas e representações construídas pelo leitor, no decorrer do tempo, como o articulador proeminente nesta relação, é a intenção dessa pesquisa, considerando que “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois.” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

Muito mais do que relatar acontecimentos vividos, este trabalho pretende destacar o acontecimento lembrado. Considerando que a rememoração aparece como o fator constitutivo da relação entre o leitor e o livro, entre o leitor e a leitura e entre diferentes leitores.

A rememoração não reproduz simplesmente o fato vivenciado, mas o reconstrói de acordo com a vivência do hoje cenas, detalhes, pessoas e objetos que foram significativos. A cada rememoração, a relação com o objeto se modifica, se transforma, torna-se o ato sem limites, abre as portas para uma infinidade interpretativa.

Ao trabalharmos com as lembranças de leitura, assumimos um objeto de estudo muito valioso. Operar sobre este material requer de nós uma postura um tanto delicada, pois remexer com este “*acontecimento lembrado*” nos coloca diante de um universo amplo e ilimitado. Não se pode pôr limites metodológicos na esfera do lembrado, pois a ação de lembrar traz consigo situações inesperadas, por ser esse ato apenas “*uma chave para tudo o que veio antes e depois*”.

2.3 A lembrança como processo de reconstrução

*Somos, portanto, algo cambiante
e algo permanente.
Somos algo essencialmente misterioso.
Que seria de nós sem a memória?
É uma memória feita em grande parte
de ruído, mas que é essencial.
Borges (1985, p. 48)*

Quando tomamos o lembrado – referindo-se a um sujeito que realiza esta ação – como objeto de análise, o termo, a expressão “*objeto de pesquisa*” segundo a autora Ecléa Bosi (1994), para quem trabalha com Ciências Humanas, torna-se um tanto repugnante, entendendo para este sujeito uma redução de coisa, de objeto experimental. Assim como a autora, nesta pesquisa:

fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto, sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como instrumentos de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir lembranças. (BOSI, 1994, p. 38).

A pesquisa procura transmitir lembranças; mas poderíamos nos questionar: que lembranças são essas que, provocadas por uma pergunta instigante de uma pesquisadora, ardem por se revelar?

Os estudos de Bosi (1994) apontam, não para uma memória pessoal ou espiritual, numa relação do indivíduo com seu próprio corpo, mas para quadros sociais da memória: “a memória do indivíduo depende de sua relação com a família, com a classe social, com a escola, com a

Igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências a esse indivíduo.” (p. 54).

As lembranças são o resultado de uma provocação das ações de outras pessoas que circundam a vida da pessoa. Muito do que lembramos se mistura com as lembranças (re)contadas por outros que vivenciaram uma determinada parte do mesmo passado.

A autora mostra-nos, também, que a ação de lembrar não se torna ação que se revive, mas uma ação que se refaz: “lembrar não é um reviver, mas um refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI, 1994, p. 55).

A lembrança de um momento do passado é reconstruída pelo indivíduo de acordo com as imagens, com o pensamento, com sua estrutura emocional, de acordo com a maneira como ele se relaciona com o meio na atualidade, o que promoverá uma maneira distinta na representação desse passado.

Quando nos aproximamos dos sujeitos desta pesquisa, eles nos trouxeram a reconstituição de uma infância, um período narrado por eles com exaltação, com uma beleza inquestionável; por ser ela uma infância lembrada, reconstruída de maneiras distintas, está submetida às condições das imagens de cada indivíduo.

Bosi (1994) faz um direcionamento sobre essa questão. Ela aponta para o cuidado de não pensarmos ou considerarmos o passado tal como nos foi relatado, mas, sim, como um trabalho de reconstrução da memória.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. (p. 56).

Nessa perspectiva, a rememoração é uma atividade de reconstrução, olhar para um determinado momento do passado torna-se uma arte: a arte de (re)criar, de (re)inventar e de (re)colorir através das imagens, dos ideais, das concepções, das percepções interiores assumidas pelo indivíduo no presente:

Mas a infância, ó poetas, não é mesmo azul? Quanto a mim, eu venho há muito desconfiado de que a infância é uma invenção do adulto.
E o passado uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima... A memória tem uma bela caixa de lápis de cor. (QUINTANA, 2006, p. 159).

Ao assumirmos, neste trabalho, apresentar as lembranças de leitura de um determinado período da vida dos depoentes – a infância – temos a consciência de que esta será uma infância lembrada, colorida com as cores que cada depoente traz em sua memória; e de que a reminiscência usará sua “*caixa de lápis de cor*” ao reconstruir momentos significativos.

A rememoração da infância descrita por cada entrevistado(a), aparece intimamente ligada a um objeto-livro, ultrapassando os limites da própria lembrança. Ao reconstruir aquela fase da vida, utilizando-se dos depoimentos, destacam, apontam, recuperam, (re)criam lugares, circunstâncias, pessoas, atividades e objetos que lhe foram significativos e constitutivos de uma experiência tanto de leitura e quanto de vida.

3 NOS CAMINHOS SINUOSOS DA PESQUISA: RASTROS DE UMA PESQUISADORA

*Confissões difíceis pedem folha branca.
Não grites, não suspires, não te mates: escreve.
Escreve romances, relatórios, cartas de suicídio, exposições de motivos,
Mas escreve. Não te rendas ao inimigo. Escreve memórias futuras.
E por que desprezas o homem, papel, se ele te fecunda com dedos sujos mas dolorosos?
Pensa na doçura das palavras. Pensa na dureza das palavras.
Pensa no mundo das palavras. Que febre te comunicam. Que riqueza.
Mancha de tinta ou gordura, em todo caso mancha de vida.
Passar os dedos no rosto branco... não, na superfície branca.
Certos papéis são sensíveis, certos livros nos possuem.
Mas só o homem te compreende. Acostuma-te, beija-o.
Carlos Drummond de Andrade (1991, p. 118)*

3.1 Processos de constituição entre uma pesquisadora e uma pesquisa

Com o intuito de apresentar os caminhos que se fizeram necessários trilhar para a edificação deste trabalho, teço como *confissões difíceis* os fatos que o antecederam e que muito contribuíram para a formação tanto da pesquisa quanto de uma pesquisadora, bem como saliento a intensa ligação que ocorreu nesta relação entre pesquisa/pesquisadora.

A ação investigativa ganha amplitude ao agregar a si tanto um sujeito que interroga, que perscruta, que analisa, que age, quanto um objeto que se deixa, a contragosto, dissecar. Configura-se como uma relação que envolve sujeito e objeto numa interação recíproca, num processo de construção simultânea e contínua, na qual pesquisa e pesquisador(a) alteram-se e transformam-se constantemente.

Partindo da premissa de que a pesquisadora se constitui concomitantemente com sua pesquisa, e que como tal não se esgota, não se limita, refazendo-se a cada nova proposta de análise, temos nas palavras de Veiga-Neto (1996, p. 32) a confirmação dessa ligação intrínseca e um alerta de que “isso não significa falta de rigor mas significa que devemos ter sempre presente que somos irremediavelmente parte daquilo que analisamos, e que tantas vezes queremos modificar.”

Toda pesquisa apresenta, de uma forma ou de outra, uma parte daquilo que somos, daquilo em que acreditamos ou daquilo que nos esforçamos por compreender ou, até mesmo, uma parte da insatisfação por não descrever em perfeitas laudas tudo aquilo a que nos propusemos.

Estava em constante procura de algo que nem ao certo sabia; a certeza que tinha era: “só o desejo inquieto, que não passa, / faz o encanto da coisa desejada.../ e terminando desdenhando a caça / pela doida aventura da caçada.” (QUINTANA, 1989, p. 62).

Durante os treze anos que atuei como professora alfabetizadora e de Língua Portuguesa, na rede municipal de ensino de Pouso Alegre, dividia minha atuação profissional entre a experiência de regência de turma, que se firmava, e uma persistente inquietação sobre o próprio ato de ensinar: as atividades que proporciono aos alunos os auxiliam na aprendizagem da leitura?

Insatisfeita com a maneira pela qual se deveria alfabetizar, pela postura profissional exigida e pelas práticas de ensino legitimadas como adequadas, procurava burlar as *estratégias* impostas pelo sistema educacional, criando *táticas* distintas de trabalho.⁹

Diante de diferentes circunstâncias de trabalho, projetos e dificuldades de aprendizagem dos alunos, sentia-me instigada por cada desafio que se sucedia, mergulhada nas palavras de Alberto Caieiro: “Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do mundo...”¹⁰

O que era novo e desconhecido para mim, conduzia-me a novos procedimentos e a posturas de trabalho um tanto audaciosas – jamais repetia ou copiava uma atividade; elas se transformavam em minhas mãos. Sem saber ao certo como deveria agir, muitas vezes, sem a orientação de um especialista, acreditava em minhas leituras e estudos. Por esses conhecimentos, segmentava minha conduta entre ações eleitas as mais adequadas para se atingir um bom resultado da aprendizagem do aluno.

Como professora das séries iniciais do ensino fundamental, valorizava o livro de literatura infantil como base de uma prática alfabetizadora, desenvolvia um trabalho direcionado para o livro, envolvendo sua materialidade tanto quanto seu contexto. Destacava sua ilustração, suas cores, sua forma e seu texto como meio disparador para a produção da escrita e da leitura. Proporcionava diferentes maneiras de envolvimento da criança com o livro e com a história através da leitura, de conversas, de desenhos e de dramatizações.

Convicta de que minha postura poderia contribuir para um melhor desenvolvimento da aprendizagem da criança, persistia numa postura diferenciada em meu trabalho pedagógico.

No início de 2007, incumbida de auxiliar uma criança de sete anos – filha de uma empregada da família – que apresentava dificuldades na leitura e escrita, constatei que ela ainda

⁹ Estratégias/táticas, termos usados por Certeau (1994).

¹⁰ PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caieiro**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

não estava alfabetizada. Iniciei um trabalho paralelo e diferenciado daquele desenvolvido pela professora. Ao recebê-la em minha casa, percebi seu desconforto e timidez; como forma de adaptação e meio de conhecê-la melhor, arrisquei um diálogo:

- “ – *O que você tem muita vontade de aprender e quer que eu te ensine?*
- *Ah, a lê – respondeu-me.*
- *O que você acha que precisa para aprender a ler?*
- *Ficar bem quietinha.*
- *Mas, que outra coisa você acha?*
- *Fazer tudo o que a tia mandar.*
- *Mas isto você já faz, não é? Você é uma criança educada. O que mais?*
- *Copiar tudo no caderno.*
- *O que mais?*
- *Obedecer e não sair do lugar.*
- *Bom, então, vou te contar um segredo, sabe o que a gente precisa para aprender a ler?*
- *Não.*
- *De um livro!”*

Ela me lançou um olhar de admiração e de certa desconfiança como quem gostaria de dizer: “*Mas só isso?*” Então, levei-a para escolher um livro e comecei meu trabalho de alfabetização.

É interessante notar que as atitudes levantadas pela criança como necessárias para se aprender a ler são um tanto contrárias ao que preconizam os estudos mais recentes sobre essa prática: “*ficar quietinha*”, “*não sair do lugar*”, ou “*copiar*”, talvez, sejam expressões reproduzidas por outras pessoas que elegem, como atitudes primordiais para a aprendizagem, o que sabemos não serem verdadeiras ou mesmo necessárias, neste momento da alfabetização.

Este fato me proporcionou uma reflexão sobre as formas de construção da relação da criança com a leitura por meio do livro nas escolas. E me perguntei: como seria esta relação entre o leitor e o livro em diferentes tempos e lugares?

Tinha diante de mim uma situação provocante para a pesquisa. Era o início de um olhar investigativo. Se “*o essencial é saber ver*”, nos versos de Alberto Caeiro, cabia-me algo bem peculiar: concretizar a focalização estabelecida por esta questão problemática, inquietante, especulativa, sedenta de entendimento que se fazia através de um novo olhar.

Um olhar movido de particularidades como vem nos apontar Veiga-Neto (1996), “[...] é o olhar que botamos sobre as coisas que, de certa maneira, as constitui. São os olhares que colocamos sobre o mundo que criam os problemas do mundo.”

Movida por uma ânsia de compreender, busquei, durante o primeiro semestre de 2007, participar como aluna-ouvinte da disciplina da graduação: *Fundamentos da Alfabetização*, na FE/Unicamp. Ao me preparar para a apresentação de um seminário, no qual discorreria sobre o livro *Os sentidos da alfabetização*, Mortatti (2000), decidi ilustrar o trabalho, não com fotos apenas, mas com a presença real de cartilhas antigas, e saí à procura delas em instituições escolares.

Para minha surpresa, não as encontrei e pude evidenciar a não conservação de cartilhas ou outro material didático de décadas anteriores nas vinte bibliotecas escolares que visitei. As cartilhas encontradas eram bem atuais, com publicações a partir da década de 90.

Precisava, então, recorrer a um público diferente. Desta forma, dirigi-me às pessoas mais velhas, geralmente acima de cinquenta anos, que poderiam ter conservado consigo a cartilha do período em que estudaram. Numa pequena triagem em família, entre amigos e vizinhos, encontrei apenas duas pessoas que guardavam livros antigos, que nem sempre eram cartilhas, mas um material de leitura que fazia parte de um acervo pessoal.

Parece que os livros didáticos – incluindo as cartilhas – são descartáveis facilmente, ou então, mesmo quando guardados, por serem considerados um gênero menor, não são expostos, o que acarreta uma dificuldade com a qual se deparam pesquisadores que se dedicam a uma busca dos materiais didáticos de outras épocas, para estudar a história de um livro ou coleção.

Nesse período, os estudos sobre a leitura e escrita, numa perspectiva da abordagem da História Cultural, vieram me orientar para uma nova proposta de pesquisa, conduzindo-me a um novo olhar para as práticas de leitura efetuadas entre o leitor e o livro.

Estava em perfeito estado de apropriação de conceitos, de autores que eram novos para mim, momento de caos e demolição, momento de (re)construção interior:

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige de nós um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento... (CAEIRO, 2005, p. 49).

Todos os meus estudos, até então, voltavam-se para a aprendizagem da criança numa perspectiva da *teoria do conhecimento* e para uma abordagem *socio cultural*. Olhar para a leitura como uma prática, como uma construção social, exigia, de mim, um *desvestir-me* de conceitos para uma compreensão mais ampla desse preceito.

Os estudos referentes à abordagem da História Cultural possibilitaram-me olhar para o livro e para as práticas de leitura que dele emanam como um objeto de estudo, focalizando-o dentro de um determinado tempo espaço. A partir dessa concepção teórica, também pude concatenar ideias, propostas e indícios, a fim de tecer um projeto de pesquisa, numa dimensão voltada para o livro – em sua materialidade – como objeto carregado de gestos, marcas, valores, sentidos, práticas culturais e para as memórias de leitura – nele contidas – como fonte reveladora das marcas de um determinado tempo, tomando, como ponto de partida, o ato de guardar um material de leitura como fator disparador na relação entre o leitor e a leitura.

Diante da constatação de que uma pessoa idosa ainda conservava consigo seus livros da primeira série, vi-me diante de uma situação bem instigante: por que alguém guardaria um livro de estudo durante décadas? Que sentidos o leitor atribui a este material?

Assim, decidi escrever um projeto de pesquisa, tendo como objetivo compreender o que poderia significar o ato de guardar um livro ou cartilha, bem como buscar a compreensão do vínculo que se constrói entre leitor e leitura por intermédio do livro e dos sentidos que se agregam a esse material.

Portanto, propus-me a encontrar outras pessoas que, nas mesmas condições (ou em outras), guardaram seu livro do período em que estudaram, tendo o objeto-livro e as entrevistas concedidas pelo portador do material como subsídios de investigação e de análise.

É interessante apontar o quanto a pesquisa envolveu-me, enquanto pesquisadora. Mesmo sem uma herança de *guardadora* de livros – fato que não me impediu de me aproximar e de me encantar pelo objeto de estudo, nem pela pesquisa – descobri em mim a existência de outro *guardar*: “Sou um guardador de rebanhos./ O rebanho é os meus pensamentos...” (Caeiro, 2005, p.34). Guardo meus pensamentos, sentimentos e a presença de pessoas que me foram significativas.

Foi neste envolvimento pesquisadora/pesquisa que, entre tantas buscas, surpreendi-me ao encontrar um exemplar do meu primeiro livro de leitura: *a Cartilha Sodr e*, de Benedicta Stahl Sodr e. Tocar novamente aquele livro-objeto me fez voltar à primeira s erie, possibilitou-me reconstruir lembranças.

Lembrei-me de meus amigos, da escola, da professora, da minha sala de aula, dos cartazes na parede. Lembrei-me de mim – a menina mi uda – vestida de saia de pregas, camisa branca e com uma pasta de pano nas m aos.

Folhear as ilustrações e as atividades ali expostas mostrava cada momento em que as realizara; eu relembraava as orientações da professora, a forma de correção, os elogios. Uma ebulição de lembranças, de sentimentos, de cenas vividas.

O livro trouxe-me até sensações do cheiro de álcool da folha mimeografada com um desenho para colorir, do aroma da sopa de fubá com ovo que pairava pelo corredor. Foram detalhes preciosos restituídos num instante...

Pude, nessa experiência, sentir as emoções que esse objeto evoca e compreender a importância atribuída ao objeto-livro pelos sujeitos entrevistados. Olhar para o livro foi olhar para um momento da minha infância que parecia estar perdido no esquecimento. Isto me mobilizou a encontrar outros livros que me marcaram na infância: *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Terra de Oz*, de L. Frank Baum.

3.2 Os desafios para se chegar aos entrevistados

A pesquisa toma como ponto de partida, para a busca de seus entrevistados, a *palavra* em sua oralidade, por estar em pleno envolvimento com o que se sabe, com o que se conhece e, principalmente, com o que se vivencia. A palavra é o elo entre os homens, a ponte de interação entre o locutor e o ouvinte.¹¹

A fala, para Bakhtin (2004), compreende dois lados, duas realidades; efetua-se tanto pelo emissor quanto pelo receptor, procede de alguém e dirige-se a alguém.

Para o autor, a palavra está relacionada ou mesmo imbricada de uma essência de sentidos próprios de uma vivência humana, pois: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.” (BAKHTIN, 2004, p. 95).

Também nessa perspectiva, Larrosa (2002) compartilha da premissa de que a palavra é algo intrínseco ao ser humano e que nele constitui uma rede, um emaranhado de pensamentos, emoções, atitudes, convicções expressos pela palavra:

¹¹Cf. BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio deste vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LARROSA, 2002, p. 21).

Nesse sentido, ressaltamos que a palavra possui um valor inestimável, por revelar particularidades tanto do indivíduo quanto do grupo social a que se refere. Possibilita conhecer as principais manifestações sociais e culturais, podendo-se denominar como um “termômetro” que capta, que registra as fases mais transitórias, mais sutis e mais efêmeras das mudanças de uma sociedade.

Com o objetivo de encontrar pessoas que tivessem guardado o livro de leitura da época em que estudaram, a palavra proferida se fez a ferramenta de apoio para iniciarmos esta busca constante, dia após dia, que se efetuou por meio de perguntas previamente pensadas e proferidas individualmente às pessoas que considerávamos portadoras de tal material.

Em decorrência disso, a pesquisa se deparou com desafios bem distintos. O primeiro e talvez o maior foi encontrar pessoas que não estavam perdidas, mas, eu diria, escondidas num montante de outras tantas pessoas que formam a sociedade.

Tínhamos a princípio apenas uma senhora, Maria Efigênia, 77 anos, a qual guardou todos os livros do período em que estudara: a série *Meninice*, de Luís Gonzaga Fleury, uma coleção de quatro livros (1.^a a 4.^a séries), de 1948. Essa atitude inspirou-nos à pesquisa, fomentou-nos a inquietação: *o que levaria uma pessoa a guardar por tanto tempo um livro?*

A partir desse questionamento, tomamos como iniciativa encontrar outras pessoas que também tivessem guardado seus primeiros livros de estudo. Inicialmente, o critério para a realização das entrevistas era procurar pessoas acima de 50 anos que trouxessem consigo os livros de leitura ou cartilha da primeira série do período em que estudaram, a partir de uma pergunta mobilizadora: *“você guardou o livro em que estudou na primeira série?”*

Foram meses de busca constante, através de perguntas feitas pessoalmente ou por telefone, direcionadas às pessoas da família (tios, tias, avós, bisavós, primos), vizinhos, parentes de vizinhos, amigos, parentes de amigos, conhecidos, pessoas que iam surgindo de um garimpo feito de uma reflexão: *“quem poderia ter guardado o livro em que estudou na primeira série?”*

Em conversas nos encontros de família, nomes de possíveis portadores do material de leitura eram sugeridos pelos parentes da pesquisadora, num ecoar de lembranças de várias pessoas conhecidas. Durante a conversa com os parentes, elegiam-se dois critérios para essa

indicação: o primeiro remetia ao fato de o sujeito possuir ou não a qualidade de ser cuidadoso ou um colecionador de coisas antigas; pensava-se no indivíduo como alguém que não se desfaz de seus pertences, como aquele que “*guarda tudo*”, passando a ser esse, então, um indício de ele ser o possuidor do livro do período em que estudou.

Outro fator discriminado foi o grau de formação de uma pessoa. As qualidades eleitas estavam entre ser ou não, uma pessoa “*estudada*”; gostar muito de ler ou por ser, ou não, um(a) professor(a) antigo(a). Assim, conforme as pessoas mencionadas apresentassem alguns desses critérios levantados, provavelmente, conservariam consigo os livros.

Esses preceitos mostraram nem sempre ser verdadeiros. Muitas das pessoas eleitas por atenderem a tais critérios – serem cuidadosas, colecionadoras, leitoras, professores antigos, pessoas instruídas – não tinham conservado consigo o livro da época em que estudaram; outros guardaram até um determinado tempo, mas depois se desfizeram deles.

Embora as sugestões não alcançassem os resultados esperados, é fundamental destacar a mobilização e a contribuição da família, dos amigos e parentes de amigos na busca pelos entrevistados, uma demonstração intensa de solidariedade à pesquisa. Alguém, de alguma forma, queria contribuir e, assim, saíam à procura de pessoas que tinham guardado o livro da primeira série. Perguntavam a parentes, amigos e conhecidos que, muitas vezes, nem mesmo residiam na cidade de Pouso Alegre.

Com isso, houve uma dificuldade de se contabilizar a quantas pessoas foi necessário recorrer até se encontrar os entrevistados, pois muitos deles moravam em cidades vizinhas ou nas proximidades de Pouso Alegre. Dentre as localidades, podemos citar: Cachoeira de Minas, Santa Rita do Sapucaí, Conceição dos Ouros, Paraisópolis, Lavras, Monte Sião, Silvianópolis, São Gonçalo do Sapucaí, Borda da Mata, Machado, entre outras.

A maioria das pessoas a quem se remetia a pergunta tinha uma reação saudosista surpreendente; algumas, a princípio, diziam não se lembrar do livro, trocavam risos devido ao tempo em que isso ocorrera. Outros, com um olhar fixo no nada, como numa busca silenciosa em suas lembranças mais íntimas, punham-se a nos contar fatos de sua experiência de escola; mesmo sem nada interrogarmos, elas nos contavam como era a escola, a professora e, principalmente, o livro.

Apesar de não possuírem mais o livro, descreviam seu tamanho, cor, forma, as ilustrações que trazia, o que ele continha, como palavras, frases, textos, como era a capa. Todos falavam o

nome do livro, e devagar completavam a recordação, muitas vezes, com o nome completo da escola e da professora. Contavam histórias de como a professora fazia a entrega dos livros, de como realizavam suas leituras e muitos nos disseram “*que pena que eu não tenho o livro.*”

Quais os motivos que orientariam as respostas dessas pessoas interrogadas para expressarem tal lamento? Seria por não serem as escolhidas para uma entrevista? Por não poderem concretizar suas lembranças em algo material, que comprovasse, reafirmasse ou mesmo possibilitasse reviver aquelas lembranças?

Em grande parte, as conversas com as pessoas interrogadas sobre a posse de um material de leitura, eram prazerosas, divertidas, com direito a *causos*; às vezes, se alongavam, outras eram rápidas e sem nenhum detalhe. Embora constatássemos que essas pessoas não haviam guardado o livro, elas compartilhavam conosco as histórias de sua vida escolar que surgiam sem encomendas; ardiam por revelar uma prática de leitura vivida e adormecida, aprendida em uma instituição escolar; outras tantas junto à família, num sítio ou fazenda.

A memória é tocada pelas circunstâncias, por situações que ocorrem no cotidiano e automaticamente remetem à lembrança de algo. Ao perguntarmos sobre o livro de leitura da infância, gerávamos uma *ocasião* ideal para a reminiscência.¹²

Um senhor, J. M. (60 anos), por exemplo, contou-nos que, certo dia na escola, um aluno, colega da terceira série, ficou tão nervoso por não conseguir fazer uma avaliação que começou a discutir com a professora. Tãmanha era sua raiva que se pôs a rasgar os próprios cadernos; quanto mais a professora ficava brava, mais ele rasgava. Rasgou todos os cadernos, até que sobrou apenas o livro e a professora indagou: “*você vai rasgar este também?*” Ele não conseguiu; olhou o livro, tocou-o e não o rasgou.

Outro senhor, P. V. (74 anos), contou-nos que a escola ficava a quinze quilômetros de sua casa e que ele percorria essa distância a pé. Todos os dias, realizava essa caminhada (ida e volta) descalço, embora levasse consigo os sapatos; ele fazia isto para não sujá-los nem estragá-los, por ser aquele seu único calçado. O livro, ele não o tinha conservado consigo, pois usara um da escola, mas nos disse com orgulho: “*O nome dele eu sei: ‘Salve, Oh! Pátria Brasileira’, era um livrinho assim: pequeno com uma bandeira na capa.*”

Encontramos uma senhora, D. B. (77 anos), que guardara o livro de receitas da mãe, intitulado: *Livro de receitas*, um manuscrito, com data de 1910, feito pela mãe para compor o

¹² Cf. CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 163.

enxoval. Demonstra um imenso carinho por aquele manuscrito, considerado, por ela, um livro e um objeto muito significativo. A relação estabelecida com esse objeto-livro é envolvida por sentimentos tão fortes capazes de (re)criar a presença da própria mãe. Falou-nos, com emoção, sobre o que esse livro significa para ela: “Ah, é uma relíquia, é uma presença dela junto com a gente, não sei, era uma coisa que ela usou tanto, manuseou, a gente põe a mão e pode sentir o contato dela, a gente tem essa impressão...”

Encontramos também um senhor, A. F. (50 anos), residente da zona rural, portador de deficiência visual de nascença o qual não lê nem escreve, mas que conserva quatro livros: três Bíblias que eram de seu pai, com diferentes livros do Antigo testamento, datadas de 1932, e um livro pequeno, intitulado *Manual de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, que era do seu avô, com a data de 1908. Contou-nos que trechos destes livros eram lidos quase que diariamente por seu pai, o qual reunia os filhos, geralmente na cozinha, ao redor do fogão à lenha, para ouvirem a *palavra divina* como uma forma de catequese familiar.

Ao recorrermos às pessoas, oportunizávamos uma ocasião para uma lembrança:

A ocasião, apreendida quando surge, seria a própria transformação do toque em resposta, “uma inversão” da surpresa esperada sem ser prevista: aquilo que o acontecimento inscreve, por mais fugitivo e rápido que seja, é-lhe devolvido em palavra ou em gesto. Lance a lance. A vivacidade e a precisão da devolução são indissociáveis de uma dependência em relação aos instantes e de uma vigilância que marcam com tanto mais vigor quanto menos lugar próprio tem para se proteger contra eles. (CERTEAU, 1994, p. 164).

O fato ou um acontecimento vivido que fica retido e que se libera por estímulos externos, ou seja, o momento imprevisto, denominado pelo autor como a *surpresa*, é utilizado como um despertar de reminiscências. Criávamos uma ocasião para que cada pessoa retomasse um momento vivido, o qual estava retido, guardado, e agora precisava emergir. Este momento foi concretizado através das histórias que nos contavam.

Interrogamos muitas pessoas, que mesmo não tendo conservado seus livros, e que, por conseguinte, não poderiam fazer parte do grupo de entrevistados, cediam-nos inúmeras histórias e fatos da época em que estudaram, compartilhando conosco aquilo que haviam guardado: suas lembranças.

Mesmo que não fôssemos aproveitá-las como fonte de análise para a pesquisa, essas narrativas foram ouvidas atenciosamente. Tais lembranças davam-nos a ideia ora de uma aprendizagem bem-sucedida, repleta de boas recordações, ora se direcionavam a uma

aprendizagem envolvida por diversas dificuldades. Foi o caso da senhora D. B.: por se encontrar distante da temática proposta, sua entrevista não foi levada a efeito como material de análise, ainda que a pessoa tivesse se prontificado a concedê-la.

A maior parte das lembranças que revelavam uma aprendizagem de sucesso, se constituía de narrativas referentes às situações de sala de aula ou fatos referentes à aprendizagem da leitura e da escrita. Nessa circunstância, contavam-nos como era o livro de leitura ou cartilha, como se procedia à entrega desse material; descreviam os procedimentos metodológicos, revelavam características da escola, da professora e, principalmente, da infância. As palavras *saudade* e *infância* marcam os sentimentos de um tempo que se foi, mas que deixou muitas lembranças significativas.

Nas lembranças, cujo enfoque era dado às dificuldades passadas, destacam-se as descrições dos inúmeros obstáculos que aquelas pessoas encontravam para estudar como: a distância da escola, pois muitos moravam na zona rural e, sem um transporte coletivo, percorriam quilômetros a pé para chegarem à instituição escolar; a falta de material tanto da instituição escolar quanto do aluno; a escassez de um suporte pedagógico básico para iniciar uma aprendizagem: possuir um lápis, um caderno e um livro era privilégio de poucos. Destacavam a barreira da adaptação à metodologia disciplinar utilizada pelos professores, por meio de coerções e de castigos. Ressaltavam a dificuldade socioeconômica; muitos, enquanto crianças, tiveram de parar de estudar para trabalhar, uma ajuda necessária ao sustento da família e às despesas da casa. Remeter ao passado, para aquelas pessoas, representa um fato quase que heroico, por terem vencido as penalidades que lhe foram reservadas pelas circunstâncias da vida.

Deparamo-nos com outro desafio, uma circunstância inesperada: a desautorização de uma entrevista. Ao encontrarmos algumas pessoas que guardaram o livro do período em que estudaram, deparamo-nos também com uma rejeição do portador em participar de uma pesquisa que se daria através de uma gravação em filmadora. Por se tratar de pessoas idosas que trazem características peculiares de um determinado tempo e cultura, não consentiram na realização da entrevista. Essa foi uma grande dificuldade para a pesquisadora, pois além do fato de encontrar alguém que tivesse uma cartilha da época em que estudou ser uma perfeita raridade, aceitar e respeitar a decisão de não participar, provocava um sentimento de frustração e de inconformidade a ser superado. Encontramos dois senhores (A., 84 anos e V., 70 anos) e uma senhora (C. C., 71

anos) que, apesar de terem consigo o livro, não aceitaram realizar uma entrevista gravada, nem mesmo manter uma conversa sobre o livro.

A mim, pesquisadora, foi reservado um desafio bem particular: conter o ímpeto da curiosidade e da ansiedade por descobrir novos sujeitos. Ao deparar-me com um(a) senhor(a) em diferentes lugares e situações, era inevitável o desejo de abordá-lo sobre seus primeiros livros de leitura. Olhar para o(a) idoso(a) remetia à lembrança do livro e à pergunta: “*será que ele(a) guardou o livro em que estudou?*” Uma indagação que, muitas vezes, foi conveniente não ser proferida, por se tratar de pessoas desconhecidas, sendo necessário um autocontrole para não interrogar todos os(as) senhores(as) que iam surgindo pelo caminho.

Mesmo com pessoas denominadas como conhecidas foi imprescindível, no momento da aproximação, um cuidado com as palavras; procurou-se promover um contato inicial, uma pequena conversa e a formulação de uma justificativa àquela pergunta lançada, atribuindo um valor a esse questionamento, a essa pesquisa. Considerando que “também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isto” (LARROSA, 2002, p. 21).

3.3 O encontro dos entrevistados: um garimpo em meio às histórias de uma sociedade

Entre tantas conversas e histórias interessantes que foram compartilhadas conosco, o momento mais significativo foi a obtenção de respostas afirmativas. O encontro de outras pessoas que também guardaram seu livro da época em que estudaram foi muito comovente e, mesmo sendo apenas um primeiro passo para a realização da pesquisa, sentia a cada encontro a alegria de uma grande vitória, talvez em decorrência das dificuldades que procederam à busca e pelo convívio com a constante incerteza de achar mais uma pessoa. Quando tínhamos a efetivação do fato, era impossível conter a felicidade por aquela descoberta.

Tínhamos conquistado um novo patamar para a pesquisa: trazíamos agora os possuidores de uma experiência de leitura com o livro, os quais nos possibilitariam esse conhecimento por meio de suas narrativas.

Nessa direção, Benjamin (1994) mostra-nos que a experiência é a fonte a que recorrem os narradores. Escreve que há dois grupos de narradores: aqueles que viajam o mundo e trazem histórias das experiências que vêm de longe, e aqueles que não saíram das suas terras e que trazem as histórias das experiências de sua cultura e de suas tradições.

Nesta etapa da pesquisa, estávamos incumbidos de nos aproximar desses narradores e conhecer quem eles eram, bem como quais as narrativas de experiências de leitura eles teriam vivenciado a partir de um livro-objeto.

Ao nos aproximarmos desses futuros narradores, sentimentos de surpresa e comoção eram nítidos, uma manifestação em duplicidade: de um lado, uma pesquisadora que transbordava alegria por ver possível a realização de uma pesquisa acadêmica, de outro, a satisfação de uma pessoa que poderia identificar-se como *comum*, ser um(a) escolhido(a) para uma entrevista, por conservar algo, um objeto, que também poderia ser identificado como *comum* – um livro – que até então só tinha um valor e sentido para si mesmo. Havia um reconhecimento e valorização do outro, num sentimento de reciprocidade, numa crença de que “todos somos uns para os outros e outros para uns, enquanto há alguma possibilidade de identificação, de reconhecimento.” (GARCÍA, 1998, p. 24).

Ao obter a confirmação de algumas pessoas, certificávamo-nos da veracidade do fato, conversávamos sobre o livro, as circunstâncias em que fora adquirido, pedia-se o consentimento para realizar as entrevistas como também para fotografar ou escanear o material preservado.

A descoberta das pessoas pode ser caracterizada como a ação de um verdadeiro garimpo: cansativo, árduo, mas constante. Muitas vezes, o convívio com a incerteza levou-nos a pensar na impossibilidade de se encontrarem outras pessoas que tivessem conservado seu livro. No entanto, como a esperança e a necessidade de continuar é que movem o trabalho de um garimpeiro, persistimos na busca.

O resultado obtido nessa procura incessante – laborioso garimpo – foram nove preciosidades para a pesquisa. Encontramos nove pessoas que guardaram o livro e que aceitaram participar da entrevista.

4.4 Do entrevistado à entrevista: conhecendo as preciosidades

Cada pessoa teve sua história particular de identificação: duas faziam parte da família da pesquisadora, outras foram indicadas por uma das entrevistadas, outros eram conhecidos, frutos de levantamentos realizados nas conversas ao redor da mesa em tardes de domingo.

A aproximação com essas pessoas ocorreu de forma variada; algumas foram resultados de conversas que ocorreram pessoalmente, outras por telefone ou por *e-mail*. Mas com todos os sujeitos, realizamos um primeiro contato antes de efetuar a entrevista.

Após nos certificarmos do consentimento para a gravação e da veracidade do material, partíamos para o momento de preparação para a execução das entrevistas.

Nesse primeiro contato com cada entrevistado, entregávamos dois textos. O Termo de Consentimento¹³, continha o objetivo da pesquisa e os procedimentos da entrevista, salientando as responsabilidades éticas do pesquisador. O segundo texto constituía-se de um questionário¹⁴, com as perguntas previamente elaboradas, a fim de que os candidatos pudessem ler com antecedência e se prepararem ou refletirem – se quisessem – não somente numa elaboração das respostas, mas era como um provocador de lembranças sobre uma época da vida que precisava ser lembrada, reconstruída.

Com uma entrevista semiestruturada, que possibilitou aos candidatos um tempo maior para análise das questões, nosso objetivo se dividia em promover e estimular a naturalidade de uma conversa e, com isso, amenizar o constrangimento diante de uma pessoa desconhecida.

A conversa foi gravada por meio de filmagem, com uma filmadora, manipulada pela própria pesquisadora, a fim de captar melhor o som ambiente e permitir a retomada das imagens do momento da entrevista, as quais não serão exibidas e, sim, utilizadas somente para uso das análises restritas à pesquisa. Esse recurso trouxe-nos maior facilidade à pesquisa tanto no olhar para a postura, gestos, expressões faciais dos depoentes no decorrer da conversa como também nas posteriores transcrições.

Procurando estabelecer um primeiro diálogo com cada entrevistado, pedimos inicialmente uma apresentação espontânea; com isso, outras perguntas foram acrescentadas sobre a vida profissional ou mesmo em relação aos fatos que nos eram narrados, tendo em vista que “a grande

¹³ Anexo B, página 140.

¹⁴ Anexo C, página 141.

vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada.” (LÜDKE, ANDRÉ, 1986, p. 34).

O historiador convive com uma arte surpreendente: a arte do ouvir. A entrevista, sedimentada por tal ação de escuta, mostra-se um momento enriquecedor tanto para o entrevistador quanto para o entrevistado. O respeito e consideração pelo depoente são primordiais: primeiro porque estamos trabalhando com um ser humano que tem sua importância pela sua individualidade. Segundo porque buscamos nele as histórias de um tempo que trazem informações sobre uma prática de leitura, as quais poderão ou não, responder às inquietações que movem a pesquisa. O entrevistado torna-se um narrador de histórias, o possuidor de uma experiência com um livro; somente ele decidirá compartilhá-la conosco por um ato de plena vontade. O respeito por ele é fundamental.

As entrevistas foram planejadas e agendadas no dia e horário que melhor conviessem para cada depoente. O local da realização da entrevista também foi sugerido individualmente, de acordo com a facilidade de acesso à residência ou o grau de intimidade entre a pesquisadora e entrevistado.

Podemos salientar alguns aspectos de relevância a princípio observados; primeiramente, a predominância do público feminino: oito das entrevistadas eram mulheres, em uma faixa etária que oscilou dos 50 aos 80 anos. Outro ponto foi a ligação profissional com a educação: dessas oito senhoras, seis eram professoras. A maioria residia em Pouso Alegre, embora nem todos fossem naturais dessa cidade. Cinco dessas pessoas preferiram ser entrevistadas em sua própria residência, outras três sugeriram o seu local de trabalho como melhor opção e uma sugeriu a residência de outra entrevistada.

Tivemos apenas uma entrevistada que não aceitou ser filmada nem mesmo permitiu que gravássemos em K7 nossa conversa, mas aceitou e se prontificou em responder todas as perguntas por escrito.

As entrevistas tiveram duração média de vinte a trinta minutos, variação decorrente da disponibilidade de cada depoente.¹⁵

Para a obtenção de uma melhor apreensão e visibilidade, dispusemos em forma de tabela os principais dados referentes aos entrevistados:

¹⁵ Anexo A, página 139.

TABELA I:

DADOS REFERENTES AOS ENTREVISTADOS						
CANDIDATOS	SEXO	IDADE	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO
Efigênia	F	77	Pouso Alegre-MG	4. ^a série	Casada	Dona de casa
Bernadete	F	60	Paraisópolis - MG	Ensino superior	Casada	Professora
Dirce	F	60	São Paulo - SP	Ensino médio	Casada	Dona de casa
Cida	F	64	Mogi Guaçu - SP	Mestrado	Casada	Professora universitária
Virgínia	F	57	Ouro Fino - MG	Mestrado	Casada	Professora universitária
Nubinha	F	69	Borda da Mata - MG	Ensino superior	Viúva	Supervisora
Pe. Márcio	M	48	Itabira - MG	Mestrado	Solteiro	Sacerdote
Maria Helena	F	59	Pouso Alegre - MG	Ensino superior	Casada	Supervisora
Maria de Barros	F	84	Paraisópolis - MG	Ensino superior	Solteira	Supervisora

3.5 Entrevista e entrevistadora: uma relação dialógica

A pergunta outrora proferida – *o que leva uma pessoa a guardar seu material de leitura por décadas?* – espera a devida resposta, cujas palavras possibilitem um bom conteúdo para ser analisado. A entrevista se analisada nesta *perspectiva fatista*¹⁶ gera apenas a interpretação de uma atividade entre um interlocutor que instiga o outro a falar aquilo que precisa ser ouvido, como apenas um momento de escuta e espera pelas respostas oportunas.

Precisava instigar um diálogo, sem interferir com minhas palavras; precisava estimular uma fala, sem interromper os entrevistados, para que eles se permitissem expressar fatos e sentimentos, numa narrativa mais próxima às situações de interlocução “espontânea”, cuidando para não cair na tentação de acreditar que, nas entrevistas acadêmicas, “não haja jogos de representações e imagens, negociações e disputas, escaramuças e retiradas estratégicas” (HESSEL, 2002, p. 122).

Assim como nos versos de QUINTANA (1989, p. 150): “o exercício da arte poética é sempre um esforço de auto-superação e, assim, o refinamento do estilo acaba trazendo a melhoria da alma”. O realizar das entrevistas – entre o roteiro a ser seguido e as perguntas emitidas – foi um esforço de autossuperação, um refinamento de um estilo de ser/estar diante do imprevisível, que, sem dúvida, possibilitou-me melhorias enquanto entrevistadora e pesquisadora.

Semelhante à situação do poeta que busca sua inspiração para realizar sua escrita, eu, diante dos entrevistados, buscava a inspiração para o iniciar das entrevistas na própria necessidade de efetuar a pesquisa.

No entanto, como todo ser humano, esbarrei em minhas próprias limitações, por não possuir uma versatilidade com as palavras, cercada por uma timidez. Às vezes, para meu constrangimento, deparava-me com a acompanhante: a elipse que, ora numa ausência de palavras, ora num esquecimento de vocábulos, nas insignificantes fugas dos pensamentos, eu parecia despida da eloquência, da linguagem inatingível. Quando entram em cenas pessoas desconhecidas, o esforço para o diálogo torna-se maior. Era necessário ir além de minhas limitações; precisava realizar as entrevistas, teria de vencer minhas dificuldades pessoais.

¹⁶ Cf. HESSEL, R. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: VORRABER, M. C. (org.) **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Paradoxo inesperado: ao estar diante dos(as) entrevistados(as), percebi que o maior constrangimento não era o meu. Quando me viam instalando uma câmera de vídeo para a gravação, ficavam visivelmente constrangidos, sem posição para o corpo, preocupados com o que deveriam falar ou em esquecer alguma coisa. Embora o acanhamento não fosse apenas unilateral, eu não podia intimidá-los; precisava transmitir-lhes tranquilidade, pensava nas abundantes recomendações metodológicas para a abertura de um *clima* favorável à entrevista, segundo uma concepção um tanto racional.

Distante dessa compreensão metodológica, o enfoque às entrevistas direcionou-se para a *perspectiva da interação*¹⁷, considerando entrevistadora e entrevistado(a) como sujeitos parciais. Uma perspectiva que possibilitou olhar as falas dos respondentes, não apenas como uma única fonte de informação, mas toda a situação de interação como um objeto de análise, como uma relação dialógica. (HESSEL, 2002).

Assim, pedi-lhes que iniciassem falando um pouco sobre quem eles eram, que se apresentassem: um momento inicial que trouxe maior expressividade para o decorrer da entrevista. Falar de si mesmos seria um desafio (talvez) para eles, mas seria também, uma maneira oportuna de abertura ao diálogo.

Outras perguntas se estenderam a partir dessa apresentação, elaboradas de acordo com os dados pessoais fornecidos ou mesmo como uma forma de amenizar dificuldades que o depoente manifestava em sua comunicação. Contudo, aos poucos eles deixavam de olhar para a câmera, para mim, a entrevistadora e, por fim, muitas vezes, viam-se em total liberdade para falarem de si mesmos, do livro e das histórias que esse objeto guardava.

Ao me aproximar dos sujeitos entrevistados, encontrava-me equipada de expectativas. Almejava do respondente uma história única entre um leitor e o seu livro. Esperava o inesperado, mas, a quem compete prever as respostas de um entrevistado?

A ideia inicial da situação até pode ser deslocada, modificada, negada... na medida em que o intercambio se desenvolve. Em que o questionamento envereda por caminhos insuspeitos, em que entrevistador se torna um cúmplice ou, decididamente, uma espécie de inquisidor, mas o enquadramento inicial do que vai acontecer é imprescindível. (HESSEL, 2002, p. 126).

Do imprevisível não veio apenas uma história, mas muitas histórias que o objeto-livro trazia consigo: era um fato constatado que eu não podia recusar. O relato tornou-se um revelador

¹⁷ Cf. ALASUUTARI, Pertti. **Researching Culture** – qualitative method and cultural studies. London: Sage, 1995.

de experiências de leituras próprias de um tempo, para muitos, esquecido, que se abria dentro daquele livro/cartilha/almanaque. A história do primeiro livro de leitura dos depoentes transformava-se numa somatória de muitas outras histórias:

Nossa história são muitas histórias. Em primeiro lugar, porque, muitas vezes não a contamos para nós mesmos, mas a contamos a outros. E a construímos levando em conta o destinatário. Procurando provocar uma interpretação (sua interpretação) e procurando controlá-la. E aqui se abrem múltiplas diferenças, múltiplos espaços de sentido. Em primeiro lugar, porque nossas histórias são distintas conforme a quem a contamos. (LARROSA, 1996, p. 474 *apud* VORRABER, 2002, p.134).

Nessa relação dialógica, tanto a entrevistadora quanto o(a) entrevistado(a) agem com certa dosagem de interesses. Se em dado momento foi-nos concedido um depoimento, com a intenção de provocar-nos uma interpretação distinta, estaríamos, agora, diante de um novo momento para a pesquisa: a análise dos discursos proferidos, a ação da pesquisadora, que, diante das transcrições, observa as suas características, questiona-as e ressignifica-as.

4 O OBJETO-LIVRO: DO GUARDAR AO (RE)LEMBRAR

4.1 A ação de guardar sob diferentes perspectivas

*Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.*

*Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.*

*Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.*

Antônio Cícero

O encontro com as pessoas portadoras do livro do período em que estudaram, foi um desafio parcialmente superado. Não se encerrou apenas em uma resposta afirmativa: estávamos agora diante de um novo patamar de dificuldades. Precisávamos, então, compreender a própria ação de guardar este material de leitura.

Tínhamos nove pessoas para a realização das entrevistas, as quais conservaram os livros em condições diferentes das quais esperávamos encontrar. A princípio nos propusemos a procurar pessoas guardadoras do livro em que havia estudado, até mesmo acreditávamos que somente encontraríamos pessoas que conservassem consigo o livro “*original*”¹⁸, o qual foi o objetivo primordial da pesquisa.

No entanto, defrontamo-nos com uma situação diversa de um valor inestimável para este trabalho, que foi a análise da constatação de que o ato de conservar o livro poderia assumir diferentes conotações.

Algumas pessoas não tinham o livro do período em que estudaram, mas tinham consigo outro exemplar do mesmo livro. Esse fato moveu-nos a um olhar para as atitudes de busca e para possíveis causas que levam ao reencontro do objeto de leitura. Tais pessoas, num determinado

¹⁸ Optamos pela utilização do termo “original” para identificar este livro como o mesmo exemplar usado na época da escolarização.

momento de suas vidas, sentiram-se movidas a procurá-los. Isso se efetuou por motivos semelhantes entre eles, embora os meios para aquisição fossem bem específicos.

Portanto, o guardar o livro pelos leitores selecionados se apresentava em três situações distintas: o guardar o mesmo livro estudado, o guardar outro exemplar do livro e o guardar o livro de outra pessoa.

4.1.1 O livro *original*

Podemos denominar esta ação de guardar como *original*, pois neste caso, o portador do material conserva consigo, durante décadas, o mesmo livro de leitura que usou na sua fase escolar. Pessoas que, apesar do tempo, das situações de vida, das mudanças de casa ou cidade, não se desfizeram do livro, trazem-no consigo e por ele cultivam um grande afeto.

O livro, nessa situação, não se restringe apenas a um material de leitura de primeira série, um fato que nos levou a repensar nosso primeiro propósito da pesquisa, cujo objetivo era localizar o livro utilizado na primeira série escolar por uma determinada pessoa.

Diante disso, assumimos uma nova postura e tomamos, como novo propósito, questionar pessoas que guardaram o seu primeiro livro de leitura, ou ainda, um material de leitura significativo da sua infância, não somente restrito à primeira série, mas que poderia estar ligado a outras séries do ensino primário.

Os entrevistados trouxeram para a conversa os livros de leitura que conservaram porque consideravam que esses objetos representavam um momento significativo de sua vida. Destacaremos, por conseguinte, os livros, quem os conservou, as situações, fatos e ações que envolveram essa relação num determinado tempo e lugar.

Encontramos cinco senhoras que guardam o livro *original*, o mesmo material de leitura do período em que estudaram:

1. Efigênia guarda a série *Meninice*, de Luís Gonzaga Fleury, há sessenta e um anos. Tal série foi publicada a partir de 1935, pela Editora Nacional, na cidade de São Paulo. Composta por cinco livros, de cunho didático, cada volume é destinado a uma série escolar, cuja denominação utilizada é *grau*. Segundo Pfromm Netto (1974), a circulação desta série no Brasil é estipulada entre 1930 a 1950 aproximadamente.



Ilustração 1 - FLEURY, Luís Gonzaga. **Meninice**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

A capa dura desta série traz a mesma ilustração colorida (três crianças lendo um livro: dois meninos e uma menina), a mesma tipografia e o mesmo tamanho 19,5cm x 13cm, em todos os volumes, diferenciando-se apenas na cor e no uso de uma numeração ordinal para destacar a qual série o livro está direcionado. O primeiro livro da série, a *Cartilha*¹⁹, não traz numeração na capa, identifica-se pela palavra *cartilha* abaixo do título – exemplar que a Sra. Efigênia não possui.

O primeiro livro traz a cor azul na capa, possui 96 páginas, contendo 44 textos curtos, a maioria narrativas e algumas poesias. Acima de cada texto está uma ilustração de contorno preto, sem preenchimento de cor. O segundo livro, de capa alaranjada, possui 125 páginas, com 45 textos, entre eles: contos, fábulas, narrativas, poesias e textos de Ciências Sociais (contemplando datas cívicas). Logo abaixo dos textos, há um vocabulário.

O terceiro livro possui a capa amarela, contém 155 páginas, com 42 textos; o quarto livro identifica-se pela cor verde na capa, possui 180 páginas e contém 48 textos. Ambos são compostos por narrativas, contos, fábulas, poesias e alguns textos de Ciências Sociais e Naturais.

Os livros do terceiro e do quarto *graus*, além do vocabulário para uma complementação ao texto, trazem sentenças gramaticais (classes de palavras, por exemplo: substantivos, adjetivos, verbos); logo depois pequenos exercícios referentes à classe de palavra explorada naquela lição, seguida de uma orientação para o professor.

¹⁹ PFROMM NETTO, S. **O livro na educação**. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974, p. 165. Esta cartilha encontra-se numa relação das publicadas entre 1930 e 1940. Pode-se obter a imagem e a classificação desta cartilha como uma obra produzida nos anos 50 do século XX, a partir da consulta ao Catálogo Digital “Memória da Cartilha”, pertencente ao Acervo da Biblioteca Setorial de Educação da UFRGS, disponível em: <<http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/index1.html>>.

2. Maria Bernadete guarda a *Cartilha Lalau, Lili e o Lobo* há cinquenta e dois anos.

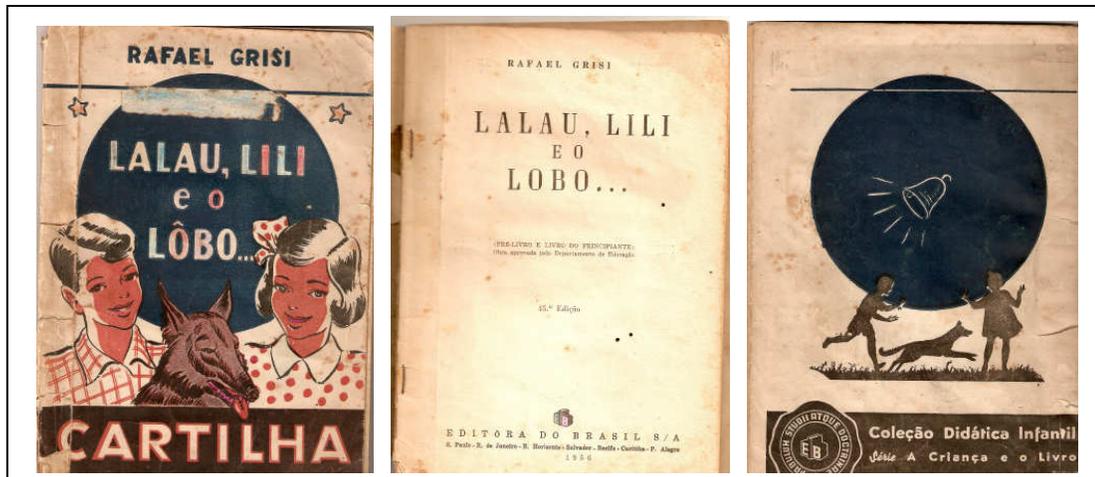


Ilustração 2 – GRISI, Rafael. **Cartilha Lalau, Lili e o Lobo**. 45. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1956.

A cartilha *Lalau, Lili e o Lobo*, de Rafael Grisi, publicada a partir de 1945 pela editora do Brasil, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Curitiba e Porto Alegre, de acordo com Pfromm Netto (1974), teve mais de oitenta edições saídas dos prelos até o início da década de 60.

Pertencente à série *A criança e o livro (Uma história e depois... Outras I, II, III, IV)*, de Rafael Grisi, essa cartilha é o primeiro volume de uma série de narrativas sobre os personagens: Lalau, o menino, Lili, a menina e o Lobo. A cartilha mede 23cm x 16cm, possui 78 páginas, com 23 textos. F. Nogueira e O. da Silva são os ilustradores dessa obra.

A capa do impresso traz as ilustrações dos personagens principais da história: Lalau, Lili e o Lobo, juntos e felizes. Acima de todos os textos encontra-se uma ilustração, com um contorno preto e alguns detalhes dos desenhos são coloridos em uma cor única: laranja.

Os textos são curtos: ocupando uma única página, de cada um deles se extrai um banco de palavras, e dessas palavras, as sílabas que serão trabalhadas. No final da página, destaca-se uma frase do texto em letra cursiva. A cartilha também traz exercícios que podem ser feitos no próprio livro. A partir da página 62, os textos são um pouco maiores, ocupando duas páginas do impresso. Caracteriza-se por um método global de alfabetização que parte do texto aos grafemas, passando pelas frases, palavras, sílabas.

3. Dirce Sanches guarda o livro *O tesouro da criança*, de Antônio D'Ávila, há cinquenta anos.



Ilustração 3 - D'ÁVILA, Antônio. *O tesouro da criança*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

O livro *O tesouro da criança*, de Antônio D'Ávila²⁰, editado a partir de 1950, na cidade de São Paulo, pela Companhia Editora Nacional, pertence a uma série de quatro livros, destinados às quatro séries do ensino primário. O exemplar guardado por Dirce é o quarto volume, referente à quarta série primária. Possui 173 páginas, com dimensões 19cm x 13cm. É composto por 51 textos, uma coletânea literária de diferentes autores, como Edmundo De Amicis, Ricardo Gonçalves, Júlia Lopes de Almeida, Zalina Rolim, entre outros.

²⁰ Cf. DIAS, M. A. Um estudo sobre *O tesouro da criança* de Antônio d'Ávila (1965), 2006. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista: Marília, 2006. TREVISAN, T. A. *Um estudo sobre Práticas escolares (1940), de Antônio d'Ávila*. 2003. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

Os textos variam entre narrativas, contos, lendas, poesias ou textos que discorrem sobre fatos ou personagens da História do Brasil. Acima de cada texto, há uma pequena ilustração, de Libaldo Costa, sem cor; conta apenas com um contorno preto. Somente a capa traz a ilustração²¹ colorida. Após o texto, segue um vocabulário; depois, ora o autor traz noções gramaticais, ora exercícios. Nas últimas páginas do livro, o autor escreve quatro páginas de um guia para redações, um manual com instruções e questionamentos sobre um determinado tema proposto.

4. Cida Francescato guarda o almanaque *Jeca Tatuzinho* há sessenta e quatro anos.



Ilustração 4 – LOBATO, Monteiro. *Jeca Tatuzinho*. 13. ed. São Paulo, 1944.

Jeca Tatuzinho foi um personagem criado por Monteiro Lobato em 1924. O almanaque traz uma história única, uma narrativa de um caipira que sofre de uma doença, verminose. Ao procurar o médico, passa a curar-se. Este o instrui sobre os cuidados com a higiene e o uso do remédio, *Biotônico*. Os novos procedimentos dão ao *Jeca Tatuzinho* ânimo para o trabalho e prosperidade na sua fazenda.

A criação deste impresso está agregada à necessidade de se criar noções de higiene às crianças, aos jovens e aos adultos, de se promover uma vida mais saudável e de se divulgar os produtos como o *Gripargil*, o *Maleitosan*, o *Ankilostamina* e, naturalmente, o *Biotônico Fontoura*, carro-chefe da empresa, uma das marcas mais bem-sucedidas da história da propaganda brasileira. O *Jeca Tatuzinho* torna-se, então, um guia de instrução de hábitos

²¹Devido ao livro estar encapado e apresentar-se um tanto fragilizado pelo manuseio e o tempo, não retiramos a capa para a obtenção da imagem da ilustração. A capa deste volume encontra-se disponível em: <<http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/index1.html>>.

higiênicos, cuidados com a saúde e de propaganda de um produto: *Biotônico Fontoura* que era distribuído nas farmácias brasileiras.

Na ilustração 4, a última página do almanaque traz as informações sobre o produto, sua ação no organismo, indicações, como também as instruções para o seu uso em adultos e crianças.

Esse almanaque é a 13.^a edição que completava 12 milhões de exemplares distribuídos nas farmácias do Brasil, local onde foi adquirido pelo pai de Cida Francescato, demonstrando, com isso, o sucesso desse trabalho.

Impresso em 24 páginas, com a capa colorida em laranja, as ilustrações internas recebem apenas uma cor, oscilando entre o verde, o laranja, o rosa ou o vermelho, todas acompanhadas pela cor cinza, ilustrado por J. U. Campos, genro de Lobato.²²

5. Virgínia Krepp guarda há cinquenta anos a coleção *Reino infantil*.



Ilustração 5 - Coleção **Reino infantil**. São Paulo: Editora LEP, 1956.

A coleção *Reino infantil* é uma tradução de contos clássicos de Hans Christian Andersen, Charles Perrault, Jakob Ludwig Karl Grimm e outros, editado em 1956 pela Editora LEP. Essa coleção é composta por quinze volumes com uma capa dura esverdeada de textura sobressalente, medindo 22cm x 16cm.

Cada volume traz um revestimento interno com o nome da coleção e ilustrações de alguns dos principais personagens dos contos. A página de rosto traz o nome da coleção, os autores dos contos, a qual volume pertence aquele livro. Essas informações recebem um contorno das ilustrações dos contos da coleção. O exemplar possui 318 páginas, com catorze contos, sem sumário. O título e a primeira palavra do conto são escritos em vermelho; a primeira letra dessa

²² Consulta disponível em: < <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/892.html> >.

palavra é maior e toda ornamentada. Cada conto recebe a ilustração de apenas uma cena da história. Os desenhos são coloridos inteiramente por uma única cor, o vermelho.²³

4.1.2 O livro (re)encontrado

No trajeto da pesquisa, deparamo-nos com pessoas que diziam ter o livro, mas não o mesmo do período em que estudaram. Ou seja, falavam da ação de guardar outro exemplar do livro, uma circunstância na qual a pessoa não traz consigo o objeto que esteve presente no momento da alfabetização ou da escolarização, mas apresenta-nos outro exemplar desse objeto de leitura e a volição do (re)encontro.

Algumas pessoas, em um determinado momento de suas vidas, sentiram-se movidas a procurar o seu primeiro livro de leitura. Impulsionadas por um desejo de possuí-los novamente, foram buscá-lo em sebos, na própria editora ou em bibliotecas escolares.

Embora passasse muito tempo, havia uma necessidade de ter consigo o objeto-livro, outra vez, ora pela profissão, por considerar esse objeto-livro uma referência para o magistério, pelas características metodológicas nele desenvolvidas, ora pelas histórias contidas, por trazer uma narrativa marcante e envolvente ou ainda pelas vivências e experiências de leitura e por tudo que ele um dia representara.

Encontramos três pessoas que foram em busca de seus livros:

²³ Não obtivemos acesso a todos os livros da coleção *Reino infantil*: a análise restringe-se apenas ao segundo volume cujo material foi-nos disponibilizado.

1. Nubinha guarda o livro *A bonequinha preta*, de Alaíde Lisboa de Oliveira.



Ilustração 6 – OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1988.

O livro *A bonequinha preta*, da autora Alaíde Lisboa de Oliveira, é considerado um clássico da literatura infantil. Editado em 1938, pela Editora Francisco Alves, recebe as ilustrações de Marson. Publicado novamente em 1988, pela Editora Lê, ganha uma nova ilustração de Ana Raquel, concede outra imagem à bonequinha. Trata-se de um livro que ainda continua em circulação nacional, reeditado pela mesma editora.

O impresso constitui-se de 39 páginas, medindo 21,5cm x 15,5cm. Traz uma única história, a narrativa de uma bonequinha que anda e fala, e sua dona Mariazinha. O enredo da história se faz a partir do desejo da bonequinha de ver, pela janela, o que se passava na rua. Nessa tentativa, cai num tabuleiro de verduras de um verdureiro que por ali passava. A partir desse episódio, decorre uma aventura na busca pela boneca.²⁴

²⁴ Site consultado: < <http://www.fae.ufmg.br/alaidelisboa>>.

2. Pe. Márcio guarda a série *As mais belas histórias*, de Lúcia Casasanta.

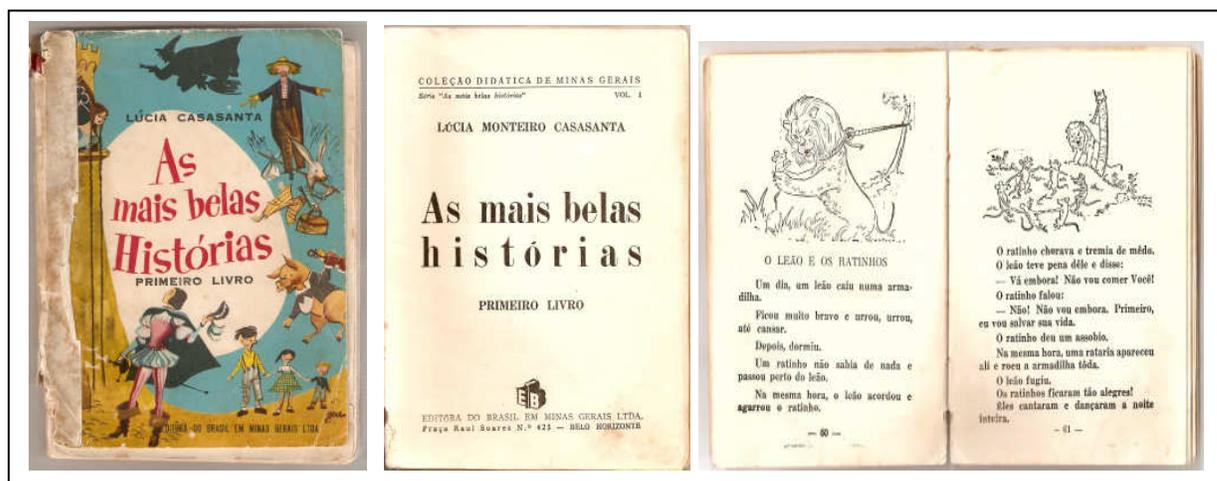


Ilustração 7 – CASASANTA, Lúcia. *As mais belas histórias*. 79. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, [s.d.].

Esta série é composta por quatro livros. Todos os volumes trazem a mesma ilustração na capa. É também da mesma autoria *Os três porquinhos*, um livro da coleção de clássicos utilizado como um pré-livro desta série, destinado a iniciantes na alfabetização. Essa série teve sua primeira edição a partir da década de 30, em Belo Horizonte, segundo Samuel Pfromm Netto (1974).

Este volume é a 79.^a edição do primeiro livro da série *As mais belas histórias*, publicada pela Editora do Brasil, Belo Horizonte (MG). Possui 107 páginas, com tamanho de 18cm x 13cm. Constitui-se de um prefácio e 44 textos, entre eles contos, fábulas, narrativas, poesias e textos bíblicos.

A ilustração da capa é colorida, na qual se destacam alguns personagens das principais histórias do livro; o título, escrito em vermelho, está dentro da lua branca sobre um azul do céu. Entretanto, a ilustração interna não possui cor: os desenhos estão posicionados acima de cada texto, contando apenas com um contorno preto, sem o preenchimento de cor.

3. Maria Helena guarda três livros que acompanharam sua infância:



Ilustra o 8 - *Cartilha Sodr *, Benedicta Stahl Sodr , *Lalau, Lili e o Lobo*, Rafael Grisi e *A Poesia na escola*²⁵

De acordo com os dados obtidos no site da Secretaria de Educa o da Bahia, a 1.^a edi o da Cartilha Sodr  foi publicada em 1940. A partir da 46.^a edi o, em 1948, passou a ser publicada pela Companhia Editora Nacional. Conforme dados da editora, de 1948 até 1989, data da última edi o, a 273.^a, foram produzidos 6.060.3351 exemplares. Em 1977, ela foi remodelada por Isis Sodr  Verganini. Além da altera o no formato da cartilha, foram acrescentadas mais de 30 páginas.²⁶

Este exemplar possui o tamanho de 19cm x 13cm. Apresenta 64 páginas, divididas em sete partes. A autora inicia a cartilha apresentando cada uma dessas partes e os procedimentos para a efetua o do “Processo Sodr  ou Alfabetiza o Rápida”. Cada parte   constituída por li oes que trazem uma sequência de trabalho a partir de uma palavra centralizadora, seguida de um recorte das sílabas que compõe o vocábulo e exercícios de fixa o. As li oes são acompanhadas por uma ilustra o da palavra. As ilustra oes seguem apenas um contorno preto, sem cores. A capa traz uma menina sorridente de frente ao seu livro, com um colorido mais acentuado nas cores verde e laranja.

²⁵ SODR , Benedicta Stalh. **Cartilha Sodr **. 250. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. GRISI, Rafael. **Lalau, Lili e o Lobo**. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1968. MINAS GERAIS. DEPARTAMENTO DE EDUCA O. **A poesia na escola**: coletânea de poesias sugeridas pelos programas de ensino primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956.

²⁶ Dados obtidos no site: <<http://secbahia.blogspot.com/2008/08/cartilhas-de-alfabetizao.html>>.

Este exemplar da cartilha *Lalau, Lili e o Lobo*, de Rafael Grisi, 1968, não traz alterações em relação à publicação de 1956, referida anteriormente. Esta edição mantém as mesmas ilustrações, lições, mudando apenas o fundo de alguns desenhos da cor laranja para uma cor avermelhada.

O exemplar do livro *A poesia na escola* foi publicado em 1953 pela Secretaria da Educação de Minas Gerais e distribuído gratuitamente nas escolas. Este livro é uma coletânea de poesias selecionadas por Lúcia Monteiro Casasanta. O livro possui 177 páginas, em tamanho 14,5cm x 21cm. Não há ilustrações na capa e no interior do impresso.

Os poemas estão divididos de acordo com as quatro séries primárias. A *1.ª Série* possui onze poemas, de Zalina Rolim, de Sílvio Romero, de Henriqueta Lisboa, de F. Faria Neto e de Olavo Bilac. A *2.ª Série* contém dezesseis poemas, de Cecília Meireles, Olavo Bilac, Afonso Lopes Vieira e outros. A *3.ª Série* inclui vinte e três poemas, de Olavo Bilac, Castro Alves, Gonçalves Dias, Humberto de Campos e outros. A *4.ª Série* apresenta vinte e cinco poemas, de Fagundes Varela, Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Tomás Antônio Gonzaga, Gonçalves Dias e outros. As poesias tematizam sobre objetos concretos, reais – como animais de estimação, brinquedos, plantas, insetos – ou situações que ocorrem com as pessoas. Tomem-se, por exemplo: *A boneca*, de Olavo Bilac e *O vagalume*, de Fagundes Varela.

4.1.3 O livro legado

Durante a procura de indivíduos *guardadores* de cartilhas antigas para a efetivação da pesquisa, encontramos uma pessoa que trazia consigo, não o seu próprio material de leitura, mas um material que lhe fora legado pela mãe. Tal ação de guardar um objeto-livro de outra pessoa, não deixou de ser um aspecto relevante para a composição desta análise.

Manter sob ternos cuidados um material sem ligação imediata com sua escolarização, sem o contato ou uso do próprio zelador, mas que foi deixado por alguém que se revelara uma figura marcante e significativa em sua vida – como e quais elementos representativos estariam presentes nessa atitude diferenciada do guardar?

A Sra. Maria de Barros mantém consigo uma cartilha, a *Cartilha nacional* que pertenceu à sua mãe, Sra. Almehy.

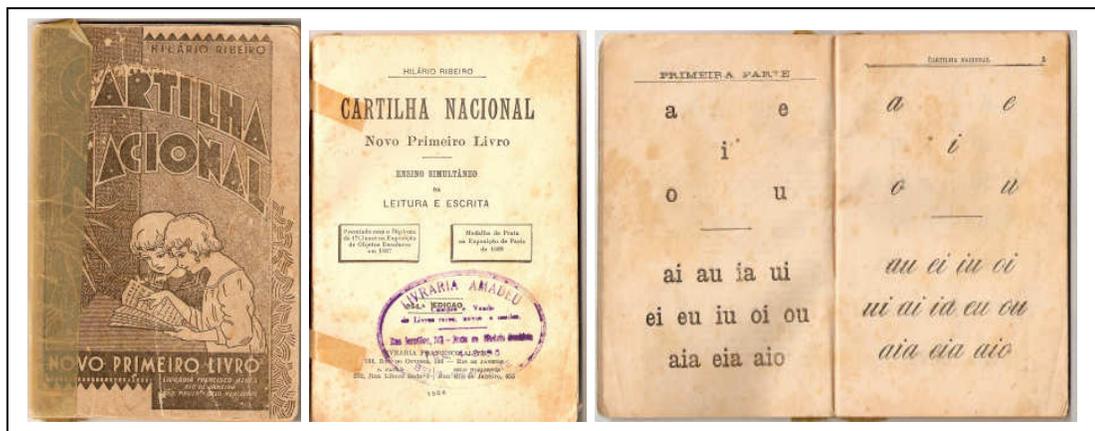


Ilustração 9 – RIBEIRO, Hilário. **Cartilha Nacional**. 244. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1954.

A *Cartilha nacional* de Hilário Ribeiro, escrita pelo autor para um ensino “simultâneo de leitura e escrita”, aproximadamente em 1880, contribuiu para a nacionalização da literatura didática no Brasil. Pfromm Netto (1974) e Mortatti (2000) destacam essa cartilha em seus textos.

Esta cartilha era o primeiro livro de uma série, a *Série instrutiva*, de Hilário Ribeiro²⁷. Constituíam-se em uma série consagrada com o Diploma de Primeira Classe em 1883, depois premiada em 1887 na Exposição de Objetos Escolares, e condecorada com um galardão internacional, uma medalha de prata da exposição de Paris em 1889.

Segundo Pfromm Netto (1974), foi um dos notáveis casos de sobrevivência nos catálogos de edição da Editora Francisco Alves em 1959-1960. Adotada inicialmente na capital federal (Rio de Janeiro), depois difundiu-se pelos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Pernambuco, Ceará e outros.

Esta cartilha é um exemplar de 1954. Sua 244.^a edição possui 7,5cm x 12cm. É um livro de formato pequeno, composto por 71 páginas. A capa traz como ilustração duas crianças folheando um livro, sem utilização de cor como todos os desenhos internos.

A cartilha apresenta um método de aprendizagem simultânea da leitura e da escrita. Para tanto, o autor dividiu-a em três partes distintas: a primeira conta com uma apresentação das vogais, a formação de encontros vocálicos, depois a formação de palavras a partir da junção de consoantes com vogais e consoantes com encontros vocálicos. A segunda parte apresenta textos

²⁷ PFROMM NETTO (1974, p.172) “A série começava com a *Cartilha Nacional* e com o *Primeiro Livro de Leitura* (Silabário). O segundo livro de leitura chamou-se *Cenário infantil*. O terceiro era *Na Terra e no Espaço*. A série completava-se com *Pátria e Dever*, *Elementos de Educação Moral e Cívica*, quatro livros de leitura.”

curtos, sem títulos, com ênfase num determinado fonema, encerrando com uma frase em letra cursiva. A terceira parte traz gravuras de animais e, abaixo da ilustração, há uma frase relacionada a ele, enfatizando uma característica do animal, uma espécie de adivinha.

4.2 As experiências de leitura e os sentidos atribuídos a um objeto-livro

*Está tudo ali, retido, seguro,
todas as nossas sensações daquele tempo.
E não importa que a gente diga, ué,
como é que eu fui me apaixonar por ele? (o livro)
puxa, se fosse hoje eu não me apaixonaria mais.
Não importa.
Ele continua a ser o depositário de toda
aquela emoção do passado.
Bojunga (2004, p.49)*

4.2.1 Efigênia e a série *Meninice*, de Luís Gonzaga Fleury



Ilustração 10 – Foto de Efigênia ao lado do seu irmão Alcides, tirada na primeira comunhão dele, na fazenda do pai no bairro do Pantaninho, em Pouso Alegre, 1950.

Efigênia Maria Pereira, uma senhora de 77 anos, é natural de Pouso Alegre. Nasceu aos 12 de fevereiro de 1932, viveu toda a sua infância num bairro da zona rural, Pantaninho. Casada há 58 anos, é mãe de onze filhos. Dona de casa, apesar da idade, é muito ativa em seus afazeres e muito comunicativa. Apesar de ter apenas um ano de escolarização, demonstra um intenso amor pelos livros e pelo estudo. Mesmo hoje, em decorrência de algumas limitações provenientes da idade, como a mão trêmula, visão parcial de um olho que a impossibilita de escrever e ler, ela não esconde seu carinho pelos livros e a saudade do tempo em que teve a oportunidade de estudar. É com orgulho que me mostra seus livros e seus cadernos guardados há 61 anos.

A Sra. Efigênia estudou quando adolescente entre os 16 e 17 anos e, durante apenas um ano, leu os quatro livros, de 1.^a a 4.^a série, da série *Meninice* (ilustração: 1).

As aulas ocorreram na própria fazenda de seus pais. Sua mãe, com interesse de que os filhos aprendessem a ler e a escrever, junto com o pai Benedito Ferreira da Silva, contrataram um professor de Pouso Alegre que ficava na fazenda durante a semana e ministrava as aulas para os filhos da família e outras crianças das proximidades.

Ilsa - Como foi à escola? Como era? Vocês iam à escola?

Efigênia – Não. A escola foi na... Foi num ponto na varanda da própria casa nossa, mesmo. Aí, nós... Foi combinado assim: pra ter duas aulas durante o dia, então no primeiro dia já foi... Começou ali pelas nove horas e ia até ao meio dia, e depois a gente saía, almoçava, descansava um pouco e depois ia fazer outro serviço de maior necessidade, ajudar minha mãe, né, e depois à tarde, dali para umas três horas mais ou menos, nós começávamos de novo, era mais... umas quatro horas e às vezes até a noitinha, né. E, às quatro horas nós começávamos, quando dava, nós íamos ali mais umas três horas, tinha dia que ia às quatro e depois largava mão, ia tomar banho, arrumar para jantar e também...
28

Divididas em dois períodos, as aulas aconteciam, pela manhã, às 8 horas e se encerravam no horário do almoço. O outro, ocorria no final da tarde, por volta das 4 horas, depois que terminavam os afazeres domésticos ou trabalhos da fazenda. As aulas ministradas oscilavam entre três a quatro horas de duração.

A improvisada sala de aula constituía-se de uma mesa grande, bancos compridos de madeira e uma lousa. No início, não havia cadernos; escreviam nas lousas de pedra.

²⁸ Para compor uma estrutura coerente com a escrita de todo o trabalho, optamos por fazer algumas alterações nas concordâncias nominais e verbais, das falas dos entrevistados. Estas entrevistas foram transcritas e se apresentam na íntegra no Anexo D, d.1, página 142.

Depois de passado um tempinho que ele mandou fazer o quadro grande para escrever, mas antes era nas pedras, que nós começamos nas pedras. (Efigênia)

A ausência de transporte, entre outras dificuldades, para levar as crianças até à escola, fez com que se aproveitasse a presença de um professor na fazenda e se reunissem também crianças das residências mais próximas, independente da idade. Os irmãos da família Pereira e crianças das fazendas vizinhas formavam a corpo discente do professor Godoy:

Ilsa – Eram quantas crianças?

Efigênia – Crianças eram... Parece que doze, doze crianças.

Ilsa – Eram só os irmãos?

Efigênia – Não, vinham de fora, os vizinhos. Doze crianças e a gente tinha que era uma maior amizade, prazer de chegar aquela hora e estar tudo reunido. E nós gostávamos, nós éramos constantes na nossa obrigação, nós estudávamos, e as crianças de fora também estudavam, quando tinha uma que não gostava de estudar, Seu Godoy colocava mais separado pra não ficar de muita conversa com os outros, ele era um ótimo professor, um ótimo professor.

Efigênia não esconde as dificuldades que ela e seus irmãos enfrentaram para estudar, o cansaço que os acompanhava. Mesmo as aulas ocorrendo na fazenda, dividiam o tempo de estudo com o trabalho de ajuda aos pais nos afazeres domésticos ou em atividades próprias da fazenda. Ela também não esconde a satisfação que foi aprender a ler e realizar outras atividades como escrever, fazer contas, fazer cópias de textos no caderno, apresentar pequenas peças teatrais, cantar, conviver com outras crianças.

Ilsa – O que mais a senhora gostava de fazer?

Efigênia – Ah, eu gostava muito era de estudar, fazer conta, como eu gostava de matemática! Adorava! Gostava de matemática e desse negócio também de teatro, nossa! Esse também era tão gostoso, eu adorava, mais é... Nós não dávamos trabalho... Quando a gente quer alguma coisa não precisa ninguém estar empurrando, não precisa estar falando, chamando a atenção, não era se obrigava, nossa, era uma beleza! É que muitos pais estavam ali junto, se alguém fizesse alguma confusão eles chamavam atenção, né, então a gente não pensava nisso, a gente saía assim e já voltava depressa. Depois a hora que terminava a aula, assim, a gente volta e meia estava lá olhando o livro e o que que tinha lido, lia de novo, a gente esquecia, para no outro dia a gente estar preparado, sem ele mandar a gente lia, e a vontade, não é como agora que a criançada estuda meio contrariado, nós não, nós gostávamos de estudar.

Realizavam-se atividades acompanhadas de outras aprendizagens características de uma determinada época: canto do Hino Nacional, ligado ao civismo²⁹, encenações e socialização.

Durante a conversa com a Sra. Efigênia, pudemos notar o carinho que ela demonstra por seus livros. Ela guardou, não só todo o material de leitura usado no período em que estudou, como também os cadernos. Esse ato de guardar é revestido do carinho, do cuidado e do valor que ela atribuía a esses objetos:

Ilsa – Como a senhora guardava?

Efigênia – Ah, sabe o que eu fazia, eu punha dentro dos saquinhos, amarrava bem amarradinho, assim, e punha dentro das gavetas, dentro do guarda-roupa e ali ficava, às vezes ia procurar uma roupa, eu via ali, dava uma olhadinha, arrumava, guardava outra vez, passava mais um tempo grande às vezes, mas aí eu esquecia: “*De certo o que, o que será que aconteceu com os meus livrinhos?*” Ia lá e estava tudo do mesmo jeito na gaveta. Aí depois passado já o casamento dos filhos, o quanto tempo passou, aí a gente naquele corre-corre, aquela confusão e aí parece que eu fui esquecendo mais deles, até passei a guardar naquele depósito que você viu, e entrou um rato, deixaram a porta aberta, e ele entrou e foi direto nos livros, pra fazer ninho, estragou um, mais... Está bom, não estragou todos.

O cuidado com os livros é expresso de diferentes formas, primeiro “*punha dentro dos saquinhos*”, depois no fundo das gavetas, até ser colocado num depósito e estragado por um rato. Uma impressão de que eram esquecidos para serem depois lembrados. Mas em todos os momentos e jeitos, os livros permaneceram ao lado dela a vida toda.

Tanto a aprendizagem como grande parte das atividades de leitura e escrita narradas pela depoente, aparecem atreladas ao material de leitura e acompanhadas de registros escritos.

Ao ler cada livro, Efigênia deixa na página de rosto, nas páginas iniciais ou finais algumas marcas, alguns sinais de uma escrita ora espontânea ora orientada pelo professor, mostrando um registro de sua relação com seu material de leitura.

²⁹ Cf. MACIEL, F. I. P. & FRADE, I. C. A. S. Cartilhas de alfabetização e nacionalismo. In: PERES, E.;TAMBARA, Elomar. **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX e XX). Pelotas: Seiva, 2003.

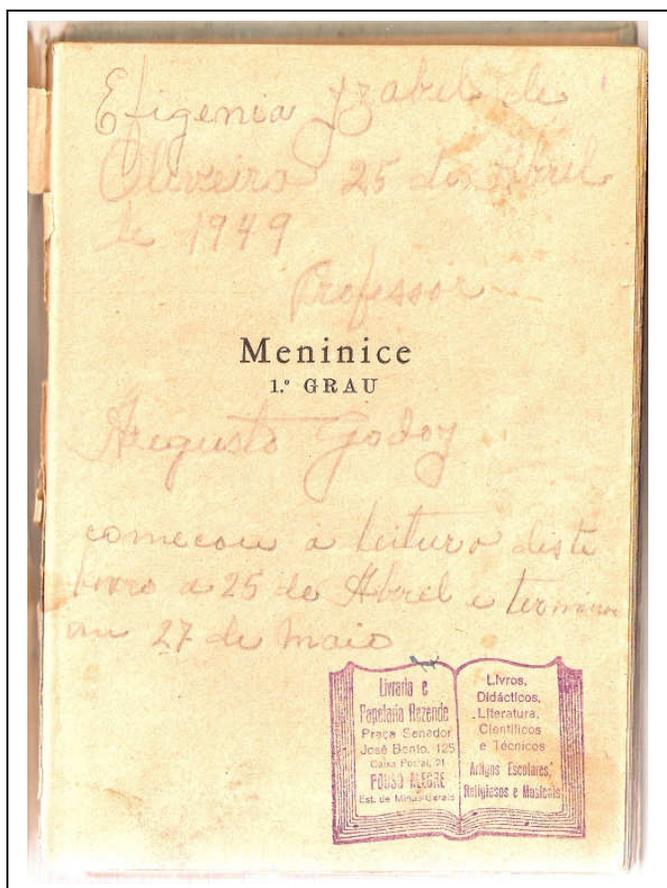


Ilustração 11 - FLEURY, Luís Gonzaga. **Meninice**. 63. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949. Primeiro grau.

A página de rosto do primeiro livro traz uma letra manuscrita, delineada, traçada com precisão e capricho, própria e característica de um tempo, um traçado saliente, no qual se observa uma escrita tracejada pela força das mãos e que pode ser sentida pelo toque. Nota-se a escrita do nome como a primeira forma de demarcação de uma posse, como uma primeira informação a quem se prontifica a ler. O registro, aqui deixado, foi o nome de solteira: *Efigênia Izabel de Oliveira*, escrito a lápis, o que dificulta uma melhor nitidez e visibilidade. Vemos também em destaque a data: “*25 de abril de 1949*”, escrita por extenso.

Outro registro deixado pela leitora foi a escrita do nome do professor: “*Augusto Godoy*”. Durante a entrevista, Efigênia mencionava o professor destacando suas qualidades, a dedicação em sua profissão, o gosto pelas atividades que ele proporcionava às crianças. O convívio diário com esse educador gerou um vínculo especial; criou-se um carinho pela figura do professor:

Ilsa – O Professor era de Pouso Alegre?

Efigênia – Era, mas ele não perdia não, ele ia embora sábado, quando era segunda-feira, ele ia chegando, na hora certa de dar aula, saía de madrugada, e vinha a pé pra dá aula, oh, a distância que era? E aqui ele passava a semana, na nossa casa, ele comia e tudo aqui.

Ilsa - O que a senhora mais gostava de fazer com o livrinho?

Efigênia – Quando ele marcava para mim, para escrever, dava tarefa para passar no caderno, nossa senhora, eu ficava feliz da vida, quando eu pegava a caneta para copiar nos caderno, ah, mais como eu ficava contente, com tudo, nossa senhora, sempre, e também, desse negócio de saí assim, ele ensinava a gente a cantar, é tão bonito, nossa, nós saia pra cantar pra aqui pra ali, a gente saía sem viola sem nada, só nós, assim cantando, nós cantava aquelas cantigas bonitas que ele ensinava pra gente, aqueles hinos, aquelas coisas, mais tudo passa, nossa, vou falar a verdade, que eu tenho saudade, eu tenho até hoje!

Um indício de interação com o livro foi o registro do início e do término da leitura. Uma marca que a leitora quis registrar em seu livro-objeto. No primeiro livro ela escreve: *“Começou a leitura deste livro a 25 de Abril e terminou em 27 de maio.”*

A folha de rosto deste – e dos outros três livros – traz um carimbo do estabelecimento comercial onde foi adquirido, o qual apresenta a forma de um livro, constando o nome da loja, o endereço e os produtos oferecidos: *“Livraria e Papelaria Rezende. Praça Senador José Bento, 125. Caixa Postal 21. Pouso Alegre. Est. de Minas Gerais. Livros didáticos. Literatura. Científicos e técnicos. Artigos escolares, religiosos e musicais.”*

O segundo livro é o único que conserva uma capa de papel de seda, com uma estampa florida, na qual foi envolvido em 1949 e, mesmo tendo sido parcialmente rasgada, Efigênia não quis tirá-la.

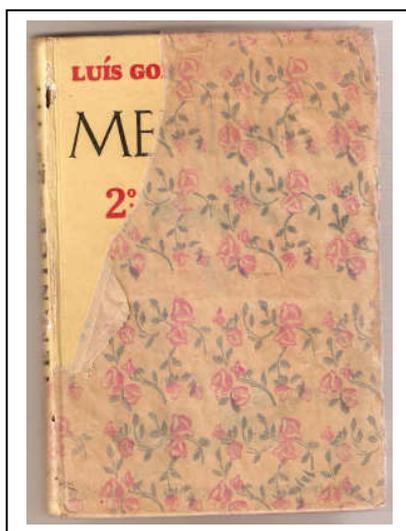


Ilustração 12 - FLEURY, Luís Gonzaga. **Meninice**. 92. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Segundo grau.

Nele não há registro de escrita do nome nem da data. Há no fim do livro, no verso da capa final, apenas uma anotação: “no dia 25 de abril eu estava com 17 (uma rasura) anos e 2 meis e 18 dia. Foi no dia 30 de maio de 1949.”

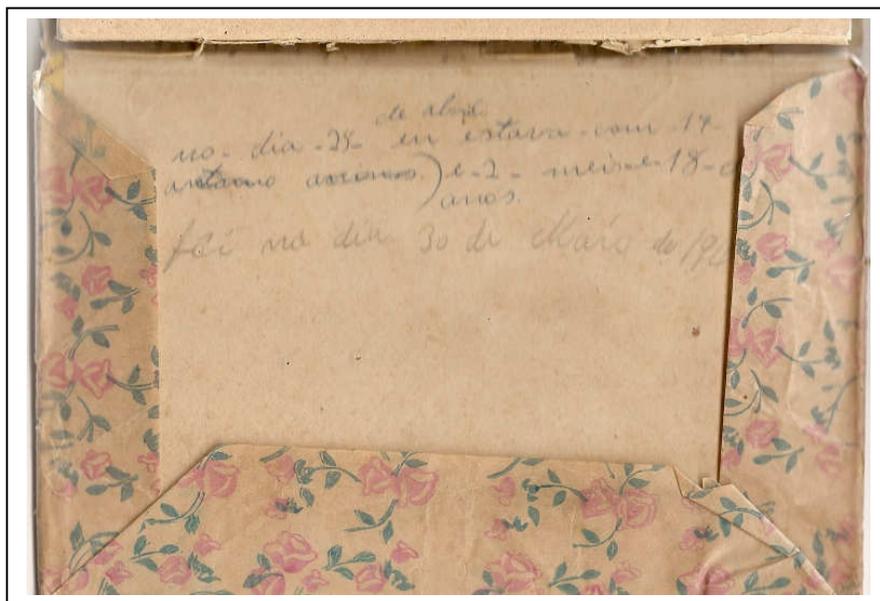


Ilustração 13 - FLEURY, Luís Gonzaga. **Meninice**. 92. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Segundo grau.

No terceiro livro, nota-se um registro, à caneta, do primeiro nome com uma frase indicativa de posse: “*Este livro pertence a luna Efigênia.*” Uma escrita com uma caligrafia menor e mais delineada, o uso de linhas numa busca de uniformidade e organização da letra.

Parece que as páginas sem escritos do livro foram usadas para um registro além da idade, há uma tentativa de se deixar anotado alguma data e acontecimento importante. Um livro que se transforma em uma espécie de diário.

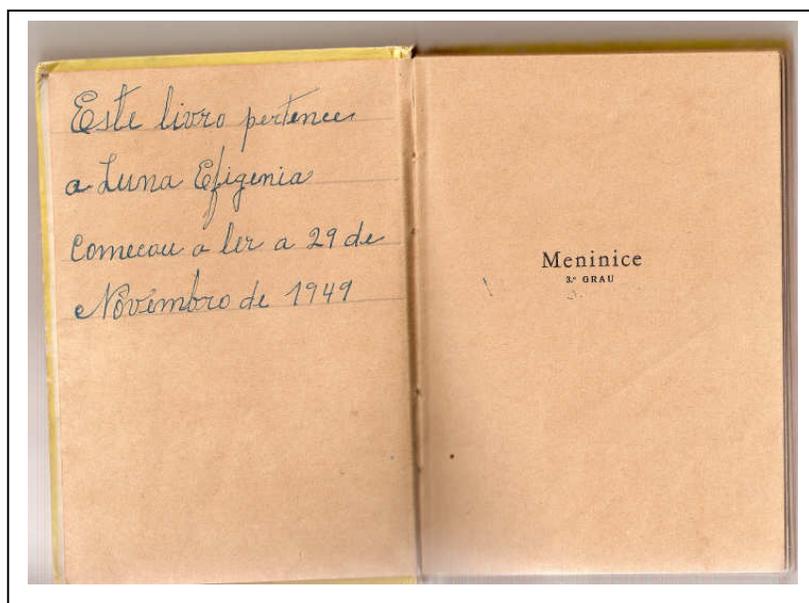


Ilustração 14 - FLEURY, L. G. **Meninice**. 86. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Terceiro grau.

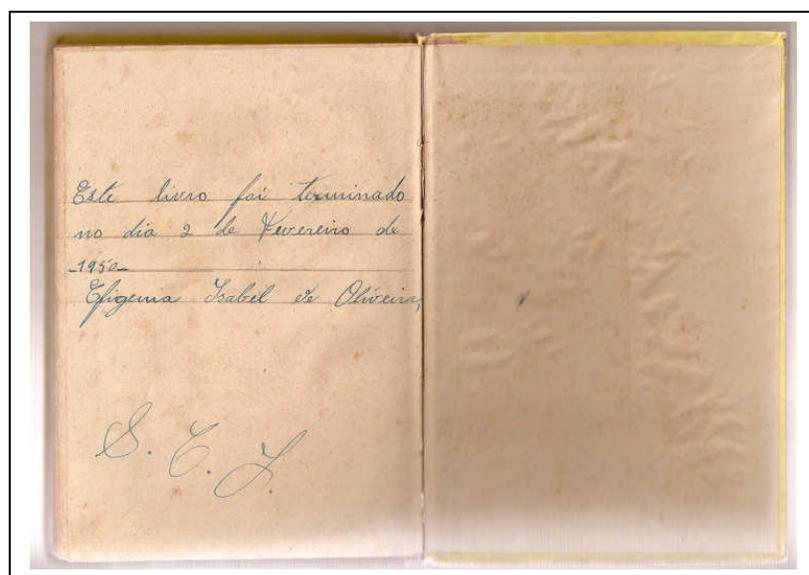


Ilustração 15 - FLEURY, L. G. **Meninice**. 86. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Terceiro grau.

Os registros do início e do término da leitura aparecem em diferentes lugares no livro. A data inicial da leitura é registrada no verso da primeira página do impresso, enquanto a data do encerramento está anotada na última página. Junto a esses escritos, encontra-se também o seu nome completo, acompanhado das iniciais maiúsculas.

No quarto livro, aparece novamente a anotação da frase indicativa de posse: “*Este livro pertence à Efigênia*”. Nota-se uma letra muito bonita, cheia de contornos, já com domínio e presteza de um calígrafo. Traz apenas a data de início da leitura, não registrando o seu fim: “*2 de Fevereiro de 1950*”. Utiliza um artigo e o substantivo para designar o nome do professor: “*O professor Augusto Godoy*”.

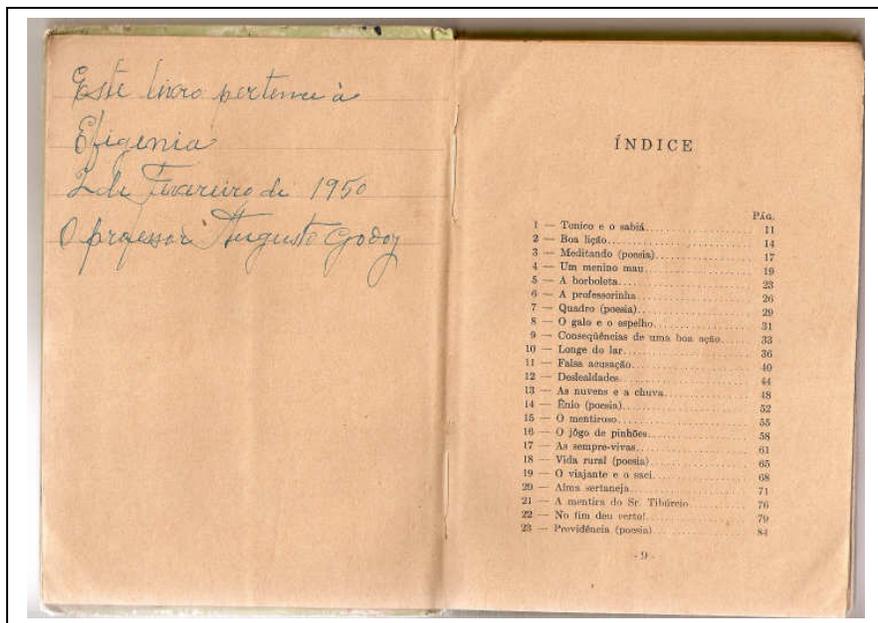


Ilustração 16 - FLEURY, Luís Gonzaga. *Meninice*. 34. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Quarto grau.

Efigênia leu os quatro livros num prazo de um ano, o que corresponderia às quatro primeiras séries do ensino fundamental. Contudo, menciona que, em sua alfabetização, utilizou-se outro material, a cartilha *ABC*, baseada no método da soletração, a qual também conserva durante estes anos. Contou-nos, com lamentação, que esse livro fora danificado por um rato:

Ilsa – Como foi, Dona Efigênia, quando a senhora viu o primeiro livrinho da senhora?

Efigênia – Ah, quando chegou eu fiquei... Todos ficaram alegres, felizes. Nossa, eu falei: “*Mas não é possível, meu Deus!*” Mas, primeiro ele exigiu o *ABC* tudo, nós aprendemos as letras todas, e começamos a soletrar, ele ensinou nós soletrado, agora não é assim e esse tempo era soletrado. Ele nos ensinou a soletrar e já foi indo pra frente, até nós achávamos engraçado, fora o jeito, sabe, começávamos a dar risada, às vezes, mas atravessamos tudo, até o fim do livro *ABC* [falando da cartilha que estudou], depois que nós passamos pro *Meninice*. Não, mas antes teve o *ABC* no meio, nós passamos a cartilha, eu esqueço o nome dela, depois que foi o *Meninice*, ah, mas quando nós encontramos assim, no *Meninice*, ah, foi uma maravilha!



Ilustração 17 – *Cartilha ABC*, não há referências, pois não se conservou a capa e contra capa.³⁰

Ao relatar-nos sobre o período em que estudou, a Sra. Efigênia descreve o estudo como um ato de realização pessoal de alegria e prazer: por permitir o domínio de uma habilidade que até então era bastante restrita, por possibilitar a convivência com outras crianças e por propiciar a realização de atividades lúdicas, prazerosas, diferentes de uma rotina cansativa de trabalho da fazenda:

Ilsa – O que a senhora guardou da época em que a senhora estudou?

Efigênia – Ah, eu guardei muito foi meus objetos e a saudade, até hoje... até hoje sempre eu lembro, assim: “Ai, meu Deus, quando eu estudei, que bom! Que bom se eu tivesse casado e tivesse voltado pra escola mais um pouco”. Que quanto seria bom pra mim, né, mas se era difícil naquele tempo e mais com tudo isso, no fundo, nossa, tenho saudade, e tudo mais, e depois passado já bastante tempo, já tinha os onze filhos, já tinha neto, resolvi voltar a estudar mais um pouco, mais o que eu tenho saudade, do tempo que estudei em criança... A gente tinha bastante de colega, aquela amizade gostosa, e a gente saía pra...

³⁰ Livro pequeno de 17cm X 12cm, este exemplar encontra-se sem a capa e contracapa, o que nos dificulta atribuir-lhe as respectivas referências. Pfromm Netto (1974, p. 159) traz algumas características dessa cartilha a partir de um relato de João Lourenço Rodrigues (1930): “veio o b-a-bá, que servia de início à série bastante longa das cartas de sílabas. Depois destas, vieram as cartas de nomes e por último as cartas de fora, que serviam de remate à aprendizagem da leitura. O método adotado era o da soletração.”

“De autoria anônima, a 1ª. edição das “cartas de ABC” é de 1905. Há, entretanto, indícios de que essa publicação é a introdução do Livro da Infância de Augusto Emílio Zaluar, escritor português radicado no Rio de Janeiro. As “cartas de ABC” representam o método mais tradicional e antigo de alfabetização, conhecido como “método sintético”: apresenta primeiro as letras do alfabeto (maiúsculas e minúsculas; de imprensa e manuscritas), depois apresenta segmentos de um, dois e três caracteres, com denominação de cartas, são dez cartas, que trazem em ordem alfabética: primeira carta a-é-i-ó-u, segunda carta ba-bé-bi-bó-bu, terceira carta ai-ei-oi-ui, quarta carta bai-bei-boi-bui, etc e, por fim, cartas de nomes: palavras cujas sílabas são separadas por hífen An-tão, A-na, An-dei, A-mar; Ben-to, Bri-tes, Bus-car, Ba-ter, etc. Esse livro foi utilizado pelas escolas até 1956, data da 107.ª edição, o que demonstra a grande utilização desse modelo antigo de alfabetização.” Disponível em: <<http://www.secbahia.blogspot.com>>.

Estudava em casa e depois saía pra apresentar o... Aquele... Teatro e... a... Bandeira Nacional nós aprendemos primeiro e aonde nós íamos apresentar o teatro, nós cantávamos a bandeira... Hino Nacional, para depois começar. E de tudo, eu gostava, pra nós era um prazer, uma alegria que nós tínhamos...

Ir à escola ou pagar um professor para ensinar era oneroso, um privilégio de poucos. A entrevistada vê-se permeada por sentimentos antagônicos: a tristeza por ter um estudo interrompido pelas condições financeiras e a alegria por saber ler e escrever, por poder dominar essas habilidades que, em sua opinião, possibilitar-lhe-iam conhecer o mundo e dele fazer parte, usufruindo uma maior autonomia.

Ilsa – O que mais marcou a senhora nesse momento todo da escola?

Efigênia – Da escola, ah... eu... sabe que quando terminou a escola, nossa, eu senti, assim, aquela tristeza, muita mágoa de ter esparramado todos os alunos, Senhor Augusto ir embora, uma tristeza, um aborrecimento, eu queria que continuasse mais tempo, mas não tinha como minha mãe, não tinha jeito de pagar pra ele voltar para dar aula, aí parou, fiquei aborrecida. Mas com o tempo a gente volta a ficar alegre, porque pelo menos um pouco a gente aprendeu. E eu viajava para aqui, para ali e depois disso daqui, eu não estudei mais não, não estudei, li o quarto ano deste, mas depois eu não estudei. Com aquele estudo que eu tive aqui com Senhor Augusto, eu me virava. Graças a Deus, aí eu ainda pensava assim: “*gente, se a minha mãe não tivesse arrumado aquele professor para nos ensinar, que seria de nós?*” Não podia nem, né... E eu viajava, ia para São Paulo, ia para aqui, para lá, e tudo. Fiquei muito contente, muito feliz.

O estudo é visto por ela como algo de grande valor para sua vida e isto se deve às aulas na fazenda e o livro tornou possível a aprendizagem da leitura e da escrita. Esse momento foi tão importante em sua vida que ela guardou todos os livros, sob um enorme zelo e cuidado durante sessenta e um anos, e voltou a eles várias vezes. Um material que lhe possibilitou o domínio das atividades de leitura e escrita, que permitiu-lhe o conhecimento, um livro que lhe *abriu os caminhos* para o saber:

Ilsa - O que significa, hoje, pra senhora este livro?

Efigênia – Até nem sei como agradecer a Deus, eu fico muito contente de eu estar vendo o que abriu o meu caminho, o livro é que abriu meu caminho, porque eu não tinha... não conhecia nem o A, nós não sabíamos, agora já estudei mais depois disto, um pouquinho, mas eu tenho esses que foram os que me ensinaram no começo, eu fico muito contente e feliz de ainda ter esses pra mim.

O depoimento da Sra. Efigênia mostra-nos o quanto o ato de estudar e de apreender pode ser significativo na vida de uma pessoa. A aprendizagem escolar, que se procede na fazenda dos pais, é concretizada na figura do professor, o qual reside no ambiente de trabalho estabelecendo uma convivência integral com os alunos.

Parece-nos que o compartilhar de um tempo, não só de estudo, mas de vida, suscita na depoente uma relação de proximidade com o professor, cultivando sentimentos de afinidade, respeito e admiração, a ponto de causar-lhe angústia quando as aulas encerraram.

Percebemos um encantamento pela figura docente e pelas atividades que eram por ele ministradas. Revela gostar de matemática, de fazer contas, de encenar, de copiar as histórias no caderno, de ler, enfim, de estudar, independente do que seria realizado, o estudo proporciona-lhe prazer.

A concretização dessa atitude se dá quando o material de leitura apareceu repleto de ações leitoras através de registros escritos em várias páginas dos livros. Tais registros indicam uma necessidade de deixar marcado a quem o livro pertencia, quem era o professor e o tempo de realização da leitura, evidenciando uma aprendizagem decorrente de um tempo em que ter estudo, dominar as práticas de leitura e escrita eram a possibilidade de ingresso numa sociedade letrada.

Os livros passam a representar todo o valor agregado ao estudo, à satisfação e à alegria de realizar esta ação, de estar alfabetizada. Através do relato, é possível identificar o significado do domínio dessa prática para a vida da depoente e as relações humanas que a envolviam. São objetos que incitam ações, como o guardar, o cuidar e o (re)lembrar.

4.2.2 Bernadete e a cartilha *Lalau, Lili e o Lobo*, de Rafael Grisi



Ilustração 18 – Foto pose, tirada na formatura da quarta série de Maria Bernadete, 1959.

A Sra. Maria Bernadete Goulart Pereira, nasceu aos 29 de janeiro de 1948, tem hoje 60 anos, é professora aposentada, casada há 36 anos, mãe de dois filhos, natural de São José dos Campos. Entretanto, sempre residiu em Paraisópolis, cidade onde realizou seus estudos, formou-se em Magistério, até casar-se e mudar-se para Pouso Alegre. Estudou o primeiro ano, em 1955, numa escola pública, Grupo Escolar Bueno de Paiva. No ano seguinte, foi para o colégio de freiras alemãs, Escola Normal Santa Ângela, onde cursou até o quarto ano primário. Graduou-se em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Eugênio Pacelli, e em Direito pela Faculdade de Direito do Sul de Minas.

Professora ativa e muito comunicativa assumiu, ao longo de sua carreira no magistério, várias funções dentro da instituição escolar. Foi professora na rede estadual de ensino, atuou como orientadora, supervisora e vice-diretora.

Quando questionada sobre sua escolarização, contou-nos sua admiração pela escola, destacou a estrutura física do prédio como marco de lembrança deste período, por apresentar uma arquitetura característica. Descreveu seu interesse pela leitura e seu desejo intenso em aprender a ler e a escrever, pois sua mãe sempre lhe dizia que quem não aprendesse a ler não podia fazer nada na vida: trabalhar, passear, namorar e casar.

Mostrou-nos outro livro que também guardou: um livrinho bem pequeno de orações, em ótimo estado de conservação, com uma capa dura e brilhante o qual ganhou de sua mãe ao fazer sua primeira eucaristia, aos 11 anos de idade. Esse livro, durante sua infância, era lido e relido por completo e depois retornava para o local seguro: uma caixa.

Bernadete guarda a cartilha que usou em sua primeira série, *Lalau, Lili e o Lobo*, de Rafael Grisi, há cinquenta e dois anos. Durante a entrevista, permaneceu com ela em suas mãos, acariciando-a. Ao mencionar a cartilha, refere-se a ela como “um livro”, por ter sido esse material seu primeiro livro de leitura.

Ilsa – Fale sobre quais as lembranças a senhora traz do início da escola, quais lembranças marcaram.

Bernadete – Primeiramente a escola, propriamente o prédio que era muito bonito, é até os dias de hoje, que ainda existe, eles têm um cuidado de manter o prédio, a estrutura física. E da escola, propriamente, assim, a sala de aula, dos colegas, dos professores, da diretora. Lembro-me muito, assim, das aulas, é... Eram ministradas através de cartazes, e... Gostava muito de ler, entrava assim, na sala de aula e gostava de ler aqueles cartazes e até conseguir o livro, que o livro na época, se não me engano era comprado, então, era algo assim, interessante na vida da gente aprender a ler e a escrever. Era o que eu mais queria, era aprender a ler e a escrever e o livro que eu guardei com o maior carinho é esse, né.

[mostrando a cartilha *Lalau, Lili e o Lobo*] Está toda a minha vida aqui, que eu guardei com muito carinho e tenho-o até os dias de hoje.³¹

A capa traz a ilustração dos personagens das histórias desta cartilha: Lalau, o menino; Lili, a menina e o Lobo; ao fundo, uma lua cheia e estrelas no céu. Os desenhos possuem um colorido meio avermelhado. A cartilha é composta de textos curtos. Abaixo de cada texto, estão algumas palavras e delas destacam-se sílabas. Logo abaixo, segue uma frase com essas palavras em letra cursiva. No decorrer das lições, percebe-se um aumento gradativo do número das frases e o acréscimo de sílabas mais complexas, formando-se pequenos enunciados, privilegiando as palavras que apresentam as sílabas em destaque.

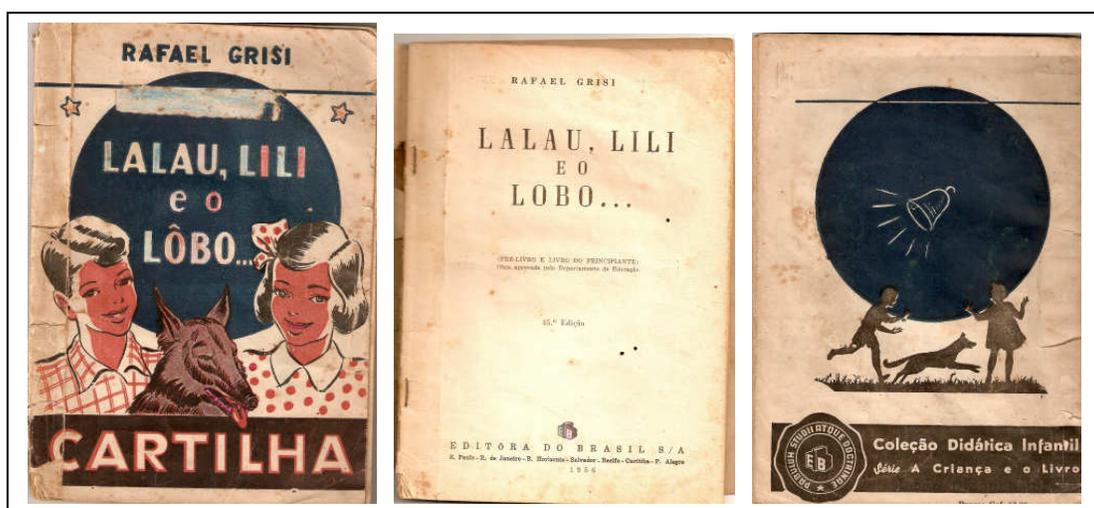


Ilustração 19 – GRISI, R. *Cartilha Lalau, Lili e o Lobo*. 45. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1956.

As marcas fixadas pela Sra. Bernadete no objeto-livro são as cores nas ilustrações. Bernadete não fala desse ato de colorir durante a realização da entrevista. Ela no-lo conta depois (de desligada a filmadora) em conversa espontânea, bem como sobre outras coisas de que ia se lembrando. Entre elas, revelou-nos que sua maior alegria após a leitura dos textos, era colorir as gravuras ora em casa, nos momentos vagos, ora na escola depois de concluir determinada atividade.

Naquele período, as ilustrações das páginas internas dos livros didáticos apresentavam-se, em grande parte, sem cores – na primeira metade do séc. XX aparecem algumas cartilhas com um preenchimento de cor na capa, as ilustrações internas recebiam, raras vezes, um colorido

³¹ Esta entrevista se encontra transcrita no Anexo D.d.2, a partir da página 148.

uniforme –, pintar os desenhos que acompanhavam as histórias era uma satisfação para ela quando criança, pois poderia deixar ali os seus gostos, cores preferidas e o seu modo particular de ver o objeto.

Se ter um livro era uma raridade, ter lápis de cor, então, era um luxo naquela época. (Bernadete)³²



Ilustração 20 - GRISI, R. **Cartilha Lalau, Lili e o Lobo**. 45. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1956, p. 11, 38, 66.

A cartilha possui uma página rasgada. Conta-nos, com tristeza que, certo dia, percebeu que havia uma folha danificada. Ela não sabe o que aconteceu, apenas suspeita de que tenha sido um de seus irmãos caçulas. Disse-nos que procurou a parte que faltava, mas não a encontrou.

³² Muitas observações a respeito das entrevistas foram anotadas em um diário de campo. Estes dizeres foram retirados das informações oferecidas em um momento após a entrevista, no qual nos foram reveladas várias situações sobre sua aprendizagem escolar, sobre sua relação com os professores, entre outras.



Ilustração 21 - GRISI, R. **Cartilha Lalau, Lili e o Lobo**. 45. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1956, p. 5.

O impresso apresenta sinais de um uso, de um manuseio, como algumas páginas dobradas, outras marcadas com lápis de cor e com tentativas de escrita. Entretanto, esta cartilha não traz o nome indicador de uma posse, pois o livro não pertencia apenas a Bernadete, era um *livro-objeto* compartilhado, usado por todos da família:

Ilsa – A senhora chegou a emprestar este material para outras pessoas?

Bernadete – Ah, sim, no caso, meus irmãos também usavam, porque o livro a gente passava de irmão para irmão, depois meus filhos tiveram a oportunidade de ver, de tocar, de ler, e agora as minhas netas já pegaram, já olharam, já acharam interessante, diferente, que se comparar com os livros, com o material de hoje é bem diferente.

Bernadete destaca a aprendizagem da leitura e da escrita como algo muito importante para ela. O domínio destas habilidades significava a independência:

Ilsa – O que marcou a senhora no momento da escolarização?

Bernadete – Ah, foi quando eu aprendi que sabia ler e escrever, porque era muito importante, porque naquela época era tudo muito difícil, né, a gente não tinha a facilidade de informações que tem hoje: livros, revistas, jornais, então quem tinha um livro tinha uma joia. Quando eu percebi que já sabia ler foi muito bom, foi muito interessante.

Ilsa – Como foi sua primeira experiência com a leitura?

Bernadete – Assim, quando eu entendi que já sabia ler e escrever?

Ilsa – Sim.

Bernadete – Ah, assim, foi muito interessante, foi muito bom, porque eu me sentia, assim, gente, feliz, porque eu poderia pegar qualquer coisa e ler não precisava pedir para outra pessoa ler para mim.

A narrativa e os personagens misturavam-se com a realidade da criança. As histórias eram reveladoras de um mundo de sonho e magia, o mundo do possível:

Ilsa – O que a senhora mais apreciava no livrinho?

Bernadete – Então, na época era propriamente as histórias, o texto, né. Lia as histórias, aquelas que a gente conseguia ler inteiro, a gente vivenciava junto com os personagens, parecia que eles eram reais, então era um contato, assim, no caso, eu na época criança, parecia que eu também fazia parte da história.

Lembrar da infância para Bernadete é recordar-se de um tempo diferente do momento presente, um tempo que, mesmo outrora repleto de dificuldades, é reconstruído com as melhores características, destaca-se por ter sido um período de tranquilidade de vida e de uma inocência da criança:

Ilsa – E agora a senhora, diante deste material que a acompanhou na sua escolarização e que guardou durante tanto tempo, quais sentimentos ressurgem ao tocar novamente este livro?

Bernadete – É voltar naquele tempo, naquela época da minha infância, que era, assim, tudo tão bom, muito tranquilo, e relembrar aquele tempo de infância, aquele... assim... é... Era uma coisa gostosa, é... Na inocência da gente criança, mesmo porque a gente não tinha muitas opções de brinquedos, então ler era muito importante.

Bernadete destaca que, naquele período de sua vida, sua família não usufruía de muitos recursos financeiros para adquirirem brinquedos nem havia tantos recursos tecnológicos. Então, ler era uma grande opção, era uma atividade importante como um passatempo, como uma diversão ou uma distração.

No depoimento da Sra. Bernadete, é possível notar a escola como um ambiente fascinante para a criança, seja pela arquitetura do prédio, seja pelas diversidades de atividades proporcionadas.

A atividade leitora ultrapassava a dimensão decodificadora e atinge a dimensão de autonomia para o sujeito. Ao descobrir que é possível ler, ocorre também o reconhecimento do domínio dessa prática, percebendo que o auxílio na efetuação desta atividade é desnecessário.

Ler e escrever são ações que ora aparecem como uma recreação, um divertimento, assumindo a posição de entretenimento, ora como tornam-se uma atividade de construção de sentidos através das ilustrações do texto.

A atividade leitora procede numa atribuição de sentidos no conjunto do texto. Se, diante do livro, não conseguisse mais decodificar ou compreender as palavras, isso não representava um problema, porque era admissível inventar, ler as imagens e criar sua própria história.

4.2.3 Dirce e o livro *O tesouro da criança*, de Antônio D'Ávila

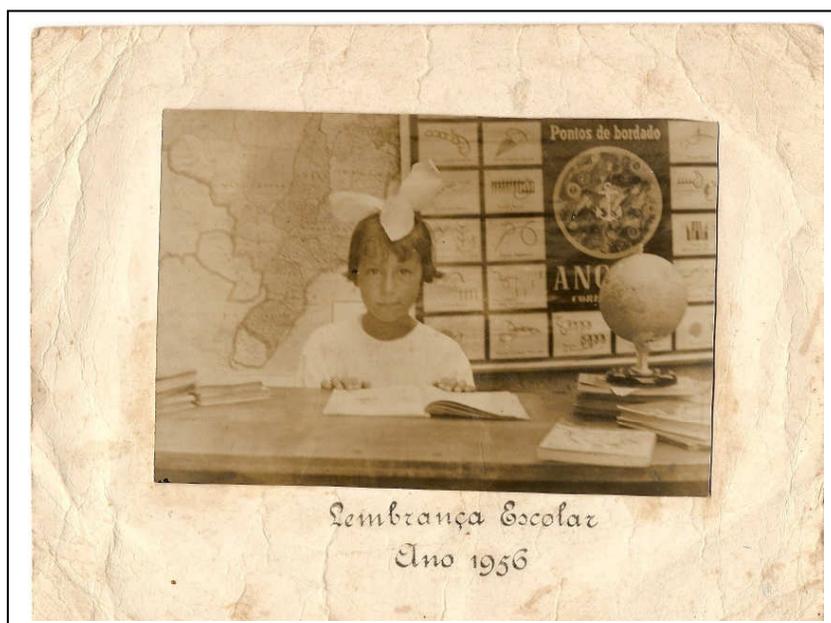


Ilustração 22 – Foto pose de Dirce Sanches, tirada em 1956, no final da segunda série.

A Sra. Dirce Sanches Rossi, nasceu em 1948, completando 60 anos. Casada, mãe de três filhos, dona de casa e muito religiosa, trabalha como voluntária na Farmácia Popular da Paróquia do Imaculado Coração de Maria, em Pouso Alegre. Conhecemo-nos por acaso, quando estava à procura da coordenadora da catequese para perguntar-lhe se havia guardado o livro da época em que estudara. Como não a encontrei, dirigi a pergunta às pessoas que trabalhavam na farmácia. Dirce disse ter guardado, não o livro da primeira série, mas o da quarta série.

A Sra. Dirce é natural da cidade de São Paulo e estudou apenas até a quarta série no Grupo Escolar Barão de Souza Queiroz. Após casar-se, mudou-se inúmeras vezes de cidade/estado, devido ao trabalho de seu cônjuge. O livro sempre a acompanhava e, apesar do tempo, demonstra um carinho imenso por ele e pelo estudo. Conserva este material há 50 anos. A

despeito das diversas mudanças, o livro apresenta um bom estado de conservação. Segundo ela, guarda-o como uma recordação daquele tempo.

Contou-nos que era uma ótima aluna, adorava estudar e não apresentava problemas de aprendizagem. Frequentava as aulas, mesmo no período de recuperação, que era restrito aos alunos com dificuldades. Nesse período, fazia na escola outras atividades e, na quarta série, uma delas foi encapar o próprio livro. Levou o tecido de casa, bordou as letras do nome na escola e o encapou:

[...] Aí a gente ficava bordando, ou brincando na escola. As professoras ficavam ensinando... Eu devo ter feito isso daqui na escola. (Dirce Sanches)³³

Dirce Sanches, conta-nos que bordou as iniciais do nome “DS” com uma linha verde sobre um tecido vermelho e ela mesma encapou o livro. O trabalho é artesanal (ilustração 24); traz um leigo acabamento efetuado por uma criança de dez anos.

O tecido conserva uma mancha de tinta de uma caneta tinteiro. Segundo o depoimento de Dona Dirce, naquela época as carteiras escolares tinham um furo para se colocar um pote de tinta, e relata-nos que era comum uma criança derrubá-lo ao encher a caneta.

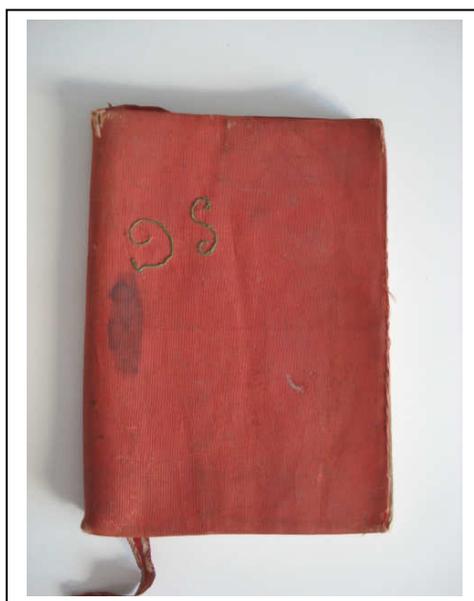


Ilustração 23 - D'ÁVILA, Antônio. **O tesouro da criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. Capa.

³³ A transcrição desta entrevista encontra-se no Anexo D. d.3, a partir da página 152.



Ilustração 24 - D'ÁVILA, Antônio. **O tesouro da criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. Contracapa.

Quando Dirce se propôs a fazer a entrevista, tirou seu livro da caixa em que estava guardado e comentou com sua nora a intenção de lavá-lo, a fim de que ficasse mais apresentável para a realização da entrevista. E relatou-nos parte desta conversa:

Dirce - Vou tirar a capa e vou lavar.

E ela – a nora – falou: “*Não, não, a senhora vai deixar desse jeito, porque isso daqui mostra o tempo que ele está guardado.*”

É sinal de tinta, porque, porque na época usava tinteiro, aquelas canetas de encher, né, e aí, derramou a tinta na carteira, isso era comum virar o tinteiro na carteira e manchou.

Em seu depoimento Dirce conta-nos que, sendo de uma família humilde e de poucos recursos financeiros, enfrentou muitas dificuldades para estudar como a distância da escola, o frio, a chuva e a própria indiferença dos pais em relação ao estudo. No entanto, o amor pela escola e a vontade de aprender valiam qualquer esforço:

Dirce - E a escola minha era muito longe de minha casa, muito... Então, é o que eu falo, e a gente ia com tanta vontade, né, que hoje em dia as crianças põem obstáculos: “Ah, porque não tem ônibus, ah, porque o ônibus não foi buscar.” Aí eu fico pensando, às vezes, não é tão difícil assim, né, um pouco de boa vontade... vai... Naquela época, chovia, fazia frio, o calçado que usava, a gente era muito pobre, eu a minha família, era de alpargata, e alpargata é corda, né, aí chovia, chegava com o pé encharcado. E a professora

falava: “Fala pra sua mãe comprar tamanco, pelo menos com o tamanco você não fica com o pé molhado.” Chegava em casa falava... “Ah, que fala pra professora que agora não dá, outro dia compra.” E a gente ia do jeito que podia. Mas ia, não tinha vergonha dos outros que iam melhor. A única coisa que eu falo que eu tinha saudade era do lanche, porque a caixa escolar dava lanche, né, a gente que levava de casa não tinha direito, não podia nem pensar.

Dirce – Eu fico pensando, na época eu devia ser uma criança bem esforçada, né, porque não tinha interesse, assim dos pais, dos pais, não tinha de ninguém, né, que... meu pai e minha mãe eram pessoas muito simples, não tinha interesse que a gente estudasse, a gente aprendia por conta, né, tanto que a diretora da escola se interessava, falava pra mim que eu não devia parar, que devia continuar, vai ver ela achava, né, tinha interesse e podia continuar, né...

Apesar de todas as dificuldades e da falta de estímulos de seus próprios pais para estudar, Dirce não revela em seu depoimento nenhuma tristeza por aquele período. A memória reconstrói situações da escola, da professora, da aprendizagem, dos colegas, enfim, “*tudo de melhor*” daquilo que aprendeu:

Ilsa – O que a senhora guardou dessa época?

Dirce – Ah, eu guardei tudo de melhor que eu aprendi, foi muita coisa boa, teve colega que a gente não esquece, e... E essas professoras, também na quarta série que a professora pediu pra eu fazer o discurso de encerramento, uma poesia que eu me lembro até hoje a poesia, que era para declamar, no diploma, na formatura.

Dirce revela-nos que a escola permitia-lhe um sentimento de capacidade de valorização pessoal. A quarta série foi tão representativa, pelos colegas, pela professora, por ser condecorada a melhor aluna da sala, por ser a escolhida para fazer o discurso da formatura, tanto que é este o livro que ela guarda até hoje.

Ilsa - Sobre esta fase que a marcou. A senhora ainda desperta um grande amor pelo estudo, né?

Dirce – Muito, muito, gosto, sempre gostei muito de estudar. Essa quarta série me marcou muito, não sei, talvez porque tinha... Me fez sentir muito valorizada, embora, assim, aquela criança pobre, simples, né, que em casa eles não valorizavam o estudo, então eu acho, né, me fez me sentir valorizada, porque recebi um prêmio na terceira série de melhor aluna e na quarta também, da classe, né, e quando me convidaram pra ler o discurso final, fazer, declamar essa poesia do Afonso Schmidt. Então, eu me esforçava muito, eu decorei todinho o discurso, era três folhinhas, assim, fininhas e compridas e eu decorei e na hora levei só pra fazer de conta que eu ia ler. Eu tinha o maior prazer, eu queria fazer da melhor forma, sabe. Pra mim isso foi maravilhoso. Eu acho que a escola me fez sentir assim, valorizada, muito capaz.

Declara quase que uma necessidade de guardar o livro como uma lembrança da sua infância. Ter consigo o objeto-livro é ter um momento de sua vida presente na memória. A ação de guardar o material é para não deixar a infância acabar, ou seja, não perdê-la no esquecimento.

Ilsa – O que a levou a guardar este livro?

Dirce – Ah, eu acho que, pra ser sincera, não sei, acho que pra guardar alguma coisa da infância, né, não sei se isto é bom! [risos] Pra não deixar a infância acabar de vez, então, vamos guardar este livro aqui. [risos]

Não, é porque foi uma época muito boa, né, então, eu acho que a gente sente necessidade, vontade de guardar alguma coisa pra gente poder tá relembando, né, aquele tempo. Tenho mania de guardar coisas assim.

Junto com o livro, Dirce guarda também as lembranças das atividades de leitura realizadas na escola. Seu relato revela-nos uma prática de leitura direcionada, orientada pela professora. Havia uma forma, uma maneira de efetuar a leitura em sala de aula, uma postura do corpo, posição de mãos que acompanhavam o ato de ler a qual era ensinada:

Ilsa – Como a senhora lia este livro, era só na escola ou lia em casa também?

Dirce – Também... Era assim, a professora marcava a leitura...na... no tal dia tinha o dia... toda a semana tinha o dia da leitura e todos, todos os alunos faziam a leitura, aí tinha a postura... [ela ficou em pé, se posicionou e mostrou como se fazia a leitura] Ficava na frente da sala quando ia ler, pegava o livro com a mão [mão direita], ficava com a mão para trás [mão esquerda] e com o dedo no meio do livro, tinha que ficar assim. [risos]
[tive de ajustar a filmadora]

Até isso a gente aprendia, postura para a leitura, a professora falava: “Fica com o corpo reto.”

Ilsa – Tinha que ler em pé?

Dirce – Em pé. Todos iam na frente pra ler e cada um lia o que tinha marcado, comentava sobre o que tava lendo, o que achou da leitura e era isso daí. E o bom desses livros é que as histórias dele são todas... assim... dando uma... Um ensinamento...

A experiência de leitura decorrente em uma instituição escolar, revela-se no depoimento da Sra. Dirce, como algo significativo. A escola é um ambiente que lhe aporta, que lhe atende às necessidades, aos desejos e às expectativas, enquanto criança. Há um reconhecimento de suas capacidades e do seu bom desempenho no estudo; é escolhida a oradora da turma; apresenta a ela outras aprendizagens. Foram experiências significativas vivenciadas na escola e que desencadearam sentimentos de valorização e satisfação pessoal.

Além do estudo, a escola oferecia a aprendizagem do artesanato como, por exemplo, o bordar. A depoente descreve que ação de bordar o tecido e depois encapar o objeto-livro, foram atividades realizadas na instituição escolar.

Sentia prazer em ir, em estar na escola, mesmo tendo que percorrer quilômetros ou enfrentar variações climáticas; mesmo quando, a presença já não era obrigatória, ir à escola merecia quaisquer esforços, não deixava-se abalar pelas dificuldades ou pelo cansaço.

A efetuação da leitura se procede de maneira distinta. O depoimento apresenta uma prática de leitura envolvida por gestos, por uma postura do corpo, das mãos, uma determinada posição frente aos colegas que era aprendida no ambiente escolar.

O livro representa uma relação interpessoal que se procede na escola com os colegas, com a professora e com o estudo. Um livro que também representa um modelo a ser seguido; através de suas histórias, carrega princípios de vida que é possível abstrair ensinamentos, refletir sobre atitudes, sobre conceitos e valores morais.

O ato de guardar o material de leitura se mostra, não apenas pelo valor que as histórias continham, mas também por estar acompanhado da necessidade de manter viva e presente uma fase da vida que merece ser lembrada: a infância.

4.2.4. Cida e o almanaque *Jeca Tatuzinho*, de Monteiro Lobato

A Sra. Maria Aparecida Perina Francescato é conhecida por todos como Cida Francescato. Nasceu aos 22 de junho de 1944, em Mogi Guaçu, São Paulo, onde cresceu e completou seus estudos. Casada, mãe de três filhas, reside em Pouso Alegre há mais de vinte anos.

É professora titular da FAFIEP em Literatura Latina, Literatura Norte-Americana e Cultura Brasileira da Univás – Universidade do Vale do Sapucaí, MG, instituição na qual leciona há 19 anos. É uma profissional reconhecida, admirada por sua educação e cultura. Demonstra-se amante da História e da Arte e define-se como a memória da família, pelo gosto de conservar os objetos e os documentos pertencentes aos seus antepassados.

Em seu depoimento, Cida considera que sua alfabetização fora algo bem atípico. Aprendeu a ler e a escrever aos quatro anos com uma professora de idade bem avançada, Dona

Biluca, contratada para auxiliar na aprendizagem, não apenas dela, mas também de outras crianças. As aulas eram ministradas na residência da professora que utilizava materiais antigos, a exemplo de uma lousa de granito negro como caderno para as crianças. Descreve com detalhes esse período:

Ilsa – A nossa entrevista é para conversarmos sobre o seu livro que você guardou da época de sua escolarização. Que lembranças você tem sobre o início da sua escolarização?

Cida – Bom, a minha alfabetização foi algo assim, vamos falar, atípico, porque minha mãe foi criada em fazenda, e naquela época, minha mãe tem hoje 87 anos, naquela época, as filhas não iam para escolas, meu avô contratava professoras para darem aulas para as... a minha mãe e suas sete irmãs. Então, elas passavam por várias professoras e isso era muito comum, em todas as fazendas das vargens mogianas, que eram fazendas de café, de algodão, de gado mesmo, então, a minha mãe quando eu nasci, nós morávamos numa cidade chamada Mogi Guaçu, que hoje é uma cidade de médio porte, que já tem 130 mil habitantes, mas naquela época em que eu nasci, 1944, ela não chegava a 4 mil habitantes na zona urbana, de maneira alguma. Então quando eu estava com quatro anos, nós morávamos na cidade, porque meu pai trabalhava na cerâmica *Martini*, ele era mecânico, é..., construía máquinas para fazer manilhas, fazia manutenção também de máquinas. Então, quando fiz quatro anos, minha mãe tinha uma velha professora, que tinha sido professora dela, que se chamava Dona Biluca, que naquela época, era pra mim uma pessoa jurássica, porque era uma velha bem velhinha, braba, braba, de birote, de cabelos brancos, era cega de um olho, era coxa ainda, braba, terrível e a minha mãe para ajudá-la, porque ela não tinha do que viver, vivia num cortiço em Mogi Guaçu, a casinha dela era um quarto e sala só, o banheiro era uma fossa comum lá de fora.³⁴

Ilsa – E ela não tinha família?

Cida – Não, não tinha família, não tinha ninguém no mundo. E então, minha mãe me mandou, porque era uma forma de ajudá-la, como aluna, outras famílias mandaram filhos. Então, a Dona Biluca tinha uma mesa grande na sua sala e a gente sentava em dois bancos, eu tinha na época quatro anos e o interessante é que ela usava o material que ela usou durante a sua vida, então, deve ser material do século XIX, com certeza, porque a gente escrevia em lousas, em lousinhas de pedra, que eu tenho a impressão que era granito negro, porque era uma pedra muito dura, negra, e ela tinha em volta uma moldura de madeira e em baixo também e cada aluno tinha a sua lousinha, e a gente comprava no armazém da cidade, uns estiletos compridinhos, de uns 12cm, era uma pedra negra, mas quando a gente escrevia nesta... Neste granito negro, ele deixava uma marca branca, fina, mas deixava, que era apagado com um trapo úmido comunitário, pra todo mundo apagar... E esse era o nosso caderno. Cada um tinha a sua lousinha, quer dizer, era todas da professora, Dona Biluca.

Cida declarou ter consigo outros livros do período em que estudara; entretanto, trouxe um almanaque para a entrevista por considerá-lo seu primeiro livro de leitura. Conta-nos com bastante precisão a história do almanaque, uma relíquia, primeira, de seu pai:

³⁴ Esta entrevista encontra-se no Anexo D.d.4, página 159.

Mas aí eu vou contar pra você a história do meu primeiro livro de leitura. Logo quando eu me alfabetizei, já em 1949, meu pai que tinha guardado um livrinho, que não é bem um livrinho, é um almanaque, almanaque do Biotônico Fontoura, o famoso almanaque [...] Porque depois que eu me deleitei, que eu li várias vezes, aí meu pai guardou e passou para a minha irmã quando foi alfabetizada, [...] Quando ela foi alfabetizada, ela leu também, e ele guardou de novo, aí quando chegou a vez do meu irmão, leu também, pai guardou, e a minha irmã caçula idem, e assim foi preservado o almanaque. (Cida)



Ilustração 25 – LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. 13. ed. São Paulo, 1944.

Narrou com exatidão toda a história do *Jeca Tatuzinho*. Antes contou como esse material fora adquirido, mostrou o almanaque, leu os dados que a capa trazia referentes à publicação, como ano, número da edição:

Cida – [...] ele tinha a edição de 1944, e que olha... E aqui na capa, que é a 13.^a edição, fala que nesta 13.^a edição completa 12 milhões de exemplares distribuídos gratuitamente, mas eram gratuitos, mas eram distribuídos na única farmácia que existia na cidadezinha, como todo mundo ia à farmácia, todo mundo possuía o almanaque, e principalmente porque todo mundo ia à farmácia no começo do ano, para ganhar um almanaque, então todo mundo possuía. Esse tem a história do *Jeca Tatuzinho*, né, do Monteiro Lobato, a famosa história do *Jeca Tatuzinho*, é... Que pra mim foi maravilhosa, porque conta como um caipira que vivia numa casinha de sapê...
[E começa a contar a história do livro mostrando página por página.]

Esse almanaque *Jeca Tatuzinho*, de Monteiro Lobato, é uma edição de 1944 e esteve sempre aos cuidados do pai, o qual se encontra em perfeito estado de conservação. Embora tenha sido utilizado, lido e apreciado por todos os filhos, manteve-se intacto durante décadas. Traz um

significado de uso familiar. Dentre os irmãos, Cida foi escolhida pelo pai para guardá-lo, que a presenteou por ser a única professora da família.

O almanaque é conservado há 64 anos, um livro que percorreu muitas mãos, porém não traz nenhuma marca de uso, como um grifo, um desenho colorido, uma escrita de nome ou data, nem mesmo página dobrada. A única marca que traz é a do próprio envelhecimento do papel.



Ilustração 26 – LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. 13. ed. São Paulo, 1944, p. 1.

Segundo Cida, o almanaque era guardado com todo o cuidado, como um verdadeiro tesouro, em uma caixa de madeira feita pelo próprio pai, um baú, trancado com chave que, às vezes, era aberto:

Ilsa – Quando você criança, que ele te deu para ler o livrinho, você consegue se lembrar? Como foi a história?

Cida - Ah, sim. Um dia, porque meu pai tinha uma caixa grande, assim, de uns 70cm, de comprimento, por uns 40cm de altura, essa caixa de madeira, foi feita por ele, porque ele era muito habilidoso, tinha chave, ali ele guardava os seus tesouros... Sabe, meu pai era filho de europeus e os europeus prezam muito esta parte cultural, né, essa parte... Ele tinha desde os primeiros cadernos dele de escola, tinha moedas antigas, era ali... Ali era um baú de tesouro, e quando meu pai ia mexer no baú de tesouro eu ia correndo pra ver, só pra ficar olhando, quando ele abriu o baú para tirar isso pra que eu lesse, eu quase morri de alegria, tomei todo o cuidado, todos tomaram. Já se passaram pra mim, que eu li 59 anos.

O almanaque é para ela um ecoar de recordações, possui uma magia que a transporta para um momento importante de sua vida: a infância; esse objeto-livro assume um valor e, ao mesmo tempo, um poder por favorecer lembranças de um determinado tempo:

Ilsa – E hoje, Cida, diante deste material, que sentimentos ressurgem?

Cida – Olha... Para mim, esse livro é mágico, porque ele me transporta aos cinco anos, então, ele me transporta, sabe, para aquela magia dos cinco anos, eu imaginar galinhas de botinhas, o galo com bota com esporas, porquinho com quatro botinhas, pra mim é uma coisa linda, uma coisa maravilhosa. Não era, assim, os bens materiais que ele foi adquirindo que me encantava, e sim o inusitado, né, animais, vestindo... calçando... Porque eu mesma andava descalça, aliás, todo mundo andava descalço na minha época, eu só fui colocar calçado pra ir na escola quando eu fui pro ginásio. Ninguém, na sala inteira, podia olhar no pé, qualquer classe social, todo mundo de pé no chão. Era o costume da época... E nem por isso peguei amarelão... [risos] Na cidade acho que não tinha amarelão, ou eu tomava muito *Biotônico Fontoura*, ou esse *anquilostomose*, *anquilostomina*, ai, eu não sei. [risos]



Ilustração 27 - LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. 13. ed. São Paulo, 1944, p. 16/17.

Fala do almanaque com muita emoção por ele representar a própria presença do pai. Cida demonstra uma relação afetiva muito significativa com seu pai, descreve-o como a figura masculina mais importante de sua vida. Ele acompanhou sua alfabetização, lia com ela o almanaque, conversavam sobre ele, num relacionamento familiar, permeado entre a emoção, a fantasia, o carinho, a atenção, junto a um objeto-livro:

Ilsa – Que significado tem hoje, Cida, pra você esse livro?

Cida – Esse livro é o tesouro que eu guardo com todo o carinho, com todo cuidado. Porque é a lembrança do meu pai, que foi a figura masculina... Mais importante da minha vida... Ele era uma pessoa que tinha pouca instrução... Ele tinha pouca, assim... escolaridade, mas ele tinha a poesia no que ele falava, sabe, ele olhava no morro onde havia os pés de eucaliptos enormes e o sol se pondo, ele falava: “*Filha, olha, o sol se enroscou nos eucaliptos.*” E eu ficava encantada, sabe, e eu falava: “*Mas, pai hoje não vai haver noite? Nós vamos ficar sem... só de dia. Pega um bambu, pai, e vai desenroscar o sol.*” Ele era assim, sabe, uma criatura mágica.

Cida – É muito bom voltar aos cinco anos, porque pra mim é... eu tenho uma lembrança maravilhosa do meu pai, sabe, maravilhosa mesmo, ele me faz muita falta!

Para ela, o almanaque possibilita uma materialização da figura paterna, o objeto-livro representa o seu primeiro possuidor, o dono legítimo; tocar nesse material é como tocar as mãos do próprio pai:

Ilsa – E o livro é a materialização disso tudo.

Cida - Tudo, pra mim é tudo, é... Quando eu toco assim, [colocou a mão sobre o livro] eu estou colocando a minha mão sobre a mão dele, com certeza.

Cida também conta-nos de outro livro que o pai guardou, *Cuore*, de Edmundo De Amicis³⁵ - um livro lido e manuseado até sua deterioração. Por lembrar-se dos textos, declama um poema quase que completo:

Ilsa – O carinho que ele tinha, porque ele guardou muito tempo. Ele tinha outros livros?

Cida – Tinha um livro que se chamava *Cuore*, de Edmundo De Amicis. Este livro ele me deu, infelizmente, ainda criança, e eu acabei com o livro, infelizmente. Havia histórias maravilhosas, poemas, que eu sei de cor até hoje...

Ilsa – Você sabe, pode declamar um...

Cida – Sei, sim... Havia um poema no livro *Cuore*, chamado *Sonho*, começa assim:
“A hora em que as cortinas se fecham lentamente,
E a noite vai descendo silenciosamente,
Os olhos cerram e durmo no meu cantinho leito.
E sonho, por mil minutos, passeio satisfeito.
Então bem me lembro,
Entre numa cidade, e que cidade linda!
É pena não ser verdade,
As ruas eram todas de pão-de-ló calçadas,

³⁵ “Em 1886, surgiu na Itália um novo livro de leitura. Girava em torno dos dias de escola de um menino, Henrique, e apresentava as lições sob a forma de diário redigido por este. O novo livro, *Cuore*, foi somente um dos numerosos volumes saídos de pena de Edmundo de Amicis (1846-1908), prolífero escritor italiano (...). As principais traduções em português de *Cuore*, segundo D’Avila (1967-1968) são de Ramalho Ortigão (trechos) e Miguel de Novais (integral). Em 1891, aparece a tradução de Valentim Magalhães – tradução que em 1892, de acordo com o autor citado, já era adotada numa escola paulista.” (PFROMM NETTO, 1974, p. 174)

De rapadura as casas
E os muros de queijadas. [e continuou declamando]

Este livro foi um material desejado por ela. Havia uma necessidade de possuí-lo novamente e procurou-o até encontrá-lo num sebo em São Paulo. Revela-nos que este fora o livro utilizado no segundo ano de escolarização de seu pai:

Cida - Havia coisas maravilhosas! E eu procurei, procurei, terrivelmente em sebos, em São Paulo, e achei *Cuore*, achei... *Cuore*. Achei recentemente, o livro *Cuore* de Edmundo De Amicis. É uma tradução dele.

Ilsa – É só poemas?

Cida – Não, tem histórias, e há alguns poemas, é lindo o livro. Era o livro do meu pai do segundo ano, sabe...

O depoimento de Cida é muito envolvente; primeiro por nos revelar uma alfabetização e um tempo de escola muito característico, com uma narrativa rica em detalhes, em que é possível a compreensão dos modos, gestos, objetos e práticas que se mantinham em meados do século XX. Segundo, pela preciosidade do material guardado há tanto tempo pelo pai e, depois por ela, torna-se perceptível os sentidos que foram atribuídos ao almanaque.

Um material de leitura que carrega uma história de vida, de relação familiar, de um tempo, de uma pessoa marcante. Um almanaque que é vivo porque, além de possibilitar a rememoração de um momento vivido com uma pessoa significativa, ele também (re)cria a imagem, a presença dela.

A leitura mostra-se, também, como uma atividade realizada em um ambiente não-escolar, ou seja, numa residência, com membros da família e acompanhada de vários procedimentos. Uma leitura dirigida pelo pai, uma figura de autoridade, o qual organizava atividades leitoras seguindo certo ritual: lia-se o texto, lia-se e comentavam-se as imagens; lia com/para ele e lia-se sozinho. Depois de degustar a história, o material era guardado. Uma prática de leitura realizada com cada filho após a alfabetização.

O objeto-livro torna-se a representação de uma relação paterna envolvida pela leitura e pela poesia que o pai inspirava. Um objeto que se torna mágico por possibilitar a reconstrução de um momento da vida, de um momento de convivência dos filhos junto do pai, um tempo da infância em que o livro foi o maior cúmplice.

4.2.5 Maria Virgínia e a *Coleção Reino Infantil*

A Sra. Maria Virgínia Krepp, de 57 anos, nasceu aos 29 de abril de 1951. É professora de história aposentada, uma pessoa muito culta, comunicativa e bem humorada, casada, mãe de dois filhos. Virgínia é natural de Santa Rita do Sapucaí, mas sempre residiu em Ouro Fino, Minas Gerais.

Ao questioná-la sobre os livros de leitura, demonstrou um grande interesse e disposição em colaborar com a pesquisa. Apresenta um forte apreço pela leitura e pelo estudo. Mesmo hoje, afastada do magistério, não esconde o amor pela profissão.

Contou-nos que se mudou várias vezes devido à profissão do marido nas cidades do Sul de Minas. Entretanto, sempre manteve sua casa em Ouro Fino, lugar onde morou e estudou. Descreve a residência que mantém, nessa cidade, como seu *refúgio* de férias. Na casa, conservou seus livros que, na verdade, são uma coleção de quinze volumes; preferiu mantê-los na estante do escritório, ao invés de transportá-los de um lugar para outro.



Ilustração 28 – Foto estúdio de Virgínia, tirada em 1958.

As histórias que compõem a coleção *Reino infantil* eram lidas e (re)lidas quase todas as noites por sua mãe e, posteriormente, por ela mesma. Em cada volume desta coleção, não encontramos marcas de leitura, a não ser sinais de conservação e do envelhecimento do material impresso:

Virgínia – Esse livro infantil, na verdade, é uma coleção de quinze livros, [folheando o livro] contos de escritores clássicos, Hans Cristian Andersen, Charles Perrault e Jakob

Ludwig Karl Grimm, irmãos Grimm famosos, e lógico que naquela época eu não tinha consciência do valor desses escritos.³⁶

A mãe, professora, depois diretora, auxiliou sua aprendizagem da leitura e da escrita. A entrevistada conta-nos que ela foi uma referência, um modelo para sua formação profissional:

Virgínia – (...) as primeiras letras, e o convívio familiar, minha mãe era professora, me ensinava muito em casa, então, desde que eu me lembro como pessoa, eu sempre tinha um caderninho e um lápis por perto. E daí a minha paixão pela educação.

Ilsa – E isso já contribuiu bastante...

Virgínia – Muito, foi minha referência sempre.

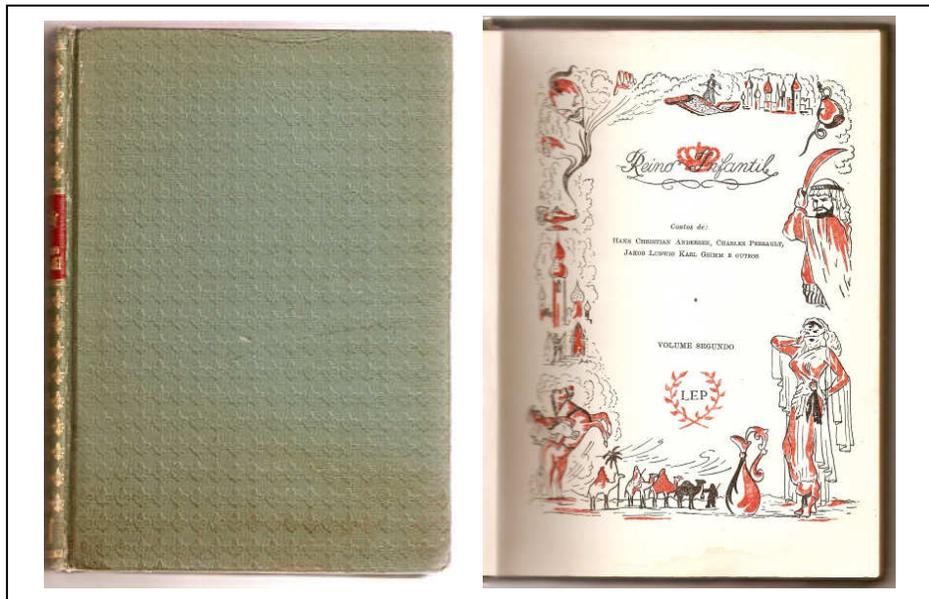


Ilustração 28 - Coleção Reino infantil. São Paulo: Editora LEP, 1956.

Esta coleção tem um significado bastante especial para ela, pois lhe faz lembrar o carinho de seus pais e o quanto eles estimavam sua educação e cultura. Conserva-os há 50 anos.

Virgínia foi filha única; seu referencial de família eram seus pais. Por eles cultivou e ainda cultiva um grande carinho e respeito. A coleção *Reino infantil* foi presente deles de Natal, um presente, a princípio, não desejado por ela. A descoberta da riqueza dos contos que os livros traziam acontece pela leitura, primeiramente, pela mãe, depois por ela mesma.

Virgínia – Foi... Natal... No Natal, eu recebi uma caixa pesada de papelão, assim, rústico, eu não conseguia nem carregar. Eu falei: “Meu Deus, mas que boneca – porque eu achei

³⁶ Anexo D.d.5, a partir da página 165.

que fosse ganhar uma boneca – Nossa, que boneca pesada, o que eles fizeram com essa boneca?” Aí, quando eu vi, eram livros, de imediato eu achei horrível, porque, na verdade, eu queria brinquedo, eu queria boneca. Eu me lembro que, naquela época, tinha uma boneca, que eu assim, era apaixonada, que uma amiga tinha. O nome da boneca era Chiquita Bacana, que ela era de salto alto, tinha dois ou três pares de roupa pra trocar, cabelo pra pentear, aquelas coisas... E eu não ganhei a Chiquita Bacana, eu ganhei um monte de livros, eu olhei e disse: “Ah, meu Deus.” Mas, eu não podia descontentar meus pais, eu falei: “Ah, que... tá bom, né.” Perguntaram: “Gostou?” “Gostei, né...” Depois, que a minha mãe começou a pegar, à noite e ler os contos, aí eu descobri a riqueza que eu tinha nas mãos. E isso pra mim, foi uma descoberta contínua. E acho que foi isso que me, que despertou para leitura, sabe, que até hoje pra mim é fantástico.

Por ser a mãe diretora, por dedicar-se à profissão, pela constante presença dela na instituição escolar, bem como a proximidade do prédio a sua residência, Virgínia conta-nos que cresceu tendo a escola como um segundo lar:

Virgínia - Sempre morei no centro de Ouro Fino e muito próximo da escola onde minha mãe lecionava, que era o Grupo Escolar Coronel Paiva, e minha mãe foi, assim, a diretora por longo tempo, então, era como se fosse uma segunda casa pra mim, porque esse grupo ficava na esquina da casa em que morávamos.

Ela manteve uma relação de bastante proximidade e de troca de valores com seus pais. Mesmo não estando mais presentes, ela traz consigo a importância da convivência com eles na sua formação pessoal. Os livros são uma referência da presença dos pais:

Ilsa – E hoje, você, diante desse material, que você guardou durante tanto tempo, o que te ressurge ao tocar novamente este material?

Virgínia – Olha, ressurge uma saudade, morro de saudade daquele tempo, da minha mãe, linda, mas muito austera, porque ela foi diretora, então, ela era toda disciplinadíssima, meu pai era dentista, mas era um pai, assim, um pai avô, tudo que eu queria ele fazia. Eu fui filha única, então, ela era a disciplinadora. Eu me lembro da convivência dos dois comigo, tudo que eles faziam eu sentia que era pra passar algo de bom pra mim, então, eu ganhei muito com a convivência dos dois, muito. O referencial deles através dos livros, através da convivência diária, nossa não há dinheiro que pague. Infelizmente, hoje, a gente não vê mais isso, mas eu tento passar pros meus filhos, muito isso, que não vale a pena você ter coisa, conquistar coisa, amearhar coisas, você tem que se formar, bem formado dentro de você, bem estruturado e dar valor a quem te dá valor e procurar construir uma família, uma família, porque sem família você não é nada.

Com Virgínia, era sua mãe quem lia as histórias da coleção, um momento de leitura realizado à noite, no quarto antes de dormir, perto da cabeceira da cama:

Virgínia - É... Toda vez que minha mãe lia pra mim um conto, no início, eu viajava, mentalmente, principalmente esses contos que falavam das *Mil e uma noites*, de Bagdá, do Oriente, então eu ia longe, porque a gente imagina, né, a imaginação vai longe, e isso pra mim era uma maravilha. Então, as noites minhas eram especiais, quando a minha mãe

tinha tempo, e ia ler perto da cabeceira algum conto pra mim, era uma fonte, esses livros sempre foram fontes de viagens, são inimagináveis, eu curti muito isso daqui...

Para Virgínia, os livros adquiriram um sentido expressivo no decorrer do tempo. Retratam algo de imenso valor afetivo, são como joias preciosas, por representarem a relação familiar, a presença significativa dos pais:

Isa – Que significa hoje pra você este material, este livro?

Virgínia – Olha... São joias, são joias preciosas, porque eles não existem mais, infelizmente, a juventude hoje não dá valor que a gente dava, eu vejo isso pelos meus filhos, por mais que eu fale, que eu mostre, eles são muito informatizados pela *internet*, mas é... hoje, é tudo muito descartável. Então, pra mim, estes livros, esta coleção são joias, realmente joias.

No depoimento de Virgínia, os livros representam uma prática de leitura efetuada com e para o outro. A mãe se revela uma leitora de contos para a filha. Uma atividade cercada de envolvimento pelas narrativas, possibilitando a apropriação do mundo do texto, numa aproximação e vivência de mundos e terras distantes.

Os livros representam além do encantamento pelas histórias, uma reconstituição da relação familiar, principalmente materna, e tudo o que emana deste convívio: os sentimentos de proximidade, afinidade, respeito e admiração.

Os livros guardados revelam valores e sentimentos direcionados à família, permitem a rememoração de um tempo de infância em que os pais estavam presentes e a reconstrução dos sentidos que essa presença teve e ainda tem para ela.

4.2.6 Nubinha e o livro *A bonequinha preta*, de Alaíde Lisboa

Maria Aparecida Cobra Borges, 70 anos, nasceu em 1938. Iniciou sua carreira como docente em 1959, completando 50 anos de magistério. Atuou como professora na zona rural, inicialmente, depois, lecionou em todas as séries do ensino primário, mas foi na terceira série que obteve maior tempo de trabalho: dezessete anos. Trabalha como supervisora pedagógica do Colégio São José há 28 anos, um colégio da rede privada, de 109 anos de existência em Pouso Alegre. Foi também uma das fundadoras do ensino primário nessa instituição em 1980.

Conhecida como Nubinha por todos, quase não atende quando a chamam pelo verdadeiro nome. Conta-nos a história desse apelido carinhoso: por ser a filha mais velha cercada de intensa

insegurança pelos pais devido à dificuldade da época quanto à assistência médica durante a gravidez e o parto, a avó fez uma promessa a Nossa Senhora Aparecida de que, se tudo corresse bem e se fosse menina, seria atribuído o nome de Maria Aparecida. Apesar de dado o nome, a família continuou a chamá-la por Núbia, o primeiro nome sugerido pela madrinha.



Ilustração 29 – Foto de Nubinha, ao centro, com dez anos, na casa dos avós em Borda da Mata. Tirada em 1949 no batizado da irmã Afonsina, que está no colo da madrinha. O irmão João Batista está sentado, à direita de Nubinha. À esquerda: a filha da madrinha e uma prima.

Ao perguntar-lhe se havia guardado o livrinho em que estudou, na primeira série, dissemos que sim, que tinha com ela uma relíquia, que não dava nem trocava por nada neste mundo. Por ele não deixa de demonstrar seu amor e carinho: “(...) *A bonequinha preta*, [pegou o livrinho e mostrou] que eu amo, tenho o maior carinho.”³⁷

³⁷ A transcrição encontra-se no Anexo D.d.6, página 169.

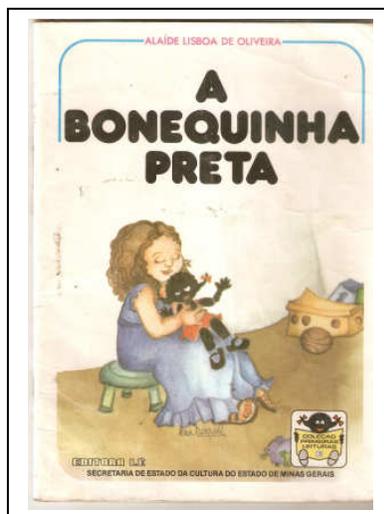


Ilustração 30 – OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A bonequinha preta**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1988.

Quando criança, morava em um sítio em Borda da Mata. A preocupação com o estudo dos filhos levou os pais a se mudarem para a cidade. Alfabetizada aos oito anos, conta-nos que não encontrou dificuldades em seu contato com as primeiras atividades escolares:

Ilsa – Quais as lembranças que você tem do início da sua escolarização?

Nubinha – Então, eu comecei a frequentar a primeira série na Escola Estadual da Borda da Mata, que os meus pais moravam lá. O papai tinha um sítio no município e mudou pra cidade pra eu começar a estudar. Eu comecei até em idade avançada, em vez de começar com sete eu comecei com oito. Em consequência disso, de eu ser a filha mais velha, de eu ter começado com oito anos, eu percebi que eu destacava na sala de aula, e eu me lembro que no iníciozinho da alfabetização a minha professora pegou um livro, chamou uma colega de sala, na porta, e me mandou ler, ela descobriu que eu estava lendo, e me mandou ler aquele livro, então, ficou naquela alegria, né, naquela felicidade e eu também, que eu estava, né, apesar de ser bobinha ainda, né, que morava na roça, é... mas eu percebi que estava me destacando em relação aos outros, [folheando o livro] então foi uma lembrança muito boa. E esta professora de primeira série ainda está viva.

Nubinha foi alfabetizada pela cartilha *O livro de Lili*³⁸, mas relata-nos que ficou pouco tempo com este material, pois logo a professora percebera seu avanço na leitura e na escrita em relação ao restante dos alunos e ofereceu-lhe a leitura de um livro *intermediário*, ou seja, um livro que continha uma história com um enredo maior, possível de se ser lido por uma criança recém-alfabetizada.

³⁸ Refere-se à cartilha *O livro de Lili*, de Anita Fonseca, editado pela Editora Francisco Alves, em meados da década de 30. Cf. MACIEL, F. I. P. **Ler, escrever e contar...** A história da alfabetização em Minas Gerais. In: PERES, E.; TAMBARA, Elomar. **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX e XX). Pelotas: Seiva, 2003.

Ilsa – E o material que a senhora guardou?

Nubinha – Olha, eu fui alfabetizada em uma cartilha, que na época se chamava: *Cartilha da Lili*, mas não sei o autor, não sei nada, porque eu era criança, e a gente não tinha interesse de querer saber, mas como eu me destaquei e comecei a ler primeiro que os outros, então a minha professora arrumou uma leitura intermediária pra mim e esse leitura intermediária foi *A bonequinha preta*, [pegou o livrinho e mostrou] que eu amo, tenho o maior carinho. E no começo quando eu lia *A bonequinha preta*, eu chorava de dó da bonequinha, porque na minha cabeça eu dava vida pra boneca, sabe, então, quando ela caiu no tabuleiro do verdureiro, né, eu chorava de dó da bonequinha, sabe, mas o que eu me lembro bem foi isso, nós fomos alfabetizados com a *Cartilha da Lili*, que começava com as vogais, depois ia juntando as sílabas e por último a leitura intermediária, que pra mim foi *A bonequinha preta*.

Lembra-se do nome completo da professora da primeira série: Isaura Maria Megale. Esse momento escolar é para ela um período significativo. Desse tempo de sua vida, ficaram as lembranças de uma aprendizagem, das relações sociais que se estabeleciam com a professora e com os colegas, de situações ocorridas na sala de aula:

Ilsa – O que a senhora guardou de sua época de escola?

Nubinha – Olha, da minha época, específica de primeira série, eu só tenho boas lembranças, é... o meu relacionamento com os colegas era muito bom, eu me sentia muito querida pela sala, e... por eu ser uma menina dedicada, já mais madura, né, é... eu tinha assim, muito carinho da minha professora, meu relacionamento com ela era muito bom, nunca soube o que era um castigo, uma pena, que eu tivesse feito alguma coisa, então, eu tenho boas lembranças, mesmo. Depois só na quarta série que eu tive uma professora muito brava, que essa me marcou profundamente, ela não brigou comigo, mas eu via ela brigar com meus colegas, e agredia mesmo, puxava a orelha, um dia pegou o sapato, pegou o salto do sapato e bateu no aluno, sabe, então, era umas coisas que chocavam a gente antigamente.

A professora da primeira série, no depoimento, destaca-se por perceber e reconhecer suas habilidades de leitura já dominadas, por propiciar um avanço a essas habilidades, por oferecer-lhe algo além dos demais alunos, por permitir-lhe ler, dando-lhe um livro e por reconhecer sua capacidade de leitura:

Ilsa – Quando criança, você se lembra de quando a professora te deu este livrinho, das emoções, das sensações quando criança?

Nubinha – Olha, foi o que eu disse pra você, ela me chamou pra ler, abriu uma leitura e me mandou ler, quando ela viu que eu estava lendo, no dia seguinte ela trouxe, de presente pra mim, *A bonequinha preta*, mas não falou assim: “porque você está semialfabetizada”, me deu e falou: “é um presente pra você, porque ontem eu gostei muito da sua leitura, então eu trouxe pra você ler esta historinha.” E eu fiquei feliz da vida, né, ganhei um livro de sola da professora, de uma escola que eu já estava encantada. Porque ela me deu uma página pra ler, e eu li o resto, ela fez assim, uma espécie de motivação, me deu uma página, eu li, depois ela vem, no dia seguinte, e me deu o livro de presente.

Ilsa – Então esta foi sua primeira experiência de leitura com o livro? Leu uma página depois o livro todo?

Nubinha – Foi...

Nubinha cursou as primeiras séries do Ensino Fundamental numa escola estadual, depois foi para um colégio religioso, onde se formou Normalista. Ela não guardou o livro em que estudou, mesmo porque, o que leu não lhe pertencia, fazia parte do acervo da biblioteca escolar; entretanto, trazia consigo o desejo de adquiri-lo novamente. Formada professora, vem trabalhar em Pouso Alegre, cidade onde fixou residência. No momento em que inicia sua carreira como docente, (re)surge o interesse de possuir novamente aquele livro. Envolvida pelas atividades do magistério, sentiu-se movida a encontrá-lo, a princípio como um auxílio pedagógico, depois por apreço e por tudo o que ele representava. Assim, passou a procurá-lo com mais intensidade:

Ilsa – Foi nessa época que surgiu o interesse pelo livro?

Nubinha – Foi. Quando eu comecei a trabalhar na escola, aí eu me lembrei da Bonequinha Preta e fiquei doida atrás dele, consegui, e cheguei a colocá-lo, mesmo, na biblioteca de sala da escola onde eu trabalhava, e aqui também tem um na biblioteca de sala, só que este que está aqui é meu, fica guardado lá na minha casa.

Apesar de todo empenho da busca pelo livro, não obteve nenhum sucesso, o que não a impediu de continuar à sua procura. Quando o livro *A bonequinha preta* completou 50 anos de publicação, a editora Lê lançou uma nova reedição desse material. Foi então, nessa ocasião, em 1988, que Nubinha pôde adquirir seu exemplar.



Ilustração 31 – OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A bonequinha preta**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1988, Verso da capa.

Havia uma procura pelo livro, uma necessidade de possuí-lo novamente e depois do (re)encontro, o objeto-livro é guardado como uma verdadeira relíquia:

Ilsa – Sobre o livrinho, como, então, a senhora adquiriu este livrinho?

Nubinha – É... o que eu li era da biblioteca da escola, depois... por muito tempo eu vivia procurando *A bonequinha preta*, porque eu queria guardar, e não encontrei, é... quando aconteceu uma reedição dele, deixa eu ver a data, [procurando no livro] ele foi reeditado várias vezes, aqui, inclusive na homenagem que é feito à autora Alaíde Lisboa, que é a autora do livro. [procurando no livro] Quando a Alaíde completou... O livro completou 50 anos de existência, aí, ele foi reeditado, sabe, depois, nessa segunda edição foi que eu consegui, aí guardei como relíquia, dei para meus netos lerem, todos leram [risos] na fase da primeira série.

Revela-nos o motivo desse desejo impetuoso de possuir novamente esse material, um desejo que transcende o objetivo inicial de auxílio pedagógico. Junto com o livro, vêm também as lembranças da sua infância, da escola em que estudou, da sua professora:

Ilsa – Como foi quando a senhora conseguiu esse livrinho, esse primeiro contato seu com o livro?

Nubinha – Nossa, eu lembrava a história, né, porque foi uma coisa que me marcou profundamente, mas, é... Quando eu consegui o livro, sentei com ele, questão de minutos eu reli novamente, sabe, aí, foi aquela emoção, né, aquela lembrança gostosa da infância, da minha professora, da minha escola, sabe, que ainda existe a escola, mudou o nome, quando eu estudei era Coronel José Inácio, hoje ela é Benedita Braga Cobra, que é inclusive o nome de uma tia-avó minha, por quem assim eu tinha muito respeito, muita estima, então esta escola ainda existe também.

A história deste livro, segundo Nubinha, traz-lhe um fascínio, por conter características de uma determinada época da sociedade rural e urbana, como o verdureiro e seu tabuleiro de verduras.

Ilsa – O que mais aprecia neste livro?

Nubinha – Olha na verdade o que eu aprecio é assim, é... a forma como a autora colocou da realidade daquela época, porque “*a boneca caiu no tabuleiro de verduras do verdureiro*”, são coisas que a gente não vê há muito tempo, isso né, ninguém vende mais verdura na rua, então, isso me chamou a atenção e eu tenho, assim, um carinho especial, porque são fatos daquela época, né, experiências daquela época, não sei se você conhece este livrinho, não?

Estar diante do livro para ela é a possibilidade de lembrar-se de um momento de sua vida: a infância, e com ela as lembranças de um tempo escolar, do ambiente da sala de aula, da relação

com os colegas, com a professora, circunstâncias de uma vida familiar, de relações sociais em que estão presentes a rua, os vizinhos:

Ilsa – E agora, Nubinha, diante deste livro, você começou a falar das lembranças, quais sentimentos ressurgem...

Nubinha – Ah, ressurge a minha infância total, viu, ressurge a minha sala de aula, os meus colegas, e eu tenho ainda... uns que eu ainda encontro, né, às vezes, esporadicamente, é... me volta a lembrança da minha infância na Borda da Mata, eu me lembro muito da casa, onde a gente morou, dos vizinhos, sabe, é uma recordação gostosa da minha infância.

Um livro que revela as atividades de leitura realizadas pela criança fora do ambiente escolar. Uma prática de ler as imagens, voltar-se para a leitura das ilustrações, uma leitura realizada como um momento de distração, diversão:

Nubinha – Geralmente, porque, na minha época, filho mais velho trabalhava, ajudava a olhar meus irmãos, então, eu chegava da escola, eu tinha as minhas obrigações, aí, depois que eu terminava as minhas obrigações, pra ajudar a mamãe, que éramos um número muito grande de irmãos, somos dez irmãos, mas é claro, que na época que eu estava sendo alfabetizada nós tínhamos, eu tinha apenas quatro., mas sendo a mais velha, eu tinha determinadas obrigações, então, depois que a gente jantava, porque naquela época tinha o jantar, né, aí, eu me sentava, não tinha televisão na época, aí eu me sentava e eu aí ler o meu livrinho, eu voltava muitas vezes nas gravuras, sabe, a cada fala, a cada parágrafo, eu voltava, na gravura, eu me interessava pelas gravuras. Era assim... uma... diversão pra mim, era o que tinha na época, né.

Por este livro representar uma vida escolar, familiar, um momento de aprendizagem, um momento da infância, Nubinha define este material como sua maior relíquia:

Ilsa – Que significado tem hoje este livro pra você?

Nubinha – Ah, é uma relíquia, é relíquia, eu sou muito conservadora, sabe, eu guardo coisas, eu tenho guardado comigo as provas que eu fiz na quarta série, porque... do Ensino Fundamental, porque era todo um aparato pra gente terminar, pra gente receber o diploma de quarta série, né, era muito valorizado, então, nós fazíamos as provas no papel diferenciado, era uma folha de papel almaço dupla, que a gente levava, a professora fazia um cabeçalho com uma letra muito bonita, e depois a gente fazia naquela folha de sulfite... é... de papel almaço, e eu guardo, eu tenho guardado, sou dona de guardar as recordações, sabe, as coisas todas eu guardo. [risos] Então, por isso eu guardei o livrinho.

No depoimento de Nubinha, pode-se evidenciar o que move o ato de recuperar novamente um material de leitura. Ao atuar como professora (re)descobre o livro como um auxílio pedagógico, o que mais tarde vem constatar que o valor deste objeto-livro ultrapassava o primeiro ímpeto.

O livro passa a representar um momento da alfabetização em que assume sua identidade leitora, o reconhecimento do domínio dessa atividade e o estímulo da professora. Um objeto que provoca, não só a rememoração de um local, a instituição escolar, mas das relações que permeavam esse ambiente da sala de aula com os colegas, com a professora, e ainda do contexto social em que vivia: da rua onde moravam, dos vizinhos, da casa em Borda da Mata. O livro possibilita uma recordação da infância e tudo o que compunha aquele momento da vida.

A história que esse livro carrega, possui um sentido único; primeiro por estabelecer uma relação com o seu mundo real, ao trazer as marcas de um determinado tempo e as características do contexto social da época, como, por exemplo, a presença do verdureiro – um vendedor ambulante de verduras. Depois, pelos personagens que, por serem considerados vivos, se misturavam neste jogo entre a fantasia e a realidade; ela acreditava que a boneca tinha vida, que podia falar e andar.

O livro recebe a atribuição de objeto de valor, de relíquia, por reconstruir os encantos que envolvem a narrativa e os sentimentos de ingenuidade, de companheirismo, de descobertas os quais acompanham a infância.

4.2.7 Pe. Márcio e a série *As mais belas histórias*, de Lúcia Casasanta

Márcio Silva Souza é sacerdote da Congregação dos Claretianos, há vinte anos. Nasceu aos 25 de fevereiro de 1960, em Itabira, Norte de Minas Gerais e conta-nos com orgulho: “*terra do grande poeta Carlos Drummond de Andrade*”. Márcio, 48 anos, atualmente exerce a função de pároco da Paróquia Imaculado Coração de Maria, na cidade de Pouso Alegre.

Apresenta-se movido pelo gosto à leitura e aos livros, não apenas pela profissão e posição que ocupa, mas por ter uma vida de envolvimento com leituras que lhe foram significativas.

Estudou toda sua infância em Itabira. Coursou os primeiros anos do ensino fundamental numa escola municipal, Primeiro de Julho, localizada num bairro na periferia da cidade. Posteriormente mudou-se para uma escola estadual, Colégio Professor Emílio Pereira de Magalhães; depois, nas séries finais do ensino fundamental, para um colégio particular, Colégio Comercial Italiano, até entrar no Seminário Santo Antônio Maria Claret. Formou-se em Filosofia, Teologia e é mestre em Bioética pela Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS.

Quando interrogava a secretária da paróquia, Dona Maria, sobre a possibilidade de seus pais terem guardado o livrinho da época em que estudaram, Pe. Márcio, que estava no mesmo

local, disse-me ter os livrinhos, mas que estavam em Itabira com suas irmãs. Foi então que lhe expliquei sobre minha pesquisa. Ele se prontificou a solicitar o envio daquele material e aguardamos a chegada dos livros: *As mais belas histórias*, de Lúcia Casasanta.



Ilustração 33 – CASASANTA, Lúcia. *As mais belas histórias*. 79. ed. Belo Horizonte: editora do Brasil, [s/d.].

Contou que, não somente ele tem um carinho especial pelos livros da coleção *As mais belas histórias*, como também seus irmãos e suas irmãs, porque todos leram e utilizaram esses livros no período escolar. As palavras do Pe. Márcio revelam práticas de uso do material de leitura, um material que era compartilhado, (re)passado de um irmão para o outro a cada ano:

Ilsa – E como o senhor adquiriu estes livrinhos, como foi a história?

Pe. Márcio – Olha bem, adquirir estes era muito difícil, ainda mais que as famílias eram... Não tinham tantas condições, naquela época era, era muito duro, chorava mesmo, até para conseguir livro. Muitas vezes era emprestado, ficava de um irmão para o outro, e eu de uma família grande, família de dez irmãos, imagina, né, dava pra aproveitar um pouco. Então, eu sei que vários irmãos meus sabem deste livro. Minhas irmãs, e lá em casa é assim, como se fosse um gosto. Todo mundo gosta deles, chegar lá...³⁹

Um livro de uso comum, permeado por uma prática de cuidados, de expectativas, de esperas, de partilhas, o qual compreende o seguinte processo de transição: um irmão mais velho que se servia de um objeto, sob o conhecimento de que o material seria legado ao irmão mais novo; um irmão mais novo que se sujeita à espera de um material já utilizado por outro.

³⁹ A transcrição encontra-se no Anexo D.d.7, página 174.

Assim, no depoimento, Pe. Márcio conta-nos que sua primeira atitude ao encontrar os livros num sebo em Belo Horizonte, é xerografar todos os livros e enviar a cópia aos seus irmãos, por terem compartilhado do mesmo material de leitura. Definiu-os, não como um livro individual que pertencia apenas a ele, mas como um livro familiar:

Isso daqui, quando eu consegui... Esse daqui eu não consegui o original, eu corri atrás e encontrei num sebo em Belo Horizonte e mandei tirar xerox de todos os livros, e por isso que eu tenho, e rep... Isso passou para mãos das minhas irmãs e dos meus irmãos e eles lembrando das... Das histórias, muito importante, ele não era só individual, ele era familiar. (Pe. Márcio)

Um livro que permite reconstruir lembranças de um período de variação nas relações interpessoais que ocorre na infância, um momento em que uma criança deixa o aconchego de seu lar e a familiaridade das circunstâncias que envolvem esse ambiente, para vivenciar algo novo: a entrada na escola. A escola aparece como um elemento incógnito e, ao mesmo tempo, surpreendente. Essa novidade, para o depoente, necessita de uma adaptação às normas, à rigidez, às características do ensino, aos modos de estudo, às disciplinas, ao acolhimento, à organização, ao material de leitura, às cartilhas, a uma cultura escolar:

Pe. Márcio – Eu me lembro sim, perfeitamente, porque naquela época havia uma ligação da escola com o mundo mais agrícola, de certa forma, onde de um lado era um pouco difícil a socialização do aluno, a gente saía de um ambiente bastante familiar, era um pouco rígido, de certa forma, mas, porém, já com início de maior abertura pedagógica. Então os primeiros anos eram de adaptação, pelo menos na minha cidade, ainda, estava começando o chamado pré-primário, nós entrávamos de primeiro ano direto, eu mesmo entrei no primeiro ano, mas chamava primeiro ano novato e para depois fazer o primeiro ano [risos], chamava repetentes, repetíamos mesmo sem querer. Isso era um problema.

Ilsa – Do que o senhor guardou dessa época, o que mais o marcou?

Pe. Márcio – O que mais me marcou foi a maneira como se educava. Havia uma responsabilidade das professoras, de certa forma, era ainda aquela fase das filas, da separação de pátio dos homens, pátio das mulheres, das cartilhas, muitas cartilhas, do aprender decoradamente a tabuada, de frequentar a biblioteca, toda uma vez por semana, tinha que ir na biblioteca, cada dia era uma turma e também da disciplina, pouco disciplinar.

Pe. Márcio relata-nos sentimentos de frustração, dificuldades de aprendizagem e de adaptação em decorrência da troca de professora, situações devidas a uma má organização na estrutura administrativa da escola:

Ilsa – O senhor consegue lembrar o nome da professora?

Pe. Márcio – Ih... não tem jeito de não esquecer [risos]. A minha professora mesmo se chamava Adélia... é... No primeiro ano eu tive uma certa dificuldade, porque interessante, naquele tempo as professoras, elas tinham uma certa limitação, faziam repartições da turma, mas às vezes não ficavam atentas, então, às vezes elas mandavam o aluno para uma turma, depois elas ficavam procurando o aluno para retornar à turma original, eu fui enviado para uma turma, quando na verdade pertencia à outra, então quando eu estava me acostumando com uma professora, então, vem aí, aquele rompimento, isso foi pra mim negativo didaticamente, até eu me acostumar com a outra professora. Eu não me acostumei, porque a primeira já estava na cabeça, interessante.

Ilsa – Já havia criado aquele vínculo.

Pe. Márcio – Vínculo, o vínculo. Aí aquele ano tive certa dificuldade, passei de ano mas minha mãe achou, como eu estava bastante doente, que havia também as dificuldades de enfermidade, tudo, aquelas coisas, a minha mãe me mudou de escola, e aí eu comecei o primeiro ano de novo, então, foi... as adaptações não eram fáceis, mesmo porque os alunos não eram tão saudáveis, nossa época não havia, é... Condições por exemplo: médico era distante, condições de tratamento, tudo isso...

Conta-nos que as professoras adotaram a coleção *As mais belas histórias* como um livro-base do trabalho pedagógico. Essa coleção é composta por cinco livros, um livro por série escolar. Esse material era comprado pelos próprios alunos. O primeiro livro dessa coleção, intitulado *Os três porquinhos* continha uma única história, constituído por folhas soltas, as quais eram entregues uma a cada dia, de acordo com a dinâmica da professora, até completar o livro:

Pe. Márcio – (...) Então, era muito importante para o aprendizado e o primeiro livro dessa coleção era uma história que... que você não recebia o livro, você recebia a página do livro, a cada lição, depois constituía, chamado: *Os três porquinhos*, né, então, aquilo quase que a gente decorava, ficava na cabeça: “*Era uma vez três porquinhos...*” Eu tenho isso até hoje na cabeça, ficou mesmo. Então, recontava a história e aquilo ficava na... mente dos alunos, era muito bom.

Pe. Márcio – Foi assim, as professoras falavam que queriam adotar um livro, este livro pro primeiro ano nós tínhamos que comprá-lo das mãos das professoras, não ia na livraria comprar, então se vendia aos alunos, elas entregava, como era um livro que ia fazer coleção das páginas, entregava por lição, entregava a capa e a lição e cada lição que você estudava, você ia pro um livro, então, era uma maneira didática que elas tinham para que gente não adiantasse nas lições. E como era primeiro ano, era mais de aprender a ler, essa era uma forma de sempre repetir a lição.

Os demais livros contêm, além de histórias narrativas, também contos, poemas, cânticos, fábulas e isso, segundo o depoente, essa variedade de textos possibilitou diversificadas formas de utilização do material pela professora, o que oferecia múltiplas práticas de leitura aos alunos, como o cantar, o declamar, a leitura (oral e silenciosa) e a interpretação do texto através de perguntas sobre o contexto:

Ilsa – O senhor lembra como o senhor lia, como a professora fazia essa leitura?

Pe. Márcio – Sim, ela usava diversos meios, você vai reparar que há uns cânticos, era “Toc, toc”, como que é? Por exemplo, a gente cantava uma canção, canção da...da...flor... se cantava mesmo, aprendia-se a cantar, *Canção do Exílio*, o que acontecia era o seguinte a cantar e com aquilo também gravava o que se cantava e gravava a lição.

Ilsa – Gravava o texto.

Pe. Márcio – Gravava o texto, outras vezes declamava poesia.

Ilsa – Era bem variado.

Pe. Márcio – Exato, bem variado. Havia alguns que eram é... por exemplo de reflexão de amor à pátria, de patriotismo, outros eram na linha moral, assim, pra poder também ter uma atitude diante da sociedade, diante da... Então, nós líamos, exatamente, às vezes tinha que trazer a tarefa de casa, você ainda dava algumas perguntas pra você ter respondido, havia diversas formas.

O livro marca pelas histórias nele contidas. Há um envolvimento do leitor pelo enredo do texto, provocado por um conteúdo de fundo moral, crítico e reflexivo contido na narrativa ou na fábula. As histórias trazem ensinamentos por meio dos comportamentos errôneos dos personagens; os contos apresentam lições de vida:

Ilsa – O que o senhor mais apreciava neste livro naquela época, o que mais marcava quando o senhor olhava...

Pe. Márcio – O que mais me marcou foi que essas histórias parecem que elas falavam na vida da vida, quando por exemplo, a história do Joca: [acompanhando no livro] Joca era um coelho que entrava na horta para roubar cenouras, né, então um dia o dono da horta pegou ele, é... e... ia comê-lo, mas a esposa ficou com dó, ficou chorando, né, então ele falou: “Vai embora.” E a mãe sempre dando a lição, não faça meu filho, porque um dia pode ser pior, não sei o que, e ele teimava, até que um dia ele voltou novamente para roubar as cenouras, o dono pegou e comeu, e ele virou uma pratada, quando a mãe foi procurar só achou lá as coisinhas dele e tava chorando: “*eu falei tanto pro meu filho.*” Então, mostrava e no fundo era uma lição pra gente, a história ensinava que a gente não devia fazer as coisas erradas.

Para Pe. Márcio, estar diante do livro é um momento de gosto, de prazer por possibilitar a lembrança da infância e também do aprendizado que ocorrera nesse momento escolar, marcado pelas práticas de leitura efetuadas a partir do texto, presentes no ato de ler, de declamar ou de cantar; práticas que despertavam um gozo pelo estudo, pela leitura e pelo próprio livro:

Ilsa – Mostrava a consequência, né... E hoje diante deste livro, né, que sentimento que o senhor tem hoje, que sensações?

Pe. Márcio – Ah, eu tenho sentimento de gosto, quando eu me lembro é como se eu relembresse, talvez lá o contato com a.. com a... A infância, com os aprendizados, isso falava da vida, falava da nossa fé, olha pra você ver. [leu um poema]

“A barca nova
Oh, vamos, Maria, vamos
Pela praia passear,
Vamos ver a barca nova
Que no céu caiu...”

Mas, era cantado. [depois cantou]

“Oh, vamos, Maria, vamos
Pela praia passear
Vamos ver a barca nova
que do céu caiu no mar.
Nossa Senhora vai dentro
Os anjinhos a remar.
Remem, remem, remadores
Que as águas são de flores.”

E cantava, era bonito. Era uma coisa que dava à gente suporte, este gosto pelo livro.

Entre o declamar e o cantar, surgem outras atividades elaboradas pela professora como o ato de colorir as ilustrações das histórias que vinham em branco, sem o preenchimento de cor, segundo nos aponta o depoente. Tal atividade favorecia-lhe uma maior aproximação do objeto-livro:

Pe. Márcio - (...) Mas parece que havia até certa magia o livro, você tem que, como é... os desenhos como é que eram, eram originais, não eram coloridos, porque não tinha... Nós coloríamos estes livros, a professora falava: “*Quer colorir?*” “*Pode?*” “*Pode colorir.*” Era realmente é... é... interessante, porque eles faziam com que a gente tivesse contato com o livro.

Esses livros revelam certa importância e especialidade para o Pe. Márcio. Conta-nos que os adquiriu novamente pelo sentido familiar e pelas histórias que eles traziam:

Então, adquiri, exatamente, por causa da... do sentido familiar e porque gostava das histórias. Essas histórias eu sabia de cor, talvez não com toda uma escrita, com a maneira exata como foi escrita, mas todo o conteúdo que diz a história a gente sabe, sabia, e por incrível que pareça entre esses, me levaram a entrar... não esse livro, mas teve um do quarto ano, chamado: *Como é bom ser bom*, que me inspirou a entrar no seminário. Como um livro de literatura que eu li, *O cavaleiro*, são igual... que é a história de um imperador Carlos Magno, muito interessante. Então isso inspirava a gente também, parece que não fala, mas fala muito da cultura, da formação, do contato com o mundo, nosso contato com o mundo era através da leitura, ficava imaginando os imperadores. Tipo Carlos Drummond de Andrade, ele falava que ficava embaixo de, da árvore lendo Robson Crusóé, não é? Então isso pra gente tinha essa magia, lendo debaixo de uma árvore ou deitado numa rede, enfim, mas deliciando as leituras...

Assim, essa série ganha um sentido peculiar, um valor de relíquia por compor a parte de sua formação intelectual, moral e social, por retratar um tempo rico de aprendizagens, de descobertas, de trocas de conhecimentos e de práticas de leitura:

Ilsa – Qual o significado que tem hoje pro senhor estes livros?

Pe. Márcio – Hoje, eu vou falar assim, que é uma relíquia, no bom sentido é claro, não para ficar guardado, mas para se ler, um sentimento de alegria, que quero até agradecer a Deus por ter conhecido, né, estas histórias, porque elas fizeram parte da minha formação, elas ajudaram para minha fé, para minha educação moral, para minha educação cívica diante da sociedade, da forma como Lúcia Casasanta, realmente, conseguiu reunir histórias da literatura grega, da literatura latina, né, da literatura brasileira, contando através de diversas formas, claro que não é completo, porque o arquivo literário é muito grande, mas realmente, é... trouxe pra gente, dá o gosto de aprender a contar histórias. Que lá em casa só se contava histórias, minha mãe era uma verdadeira contadora de histórias, né, e havia esse cultivo na família, reuniu a família pra contar histórias, isso era muito comum, então meu pai, meus tios e a gente gostava de ficar sentado, às vezes, na beira do fogão de lenha, escutando as histórias, a gente se deliciava com aquilo, sempre com um fundo de... de... assim... uma mensagem educativa. Agora, se contava assim, muitas histórias de assombração que era próprio, isso era comum também. Algumas coisas a gente sabia que era mentira, mas se sentia medo assim mesmo.

Esse sentido único de afetividade, de cumplicidade pelo/com objeto-livro aparece relacionado a uma representação de um tempo, de um período marcado por uma relação intensa com a própria vida. Segundo o depoente, aquele era um período sem muitos recursos tecnológicos ou financeiros, contavam apenas com a criatividade e a leitura possibilitava tal façanha:

Ilsa – Mas e hoje o que o levou a guardar este material?

Pe. Márcio – Ah, um sentimento afetivo.

Ilsa – Tinha uma relação forte com a vida...

Pe. Márcio – Relação forte com a vida... Eu penso assim, claro que hoje existe outras formas de educar, claro, didáticas, sim, eu mesmo sei, né, mas cada tempo tem sua riqueza. O nosso tempo foi muito rico, muito rico, porque tinha que buscar, tinha que ser criativo, os recursos eram menos, então a criatividade tinha que ser maior, né, e cultivar a leitura era importante (...)

O depoimento de Pe. Márcio apresenta uma relação específica com a materialidade dos livros, primeiro pelas histórias neles contidas. Os textos que compõem esses livros são uma coletânea de narrativas que trazem um ensinamento moral, religioso e social a partir de contos, de textos bíblicos, de fábulas e de poemas. Textos que favorecem uma determinada prática de leitura efetuada no ambiente escolar, como o declamar, o decorar e o cantar.

Segundo, por trazer um modo distinto de uso que decorre do ato de compartilhar o material. O objeto-livro é usado pela criança e depois (re)utilizado pelo irmão mais novo.

No ato de partilha há toda uma mobilização de ações antes do repasse do material. O livro aparece rodeado de atos do leitor, como o cuidado para preservar a materialidade do impresso, a

escrita a lápis e sem rasura, o pagar o que se escreveu e pelo prazer de colorir as ilustrações dos textos.

São essas atitudes que permitem, ao depoente, o desejo de (re)encontrar seu primeiro material de leitura, de mover ações para possuí-lo novamente e de defini-lo como um livro familiar, por ser o material, não somente seu, mas de todos aqueles a quem fora assegurada uma posse temporária.

4.2.8 Maria Helena e as cartilhas *Sodré, Lalau, Lili e o Lobo* e o *Livro de poesias*

Maria Helena Cunha Narciso, 59 anos, nasceu aos 12 de novembro de 1949. É natural de Pouso Alegre (MG), casada e mãe de dois filhos. Estudou parte da sua infância na fazenda dos pais em São Sebastião da Bela Vista (MG) e depois em um colégio interno em Borda da Mata.

Formou-se professora no Colégio e Escola Normal Santa Doroteia, em Pouso Alegre, em 1968. Graduiu-se em Letras, em 1974, pela Universidade Estadual de Varginha; munida de vários cursos e especializações como Administração Escolar, Inspeção Escolar, Orientação Educacional e Didática do Magistério.

Atuou como professora, supervisora, inspetora e diretora escolar. Aposentou-se no cargo de Analista Escolar da Secretaria Estadual. Atualmente é supervisora da rede municipal de ensino de Pouso Alegre. Dedicada e comprometida com o magistério, trabalha com professores da educação infantil. Acredita num trabalho de alfabetização baseado numa metodologia analítica (silabação).

Tive a oportunidade de conhecê-la durante alguns anos de trabalho na Escola Municipal CAIC Dr. Carlos Ferreira Brandão. Nessa instituição, Maria Helena atuou como supervisora das séries finais do ensino fundamental e depois assumiu o cargo de direção.

O contato com Maria Helena procedeu *on-line*, *pelo site* de comunicação entre amigos e por *e-mails*. Mesmo sem nos encontrarmos pessoalmente, a fim de proporcionar maiores esclarecimentos sobre o trabalho, ela manifestou grande interesse pela pesquisa:

*Achei o livro que estudei e da minha filha também...
Livros que serviram de base para minha alfabetização:
Cartilha Sodré
Cartilha Lalau, Lili e o Lobo e Livro de poesias da época... (Maria Helena)*



Ilustração 34 - Cartilha Sodrê, *Coleção Sodrê*, de Benedicta Stahl Sodrê; *Lalau, Lili e o Lobo*, de Rafael Grisi e *A poesia na escola* [s. a.].

Diferentemente dos outros entrevistados, Maria Helena não quis ser filmada nem ao menos gravar nossa conversa. Disse não se sair bem em entrevistas, mas que responderia ao questionário por escrito.

Mostrou grande preocupação em responder de forma que o texto se apresentasse bem escrito, sem erros ortográficos ou gramaticais, por se destinar a uma entrevista de mestrado e para uma universidade como a UNICAMP. Um fato que permitiu a esta entrevista uma característica específica, a objetividade. Apresenta uma narrativa curta, sintetizada, sem adição de detalhes, contudo bem elaborada.

Os livros não são os mesmos do seu período de escolarização. Adquiriu-os em uma biblioteca escolar, quando foram selecionados para o descarte. Demonstra ampla satisfação em guardá-los, por serem exemplares de um material de leitura utilizado em sua aprendizagem e pela possibilidade de apoio ao seu trabalho como alfabetizadora e supervisora.

Maria Helena foi alfabetizada aos seis anos pela *Cartilha Sodrê*, numa escola na fazenda de seus pais, em São Sebastião da Bela Vista, numa sala de aula composta por alunos de diferentes idades e em diferentes séries; um momento, segundo ela, marcado pela diversão e pela ausência da obrigatoriedade de estudo:

Aos seis anos frequentei a escola da fazenda de meu pai (Município de São Sebastião da Bela Vista – MG). Era uma sala “multisseriada” (1.^a e 2.^a séries). Estudávamos as lições em casa para lermos, todos os dias, para a professora. Era uma brincadeira para nós. (Maria Helena)⁴⁰

⁴⁰ A transcrição, na íntegra, encontra-se no anexo D.d.8, página 181.



Ilustração 35 – Foto de pose, tirada pela Tia Terezinha em 1955, no jardim da praça central em Pouso Alegre (MG.). À esquerda, Maria Helena, com 6 anos, segurando um ramo de flores, à direita sua irmã mais velha, Maria Eli, com 8 anos.

No ano seguinte, conheceria outra faceta da escola e do ensino. Agora, morando num colégio da cidade, conta-nos que havia no trabalho docente uma grande seriedade, cuja meta era a aprendizagem e a assimilação dos conteúdos pelos alunos. Na primeira série, conheceu a cartilha *Lalau, Lili e o Lobo*, no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Borda da Mata, local onde estudou até a sexta série do ensino fundamental em regime de internato – uma circunstância que ocasionava-lhe momentos de tristeza e saudade da família:

Aos sete anos fui para o Colégio (Colégio Nossa Senhora do Carmo em Borda da Mata, MG), em regime de internato. Neste período já não era diversão. Havia acompanhamento individual pelas freiras. (Maria Helena)

O que você guardou da sua época de escola?

Havia seriedade no trabalho e assimilávamos bem os conteúdos. A aprendizagem constituía meta essencial para o professor.

O que mais a marcou nesse momento de escolarização? Por quê?

A tristeza de ficar longe da família, porque os encontros eram raros...
Os professores sempre rigorosos, sempre exigiam o cumprimento das tarefas de casa.

Ao escrever-nos sobre algo interessante que tivesse vivenciado com seu primeiro livro de leitura, que foi a *Cartilha Sodré*, revela-nos:

Você se lembra de algum fato/experiência concreta na sua história com este livro?

Sim, eu me lembro muito da lição da vaca. Eu não sabia o significado de malhada. Minha professora omitiu essa explicação. Não se usava consultas a dicionários. Na fazenda de meu pai, as vacas eram vermelhas.

Essa cartilha interagiu com outros materiais escolares: com cartazes, com a lousa, com jogos e brincadeiras que, juntos, compilavam uma aprendizagem:

Como ocorreu sua primeira experiência de leitura com ele?

Ainda pequena, lembro-me de que o professor elaborava fichas direcionadas a todos os alunos (Palavra-chave e separação de sílabas). Decorávamos essa atividade a fim de que pudéssemos reconhecê-las em sala de aula.

O professor, em vários momentos, sugeria que:

- lêssemos cartazes anexados aos livros;
- escrevêssemos na lousa;
- participássemos de jogos envolvendo sílabas, vogais, sentenças e outros.

Maria Helena destaca também, junto às cartilhas, uma metodologia que as acompanhavam, como um trabalho com sílabas, com frases, com textos, com gravuras. Ressalta a importância desse método:

Como foi seu primeiro contato com este livro?

Suas gravuras me atraíram muito, porque iam ao encontro das nossas expectativas.

O que você mais aprecia (ou não) neste livro?

As sílabas são bem trabalhadas. Nas lições, propriamente ditas, elas aparecem em muitas palavras e sempre em destaque. Esse procedimento facilitava a memorização.

Descreve-nos seu encontro com estes livros, fato que ocorreu em uma biblioteca escolar onde trabalhou. Na ocasião, eles seriam descartados e solicitou-os para seu uso pessoal:

De que maneira você adquiriu o livro?

Encontrei esses livros na escola em que lecionei por algum tempo. Eles estavam destinados ao descarte, considerados incompatíveis com a nova ortografia. Nessa ocasião, requisitei-os para meu uso.

Conserva esses livros por acreditar numa alfabetização que envolva uma metodologia analítica de alfabetização, valorizando o trabalho desenvolvido pelas cartilhas de silabação:

O que a levou a guardar este material? Há quanto tempo está guardado?

Verifiquei que muitos alunos que recebia de 5.^a à 8.^a série, do ensino fundamental e até do ensino médio apresentavam deficiência na alfabetização. Muitas vezes trabalhei, individualmente, com eles. Esses livros serviram de base para elaboração de apostilas contendo seleção de palavras, que coincidiam com o dia a dia de suas vidas. A formulação de frases e histórias tornava-se fácil e prazerosa. Acompanhava-os com dedicação. O resultado sempre um sucesso.

O livro *Lalau, Lili e o Lobo* e a *Coletânea de poesias* estão guardados desde 1970. Presenteou-me uma excelente professora de alfabetização.

A *Cartilha Sodré* foi adquirida após esta data.

Onde e como você o guardou? Outras pessoas usaram este material?

Os livros estão guardados em estante adequada. Meus filhos foram alfabetizados por mim e os livros foram complementos para a memorização das sílabas e palavras. Esse material, também, serviu de base para alfabetizar alunos. Trabalhei com turma de 1.^a série, em 1971, 1977 e 1978.

Na minha época, as professoras possuíam esse material, como referência para organização de suas aulas.

Olhar novamente para esse material provoca lembranças de um tempo de criança marcado pela ausência das preocupações e responsabilidades cotidianas da vida de um adulto:

Estes livros conduziram-me ao passado e muitas lembranças afloram em minha alma: colegas, colégio, brincadeiras, festas juninas, filhos pequenos. Naquela época não havia preocupação com imposto de renda, salário, inflação, violência, política, corrupção e tantas outras coisas que poderia acrescentar nesse rol de palavras. Perdura a saudade?!

(...) Esse livro, no momento, representa uma história de trabalho, de metodologia envolvente e compromissada com a aprendizagem das crianças, que não encontramos nos dias atuais. Ele tem um valor histórico porque me transporta ao passado, enquanto criança e alfabetizadora.

O material de leitura, neste depoimento, aparece como o guardião estável de um determinado período da vida marcado por uma escolaridade com características metodológicas e disciplinares específicas e de uma aprendizagem, e de uma alfabetização que lhe fora significativa. O conteúdo dos livros, mesmo depois de décadas, serve de apoio à sua prática docente e de referência para a sua carreira no magistério.

Reencontrar novamente os livros possibilita-lhe a reconstrução de um tempo de escolarização marcado ora pela rigidez, pela autoridade dos professores, pela seriedade do ensino; ora pelas brincadeiras e pelos momentos de divertimento e descontração. Ter consigo este

material é não deixar que as lembranças de um momento da vida se apaguem ou caiam no esquecimento.

4.2.9 Maria de Barros e a *Cartilha Nacional*, de Hilário Ribeiro

Maria de Barros Magalhães, 85 anos, solteira, natural de Paraisópolis, é uma senhora muito atuante na Igreja Católica. Pianista, dedica essa aptidão musical às celebrações litúrgicas dominicais e leciona aulas de catecismo para os crismandos. É uma pessoa de referência na cidade em relação à educação e à religião. Todos a conhecem, respeitam-na e admiram-na.

Professora aposentada, já atuou em diferentes cargos administrativos: supervisão pedagógica, direção na rede estadual de ensino, bem como inspetora na Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais.

Foi alfabetizada aos sete anos, pela professora Maria Júlia Ferreira no Grupo Escolar Bueno de Paiva, local em que estudou até a 4.^a série. Em 1930, iniciou o curso de Magistério no Colégio Santa Doroteia, em Pouso Alegre.

Maria de Barros narra-nos boa parte de sua experiência escolar: sem um livro ou cartilha que sedimentasse o trabalho pedagógico, aprendiam por cartazes que traziam pequenas histórias, as quais se tornavam a referência de trabalho para a professora:

Ilsa – O que a senhora se lembra da primeira série?

Maria de Barros – Da primeira série lembro muito bem da professora.

Ilsa – A senhora lembra o nome dela?

Maria de Barros – Maria Júlia Ferreira.

Ilsa – Que lembranças a senhora tem?

Maria de Barros – Lembranças... Eu gostava, dessas coisas que ela punha no quadro assim, historinhas pra gente, né.

Ilsa – Tinha livrinhos?

Maria de Barros – Não. Tinha os cartazes que a secretaria mandava e com a leitura daqueles cartazes, essas coisas, a gente ia comentando e ia fazendo perguntas e depois ela escrevia a historinha no quadro e a gente copiava, e fazia o dever de casa, que ela mandava fazer o desenho, ilustrar a historinha.

Ilsa – A senhora se lembra da história?

Maria de Barros – Era: A roça do Zezito / Zezito tinha uma vaca / A vaca do Zezito era malhada. Então a gente gostava, achava uma belezinha. Contava a história da roça e de um menino que chamava Zezito, a gente tinha um colega chamado Zezito.⁴¹

Maria de Barros conta-nos que estudou as quatro primeiras séries do antigo ensino primário com a mesma professora, Maria Júlia Ferreira. Foi um tempo de convivência que lhe possibilitou construir sentimentos de afetividade, admiração e respeito pela professora:

Ilsa – Olha que interessante. É bonito a gente lembrar dessa época.

Maria de Barros – A minha professora era joia, professora feito ela hoje é difícil.

Ilsa – Da época em que a senhora estudou, a senhora não guardou nada, foto, essas historinhas em caderninho?

Maria de Barros – Não.

Ilsa – Depois da primeira, a segunda ou terceiro ano tinha outra professora?

Maria de Barros – Então, eu fiz o tempo todo com ela do primeiro ao quarto ano com uma professora só. Agora, eu falei pra você, nós tivemos dois anos de repetência, um por causa da revolução, que soldado do décimo segundo RI de Belo Horizonte ocuparam... Ficaram hospedados no grupo, no prédio. Era novinho, mas eles deixaram o grupo em petição de miséria, sujo, com lixo. Então foi preciso fazer uma limpeza, pintar tudo de novo, consertar os estragos que eles fizeram. Porque os soldados vieram tudo longe da família, coitados. Depois o outro ano, por causa da introdução desse tipo diferente de teste de avaliação e a classe inteira rodou, que a professora teve que repetir junto com a gente e ela falava: “*Foi um castigo pra mim*”, porque quando eu entrei na sala de aula e que viu a cara de vocês todos sentados tudo de novo, deu dor no coração dela. [risos]

Ilsa – Isso marcou muito a senhora?

Maria de Barros – Marcou, porque eu gostava muito dela. A nossa classe era muito boa.

Compartilha conosco toda sua trajetória como professora, suas experiências como supervisora e diretora, suas dificuldades para se aposentar como também seu curso de Administração Escolar que realizou em Belo Horizonte:

Ilsa – Quando a senhora fez o curso lá em Belo Horizonte, a senhora teve que ficar lá ou a senhora ia e voltava?

Maria de Barros – Não... Eu morei lá, tive que morar lá, porque além de ser longe, o curso era pesado, a gente começava meio-dia e ia até às cinco horas da tarde, todo dia. Além disso a biblioteca, na época, tinha sido trazida por essas pessoas que faziam curso fora, então, a biblioteca, a gente corria pra pegar livro em francês ou castelhano, porque a maioria era em inglês, quase não tinha nada em português, era pesado, porque a gente

⁴¹ A transcrição segue no Anexo D.d.9, página 185.

passava a parte da tarde assistindo aula e a parte da manhã fazendo tradução pra gente ter conteúdo, então era pesado, foi um curso bem pesado.

Ilsa – Isso foi na década de cinquenta?

Maria de Barros – Foi em 1951 e 1952. Foi na época do Juscelino. Que ele até foi nosso paraninfo.

Foi por intermédio de uma das entrevistadas, Maria Bernadete, outrora aluna no magistério da Dona Maria de Barros, que eu pude conhecê-la. Conversamos por telefone. Disse-me ter consigo uma cartilha muito antiga de 1952, mas que não era sua. Ela não guardou o livro em que estudou, mas conserva consigo a cartilha que foi da sua mãe, uma cartilha em que a mãe estudou: *Cartilha nacional*, de 1952. Não é a mesma, a original, mas outro exemplar que foi adquirido depois.

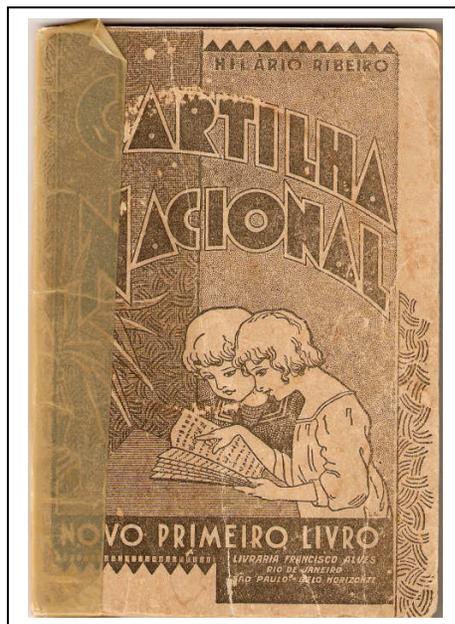


Ilustração 37 – RIBEIRO, Hilário. **Cartilha Nacional**. 244. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1954.

Maria de Barros demonstra uma forte admiração pela mãe, Almehy de Barros Magalhães, uma senhora que estudou até o terceiro ano e revelava um talento especial para música. Pianista desde os cinco anos, tocava e compunha. Amava a música, o estudo e a leitura, era uma exímia poetisa:

Ilsa – Ela estudou até a quarta série? Naquela época, às vezes, fazia só um ano...

Maria de Barros – No tempo dela tinha até a quarta série, mas ela era a primeira das irmãs, das filhas da minha avó. Daí foram nascendo as outras, daí nasceu a mais nova, que

é mãe desses meninos aqui de Belo Horizonte, [apontando a foto dos sobrinhos no retrato] e ela teve que sair da escola pra pajar...]

Maria de Barros – Mas a mamãe sempre leu muito, era poetisa, ela escreveu muita poesia, era pianista adorava tocar piano, então era uma pessoa assim, que sempre leu muito, sempre escrevia, nós temos um prêmio que ela ganhou lá da Holanda, Alemanha, que amigos nossos mandaram poemas dela lá para Alemanha e para Holanda, e ela recebeu... Uma vez... ela recebeu um *Prêmio de Mozart* e outro um prêmio foi um álbum da Holanda, que a moça leu a poesia dela lá. E mandou pra ela um álbum pra ela sobre a Holanda, então nós temos guardado. Ela não fez nenhum... Isso que eu falo pra você, naquele tempo, que aprendia desse aqui... Ela aprendeu A, E, I, O, U e o aprimoramento do método alfabético, [folheando na cartilha] é antigo, né. E ela escrevia, ela fazia... sabia de tudo, conversava, fazia...

Sempre comentava sobre as lições que lera na *Cartilha nacional* com os filhos e sobrinhos. Por comentar com frequência, os sobrinhos resolveram procurá-la nos sebos em Belo Horizonte. Encontraram a cartilha e presentearam-na. A depoente conta-nos que a mãe ficou felicíssima por poder ver novamente aquele livro.

Maria de Barros – Ela estudou aqui... Ela vivia repetindo as lições da cartilha, né. Por causa dela ficar repetindo, que os sobrinhos dela, porque ela sempre foi uma tia assim, que os *sobrinhas*, que o lazer deles era tudo aqui em casa, aqui eles brincavam, quebravam as coisas, tudo que eles não faziam na casa deles.

Ilsa – **Aqui era o ponto de encontro.**

Maria de Barros – Era o ponto de encontro, e eles então gostavam. E ela ficava assim: “*Gente, no meu tempo a minha cartilha era a ‘Cartilha Nacional’, eu tinha vontade de ver esta cartilha.*” E eles tanto a ouviram falar isso, que chegaram em Belo Horizonte, no sebo e acharam a cartilha. O dia que eles trouxeram para ela foi uma festa, né. E ela ficava e de vez em quando ela olhava e lembrava, lembrava dos colegas, lembrava de tudo.

Ilsa – **Que idade ela tinha quando eles trouxeram a cartilha pra ela?**

Maria de Barros – Ah, ela já tinha uns oitenta anos.

Rever uma cartilha, depois de tantos anos, um material que, para ela, representava muitas coisas, tornou-se um momento inesquecível tanto para a mãe quanto para a filha:

Ilsa – **Deve ter sido uma grande emoção pra ela.**

Maria de Barros – Foi... foi sim... e ela ficou na maior felicidade... [risos]

Ilsa – **O que será que causou essa felicidade dela?**

Maria de Barros – O prazer de ver uma coisa que ela viveu em criança, que a mamãe sempre foi muito inteligente e muito ativa, sabe, ela era mesmo uma pessoa, assim, especial. Muita gente fala dela até hoje. Ela foi sempre muito esperta, muito... Ela morreu com noventa e quatro anos, sem nunca ter tido doença nenhuma, assim, morreu sem saber o que era pressão alta, diabete, o que era colesterol, o que era... essas coisas. Ela teve

catarata já quando ela tava com noventa anos, foi no médico, foi interessante, que eu cheguei lá, o médico foi... olhava os exames dela e fazia uma cara assim, que eu: “*Doutor, tem alguma coisa pesado aí?*” “*Não, eu nunca vi um exame deste tipo desse aqui, tudo dela tá no meio, não tem nada, nem demais, nem de menos, tudo certinho.*” E ela com noventa anos. E ela morreu no dia trinta de novembro, vinte dias antes ela tocou piano.



Ilustração 38 – Dona Almehy, 1989, aos 90 anos, num recital em comemoração ao seu aniversário.

Ao ser interrogada sobre outra experiência que a mãe tivera com o material de leitura, conta-nos o apreço, o carinho, o respeito que ela trazia pela professora, que era vista como uma figura idealizada de mulher. Comenta sobre desprezo que os alunos têm hoje pela figura do professor. Segundo ela, os estudantes não cultivam mais o mesmo respeito que tinha em sua época e na época de sua mãe:

Ilsa – E ela falava alguma coisa de especial que tinha acontecido com ela quando criança e a cartilha? Alguma experiência que ela teve?

Maria de Barros – Não. Ela falava muito da professora dela. Ela falava assim, admirava tanto os professores, o respeito dela, a admiração pela professora era tanto que ela chegava a chegar perto pra sentir o cheirinho da professora, de tanto que elas gostavam. Hoje... Num dia desses... eu assino aquela revista Nova Escola, então, ela falou o jeito que os professores estão recebendo insultos pela internet. É, eu fico com pena até, um professor assim, mas professor é isso, professor é aquilo, um colosso de coisa. Até aqui mesmo em Paraíso, no colégio que trabalhei, Santa Ângela, até 2006, uma que eu trabalhei com ela: “Dona Maria, esses dias abri a internet, uma ex-aluna nossa, metendo o pau em mim, mas eu respondi, eu pus outro *e-mail* perguntando pra ela, o que eu fiz de mal pra ela, que ela enchia de xingamentos com aquelas palavras.” É uma judiação, acho, né, tem professor até apanhando... E a mamãe falava que eles gostavam de chegar perto da professora pra sentir até o cheirinho, o perfume, que a professora usava, ela chegava a mão na professora. Elas namoravam a professora, de tanto que elas gostavam.

Ilsa – Da época que a mãe da senhora estudava ela falava o nome da professora?

Maria de Barros – Lembrava... Dona Rosinha, era de Brazópolis. Ela contava da cor da roupa da Dona Rosinha, o jeito que mexia o cabelo [fez o gesto] o jeito que era a professora dela que ela gostava tanto...

Esta cartilha tem um grande sentido para Maria de Barros, um objeto que representa a imagem da mãe, por retratar o gosto, o prazer que ela manifestava pelo estudo, pela vida, pela música e principalmente por aquele material:

Ilsa – Que significado tem hoje pra senhora este livro?

Maria de Barros – Uma lembrança da minha mãe... A presença dela, a gente... as coisas que ela... através da poesia dela, das coisas que ela gostava.

Ilsa – Então, essa cartilha deve ser muito especial pra senhora, né?

Maria de Barros – Ah, é... eu guardo, é lembrança dela, da cartilha que ela estudou, *Cartilha nacional*, de Hilário Ribeiro. E ela falava: “*gente, se vocês acham lá no sebo é Cartilha nacional, de Hilário Ribeiro.*”

Ilsa – Ela lembrava até o autor?

Maria de Barros – É... Lembrava tudo... Eu estou falando dela, mas tem vários colegas dela da mesma época, foram salientando e coisa... A escola ensinava muito antes. A escola de antigamente aprendia bastante. Minha mãe era uma pessoa assim, que ninguém acreditava que... ela não teve nem o quarto ano de grupo.

Junto à cartilha está também a imagem de uma escola que retrata um período da História da Educação assinalada por uma metodologia de alfabetização específica, a soletração, o uso de cartazes como um suporte textual. Um tempo marcado tanto pela valorização do ensino como meio de ascensão e prestígio social como também pela presença marcante do professor. A figura do docente aparece com destaque na fala da depoente como uma pessoa idealizada, admirada, respeitada, como uma espécie de ídolo para a criança.

O depoimento da Sra. Maria de Barros mostra-nos a cartilha como um objeto provocador de rememoração. O ato de guardar torna-se uma ação distinta ao tomar a atitude de preservar, sob ternos cuidados, um objeto-livro que pertencera a outrem. A cartilha aparece vinculada à sua possuidora, permite a reconstrução de lembranças da mãe e de tudo o que a envolveu. A mãe é uma referência de vida, por suas habilidades, seu talento musical, seus sonhos, suas qualidades, suas apreciações. Um objeto que possibilita a reconstituição da figura materna.

CONCLUSÃO

Ninguém desce duas vezes o mesmo rio

*porque suas águas mudam.
Mas o mais terrível é que nós não somos
menos fluidos do que o rio.
Cada vez que lemos um livro, o livro mudou,
a conotação das palavras é outra.
Ademais, os livros estão impregnados de passado.
Borges (1985, p. 11)*

A partir das análises dos relatos das experiências de leitura, bem como do material apresentado à pesquisa, pudemos concluir que o livro, enquanto objeto físico, possui algo mais do que ele aparenta, algo que vai além de seu conteúdo, de suas histórias, de seus escritos, de sua materialidade.

O livro não é, em sua constituição física, apenas suporte do texto, pois “os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas” (CHARTIER, 1998, p. 39). Esses objetos-livros, material concreto de nossos estudos, *apoderados* por leitores, a princípio, se revelaram objetos *impregnados de passado*, assumindo na relação entre o leitor e a leitura papéis, funções distintas bem como representações a partir dos sentidos que lhe são atribuídos no decorrer do tempo.

Um momento de apropriação, único para o leitor, pode ocorrer em cumplicidade com o objeto-livro. Na tentativa de se evitar o possível desaparecimento de dados e de experiências de leitura reveladoras de um tempo significativo, o livro assume uma função distinta, torna-se “uma extensão da memória e da imaginação” (BORGES, 1985, p. 5).

Na reconstituição de cenas e momentos, esse livro-objeto adquire o papel de um amuleto da memória, passa a ser um elo entre o indivíduo e seu passado. Preservar esse material é também conservar as reminiscências das situações vividas, de pessoas que foram significativas e de uma fase da vida que não cai no esquecimento. O livro concretiza registros que foram selecionados para não serem descartáveis no tempo.

Os depoimentos possibilitam a constatação de que o livro aciona reconstruções de situações marcantes de uma experiência de leitura e de vida, dando-nos a conhecer um tempo de infância, um tempo de escola, um tempo vivido com uma pessoa querida, figura de autoridade como o pai, a mãe ou o professor.

O livro-objeto pode vir tanto como uma fonte de abastecimento da memória, funcionar como um estimulador de reminiscências como pode, também, assumir a função de um objeto de

representação, quando, ao olhar para o impresso, olha-se para um material e atribui-se-lhe um valor: *tesouro, joia, relíquia, objeto mágico*.

Nesta pesquisa, o material de leitura (livro/cartilha/almanaque) aparece como um mundo a ser (re)descoberto, (re)sentido quer pelo valor de seu texto, pela força que sua história tem sobre o leitor, quer pelas lembranças das experiências de leitura nele impregnadas, quer por tudo o que significou em um determinado tempo.

Benjamin (1978)⁴², citado por Manguel (1997), ao relatar sua experiência de leitura quando criança, fala sobre essa força da história:

O mundo que se revela no livro e o próprio livro jamais poderiam ser, de forma alguma, separados. Assim, junto com cada livro, também seu conteúdo, seu mundo, estava ali, à mão, palpável. Queimavam dentro dele, lançavam chamas a partir dele; localizados não somente em sua encadernação ou em suas figuras, estavam entesouradas em títulos de capítulos e capitulares, em parágrafos e colunas. Você não lia livros; habitava neles, morava entre suas linhas e, reabrindo-os depois de um intervalo, surpreendia-se no ponto onde havia parado. (BENJAMIN, 1978 *apud* MANGUEL, 1997, p. 25).

As experiências de leitura, vivenciadas por cada entrevistado, são este “*mundo que se revela no livro*”. Através da materialidade do objeto-livro, conservado por décadas, podemos constatar que “*junto com cada livro, também seu conteúdo, seu mundo, estava ali, à mão, palpável.*” As histórias, a materialidade do livro, os valores dados ao ato de ler ou ao conteúdo, ou ainda ao objeto, (con)formam o leitor, passam a fazer parte dele.

Como nas palavras de Manguel (1997, p. 25): “Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava.” Os relatos de uma experiência com o primeiro livro de leitura, eram vivências reais de um determinado momento de suas vidas, que “*queimavam dentro dele(s)*”, que ardiem por se revelar.

Trata-se de uma experiência que pode ocasionar uma ideia representativa do objeto-livro, que, por vezes, representa o conhecimento, o saber; por exemplo, quando Efigênia diz: “*o livro que abriu meu caminho para mim, porque eu não tinha... não conhecia nem o A...*”. Esse objeto evidencia a possibilidade real da aprendizagem da leitura e da escrita, do domínio de uma prática social. Constitui um material que representa a sabedoria: dominá-lo significa sair da ignorância, ou de um estado econômico. Significa fazer parte da cultura letrada. É o objeto que lhe garante a entrada numa sociedade escriturística.

⁴² Cf. BENJAMIN, W. **Reflections**. Nova York: Peter Demetz, 1978 *apud* MANGUEL, A. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 25.

Um livro também carrega, em seus textos, representações de valores morais, de lições de vida e de ensinamentos éticos, como ressalta Pe. Márcio: “*Então, mostrava e no fundo era uma lição pra gente, a história ensinava que a gente não devia fazer as coisas erradas.*” Textos responsáveis por formarem ética, moral, cultural e religiosamente a pessoa, tinham, segundo o Pe. Márcio, uma “*Relação forte com a vida...*”.

Um livro representa um mundo de encanto e magia, um mundo extraordinário através das histórias que traz, como nas palavras de Cida Francescato: “*esse livro é mágico, porque ele me transporta aos cinco anos, então, ele me transporta, sabe, para aquela magia dos cinco anos...*”.

Possuidor de narrativas e de ilustrações, o livro representa sonhos, fantasias de uma criança, momento em que as histórias se misturam com a realidade, como Nubinha que acreditava que a personagem Bonequinha Preta podia falar, correr e que estava viva dentro do livro. Ou mesmo para Cida Francescato que declara ser o mais surpreendente da história não o que o personagem conquistou, mas os animais da fazenda “*calçando botinhas*”, ou seja, “*o inusitado*”. Ou ainda a magia dos contos que permitem viajar a terras distantes, conforme descrito por Maria Virgínia.

Ao material de leitura, aqui selecionado, foram-lhe atribuídas as identificações: livros *originais*, livros *(re)encontrados* e livros *legados*, a partir do próprio ato de guardar. Realizou-se uma análise inicial que possibilitou o reconhecimento dos modos distintos de proximidade entre o leitor e o seu material de leitura, bem como identificar que os mesmos textos podem ser diferentemente apreendidos, manejados e compreendidos. (CHARTIER, 1994).

Dos livros *originais* – material guardado pelos leitores durante décadas – constatamos que alguns trazem marcas concretas de atos de leitura. Ao depararmos-nos com os vestígios presentes nas páginas desses livros, defrontamo-nos, também, com histórias da interação e da constituição de uma aprendizagem: “Um livro traz sua própria história ao leitor”. (MANGUEL, 1997, p. 30).

Em todos os livros da Sra. Efigênia, encontramos registros reveladores da ação leitora sobre a exterioridade do impresso. As marcas se constituem pela escrita do nome completo, demonstrando um registro do pertencer e uma demarcação da posse do objeto-livro. Deparamo-nos, também, com outros registros: a escrita do nome completo do professor e datas indicativas de quando se iniciou e se encerrou a ação leitora, uma espécie de controle do tempo que se levou para realizar a leitura do livro.

Outros vestígios mostram sinais de zelo, de apreço – marcas deixadas pelo leitor demonstrando, assim, um gesto de carinho, de afinidade com o material. Quando o livro-objeto traz o revestimento de uma capa de papel ou de pano, como no livro da Sra. Dirce Sanches, com intuito de preservá-lo limpo, sem manchas, demonstra-se um desejo do leitor em conservar a materialidade do impresso por mais tempo.

Constatamos, entretanto, que alguns livros não revelam vestígios concretos da ação do leitor. Trazem, de certa forma, marcas que não são visíveis, marcas que descobrimos apenas quando o leitor relata suas memórias de experiências de leitura com o objeto-livro, tornando perceptíveis os sinais de afetividade e de desvelo.

Tal ausência de marcas no impresso aparece também como uma prática de leitura, na qual o leitor não deixa no objeto-livro nenhum vestígio, nenhum sinal de escrita nas páginas iniciais ou finais, nem um grifo ou uma folha dobrada, nem mesmo uma ilustração colorida. O que não significa uma ausência de leitura, mas apenas uma ausência de vestígios.

Os únicos sinais que se observam nos livros, como nos das Cida Francescato e nos da Virgínia, são o bom estado de conservação e o próprio envelhecimento do papel. Percebe-se um gesto de zelo pelo livro como uma raridade, uma preciosidade, um objeto que não pode ser maculado ou deteriorado. São atitudes do leitor que apontam para uma tentativa de se manter a materialidade do livro-objeto inalterada, preservando sua estrutura física e prolongando-a por mais tempo.

A análise dessas marcas visíveis ou não visíveis da ação do leitor sobre a materialidade do livro nos possibilita uma proximidade e uma compreensão tanto das práticas de leitura quanto da interação entre leitor/livro, leitor/leitura, leitor/escrita, construídas em um determinado tempo e lugar. Chartier (1996) afirma que essas ações do leitor excedem as expectativas de como se quer ou se espera que eles leem:

Reconstruir a leitura implícita visada ou permitida pelo impresso não é, portanto, contar a leitura efetuada e ainda menos sugerir que todos os leitores leram como se desejou. O conhecimento dessas práticas plurais será, sem dúvida, para sempre inacessível, pois nenhum arquivo guarda seus vestígios. Com maior frequência, o único indício do uso do livro é o próprio livro. Disso decorre também sua imperiosa sedução. (p. 105).

Se o único indício do uso do livro é o próprio livro, olhar para esse objeto e revelar a sua imperiosa sedução tanto para o leitor quanto para aquele que dele se aproxima, não deixa de ser um dos grandes desafios para os pesquisadores da História do Livro ou da História da Leitura.

A leitura não se mostra um ato isolado nem apenas um ato cognitivo ou uma técnica aprendida como prática cultural. A leitura é capaz de mobilizar valores e sentidos atribuídos pelos sujeitos. São modos de ler, modos de conservação de um tempo de vida e de escolarização. Modos de ler que acontecem em cumplicidade: lê-se com o outro e para o outro. Uma leitura que se faz em voz alta por uma pessoa, enquanto a outra ouve: a mãe que lê para a filha na cabeceira da cama, o pai que lê junto com a filha, as irmãs que leem juntas, a menina que lê para os colegas, para os adultos e que hoje releem para a pesquisadora.

As práticas de leitura, observadas nos relatos, mostram o ato de ler como uma atividade desejosa e desejada pela criança. Há uma procura pela leitura/escrita, quer pelo incentivo de uma figura de autoridade – o professor, o pai, a mãe –, quer pela legitimidade do ato, quer ainda pela própria necessidade do domínio desta prática, por estar *no interior de modelos e de normas compartilhadas*:

[...] há esta multiplicidade de modelos, de práticas, de competências, portanto há uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida em que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. (CHARTIER, 1999, p. 91).

Constatamos que as práticas de leitura acontecem de maneiras e em locais distintos. Identificamos de *escolares* aquelas que aconteciam exclusivamente em salas de aula, orientadas pelo professor, selecionando e determinando leituras precedentes de pequenos textos, de poemas, de letras de música, para uma posterior apresentação seja para os colegas, seja para toda a escola. Uma leitura treinada, ensaiada e decorada, cobrada e exigida.

O declamar é uma prática escolar vivenciada pela maioria dos depoentes. Eles decoravam um poema e recitavam em voz alta para um pequeno ou grande público, num clima de orgulho e entusiasmo. Muitos nos dizem ainda saber os textos de memória e declamam o poema durante a entrevista quase que na íntegra: lembram os versos, a entonação e os gestos, mesmo depois de décadas.

Encontramos também uma leitura ensinada pelo professor, acompanhada por modelos, por gestos peculiares, por uma postura, realizada mediante uma posição ereta do corpo, em pé, segurando o livro pela mão direita, com o polegar entre a página lida, enquanto a outra ficava atrás do corpo, seguindo um ritual organizado e instruído pelo professor.

O ambiente escolar recebe um destaque especial em cada depoimento, ora pela estrutura física do prédio – as salas de aula, as carteiras, o quadro, os cartazes na parede –, ora por permitir

uma apropriação de uma cultura escrita já dominada por um grupo social, por aproximar e possibilitar o contato com um conhecimento sistematizado.

O professor torna-se o representante do saber, figura admirada e fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita, guardião do conhecimento, envolto em uma áurea de ser superior. O professor é modelo a ser seguido, ser virtuoso, pessoa a quem se deve e se reserva respeito: “*E a mamãe falava que eles gostavam de chegar perto da professora pra sentir até o cheirinho, o perfume, que a professora usava, ela chegava a mão na professora. Elas namoravam a professora, de tanto que elas gostavam.*” (Maria de Barros).

Da figura do professor destaca também sua metodologia – a forma como se aprendeu a ler ganha evidência nas falas dos depoentes. A maior parte dos entrevistados possui uma carreira no magistério, foram professores, supervisores, diretores, citam com precisão os procedimentos do professor, a metodologia, o material e as etapas das atividades de alfabetização usados em sala de aula como o uso dos cartazes, o soletrar, a apresentação das vogais, a formação das sílabas, o decorar, o declamar, a leitura delimitada pelo professor no texto.

Identificamos, ainda, práticas de leitura *não escolares*, ou seja, leituras que são realizadas em diferentes ambientes e situações. Essas leituras ocorrem no quarto, na sala de estar, na rua, na mesa da cozinha; são assistidas por pessoas familiares sem/com uma didática pré-estabelecida, acompanhadas por práticas específicas, diferentes daquelas aprendidas no ambiente escolar. Por exemplo, o pai lê o almanaque *Jeca Tatuzinho* e pede para a filha dizer o que acha sobre as gravuras; ou quando Efigênia convida sua irmã para lerem juntas o texto indicado para estudo como uma espécie de treino, de competitividade de habilidades, antes de apresentá-lo para o professor.

Um livro que representa uma leitura permeada de uma relação social, de um momento de proximidade, de interação entre pessoas. Uma atividade que procede em espaços distintos: o familiar e o escolar. No primeiro, percebemos uma representação fraternal da leitura, uma relação de cumplicidade, de partilha, quando se lê com/para o irmão, quando ocorre o repasse do material de leitura, quando se reconhece que o livro não é um objeto individual, mas familiar. Também ocorre uma relação entre pai/filha ou mãe/filha, marcada pela troca de sentimentos, de cuidados e de afinidades, assumindo a representação de uma relação paternal/maternal. O segundo compreende uma representação de leitura construída entre aluno e professor, indicando uma relação de respeito, admiração e de empatia.

Junto a essa representação de leitura, o livro parece-nos, ainda, como um (re)criar, um (re)constituir a imagem de alguma pessoa próxima, a figura de alguém especial, um objeto que se torna a lembrança concreta daquele a quem um dia pertenceu. Para Cida Francescato, o livro é uma espécie de reconstituição da presença do pai: tocar o objeto é tocar suas mãos. Para Dona Maria de Barros, possuir o livro é ter e sentir a presença da mãe.

Por tudo o que o livro representa, pela função que ocupa ou pelo que (re)constitui guardá-lo parece uma necessidade. Esse ato guardador é acompanhado de determinadas atitudes específicas, práticas culturais distintas. O objeto-livro é conservado em caixas de madeira feitas pelo próprio dono ou em caixas de papelão, que são trocadas com o tempo, colocado em pastas de couro ou dentro de saquinhos plásticos que são amarrados e guardados em gavetas, o qual acompanha seu possuidor nas mudanças de casa, cidade, estado. Ou permanece em estantes eleitas como local fixo, seguro, propício para a conservação.

Contíguo a esse ato guardador, encontramos objetos, outros, que acompanham esse leitor. Os livros não são nem estão guardados sozinhos; aparecem adjacentes a eles cartilhas, cadernos, provas, livros pequenos de orações, missais, livros de poesias, lembranças de primeira eucaristia, convites de formatura, moedas antigas.

Num período em que os discursos acadêmicos realizam discussões sobre assuntos como o fim do livro, a morte do professor, a falta de leitura ou a perda da infância, temos em nossos depoimentos representações outras dessa escola, do professor, da infância e, principalmente, do livro.⁴³

(Re)descobre-se uma escola admirada e desejada pelos alunos, um professor que se torna um ídolo, uma figura admirável; a infância como um período de descobertas, um momento de criar; a presença de práticas de leitura, do valor dado à alfabetização, ao aprender a ler; circunstâncias essas sempre acompanhadas pela presença de um objeto-livro.

Verifica-se uma relação de envolvimento de atitudes concretas e afetivas entre o leitor e a leitura, em que o livro ganha um papel de agente condutor e propulsor de ações. Primeiro quando se efetivam as leituras; lê-se para/com alguém, comentam-se as imagens, realizam-se intervenções sobre as ilustrações pelo ato de colorir, deixam-se marcas ou mesmo ações desafiadoras de decorar, de declamar o texto ou de cantá-lo. Depois, pelas representações que lhe

⁴³ Cf. SOARES, M. **Linguagem e escola**. São Paulo: Editora Ática, 2000. BRANDÃO, C. R. **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

são atribuídas, pelas experiências de leitura com ele vivenciadas, o livro recebe a função de agente reconstituído de lembranças, de reminiscências.

São todas estas diversas relações entre um leitor e seu objeto-livro que possibilitam a construção de um sentido e isto só é possível por meio das atitudes do leitor (GOULEMOT, 1996).

O livro traz mesmo uma *Dupla delícia*, como percebe Mário Quintana (2006, p. 306) ao escrever: “O livro traz a vantagem da gente estar só e ao mesmo tempo acompanhado”. Podemos destacar que o *estar acompanhado* por um *objeto-livro* é algo mais do que estar envolvido por um enredo, por uma narrativa ou por belos versos; é estar acompanhado e envolvido por tudo aquilo que o livro encarna e representa, pelos sentidos que lhe foram atribuídos mediante tudo o que um dia foi possível vivenciar e experimentar nele e com ele.

E esta *dupla delícia* se torna acessível apenas quando o leitor decide e permite compartilhar um pouco das muitas experiências de leitura que sua memória reconstrói:

[...] Se há maior desgraça do que ser desmemoriado, é ter memória demais. Vocês sabem como é, por experiência própria, quando a gente topa com um desses queridos avozinhos que se lembram de tudo: – Ah! Os bons tempos! – suspiram eles... e parapapapá. Os bons tempos? Mas os tempos são sempre bons, a gente é que não presta mais. Porém, em vista dos autos, melhor deveria dizer-se, com a mais legítima saudade: – Ah, os bons maus tempos... (QUINTANA, 1989, p. 97).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. **Os caminhos dos livros**. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

ALASUUTARI, Pertti. **Researching culture** – qualitative method and cultural studies. London: Sage, 1995.

ALMANAQUE DA COMUNICAÇÃO. O Jeca Tatuzinho. Disponível em:
<<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br>> Acesso em 12/01/2009.

AMADO, J. **Capitães da areia**. 46.ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

ALVES, Castro. **Espumas flutuantes**. São Paulo: Klick Editora, [s. d.].

AMÂNCIO, L. N. de B. **Cartilhas, pra quê?** Cuiabá: EDUFMT, 2002.

ANDRADE, C. Drummond de. **Literatura comentada**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **A rosa do povo**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.

BAHIA. Secretaria de Educação. **Cartilhas de alfabetização**. Disponível em:
<<http://secbahia.blogspot.com/2008/08/cartilhas-de-alfabetizacao.html>>. Acesso em 20/08/2008.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. O livro no diálogo global entre culturas. In: PORTELLA, E. (Org.) **Reflexões sobre os caminhos dos livros**. Trad. Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/Moderna, 2003.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica. Arte e política**. Obras escolhidas. 7. ed. São Paulo, 1994.

BOJUNGA, L. **Livro – um encontro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.

BORGES, J. L. **Cinco visões pessoais**. Trad. De Maria Rosinda da Silva. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. R. **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

BURKE, P. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CARDOSO, S. O olhar viajante. In: NOVAES, A. (Org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (Orgs.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **História Cultural**: entre práticas e representações. Trad. M. M. Galhardo. Lisboa: *Difel*; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. M. Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1994.

_____. (Org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

CORREA, C. H. A. **Circuito do livro escolar**: elementos para a compreensão de seu funcionamento no contexto educacional amazonense 1852-1910. Campinas: [s.n.], 2006.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES. Apostilas de Literatura. Disponível em: <<http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Romantismo/DomingosJoseGoncalvesdeMagalhaes.ht-55k>> Acesso em 14/01/2009.

ECO, HUMBERTO. **O nome da rosa**. Trad. Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 1986.

FABRE, D. O livro e sua magia. In: CHARTIER, R. (Org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

FARIA FILHO, L. M.; Gonçalves, I. A.; Lopes, A. A. B. M.; Xavier, M. C. (Orgs.) **História da Educação em Minas Gerais**. 1. ed. Belo Horizonte: FUMEC, 2002.

FERREIRA, N. S. A. **Pesquisa em leitura**: um estudo dos resumos de dissertações de Mestrado e teses de Doutorado defendidas no Brasil de 1980 a 1995. Universidade Estadual de Campinas, 1999.

_____. (Org.) **Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006.

FISCHER, R. M. B. Escrita acadêmica: a arte de ensinar o que se lê. In: VORRABER, M. **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades nas fronteiras. Rio de Janeiro; Dp&a, 2005.

FRADE, I. C. A. S.; MACIEL, F. I. P. (Orgs.) **História da Alfabetização**: produção, difusão e circulação de livros (MG-RS-MT séc. XIX e XX). Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2006.

GARCÍA, R. A propósito do outro: a loucura. In: LARROSA, J.; PÉRES DE LARA, N. (Orgs.) **Imagens do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GOULEMOT, J. M. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

HESSEL, R. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: VORRABER, M. C. (org.) **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KRAMER, Sônia. **Leitura e escrita de professores**: da prática de pesquisa à prática de formação. Apresentado na XX Reunião Anual da Anped, Caxambu, setembro, 1997.

LACERDA, L. **Álbum de leitura**: memória de vida, histórias de leitoras. São Paulo: UNESP, 2000.

LARROSA, J. B. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e máscaras. Trad. Alberto Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas: n.º 19, 2002.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 4. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKDE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Ler, escrever e contar... a história da alfabetização em Minas Gerais. In: Eliane Peres; Elomar Tambara. (Org.). Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX). Pelotas: Seiva, 2003.

MACHADO, A. M. **Esta força estranha**: trajetória de uma autora. São Paulo: Atual, 1996.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MATOS, H. A. V. **Histórias de leitura**: a constituição de sujeitos surdos como leitores. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, UNICAMP, 2007.

MORAIS, M. A. C. **Leituras femininas no séc. XIX (1850-1900)**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1996.

MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo 1876/1994. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MOURA, M. J. **Uma memória**: história de leitura de professores de 3ª a 5ª série da cidade de Teresina. Tese de Doutorado. FE/ UNICAMP, 1994.

PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar. **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX e XX). Pelotas: Seiva, 2003.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caetano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Cancioneiro**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

PFROMM NETTO, S. **O livro na educação**. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu: crônica de saudades**. São Paulo: Ática, 1984.

PORTELLA, E. (Org.) **Reflexões sobre os caminhos dos livros**. Trad. Guilherme João de Freitas. São Paulo: UNESCO/ Moderna, 2003.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Revista da PUC**, São Paulo: Projeto História, 1997, n. 15, p. 1-293.

QUINTANA, Mário. **Prosa e verso**. 6. ed. São Paulo: Globo, 1989.

_____. **Caderno H**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RIBEIRO, L. F. **Entre Caixas de Pandora, Canastras de Emília e Bolsas Amarelas**: memórias de leitura. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2004.

SOARES, M. **Linguagem e escola**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Educação. **Aláide Lisboa**. Disponível em < <http://www.fae.ufmg.br/>>. Acesso em 20/01/2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Educação. Catálogo Digital: “Memória da Cartilha”, pertencente ao Acervo da Biblioteca Setorial de Educação. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/index1.html>>. Acesso em 20/08/2008.

VEIGA-NETO, A. Olhares. In: VORRABER, M. C. (Org.) **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 1996.

VON SIMSON, Olga. Memória, Cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: FILHO, L. M. de F. **Arquivos Fontes e Novas tecnologias**: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000.

VORRABER, M. C. (Org.) **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

ZUSAK, M. **A menina que roubava livros**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

OBRAS CONSULTADAS

CASASANTA, Lúcia. **As mais belas histórias**. 79. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, [s.d.].

D'ÁVILA, Antônio. **O tesouro da criança**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

FLEURY, Luís Gonzaga. **Meninice**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

GRISI, Rafael. **Cartilha Lalau, Lili e o Lobo**. 45. ed. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1956.

_____. **Cartilha Lalau, Lili e o Lobo**. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1968.

LOBATO, Monteiro. **Jeca Tatuzinho**. 13. ed. São Paulo, 1944.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A bonequinha preta**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1988.

REINO infantil. São Paulo: Editora LEP, 1956. (Coleção)

RIBEIRO, Hilário. **Cartilha nacional**. 244. ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1954.

SODRÉ, Benedicta Stahl. **Cartilha Sodré**. 250. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

MINAS GERAIS. Secretaria de Educação. **A poesia na escola**: coletânea de poesias sugeridas pelos programas de ensino primário. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956.

ANEXOS

ANEXO A –

DADOS REFERENTES À ENTREVISTA

CANDIDATO	VISITAS	DIA/HORÁRIO	LOCAL	TEMPO (gravação)
Efigênia	2	27/04/2008 14h	Residência	27min
Bernadete	2	02/05/2008 15h	Residência	10min
Dirce	3	08/05/2008 15h	Residência	26min
Cida	(Por telefone) 1	05/06/2008 20h 30min	Univás (local de trabalho)	28min
Virgínia	(Por telefone) 1	07/06/2008 10h	Residência de Bernadete	15min
Nubinha	2	08/05/2008 13h30min	Colégio São José (local de trabalho)	18min
Pe. Márcio	2	19/06/2008 15h	Paróquia Imaculado Coração de Maria	27min
Maria Helena	(Por e-mail) 1	26/06/2008 13h	Residência	(sem gravação)
Maria de Barros	(Por telefone) 1	11/05/2008 10h	Residência	35min

ANEXO B - ENTREVISTA: TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação – Programa de Pós-graduação em Educação



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

NOME DA PESQUISA: “O LIVRO: OBJETO DE UMA EXPERIÊNCIA E DE UMA MEMÓRIA DE LEITURA”

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: ILSA DO CARMO VIEIRA

ORIENTADOR RESPONSÁVEL: PROFª DRª NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA

Eu, _____ concordo em participar como voluntário (a) de uma pesquisa que será realizada pela pesquisadora *Ilsa do Carmo Vieira*, mestranda da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a relação entre o leitor e a leitura através do livro. O trabalho compreende as seguintes fases: Entrevista, Análise e descrição das entrevistas e Escrita do Relatório. Os dados obtidos durante as fases deste trabalho serão utilizados pela pesquisadora para publicações científicas, comprometendo-se com a garantia de sigilo de sua identidade. Uso de nome, livros ou fotos, ocorrerá somente com a permissão dos entrevistados.

Ao decidir aceitar participar deste estudo, tomei conhecimento de que:

- Caso não me sinta à vontade com alguma questão da entrevista, estou ciente de que posso deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- Sei que as informações que fornecerei poderão posteriormente ser utilizadas para trabalhos científicos e que minha identificação será mantida sob sigilo, isto é, a pesquisadora assegura meu completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos deste estudo. Por isso, autorizo a gravação da entrevista para que não passar despercebido nada do que foi conversado, pois cada informação se tornará um dado importante a ser registrado.
- Não há nenhum risco significativo para mim e/ou para minha família em participar deste estudo.
- Estou livre para desistir da participação em qualquer momento desta pesquisa.
- Minha participação neste estudo é inteiramente voluntária, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão para isso.
- Caso haja alguma despesa por minha parte, com a participação nesta pesquisa, a mesma será reembolsada pela pesquisadora.

Considerando as observações acima, aceito voluntariamente participar deste estudo, estando ciente de que sou livre para, em qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa.

Estou ciente que minha participação neste trabalho poderá abrir um espaço para que eu expresse minhas opiniões e percepções sobre o assunto pesquisado, que poderão ser úteis para um maior conhecimento sobre o tema e para a expansão de estudos nesta área.

Eu recebi uma cópia deste termo e a possibilidade de lê-lo.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Pouso Alegre, ____ de _____ de 2008.

ANEXO C – QUESTIONÁRIO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-graduação em Educação



Faculdade de
Educação

ENTREVISTA: “O LIVRO COMO EXPERIÊNCIA DE LEITURA”

DADOS GERAIS:

Nome completo: _____

Naturalidade: _____ Data de Nasc. _____

Profissão: _____

Escolarização: _____

Datas e Instituições onde estudou: _____

DADOS SOBRE O MOMENTO DA ALFABETIZAÇÃO:

Idade quando foi alfabetizado: _____

- Quais lembranças você tem do início da sua escolarização?
- O que você guardou da sua época de escola?
- O que mais lhe marcou neste momento de escolarização? Por quê?

DADOS LIGADOS AO LIVRO GUARDADO:

Nome do livro que usou: _____

Nome do professor (a): _____

- De que maneira você adquiriu o livro?
- Como foi seu primeiro contato com este livro?
- Como ocorreu sua primeira experiência de leitura com ele?
- O que você mais aprecia (ou não) neste livro?
- Você, agora, diante deste material (livro/cartilha) que o acompanhou durante sua alfabetização/escolarização e que guardou durante tanto tempo. Quais sentimentos, emoções ressurgem ao ver e tocar novamente este livro? Olhando para este material o que mais você lembra?
- Você se lembra de algum fato/ experiência concreta na sua história com este livro?
- O que o (a) levou a guardar este material? Há quanto tempo está guardado?
- Onde e como você o guardou? Outras pessoas usaram este material?
- Que significado tem, hoje, para você este livro?

ANEXO D - ENTREVISTAS

d.1 Entrevista I

A Série: *Meninice*

(Luís Gonzaga Fleury, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948 e 1949)

Nome completo: *Efigênia Maria Pereira*

Naturalidade: Pouso Alegre

Data de Nasc. 12/02/1931 (77 anos)

Profissão: Doméstica

Escolarização: até a 4.^a série

Datas e instituições onde estudou: no sítio dos pais; Sítio do Pantaninho, em 1949

Idade quando foi alfabetizado: entre 16 e 17 anos

Nome do professor (a): Augusto Godoy



A entrevista ocorreu na residência, em um sítio da zona rural, *Pantaninho*, situado a 18 km da cidade de Pouso Alegre, num domingo, dia 27 de maio de 2008, logo após o almoço. Era um dia de grande movimento no local pelos filhos, netos, vizinhos e até mesmo amigos, o que, no entanto, não apresentou nenhum obstáculo para nossa conversa.

Efigênia Maria Pereira, uma senhora de 77 anos, demonstra um intenso amor pelos livros e pelo estudo. Mesmo hoje, apesar de algumas limitações provenientes da idade, como a mão trêmula, visão parcial de um olho, que a impossibilita de escrever e ler, não esconde seu carinho pelos livros e a saudade do tempo em que teve a oportunidade de estudar. Mostra com orgulho os livros e os cadernos que guarda há 61 anos.

Efigênia Izabel de Oliveira, seu nome de solteira, estudou quando adolescente entre os 16 e 17 anos. Durante apenas um ano, estudou os quatro livros *Meninice* (de 1.^a a 4.^a série) na própria fazenda de seus pais. Sua mãe, com interesse de que os filhos aprendessem a ler e a escrever, junto ao pai Benedito Ferreira da Silva, contrataram um professor de Pouso Alegre, que ficava na fazenda durante a semana e ministrava as aulas para os filhos da família e outras crianças das proximidades.

As aulas ocorriam na varanda da casa, onde improvisaram uma sala de aula com uma mesa grande, bancos e uma lousa. As atividades eram divididas em dois períodos: um pela manhã que se encerrava no horário do almoço, e o outro no final da tarde, por volta das 4 horas, depois que terminavam os afazeres domésticos ou trabalhos da fazenda.

A depoente não esconde as dificuldades que enfrentaram para estudar, o cansaço que os acompanhava. Mesmo as aulas ocorrendo na fazenda, dividiam o tempo de estudo com o trabalho de ajuda aos pais. Relata também a satisfação que foi para ela aprender a ler e a realizar outras atividades como escrever, fazer contas e fazer cópias de textos no caderno, apresentar pequenas peças teatrais, cantar, conviver com outras crianças.

Fomos recebidos com muito carinho. A entrevista procedeu de forma bastante espontânea. Inicialmente, por pedido da própria entrevistada, comentamos sobre todas as perguntas. Depois,

desenvolveu-se uma conversa conduzida por perguntas com a gravação. Sra. Efigênia demonstrou um enorme prazer em participar, ficou agradecida pelo convite e foi muito solícita em nos emprestar os seus livros para a pesquisa.

ENTREVISTA I

Ilsa - Quais lembranças que a senhora tem do início da escola? Conta pra gente.

Efigênia – Ah, foi... Foi a chegada dos livros, como havia dito. Então, meu pai pediu ao professor que... Augusto Godoy, que pediu os material, então, meu pai pediu a ele, que marcasse tudo pra ele, que ele ia à cidade pra comprar. Ele que comprou, meu pai. Então, quando chegou o outro dia que anunciou que ia começar as aulas, foi uma alegria para todos. Todos esperava, que eles sempre tava prometeno, e a gente achava que nunca ia acontecer, e esse dia aconteceu, graças a Deus! Nós ficamo todos feliz daquele dia em diante, foi uma maravilha pra nós.

Ilsa - Como foi à escola? Como era? Vocês iam à escola?

Efigênia – Não. A escola foi na... foi num ponto na varanda da própria casa nossa mesmo. Aí, nós... foi combinado assim: pra ter duas aulas durante o dia, então no primeiro dia já foi... começou ali pras 9h e ia até o meio dia, e depois a gente saía almoçava, descansava um pouco e depois ia fazer outro serviço de maior necessidade, ajudar minha mãe, né, e depois a tarde, dali para umas 3h mais ou menos, nós começava de novo, era mai... umas 4h e às vezes até a noitinha, né. E as 4h nós começava, quando dava nós ia ali mais umas 3h, tinha dia que ia as 4h e depois largava mão, ia toma banho, arruma para jantá e também.

Ilsa – Eram quantas crianças?

Efigênia – Crianças era... parece que doze, doze crianças.

Ilsa – Eram só os irmãos?

Efigênia – Não, vinha de fora, os vizinho. Doze criança e a gente tinha que era uma maior amizade, prazer de chegar aquela hora e ta tudo reunido. E nós gostava, nós era constante na nossa obrigação, nós estudava, i as crianças de fora também estudava, quando tinha uma que não gostava de estudá, Seu Godoy colocava mais separado pra não fica de muita conversa com us outro, ele era um ótimo professor, um ótimo professor.

Ilsa – O que a senhora guardou da época em que a senhora estudou?

Efigênia – Ah, eu guardei muito foi meus objeto e a saudade, até hoje... até hoje sempre eu alembro, assim, ai meu Deus, quando eu estudei, que bom! Que bom se eu tivesse casado e tivesse vortado pra escola mais um pouco, que quanto seria bom pra mim, né, mas se era difícil, naquele tempo e mais com tudo isso no fundo, nossa, tenho saudade, e tudo mais, e depois passado já bastante tempo, já tinha os onze filho, já tinha neto, resolvi vorta a estudá, mais um pouco, mais o que eu tenho saudade, do tempo que estudei em criança... A gente tinha bastante de colega, aquela amizade gostosa, e a gente saía pra... estudava em casa e depois saía pra apresenta o... aquele... teatro e... a... bandeira nacional nos aprendemo primeiro e onde nos ia apresentá o teatro nós cantava a bandeira... Hino nacional, pra depois começa. E tudo gostava, pra nós era um prazer, uma alegria que nós tinha...

Ilsa – O que mais a senhora gostava de fazer?

Efigênia – Ah, eu gostava muito era de estudá, fazer conta, como eu gostava de matemática! Adorava! Gostava de matemática e desse negócio também de teatro, nossa! Esse também era tão gostoso, eu adorava, mais é... nós não dava trabalho... quando a gente qué alguma coisa não precisa ninguém ta impurrano, não precisa tá falano, chamano a atenção, não era se obrigava, nossa, era uma beleza! Que muitos pais tava ali junto, se alguém fizesse alguma confusão eles chamava atenção, né, então a gente não pensava nisso, a gente saía assim e já vortava depressa. Depois a hora que terminava a aula assim, a gente vorta e meia tava lá oiando o livro e o quê que

tinha lido, lia de novo, a gente esquecia, para no outro dia a gente tá preparado, sem ele mandá a gente lia, e a vontade, não é como agora que a criançada estudá meio contrariado, nós não, nós gostava de estudá.

Ilsa – A senhora estava contando como chegou este livrinho... A senhora estava começando a contar aquela hora...

Efigênia – Como chegou os livrinhos? Foi a minha mãe, sempre ela falava: “cês não pode cresce tudo sem aprende escreve o nome, porque é ruim a pessoa fica analfabeto, então eu vou dá um jeito, eu vou arruma um professor para dá aula pros ces”, mais a gente não acreditava, ela falava, falava, mais a gente não acreditava, ela não resorvia logo di busca, di encontra o home, e um dia ela encontro e converso com ele e pronto, logo começo.

Ilsa – Onde a senhora morava?

Efigênia – Nós morava aqui no Pantaninho.

Ilsa – O professor era de Pouso Alegre?

Efigênia – Era, mais ele não perdia não, ele ia embora sábado, quando era segunda-fera, e ele ia chegano, na hora certa de dá aula, saía de madrugada, e vinha a pé pra dá aula, oh, a distância que era? E aqui ele passava a semana, na nossa casa, ele comia e tudo aqui.

Ilsa – E o livrinho, como foi a história do livrinho? Ele pediu para o seu pai comprar?

Efigênia – Primeiro, meu pai falou pra ele assim: “Olha, seu Augusto, fais a nota aí de tudo que precisa, eu vô na cidade amanhã e trago, né.” Aí, ele foi e ele encontro tudo que ele pediu pra compra. Seu Augusto pediu pra ele compra desse Meninice, aí meu pai foi encontro e trouxe tudo direitinho, o gesso... tudo as coisas que precisava pra escola. Nesse tempo como eu disse pr’ocê, tinha o quadro. Dispois de passado um tempinho que ele mandou fazer o quadro grande pra escreve, mais antes era nas pedra, que nós começamo nas pedras.

Ilsa – Como foi, Dona Efigênia, quando a senhora viu o primeiro livrinho da senhora?

Efigênia – Ah, quando chegou eu fiquei... Tudo ficou alegre, feliz. Nossa, eu falei, mas não é possível meu Deus! Mais, primeiro ele exigiu o ABC tudo, nós aprendemo as letra tudo, e começamo a soletra, ele ensino nós soletrado, agora não é assim e esse tempo era soletrado. Ele ensino nós soletra e já foi indo pra frente, até nós achava engraçado, fora o jeito, sabe, começava a dar risada, as veis, mas atravessamo tudo, até o fim do livro, ABC [falando da cartilha que estudou], dipois que nós passamo pro Meninice. Não mais antes teve o ABC no meio, nós passamo a cartilha, eu esqueço o nome dela, depois que foi o Meninice, ah, mais quando nos encontramos assim, no Meninice, ah, foi uma maravilha!

Ilsa - Como foi o primeiro textinho que a senhora conseguiu ler?

Efigênia – O... Ele dava pra gente, aqui o... a marca da... do tamanho da lição, mais era pra dá pra ele preparado, então a primeira lição foi essa aqui: A perereca verde, e era até aqui só [mostrando no livro] . Ele dava trechinho pequeno, “mais é pequeno não vou dá bastante pra vocês não fazê serviço mal feito, eu vou dá pequeno a lição.” Ele não riscava com lápis pra não fica muito rebocado os livro, então, e... era cuidadoso! Então ele mandava a gente estudá, pra dá pra ele sem erra o nome, pra lê direto.

Ilsa – O que a senhora mais gostava nos livrinhos?

Efigênia – Ah, eu mais gostava era essas historinha, o que eu mais gostava, e... eu adorava, vorta e meia eu lia, lia o trecho que ele marcava e saia, daqui um pouco eu vortava lá e ia lê a historinha de novo, tinha umas historinhas muito gostosa, sabe, a gente ria, nossa. As veis, chamava as minhas irmã, “vamo estudá um pouquinho agora, pra gente vê?” Uma hora era a historinha da perereca, outra hora era a historinha do lobo e a gente ficava esperano e começava, as veis, a mexe uma com a outra, insulta que uma era o lobo e a outra a perereca, e assim a gente ia passano pra frente.

Ilsa – E agora, hoje a senhora diante desse material que a senhora guardou durante tanto tempo... [não me deixou terminar a pergunta]

Efigênia – Ah, eu guardei, porque é uma coisa eu... que me deixou muito feliz, nunca podia perdê, eu fiquei muito contente e feliz, então, eu ia deixá estragá tudo, não podia deixa, então os outro nem ligava, deixava jogado pra que e pra li, e eu como eu gostava e fiquei muito feliz quando eu ganhei, então, eu também tinha a honra de aguarda, pra podê mostra pros meus fios, no tanto, que dispois, passado, quando eles cresceram, quando eu mostrava, umas três veis pra eles, eles não acreditava, olha e falava: “ Não é possível mamãe a senhora ler esse tanto de livro dentro de um ano.” E era duas aulas que nós tinha, mais... mais istudava, num parava pra perde tempo, nós estudava bastante. E o que o professor falava, era aquilo, se ele falasse se tem uma lição e tem que dar conta até tar hora, nós abaxava a cabeça ali e agora cês vem dá conta da lição, não tinha um que não abalangava, assim, muito difícil. Mais eu tinha a maior felicidade de quando tava chegando a hora da aula, pra gente junta tudo ali e ficava feliz da vida, então foi, nossa, uma coisa que eu guardei do meu coração, foi os meus objetos.

Ilsa - Quais sentimentos a senhora tem hoje com esses livrinhos, ao tocar e olhar de novo para eles?

Efigênia – Eu tenho muita alegria, sabe, eu fico muito feliz de servi tanto pra mim e agora ta servindo pra você, né, e.. serviu pros meus filhos. Vê, meu marido quando casei, eu mudava pra aqui, mudava pra li, meus livrinho ia junto, então, agora sinto muito honrada, feliz, que esses tanto de ano que tem ainda serve pra você.

Ilsa – E a senhora tava explicando, né, o que a levou a guardar tanto tempo, né...

Efigênia – Tanto tempo eu guardava, nós mudamo quantas veis, né? E eu nunca perdi, nunca deixei...

Ilsa – Como a senhora guardava?

Efigênia – Ah, sabe o que eu fazia, eu punha dentro dos saquinho, amarrava bem amarradinho, assim, e punha dentro das gavetas, dentro do guarda-roupa e ali ficava, as veis ia procura uma roupa, eu via ali, dava uma olhadinha, arrumava, guardava outra veis, passava mais um tempo grande, as veis, mais aí eu esquecia, de certo o que, o que que será que aconteceu com os meus livrinhos, ia lá e tava tudo do mesmo jeito na gaveta. Aí depois passado já o casamento dos fios, o quanto tempo passo, aí a gente naquele corre-corre, aquela confusão e aí parece que eu fui esquecendo mais deles, até passei a guardar naquele depósito que cê viu, e entro um rato, deixaram a porta aberta, e ele entro e foi direto nos livro, pra faze ninho, estragô um, mais... tá bom, não istrago todos.

Ilsa – Outras pessoas chegaram a usar esse material?

Efigênia – Quase que todo, o que era pra um era pra tudo, era os mesmos livros.

Ilsa – Mas a senhora emprestou esse para outras pessoas?

Efigênia – Não, não foi preciso, porque quando foi entrano mais criança aí ele pedia, dava o nome pras criança levá pros pais compra, naquele tempo achava, tinha bastante, então achava e comprava, mais eles não sei, “Comade” Ivone pode ainda tê até hoje, será que ela não tem?

Ilsa – Não tem, ela tem o caderninho.

Efigênia – Eu ia perguntá pra “Comadi” Lena, esqueci.

Ilsa – Ela tem só o caderninho, o caderninho ela guardo, ela me falou.

Efigênia – Ah, eu ainda tinha bem mais coisa, muita coisa eu perdi, mais ta bom, ainda fico esses aqui pra lembrança até hoje, tá bom demais, né.

Ilsa - O que a senhora mais gostava de fazer com o livrinho?

Efigênia – Quando ele marcava pra mim pra escrevê, dava tarefa pra passar no caderno, nossa senhora, eu ficava feliz da vida, quando eu pegava a caneta pra copiá nos caderno, ah, mais como

eu ficava contente, com tudo, nossa senhora, sempre, e também, desse negócio de saí assim, ele ensinava a gente a cantar, é tão bonito, nossa, nós saía pra canta pra que pra li, a gente saía sem viola sem nada, só nós, assim cantano, nós cantava aqueles cantiga bonita que ele ensinava pra gente, aqueles hinos, aquelas coisas, mais tudo passa, nossa, vou falar a verdade, que eu tenho saudade, eu tenho até hoje!

Ilsa - O que significa, hoje, pra senhora este livro?

Efigênia – Até nem sei como agradece a Deus, eu fico muito contente de eu ta vendo o que abriu o meu caminho, o livro que abriu meu caminho pra mim, porque eu não tinha... não conhecia nem o A, nós não sabia, agora já estudei mais depois disso, um poquinho, mais eu tenho esses que foram o que me ensino no começo, eu fico muito contente e feliz de eu ainda ter esses pra mim.

Ilsa – O que mais marcou a senhora nesse momento todo da escola?

Efigênia – Da escola, ah...eu...sabe que quando terminou a escola, nossa, eu senti, assim, aquela tristeza, muita mágoa de ter isparramado tudo os aluno, Sr. Augusto ir embora, uma tristeza, um aborrecimento, eu queria que continuasse mais tempo, mais não tinha como minha mãe, não tinha jeito de paga pra ele vortá pra dá aula, aí paro, fiquei aborrecida. Mais com o tempo a gente vorta a fica alegre porque pelo menos um pouco a gente aprendeu. E eu viajava pra que, pra li e depois disso daqui, eu não estudei mais não, não estudei li o quarto ano desse, mais depois eu não estudei, C’aquele o estudo que eu tive aqui com Seu Augusto eu me se virava. Graças a Deus, aí eu ainda pensava assim: “gente si a minha mãe não tivesse arrumado aquele professor pra ensiná nós que seria de nós? Não podia nem né? E eu viajava, ia pra São Paulo, ia pra aqui, pra li, é tudo. Fiquei muito contente, muito feliz.

Ilsa – Acho que já fizemos tudo... Tem mais alguma coisa que a senhora quer falar do livrinho, Dona Efigênia?

Efigênia – Ah, pra fala a verdade quero só agradecer a Deus, muito, muito que graças a Deus, Deus me deu vida até hoje, 77 anos não é brincadeira, e outra...

Ilsa – Quanto tempo a senhora guardou estes livrinhos?

Efigênia – Que eu guardei a foi uns 70, 69 anos? Né? Porque eu comecei ante deu começar a namorar, comecei a namorar com dezessete anos, casei com dezenove, eu era... foi quer vê? Eu estudei com quinze, dezesseis anos, depois aquilo com dezessete tive que Pará com estudo, depois já comecei a namorar, namorei dois anos, noivei e casei, casei com dezenove. [tocou o telefone]

Ilsa – Ele deu todos os livrinhos de uma vez?

Efigênia – Não foi comprano, assim, à medida que precisava, porque terminava o primeiro, ele ia trazia o segundo, e foi assim, ele trazia pra tudo mundo que passava, né, que tem uns que não passava, esse de fora, tinha uns que tinha... não tinha muita vontade, ele chamava a atenção deles, mais eles não isquentavam com nada, muitos não estudô muito não, mais eu, graças a Deus, pra nós foi muito bem aproveitado, a minha irmã também estudo até mais que eu, porque era muito inteligente, ela guardo bem mais na cabeça que eu, mais os mesmo meus era os mesmo dela.

Ilsa – A senhora contou um negócio engraçado, uma experiência que a senhora tinha com o livro, que a senhora gostava de ler bastante antes dela?

Efigênia – Pois então, o Seu Augusto já tinha ido embora, né, e me dava aquela saudade da escola e ficava pensano nas aluna, nas amigas, né, intão, às veiz, a gente largava um pouquinho, ia lá lia, oiava, via algumas contas, dava uma oiadinha e guardava, e passava mais um tempo assim, a gente ia, mexia, oiava, via lá, abria e guardava, assim, eh, mais eu tinha hon... aqui, uma coisa de louco com meus livros, eu tinha amor nos meus livros, é tanto que eu tenho esse resto, se não já tinha acabado com tudo.

Ilsa – E a senhora gostava de é... com a irmã da senhora, não gostava de ficar atrás, conta essa história pra gente...

Efigênia – Ih é mesmo até esqueci de falá, ela era, nossa, tinha uma inteligência fora de sério, e eu não queria que ela passa eu, então ela estudano e eu também estudano, mais eu ia lá na sala, lá pro quarto olhar, eu vou estudá um poquinho aqui, pra eu sabê, porque pra eu sabê, porque se não a Helena passa na minha frente e eu não quero que ela passa na minha frente, e assim foi ino, desse jeito. [risos] até engraçado, nossa senhora, tinha dia que ela não gostava que sentasse perto dela “pra mode” não vê o que que ela tava estudano, mas eu era curiosa, e eu vo contá, mais eu estudava, eu tinha aquele gosto de estudá, se eu não tivesse eu não tinha vortado pra escola, que quele tanto de ano que eu já tinha, com os meus filhos tudu criado eu vortei pra escola, porque eu amo estudá, até hoje, foi o que me fez vim prá cidade, porque morá no sítio, não tinha escola perto, ia naquela escola lá em cima, mais não aprendia nada, cada dia que chegava tinha uma história pra contá. Ah, eu comecei a chamá, chamá meu marido pra vim, ele não queria, pois ele resolveu a vim pra cidade comigo, mais aqui não acostumo, fico só oito dias na cidade... [e continuou a contar as histórias de sua vida na cidade, as dificuldades e as vitórias...]

d.2 Entrevista II

Cartilha: *Lalau, Lili e o Lobo* (Rafael Grisi, 45. ed. Editora do Brasil, 1956)

Nome completo: *Maria Bernadete Goulart Pereira*

Naturalidade: São José dos Campos

Data de Nasc.: 29/02/1948 (60 anos)

Profissão: Professora Aposentada

Escolarização: Ensino Superior

Datas e Instituições onde estudou: Grupo Escolar Bueno de Paiva em 1955, Escola Normal Santa Ângela, 1956, e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Eugênio Pacelli, 1981.

Idade quando foi alfabetizado: 8 anos

Nome do professor (a): Glycia Pereira



A entrevista realizou-se numa sexta-feira, dia 2 de maio às 15h, na própria residência de Maria Bernadete Goulart Pereira. Demonstrou-se bem tranquila durante a nossa conversa, manifestando um carinho pelo objeto-livro, sempre o acariciando e mantendo-o consigo em suas mãos. Durante todo o período da pesquisa, a Sra. Bernadete se apresentou bastante prestativa e empenhada em nos ajudar a localizar outras pessoas que também tivessem guardado o livro da época em que estudara.

É natural de São José dos Campos, embora tivesse residido em Paraisópolis, onde estudou e formou-se em Magistério, até casar e mudar-se para Pouso Alegre. Estudou o primeiro ano em uma escola pública, Grupo Escolar Bueno de Paiva, depois em um colégio de freiras alemãs, Escola Normal Santa Ângela, onde cursou até o quarto ano primário.

Contou-nos que, na casa, havia outros livros cujo manuseio não era permitido às crianças: eram os romances. Diziam ser livros de adultos, e a mãe não lhes permitia que os pegassem.

Mostrou-nos um outro livro que também guardou, um livrinho bem pequeno de orações, em ótimo estado de conservação, com uma capa dura e brilhante. Ganhara-o de sua mãe aos 11 anos de idade, ao fazer sua primeira eucaristia. Relatou-nos que, sempre que podia, lia este livro todo e guardava-o em uma caixinha.

Relatou-nos seu interesse pela leitura e seu desejo intenso em aprender a ler e a escrever, pois sua mãe sempre lhe dizia que quem não aprendesse a ler não podia fazer nada na vida: trabalhar, passear, namorar ou casar.

Após a entrevista relatou-nos outras histórias sobre o dia a dia escolar. Também contou-nos sobre a dificuldade econômica que a família enfrentara naquela época. Lembrou-se de um versinho que declamou em uma apresentação de escola, um jogral num festival da primavera, no qual cada criança era uma flor e ela foi o lírio:

“No meu branco imaculado
Reina a paz e a pureza
Eu sou o belo lírio

De inocência e singeleza.”

Sra. Bernadete guarda seu livro que estudou há 52 anos, e o da primeira eucaristia há 49 anos.

ENTREVISTA II

Apresentação espontânea:

Bernadete – Meu nome é Maria Bernadete Goulart Pereira, eu fui nascida em São José dos Campos e criada em Paraisópolis. Hoje estou com 60 anos de idade e os meus primeiros estudos... Primeiramente, com meu pai na fazenda é a famosa cartilha *A, E, I, O, U*. Depois eu fui pra cidade e estudei no Grupo Escolar Bueno de Paiva, fiz o primeiro ano, que hoje é a primeira série, e depois a segunda série, que na época era o segundo ano, eu fui pra um colégio particular, que ainda existe em Paraisópolis, é o Colégio Normal Santa Ângela. Hoje sou aposentada, fui professora, fiz até o curso superior, a faculdade aqui em Pouso Alegre, Faculdade de Filosofia e Ciências Eugênio Pacelli.

Ilsa – Fale sobre quais as lembranças a senhora traz do início da escola, quais lembranças marcaram.

Bernadete – Primeiramente a escola, propriamente o prédio que era muito bonito, é até os dias de hoje, que ainda existe, eles têm um cuidado de manter o prédio, a estrutura física. E da escola, propriamente, assim, a sala de aula, dos colegas, dos professores, da diretora. Me lembro muito, assim, das aulas, é... Eram ministradas através de cartazes, e... gostava muito de ler, entrava assim, na sala de aula e gostava de ler aqueles cartazes e até conseguir o livro, que o livro na época, se não me engano era comprado, então, era algo assim, interessante na vida da gente aprender a ler e a escrever. Era o que eu mais queria, era aprender a ler e a escrever e o livro que eu guardei com o maior carinho é esse, né. [mostrando o livro *Lalau, Lili e o Lobo*] Está toda a minha vida aqui, que eu guardei com muito carinho e tenho ele até os dias de hoje.

Ilsa – O que marcou a senhora no momento da escolarização?

Bernadete – Ah, foi quando eu aprendi que sabia ler e escrever, porque era muito importante, porque naquela época era tudo muito difícil, né, a gente não tinha a facilidade de informações que tem hoje: livros, revistas, jornais, então quem tinha um livro tinha uma joia. Quando eu percebi que já sabia ler foi muito bom, foi muito interessante.

Ilsa – Como foi sua primeira experiência com a leitura?

Bernadete – Assim, quando eu entendi que já sabia ler e escrever?

Ilsa – Sim.

Bernadete – Ah, assim, foi muito interessante, foi muito bom, porque eu me sentia, assim, gente, feliz, porque eu poderia pegar qualquer coisa e ler não precisava pedir para outra pessoa ler para mim.

Ilsa – A senhora lembra como foi a primeira história que leu, qual foi a frase que conseguiu ler sozinha?

Bernadete – Frase assim, não. Eu me lembro que eu juntava as palavrinhas, as letrinhas, ia formando a palavra, que todo traz a ilustração, aí aquilo que eu não conseguia ler eu inventava.

Ilsa – A senhora estava falando que o livro foi comprado, que esse foi adquirido através de uma compra, mas foi pelos seus pais, como foi?

Bernadete – Na época, no grupo escolar, que hoje é Escola Estadual, quem tinha condição de comprar comprava, parece-me que alugava também, e tinha os alunos que não tinham condições, aqueles mais carentes, eles eram alunos da caixa, então o Estado mandava todo o material aí eles ganhavam, mas quem tinha condições de comprar comprava.

Ilsa – Como foi o primeiro contato da senhora com este livro?

Bernadete – Ah, foi muito bom. É... pegar, tocar, saber que aquele livro era meu, não sei se seria isto...

Ilsa – Lembra quando chegou o livrinho...

Bernadete – Ah, sim, foi uma festa. É... fizeram uma festa, muito interessante, e foi, assim, passado os livros um a um para cada criança, como eu falei, quem comprou, recebia, quem não comprou recebia da mesma forma, então, era um evento, assim, para todos iguais, e aquela era uma alegria, de pegar, de tocar e de saber que tinha um livro na mão.

Ilsa – O que a senhora mais apreciava no livrinho?

Bernadete – Então, na época era, propriamente, as histórias, o texto, né. Lia a história, aquelas que a gente consegue ler inteiro, a gente vivenciava junto com os personagens, parecia que eles eram reais, então era um contato, assim, no caso, eu na época criança, parecia que eu também fazia parte da história.

Ilsa – E agora a senhora, diante deste material que a acompanhou na sua escolarização e que guardou durante tanto tempo. Quais sentimentos ressurgem ao tocar novamente este livro?

Bernadete – É voltar naquele tempo, naquela época da minha infância, que era, assim, tudo tão bom, muito tranquilo, e lembrar aquele tempo de infância, aquele... assim... é... era uma coisa gostosa, é... na inocência da gente criança, mesmo porque a gente não tinha muitas opções de brinquedos, então ler era muito importante.

Ilsa – A senhora lembra de algum fato ou experiência concreta com este livro?

Bernadete – Seria mais ou menos quando houve uma dramatização, num prédio à parte, que foi feito uma dramatização, como se fosse uma peça de teatro, onde tinha os fantoches, e a apresentação, tava o palco montado, aquela cortina, e eu olhei os pés das pessoas, depois os fantoches aparecendo na parte de cima e quando eles começaram a contar alguma história daqui do livro, aí eu percebi, que eles não eram de verdade, que eram os professores da escola que estavam fazendo o papel dos personagens, aí eu descobri que história é história e não aquela realidade que eu pensava que fosse, que realmente os personagens eram vivos. Inclusive eu guardava todo o meu material, principalmente o livro, assim, com muito carinho. Quando eu ia fechar o livro, eu fechava bem devagarzinho, para não espremer, para não apertar os personagens, para não machucar, porque eu achava que eles estavam vivos de verdade.

Ilsa – O que a levou a guardar este material durante tanto tempo?

Bernadete – É... o fato de carinho, aquela relação, mesmo de companheirismo, porque naquela época, não tínhamos tanto material como tem nos dias de hoje: livros, revistas, é... guardei como se fosse uma joia, como quem guarda uma fotografia, uma joia, um cartão, então ter um livro era como se fosse uma joia.

Ilsa – Hoje, que significado tem hoje este livro para a senhora?

Bernadete – É a volta ao passado, naquele tempo ingênuo, gostoso, tranquilo.

Ilsa – A senhora chegou a emprestar este material para outras pessoas?

Bernadete – Ah, sim, no caso, meus irmãos também usavam, porque o livro a gente passava de irmão para irmão, depois meus filhos tiveram a oportunidade de ver, de tocar, de ler, e agora as minhas netas já pegaram, já olharam, já acharam interessante, diferente, que se comparar com os livros, com o material de hoje é bem diferente.

[Neste momento, a neta de 5 anos entrou na sala, começou a conversar conosco e encerramos a entrevista.]

d.3 ENTREVISTA III

Livro: *O tesouro da criança*

(Antônio D'Ávila, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957)

Nome completo: *Dirce Sanches Rossi*

Naturalidade: São Paulo

Data de Nasc. 06/1948 (60 anos)

Profissão: Doméstica

Escolarização: Ensino fundamental

Datas e Instituições onde estudou: de 1955 a 1958, no Grupo Escolar Barão de Souza Queiroz; depois, aos 18 anos, fez supletivo.

Idade quando foi alfabetizado: 7 anos, 1955

Nome do livro que usou: *O tesouro da criança*, de Antônio D'Ávila

Nome do professor (a): Terezinha



Dirce Sanches Rossi, uma senhora de 60 anos, trabalha como voluntária na Farmácia Popular da Paróquia do Imaculado Coração de Maria, Pouso Alegre (MG), onde nos conhecemos por acaso, quando estava à procura da coordenadora da catequese para perguntar-lhe se havia guardado o livro da época em que estudara. No entanto, ela não estava e fiz essa pergunta às pessoas que trabalhavam naquela farmácia, e a Sra. Dirce me disse ter guardado não o livro da primeira série, mas o da quarta. Trouxe-o na semana seguinte para eu ver.

Ao me mostrar o livro, que tirei cuidadosamente da bolsa, fiquei impressionada, assim como todos os que estavam na farmácia. Um livro pequeno, encapado com um tecido vermelho, já bem desbotado com o tempo, e um bordado com as iniciais *DS*.

Contou-nos que ela mesma quem bordara as letras do nome e encapara o livro. Comentou que seu carinho por esse livro é muito forte, por representar o seu interesse e o seu amor pelo estudo.

A Sra. Dirce estudou apenas até a quarta série e quis guardá-lo como recordação daquele tempo. Mudaram-se inúmeras vezes, mas o livro sempre ia consigo. Apesar do tempo, demonstra um carinho imenso pelo estudo. Guarda esse material há 50 anos, apesar das mudanças de cidade, até de estado, sempre levou-o consigo, e o livro está bem conservado.

Comentou que, ao mostrá-lo a sua nora, disse-lhe que a capa estava muito suja e manchada a capa e que iria lavá-la, mas sua nora incentivou-a a deixá-lo daquele jeito mesmo, pois as manchas e a sujeira faziam parte do tempo que ela estava com o livro, ou seja, de sua história com ele.

A entrevista ocorreu em sua própria residência, no dia 8 de maio, às 15h, numa quinta-feira, quando fui recebida com muita atenção e delicadeza. Conversamos de maneira bem espontânea sobre o assunto. Ela também me mostrou o diploma da quarta série, lembrança da primeira eucaristia. Disse ter outro livro guardado da sua época de catecismo, mas não mostrou.

Deixa claro o quanto o estudo foi importante para sua vida, e a saudade daquele tempo de criança. Contou-nos que, apesar das dificuldades para ir à escola, como a distância, o frio, a pobreza e o desinteresse dos pais, fazia tudo com muita alegria e muito prazer, pois gostava muito de estudar.

ENTREVISTA III

Apresentação:

Dirce – Meu nome é Dirce, Dirce Sanches, Sanches Rossi, eu vim aqui a Pouso Alegre, aqui já tem mais de dez anos, mas morei em São Paulo, lá nasci, lá me criei, num bairro da Zona Leste, um bairro muito bom, muito gostoso, parecia interior, saí de lá quando me casei, com vinte e quatro anos. Aí fui para Andradas, que meu marido morava lá, moramos lá dois anos, tivemos dois filhos. Aí ele foi para Belo Horizonte, fazer um curso do correio, ele era carteiro, era técnico postal, ele foi fazer o curso e eu fui para São Paulo, fiquei na casa da minha mãe um ano com as duas crianças e ele em Belo Horizonte. Aí depois de lá ele foi transferido para Três Corações, e nós moramos lá dois anos. Aí ele teve um problema de saúde e foi transferido para Campanha, lá nós ficamos quinze anos, de lá nós tivemos mais um filho, o terceiro, de lá aí ele terminou... porque era diretoria regional de Campanha, acabou a diretoria, fechou. Aí, foram os funcionários cada um pra um lado, para uma cidade, né, aí ele foi para Varginha. Aí ele ficou um tempo, a gente morando em Campanha e ele indo e vindo, mas resolvemos mudar para lá, moramos lá um ano e meio, e de lá viemos para cá, agora daqui não pretendo sair, mas a gente não pode falar, a gente nunca sabe o dia de amanhã, de repente...

Ilsa – Mas a escolarização da senhora foi feita foi feita, então, em São Paulo.

Dirce – Só... é... É, eu fiz até a quarta série, né, depois quando eu tinha aos dezoito anos, eu fiz supletivo, que tinha na época pela televisão, então a gente ia na Igreja da Penha, tinha um salão paroquial, e tinha um professor que era o irmão Marista e ele ia tirar as dúvidas da gente, e ali eu fiz o curso equivalente ao primeiro grau. Aí eu não consegui eliminar as matérias, por pensar que estava preparada. Fiz tudo muito correndo e não terminei. Aí depois eu voltei a fazer esta prova em 85 ou 86, não me lembro, aí, esta existe até hoje, que a gente se inscreve, aí eu fiz... Meu marido falou; “aproveita e se inscreve no primeiro e segundo grau, já, né,” “ah, mais eu não tenho bagagem para isto”, e ele falou: “Arrisca”! “Cê acredita que eu consegui eliminar e fiquei devendo apenas Ciências, na época, e aí fiquei com o segundo grau incompleto. Esta é a minha escolaridade.

Ilsa – Que lembranças a senhora traz do início dessa escolarização, até a quarta série?

Dirce – Ah, foi muito bom, muito bom. Acho que foi a melhor fase da minha vida, porque na primeira série eu entrei em 1955, eu entrei com sete anos completo, porque na época, não podia entrar na escola com menos de sete...

Ilsa – Antes a senhora não tinha ido pra escola?

Dirce - Não, porque eu, fazendo aniversário em julho, então eu entrei com sete anos e meio, já. Interessante, que naquela época, não tinha essa alfabetização como hoje. Primeiro dia de aula, chegava, sentava, e a professora: “Abre o caderno”, e escreveu no quadro: Grupo Escolar Barão de Souza Queiroz, eu nunca tinha escrito nada e aquilo foi uma experiência maravilhosa, comecei a primeira linha do caderno e foi subindo... Subindo... [risos] Mas, enfim, aí... A professora era muito brava...

Ilsa – Você lembra o nome dela?

Dirce – Yara, era uma senhora, mas muito brava, tanto que ela começou a bater muito nas crianças, aí os pais foram lá e reclamaram, porque ela bateu no rosto da menina, e a menina

chegou em casa com o rosto marcado, aí foram lá no dia seguinte, amanheceu aquele alvoroço na porta da escola, os pais, não sei se levaram mais pessoas, aí ela foi expulsa da escola, Aí, tivemos outra professora, chamada Dona Terezinha. Essa era um anjo, ela ensinava brincando. Nunca me esqueço, ela ensinou dezenas, centenas, milhar, tudo com palito de sorvete, ela fazia, distribuía, a gente brincava de trezinho na sala para, aprendendo, as letrinhas. A do segundo não era legal, não. A do terceiro também chamava Terezinha, mas era outra Terezinha, também muito boa. E a da quarta série, aí que eu não me lembro direito, foi Dona Clarice ou Dona Terezinha também...

Ilsa – Não tem problema... [risos]

[Neste momento chegou o marido, cumprimentou-nos e nos apresentamos.]

Dirce – Eu fico pensando, na época eu devia ser uma criança bem esforçada, né, porque não tinha interesse, assim dos pais, dos pais, não tinha de ninguém, né, que... meu pai e minha mãe eram pessoas muito simples, não tinha interesse que a gente estudasse, a gente aprendia por conta, né, tanto que a diretora da escola se interessava, falava pra mim que eu não devia parar, que devia continuar, vai ver ela achava, né, tinha interesse e podia continuar, né...

Ilsa – O que a senhora guardou dessa época?

Dirce – Ah, eu guardei tudo de melhor que eu aprendi, foi muita coisa boa, teve colega que a gente não esquece, e... e essas professoras, também na quarta série que a professora pediu pra eu fazer o discurso de encerramento, uma poesia que eu me lembro até hoje a poesia, que era para declamar, no diploma, na formatura.

Ilsa – Na formatura da quarta série?

Dirce – Da quarta série. É que eu não esqueço também, porque era uma briga, meu pai e minha mãe não levavam, vai pensar, né? Aí as irmãs eram moças, a outra era caçula, era bem pequenininha, e a outra tava noiva e essa que teve que me levar e foi brigando com o noivo pelo caminho [risos] inteiro, mas eu não queria nem saber, eu tava tão feliz, né.

Ilsa – Como era a poesia?

Dirce – Era: “A menina que gostava de leite de cabra”, do Afonso Schmidt, [risos] era muito bonitinha...

Ilsa – Fala um pedacinho pra gente.

Dirce – “Quando acorda
Com o ruído do pessegueiro
É hora doirada
Em que o passo cabreiro
Com suas cabritinhas tão bonitinhas,
São cerca de cinquenta,
Mas contando bem,
Talvez não passem de trinta...”

Aí, a gente gesticulava, sabe, e os coleguinhas aplaudiam, né, ficavam todo envergonhado, quando eu fui pro palco os coleguinhas falavam: “Você tem coragem, você tem coragem?”

Ilsa – Isso marcou muito a senhora, né, que foi na quarta série, era uma ocasião especial, a formatura, não é? E foi justo o livrinho da quarta série que a senhora guardou.

Dirce – Então, que eu tive o do segundo, você sabe que depois de casada, eu tinha ainda, eu acho que foi jogado fora o da segunda série, eu tinha aí esse livro.

Ilsa – Também com tantas mudanças...

Dirce – É... Essa quarta série foi muito... Bom, todas, né, a do segundo que eu não gostava muito, não sei por que, não sei se era mais difícil, né.

Ilsa – Não marcou tanto quanto a quarta, e de que maneira a senhora adquiriu o livrinho da quarta série?

Dirce – Eu acho que meu pai deve ter comprado, minhas irmãs comparam, né, não me lembro direito. Mas dava a lista de material, né, porque nessa época tinha caixa escolar, mas, era... eu achava tão errado, quem tinha pai, não podia fazer parte da caixa escolar, então, mesmo que tivesse muita carência, não podia, tinha que comprar, por isso que meu pai falava que não, que eu não ia continuar, fazer o ginásio, porque não ia dar conta. Aí a diretora falou pra mim: “que não, que você vai para a caixa escolar, eu ponho você na caixa escolar.”

Ilsa – Então o próprio pai da senhora quem comprou o livro?

Dirce – Então, eu não sei se foi meu pai ou se foi minhas irmãs, eu tinha irmãs solteiras...

Ilsa – Esse não veio da escola.

Dirce – Não, foi comprado.

Ilsa – A senhora lembra como foi o contato com este livrinho? Quando chegou, seu primeiro contato com ele?

Dirce – Com... Bom... É... O da primeira que foi assim, mais... mais marcante, porque eu não sabia. E tinha que aprender, como falei, e tinha que aprender quase que sozinha, né, juntando as palavras. Tinha um desenho da árvore, que eu lia: ARVÔRE, ARVÔRE, deu o que fazer pra eu aprender ÁRVORE. [risos] E... esse daí eu já era maiorzinha, assim, foi o que eu gostei, porque... [foi pegar o livro na mesa] Tenho também o diploma da quarta série.

Ilsa – Ah, depois eu vou tirar foto... [risos] Eu até comentei com a minha professora do bordado da senhora.

Dirce – É... então, aqui eu já... já me sentia... Então... Isso também aqui, era na escola, então... Porque antigamente, tinha o exame final, né. Aí fazia o exame final, se tinha sido aprovada, aí não tinha mais a obrigação de frequentar as aulas, mas eu gostava tanto que eu ia até o último dia, quando a professora falava: “Agora não dá mais”, aí eu não ia mais. Aí a gente ficava bordando, ou brincando na escola, as professoras ficavam ensinando... eu devo ter feito isso daqui na escola. [risos]

Ilsa – E a capa, foi a senhora mesmo quem fez?

Dirce – É, tá costurado à mão, olha... a minha mãe costurava, então a gente fazia, né. [Mostrou-me o livro.]

Ilsa – Ah, é muito caprichoso... Bom, isso daqui tem anos, quantos anos está com a senhora?

Dirce - Cinquenta anos.

Ilsa – Cinquenta anos que está com a senhora...

Dirce – 1958... [folheando o livro]

Ilsa – A senhora lembra como foi sua primeira experiência de leitura neste livrinho?

Dirce – Neste daqui, pra ser sincera eu não me lembro... [folheando o livro], porque a gente achava que já tinha mais experiência dos outros, isso daqui já foi feito com mais preocupação, nossa, acho que ia ser mais difícil, aí tem exercício também, né...

Ilsa – Ah, já tem exercício. Como a senhora lia este livro, era só na escola ou lia em casa também?

Dirce – Também... Era assim, a professora marcava a leitura... na... no tal dia tinha o dia... toda a semana tinha o dia da leitura e todos, todos os alunos faziam a leitura, aí tinha a postura... [ela ficou em pé, se posicionou e mostrou como se fazia a leitura] Ficava na frente da sala quando ia ler, pegava o livro com a mão [mão direita], ficava com a mão para trás [mão esquerda] e com o dedo no meio do livro, tinha que ficar assim. [risos]

[Tive que ajustar a filmadora]

Até isso a gente aprendia, postura para a leitura, a professora falava: “Fica com o corpo reto.”

Ilsa – Tinha que ler em pé?

Dirce – Em pé. Todos iam na frente pra ler e cada um lia o que tinha marcado, comentava sobre o que tava lendo, o que achou da leitura e era isso daí. E o bom desses livros é que as histórias dele são todas... assim... dando uma... um ensinamento... Tem uma do cavalo, que eu gostava muito: “A súplica do cavalo”, que ele fala que ele já tá velho e pro dono dele não maltratá ele, não bate nele, quando ele não anda, porque ele já tá cansado, pra olha os dentes dele porque, às vezes, ele sente dor. Interessante... Quase todas as histórias tem um ensinamento, tinha um ensinamento pra criança, né, eu acho isso muito bom.

Ilsa – **Quando a senhora lia, quando criança, a senhora lia sozinha, ou lia só na escola, como que era?**

Dirce – Lia sozinha, em casa e na escola.

Ilsa – **nem para os irmãos, para a mãe, não? Lia sozinha?**

Dirce – Lia sozinha. Não. Eles não tinham, é interesse, é engraçado, é a formação que eles tinham, assim. A minha mãe era maravilhosa, mas, ela, assim, não tinha interesse pela vida da gente na escola, nada, não preocupava, tinha muito o que fazer, tinha muito filho, serviço...

Ilsa – **Que lugar a senhora mais gostava de ler?**

Dirce – Qualquer lugar não tinha preferência, a casa da gente era pequena...

Ilsa – Era no quarto?

Dirce – Era até mais no portão, sentada no portão da rua.

Ilsa – **E agora a senhora diante deste material que a acompanhou durante sua escolarização e que a senhora guardou durante tanto tempo, quais sentimentos ressurgem ao ver e tocar novamente este livro?**

Dirce – Nossa, é uma emoção muito grande, uma coisa que dá uma saudade muito grande, esses dias até tenho pensado, mexeu com o meu emocional, de poder falar dessa época tão boa, tão maravilhosa que me marcou muito, muito bom, muito bom. No dia que... Ele tava guardado há muito tempo, no dia que eu encontrei ele, eu mostrava para os meus filhos: “Olha, esse aqui é o meu livro, da mãe da quarta série.” (risos)

Ilsa – **O que eles falavam?**

Dirce – “Nossa é?” e olhava... Esses dias que meu filho foi olhar pra ele e disse “Nossa...”

Ilsa – **O que a senhora sentia ao mostrar este livro para os seus filhos?**

Dirce – Ah, a gente a gente sente uma emoção muito grande, né, sei lá, dá a impressão, assim, de que um dia eu também fui assim como vocês, acho que é isso que passa no íntimo. [risos]

Ilsa – **Olhando pra ele, a senhora lembra de mais alguma coisa, alguma circunstância, de algo que aconteceu na infância, da época da infância?**

Dirce – Então, essa época da escola me lembra a época da Igreja, também da catequese, da cruzada que eu fazia parte.

Ilsa – **O que a levou a guardar este livro?**

Dirce – Ah, eu acho que, pra ser sincera, não sei, acho que pra guardar alguma coisa da infância, né, não sei se isto é bom! [risos] Pra não deixar a infância acabar de veis, então, vamo guardar este livro aqui. [risos] Não, é porque foi uma época muito boa, né, então, eu acho que a gente sente necessidade, vontade de guardar alguma coisa pra gente poder ta relembando, né, aquele tempo. Tenho mania de guardar coisas assim.

Ilsa – **Como a senhora guardou este livro, a senhora mudou tanto, né?**

Dirce – Pois é, pra você vê, tem livros, missal, da minha época que frequentava a cruzadinha também, tá lá guardado, tá lá tudo junto.

Ilsa – **Está com a senhora até hoje?**

Dirce – Sim. Santinhos, que ganhava naquela época, que trocava com os colegas de escola, tem até um com o nome da colega que me deu.

Ilsa – Esse missal é o livrinho?

Dirce – É... Era o que ensinava na missa, tinha em latim. É um livrinho pequeno assim.

Ilsa – Outras pessoas chegaram a usar este livro?

Dirce – Não que era só... A escola era pequena, tinha quatro salas de aula só, tinha um número de alunos, não sei, não era o que dissesse uns quarenta alunos, cada um tinha o seu livro, não sei se as escolas eram mais exigentes, né, todos tinham que ter o material, fazia a revisão do material. Então, como tinha a caixa escolar, quem não podia comprar, o estado dava, até depois, quando saía da escola, mudava as leituras. E a escola minha era muito longe de minha casa, muito... Aí, depois, né, nem voltava. Então, é o que eu falo, e a gente ia com tanta vontade, né, que hoje em dia as crianças põem obstáculos: “Ah, porque não tem ônibus, ah, porque o ônibus não foi buscar.” Aí eu fico pensando, às vezes, não é tão difícil assim, né, um pouco de boa vontade... vai... Naquela época, chovia, fazia frio, o calçado que usava, a gente era muito pobre, eu a minha família. Ia de alpargata, e alpargata é corda, né, aí chovia, chegava com o pé encharcado. E a professora falava: “Fala pra sua mãe comprar tamanco, pelo menos com o tamanco você não fica com o pé molhado.” Chegava em casa falava... “Ah, que fala pra professora que agora não dá, outro dia compra.” E a gente ia do jeito que podia. Mas ia, não tinha vergonha dos outros que iam melhor. A única coisa que eu falo que eu tinha saudade era do lanche, porque a caixa escolar dava lanche, né, a gente que levava de casa não tinha direito, não podia nem pensar.

Ilsa – A senhora tava me falando que a senhora mudou, mas o livro ia junto, né, todas às vezes. Como a senhora guardava? Era num lugar específico? Numa caixa?

Dirce – É uma caixa.

Ilsa – De madeira?

Dirce – Não, de papelão mesmo. Se a caixa estragava, trocava, e sempre assim. A caixa tá estragando, troca. Ah, fala: “Precisa dá esse livro, então?” “Não, não, quando eu morrer dá pra quem quiser, mas enquanto eu viver deixa ele quieto.”

Ilsa – Que significado tem hoje esse livro pra senhora?

Dirce – Então, agora, ele tava até guardado, né, quando você falou e lembrou, de pessoas que guardavam livros, aí eu lembrei que eu guardava ele né, e aí você acredita que ele ficou por aí, e eu venho lendo as histórias dele de novo. É bom, porque vai ver que muita coisa que eu aprendi daqui, né, coisas que eu trago guardado.

[Pedi licença e foi atender o telefone.]

Ilsa – Hoje... como... a senhora falava desse significado que tem esse livro pra senhora.

Dirce – Agora eu vejo que ele tem um significado muito grande, né, e pensei esses dias vou passar pra mostrar pra minha neta, que talvez, aqui tem muitas histórias que vai servir, no dia de hoje pra lê vê, como essa do animal que pede pro dono não maltratar, né, e outras que tem aqui. Eu acho que pra mim hoje ele é uma joia.

Ilsa – Eu queria que a senhora contasse de novo da filha que falou do livro, que estava sujo...

Dirce – Ah, não, foi a minha nora, eu disse: “Vou tirar a capa e vou lavar.” E ela falou; “Não, não, a senhora vai deixar desse jeito, porque isso daqui mostra o tempo que ele está guardado.” É sinal de tinta, porque, porque na época usava tinteiro, aquelas canetas de encher, né, e aí, derramou a tinta na carteira, isso era comum virar o tinteiro na carteira e manchou.

Ilsa – Interessante. Gostaria de agradecer a senhora por essa oportunidade da gente estar podendo fazer a entrevista, e perguntar se a senhora tem mais alguma coisa que gostaria de falar sobre este livro. Sobre esta fase que a marcou. A senhora ainda desperta um grande amor pelo estudo, né?

Dirce – Muito, muito, gosto, sempre gostei muito de estudar. Essa quarta série me marcou muito, não sei, talvez porque tinha... me fez sentir muito valorizada, embora, assim, aquela criança pobre, simples, né, que em casa eles não valorizavam o estudo, então eu acho, né, me fez me sentir valorizada, porque recebi um prêmio na terceira série de melhor aluna e na quarta também, da classe, né, e quando me convidaram pra lê o discurso final, fazer, declamar essa poesia do Afonso Schmidt. Então, eu me esforçava muito, eu decorei todinho o discurso, era três folhinhas, assim, fininhas e compridas e eu decorei e na hora levei só pra fazer de conta que eu ia ler. Eu tinha o maior prazer, eu queria fazer da melhor forma, sabe. Pra mim isso foi maravilhoso. Eu acho que a escola me fez sentir assim, valorizada, muito capaz.

Ilsa – **Eu quero agradecer a senhora por essa oportunidade de fazer a entrevista.**

Dirce – Eu que te agradeço, por me fazer, poder... relembrar...

d.4 ENTREVISTA IV

Almanaque: *O Jeca Tatuzinho*

(Monteiro Lobato, 13. ed., 1944)

Nome completo: *Maria Aparecida Perina Francescato*

Naturalidade: Mogi Guaçu (SP)

Data de Nasc. 22/06/1944 (64 anos)

Profissão: Professora universitária

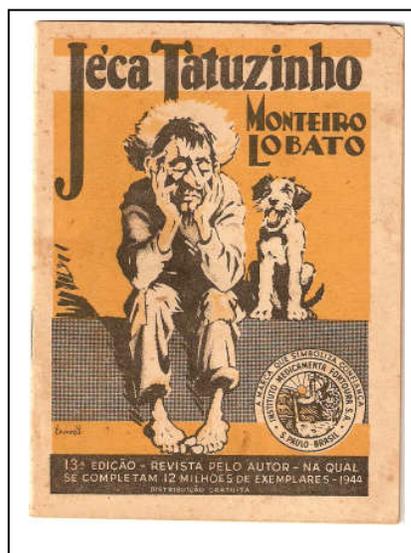
Escolarização: Mestrado

Datas e instituições onde estudou: de 1949 a 1950, Jardim da Infância, e 1951 a 1955, no Grupo Escolar de Mogi Guaçu.

Idade quando foi alfabetizado: 4 anos

Nome do livro que usou: *Jeca Tatuzinho*, de Monteiro Lobato (Primeiro livro de leitura)

Nome do professor (a): Dona Biluca



A entrevista ocorreu na universidade em que leciona, UNIVÁS, Universidade do Vale do Sapucaí, local escolhido pela própria entrevistada, numa quinta-feira dia 5 de junho, às 20h30min. Anteriormente havíamos conversado apenas por telefone. Sempre se mostrou bastante prestativa em realizar a entrevista, recebeu-me carinhosamente na sala dos professores, mostrou-me seu livro e conversamos bastante sobre o assunto.

É conhecida por todos como Cida Francescato, leciona na universidade há 19 anos, é uma professora educadíssima e muito culta.

Tem um verdadeiro carinho pelo livro, *Jeca Tatuzinho*, por ter sido o seu primeiro livro de leitura, e também por ter pertencido ao seu pai, uma figura masculina marcante em sua vida.

Fala do livro com muita emoção por ele representar a própria presença do pai. O livro é para ela um ecoar de lembranças e possui uma magia que a transporta para um momento importante de sua vida: a infância.

O livro traz um significado de uso familiar. Dentre os irmãos, Cida foi escolhida pelo pai para guardá-lo, que a presenteou por ser a única professora da família. O livro é conservado há 64 anos, primeiro por seu pai agora por ela.

Após a entrevista me mostrou a sua pasta de plástico, com capa de couro onde guarda o livro: *Jeca Tatuzinho*, e várias coisas da infância, como lembrancinhas, diplomas do primário, cartões, o convite de quinze anos, entre outras. Disse ter guardado todos os livros que estudou, mas escolheu este, que achou ser mais significativo para a entrevista.

ENTREVISTA IV

Apresentação:

Cida – Meu nome é Maria Aparecida Perina Francescato, sou professora na UNIVÁS e FAFIEP, sou professora do curso de Letras, e leciono História das Literaturas em Língua Portuguesa, de Língua Portuguesa, eu leciono Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, História Africana, Macauense, e também de Goa, de Timor-Leste e outras Literaturas de Língua Portuguesa.

Ilsa – Quanto tempo a senhora leciona aqui?

Cida – Eu sou professora aqui na FAFIEP há 19 anos. Sou professora titular de Literatura Latina, Literatura Norte-Americana e Cultura Brasileira.

Ilsa – A nossa entrevista é para conversarmos sobre o seu livro que você guardou da época de sua escolarização. Que lembranças você tem sobre o início da sua escolarização?

Cida – Bom, a minha alfabetização foi algo assim, vamos falar, atípico, porque minha mãe foi criada em fazenda, e naquela época, minha mãe tem hoje 87 anos, naquela época, as filhas não iam para escolas, meu avô contratava professoras para darem aulas para as... a minha mãe e suas sete irmãs. Então, elas passavam por várias professoras e isso era muito comum, em todas as fazendas das vargens mogianas, que eram fazendas de café, de algodão, de gado mesmo, então, a minha mãe quando eu nasci, nós morávamos numa cidade chamada Mogi Guaçu, que hoje é uma cidade de médio porte, que já tem 130 mil habitantes, mas naquela época em que eu nasci, 1944, ela não chegava a 4 mil habitantes na zona urbana, de maneira alguma. Então quando eu estava com quatro anos, nós morávamos na cidade, porque meu pai trabalhava na cerâmica *Martini*, ele era mecânico, é..., construía máquinas para fazer manilhas, fazia manutenção também de máquinas. Então, quando fiz quatro anos, minha mãe tinha uma velha professora, que tinha sido professora dela, que se chamava Dona Biluca, que naquela época, era pra mim uma pessoa jurássica, porque era uma velha bem velhinha, braba, braba, de birote, de cabelos brancos, era cega de um olho, era cocha ainda, braba, terrível e a minha mãe para ajudá-la, porque ela não tinha do que viver, vivia num cortiço em Mogi Guaçu, a casinha dela era um quarto e sala só, o banheiro era uma fossa comum lá de fora.

Ilsa – E ela não tinha família?

Cida – Não, não tinha família, não tinha ninguém no mundo. E então, minha mãe me mandou, porque era uma forma de ajudá-la, como aluna, outras famílias mandaram filhos. Então, a Dona Biluca tinha uma mesa grande na sua sala e a gente sentava em dois bancos, eu tinha na época quatro anos e o interessante é que ela usava o material que ela usou durante a sua vida, então, deve ser material do século XIX, com certeza, porque a gente escrevia em lousas, em lousinhas de pedra, que eu tenho a impressão que era granito negro, porque era uma pedra muito dura, negra, e ela tinha em volta uma moldura de madeira e em baixo também e cada aluno tinha a sua lousinha, e a gente comprava no armazém da cidade, uns estiletes compridinhos, de uns 12cm, era uma pedra negra, mas quando a gente escrevia nesta... neste granito negro, ele deixava uma marca branca, fina, mais deixava, que era apagado com um trapo úmido comunitário, pra todo mundo apagar... e esse era o nosso caderno. Cada um tinha a sua lousinha, quer dizer, era todas da professora, Dona Biluca.

Ilsa – Era pesado, não podia sair dali.

Cida – Não, é... Não era tão pesado assim, porque elas eram pequenas, não eram tão grossas, eram mais ou menos 3cm de espessura, dava para... os mais fortes conseguiam erguer. Era um material precioso para ela, né, devia ter uns 60 anos, com certeza, por isso que eu digo que era do século XIX... E foi assim que eu fui alfabetizada. E era uma menina muito esperta, logo, logo me alfabetizei, em uns seis meses eu peguei o...

Ilsa – O jeito.

Cida – O jeito... do negócio. E era uma menina ávida por leitura, mas só que eu era muito brigona, eu brigava com os meninos da turma e ela sempre ficava do lado dos meninos, e a minha

mãe sempre ia lá reclamar, porque eles batiam na menina dela... e... no fim eu saí, porque naquele ano foi criado, no ano seguinte, né, foi criado o Jardim de Infância no Grupo Escolar de Mogi Guaçu, então, eu passei em 1949, aos 5 anos, para o Grupo Escolar de Mogi Guaçu. Eu me lembro que minha professora se chamava Diva de Oliveira, fiquei com ela dois anos, porque eu não tinha idade para entrar no primeiro ano, se chamava ano, não se chamava série, então eu tive que ficar dos 5 aos 6 e dos 6 aos 7, e eu dei muito trabalho para ela, porque eu já era alfabetizada, sabia fazer as contas muito bem, sabia matemática, meu pai me dava aulas particulares em casa de matemática, então eu devia ser um terror para ela, eu imagino o terror que eu devia ser, mas foi uma fase...

Mas aí eu vou contar pra você a história do meu primeiro livro de leitura. Logo quando eu me alfabetizei, já em 1949, meu pai que tinha guardado um livrinho, que não é bem um livrinho, é um almanaque, almanaque do Biotônico Fontora, o famoso almanaque Fontora, então era... ele tinha a edição de 1944, e que olha... e aqui na capa, que é a 13.^a edição, fala que nesta 13.^a edição completa 12 milhões de exemplares distribuídos gratuitamente, mas eram gratuitos, mas eram distribuídos na única farmácia que existia na cidadezinha, como todo mundo ia a farmácia, todo mundo possuía o almanaque, e principalmente porque todo mundo ia à farmácia no começo do ano, para ganhar um almanaque, então todo mundo possuía. Esse tem a história do Jeca Tatuzinho, né, do Monteiro Lobato, a famosa história do Jeca tatuzinho, é... Que pra mim foi maravilhosa, porque conta como um caipira, [e começa a contar a história do livro mostrando página por página] que vivia numa casinha de sapê, de pau-a-pique, que vivia descalço, desanimado, não tinha ânimo nem pra plantar os pezinhos de couve, e olha o porquinho magrinho, porque não tinha o que comer, a galinha seca, quase morrendo de fome, então ele vivia pitando o cigarrinho, recolhendo uns pauzinhos de lenha para ascender o fogo e logo, muito mal e mal, ele plantava os pezinhos de milho, os pezinhos de mandioca, e vivia a maior parte do tempo deitado e tomando a sua cachacinha e essa era a vida dele. Então, aí passou um Doutor visitando as roças e foi na casa do Jeca Tatuzinho, aí o Doutor falou assim para ele: “Você sofre de *ancilostomose*.” Aí ele falou; “Do quê?” “Aí, o quê?” Aí ele fala assim; “Amarelão, *ancilostomose* é amarelão.” Mas o Jeca Tatuzinho não sabia o que é amarelão, aí o Doutor explica para ele o que é amarelão, que são vermes que entram nos pés descalços das pessoas, que vão para o intestino e que comem todo o alimento das pessoas, por isso que as pessoas ficam assim tão fraquinhas, e os animais ficam assim tão fraquinho também. Daí o médico põe lupa no pé dele e mostra os bichinhos entrando no pé. Eu achei uma maravilha isso. Aí o médico receita para ele *quilostomina*, e... o Fontoura e depois é... para acabar com... *anquilostomina*, desculpa, *anquilostomina Fontoura*, e depois o Biotônico Fontoura para fortalecer a ele, a família toda. Aí todo mundo se livrou do amarelão e todo mundo passou a usar sapato, aí ele ficou forte, sadio, começou a trabalhar, olha, abrindo pastos novos, abrindo campos para o plantio, olha, enfrentando onça a soco, trazendo feixes de lenhas enormes, de lenha. Mas o que mais me encantava mesmo era ver, olha, o Jeca Tatuzinho já era um Jeca Tatuzão gordo, forte, a mulher dele, gorda forte, o filho, gordo forte, todos calçados, as galinhas calçadas, o porquinho calçado, gordinho, gordinho, sabe, e até o galo de bota e esporas. Eu achei maravilhoso! Li várias vezes a história, aí ele pôs o nome, foi comprando mais terras e deu o nome na fazenda dele de Fazenda Biotônico, aí ele criava porcos e ia vender na cidade e ficou rico, então ele ia ver as terras montado a cavalo, só que está fumando, né, um hábito condenável, né, mais, aí, ele foi tendo as coisas mais modernas, tudo que era moderno, eletricidade, você vê que ele já tem, telefone. O Jeca e os filhos e aí ele faz propaganda também dos remédios, olha, *ansilostomina*, *alestrosan*, para quem tem malária, e foi curando os jecas lá empregados dele também, e todo mundo foi

ficando fortes e sadios. Olha, então o mestre da escola com os alunos fortes e sadios, bem arrumados, já não tem todo aquele pessoal cheio de amarelão, apático, sem vontade de se mexer. Eu achei maravilhoso esse livro. E esse livro pra mim é precioso. Porque depois que eu me deleitei, que eu li várias vezes, aí meu pai guardou e passou para a minha irmã quando foi alfabetizada, não foi pela Dona Biluca, não, minha irmã, era assim rebelde, ela é dois anos mais nova que eu, aí ela foi para escola normal do grupo mesmo. Quando ela foi alfabetizada, ela leu também, e ele guardou de novo, aí quando chegou a vez do meu irmão, leu também, pai guardou, e a minha irmã caçula idem, e assim foi preservado o almanaque.

Ilsa – A família toda leu?

Cida – A família toda leu... Isso minhas filhas todas leram, meus netos e agora espero guardar para os meus bisnetos, um dos meus netos tenho certeza, que vai guardá-lo para os meus bisnetos, com certeza, porque ele está perfeito, inteirinho.

Ilsa – Cida você lembra quando o teu pai lhe deu o livrinho, a sensação?

Cida – Ah, sim, eu já era adulta, eu sou a única professora da família, porque uma... minha irmã é pintora famosa, essa que é dois anos mais nova que eu. Tanto no Brasil com internacional, no exterior, e... a outra, é assistente social, o outro fez direito, então eu sou a única professora da família, então quando eu já era adulta, ele me deu de presente e eu guardei com todo carinho, porque eu era a única professora.

Ilsa – Quando você criança, que ele te deu para ler o livrinho, você consegue se lembrar? Como foi a história?

Cida – Ah, sim. Um dia, porque meu pai tinha uma caixa grande, assim, de uns 70cm, de comprimento, por uns 40cm de altura, essa caixa de madeira, foi feita por ele, porque ele era muito habilidoso, tinha chave, ali ele guardava os seus tesouros... Sabe, meu pai era filho de europeus e os europeus prezam muito esta parte cultural, né, essa parte... ele tinha desde os primeiros cadernos dele de escola, tinha moedas antigas, era ali... ali era um baú de tesouro, e quando meu pai ia mexer no baú de tesouro eu ia correndo pra ver, só pra ficar olhando. Quando ele abriu o baú para tirar isso pra que eu lesse, eu quase morri de alegria, tomei todo o cuidado, todos tomaram. Já se passaram pra mim, que eu li, 59 anos.

Ilsa – Que ele está guardado faz 64 anos né?

Cida – Ah, é... 64 anos... mesmo que ele está guardado. E meu pai leu várias vezes, ele comentava depois que lia, eu tinha cinco anos, ele comentava: “O que você achou disso?” E mostrava as figuras pra mim e eu ia contando pra lê, sabe, e ele se deleitava também.

Ilsa – E hoje, Cida, diante deste material, que sentimentos ressurgem?

Cida – Olha... Para mim, esse livro é mágico, porque ele me transporta aos cinco anos, então, ele me transporta, sabe, para aquela magia dos cinco anos, eu imaginar galinhas de botinhas, o galo com bota com esporas, porquinho com quatro botinhas, pra mim é uma coisa linda, uma coisa maravilhosa. Não era, assim, os bens materiais que ele foi adquirindo que me encantava, e sim o inusitado, né, animais, vestindo... calçando... porque eu mesma andava descalça, aliás, todo mundo andava descalço na minha época, eu só fui colocar calçado pra ir na escola quando eu fui pro ginásio. Ninguém na sala inteira, podia olhar no pé, qualquer classe social, todo mundo de pé no chão. Era o costume da época... E nem por isso peguei amarelão... [risos] Na cidade acho que não tinha amarelão, ou eu tomava muito Biotônico Fontoura, ou esse *anquilostomose*, *anquilostomina*, ai, eu não sei. [risos]

Ilsa – Que significado tem hoje, Cida, pra você esse livro?

Cida – Esse livro é o tesouro que eu guardo com todo o carinho, com todo cuidado. Porque é a lembrança do meu pai, que foi a figura masculina... mais importante da minha vida... Ele era uma pessoa que tinha pouca instrução... ele tinha pouca, assim... escolaridade, mas ele tinha a poesia

no que ele falava, sabe, ele olhava no morro onde havia os pés de eucalipto enormes e o sol se pondo, ele falava: “Filha olha, o sol se enroscou nos eucaliptos.” E eu ficava encantada, sabe, e eu falava: “Mas, pai, hoje não vai haver noite? Nós vamos ficar sem... só de dia. Pega um bambu, pai, e vai desenroscar o sol.” Ele era assim, sabe, uma criatura mágica. Ele olhava assim, tinha uma montanha longe e falava: “Olha, lá mora os anõezinhos, olha pra você vê, olha bem que você vê, os anõezinhos, eles estão lá.” E eu olhava e eu via os anõezinhos, lá (lhantes) eu via os anõezinhos. Meu pai era uma criatura dessas... Quando caía tempestades feias, ele nos tirava, todos pra fora de casa, nós ficávamos pra varanda, e ele nos mostrava a beleza dos raios, sabe, ninguém lá em casa tem medo de chuva e tempestade, minha mãe morria de medo, minha mãe subia na cama, cobria a cabeça, chorava, rezava, queimava palha benta, pintava o sete, nós não, não herdamos esse medo de minha mãe, meu pai não nos deixou ter medo. E eu, quando ameaça tempestade e começa a ventar lá no alto do morro, eu saio de encontro ao vento, sabe, aquelas nuvens revoltas e eu no meio de daquilo, parece que eu sinto a presença do meu pai falando pra mim, é tão gratificante, tão bom, eu não tenho medo da chuva, não medo de raio, eu sei como evitá-los, eu sei onde eles podem ocorrer, meu pai me ensinava isso.

Ilsa – E o livro é a materialização disso tudo.

Cida – Tudo, pra mim é tudo, é... Quando eu toco assim, [colocou a mão sobre o livro] eu estou colocando a minha mão sobre a mão dele, com certeza.

Ilsa – **O carinho que ele tinha, porque ele guardou muito tempo. Ele tinha outros livros?**

Cida – Tinha um livro que se chamava *Cuore*, de Edmondo De Amicis, este livro ele me deu, infelizmente, ainda criança, e eu acabei com o livro, infelizmente, havia histórias maravilhosas, poemas, que eu sei de cor até hoje...

Ilsa – **Você sabe, pode declamar um...**

Cida – Sei, sim... Havia um poema no livro *Cuore*, chamado “Sonho”, começa assim:

“A hora em que as cortinas se fecham lentamente,
E a noite vai descendo silenciosamente,
Os olhos cerram e durmo no meu cantinho leito.
E sonho, por mil minutos, passeio satisfeito.
Então bem me lembro,
Entre numa cidade, e que cidade linda!
É pena não ser verdade,
As ruas eram todas de pão-de-ló calçadas,
De rapadura as casas
E os muros de queijadas.
Empadas descobertas serviam de canteiros,
Por flores tinham dentro, os camarões inteiros.
Nas árvores de passeio cresciam bombocados,
Pastéis de nata, figos e passas, reinados...
(E... Tem coisas que eu nem sei... Aí...)
O chafariz de bolo inglês
Vertia mel, borgonha e mal vazia champanha e moscatel.
A catedral imensa era de goiabada
Com sino e duas torres, tudo de marmelada.
O chocolate andava, em carros pela praça
Era de açúcar tandim, os vidros das vidraças.
E eu comendo sempre, comendo sem pagar,
Quando mamãe vem de súbito me acordar.

Você faça a idéia de como fiquei zangado
Pois tinha um pudim de creme, apenas principiado.”

Havia coisas maravilhosas! E eu procurei, procurei, terrivelmente em sebos, em São Paulo, e achei *Cuore*, achei... *Cuore*. Achei recentemente, o livro *Cuore* de Edmondo De Amicis. É uma tradução dele.

Ilsa – É só poemas?

Cida – Não, tem histórias, e há alguns poemas, é lindo o livro. Era o livro do meu pai do segundo ano, sabe...

Ilsa – Interessante. Cida eu quero te agradecer por essa conversa nossa.

Cida – Foi um prazer Ilsa, foi...

Ilsa – Eu quero agradecer imensamente, nossa...

Cida – É muito bom voltar aos cinco anos, porque pra mim é... eu tenho uma lembrança maravilhosa do meu pai, sabe, maravilhosa mesmo, ele me faz muita falta!

Ilsa – Obrigada.

d. 5 ENTREVISTA V –

Livro: *Reino infantil*

(Coleção de Contos de Hans Cristian Andersen, Charles Perrault e Jakob Ludwig Karl Grimm, 1956)

Nome completo: *Maria Virgínia Brandão Krepp*

Naturalidade: Santa Rita do Sapucaí - MG

Data de Nasc. 29/04/1951 (57 anos)

Profissão: Professora universitária

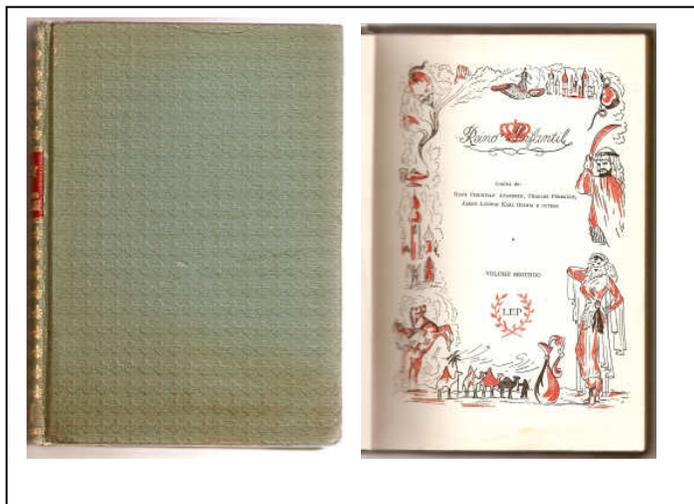
Escolarização: Mestrado

Datas e Instituições onde estudou: Jardim da Infância Santa Terezinha, Ouro Fino; Colégio Nossa Senhora das Graças, em Ouro Fino.

Idade quando foi alfabetizado: em casa aos 4 anos, 1955

Nome do livro que usou: *Reino infantil*

Nome do professor(a): (não se lembra)



A entrevista com Maria Virgínia realizou-se num sábado às 10h da manhã, dia 7 de junho, na casa da minha sogra, Maria Bernadete, que foi a pessoa que comentou com ela a respeito da minha pesquisa. Por conseguinte, tornou-se o veículo de comunicação entre nós.

Virgínia, uma pessoa muito culta, comunicativa e bem-humorada, demonstrou um grande interesse e disposição em colaborar com a pesquisa. Apresenta um forte apreço pela leitura e pelo estudo. Hoje professora aposentada, não esconde o amor pela profissão.

Contou-nos que se mudou várias vezes devido à profissão do marido. No entanto, sempre manteve sua casa em Ouro Fino, onde dizia ela ser seu refúgio. Nessa casa conservava seus livros, que na verdade é uma coleção de quinze livros, entre outros pertences volumosos para se transportar de um lugar para outro.

Esta coleção tem um significado bastante especial para ela, pois lhe faz lembrar o carinho de seus pais, e quanto estes estimavam sua educação e cultura. Conserva-os há 50 anos.

ENTREVISTA V

Apresentação

Virgínia – Meu nome é Maria Virgínia Krepp, eu sou professora, já lecionei em escola pública, por quase trinta anos, já lecionei em faculdades por mais de quinze anos, sou da área da Educação, essa vocação é... como professora é vocação mesmo, eu sou apaixonada pela área, eu acho que a educação é a grande solução pra vida das pessoas. Se hoje vivemos num período de

tantos desajustes, a nível familiar, a nível de sociedade, com tanta violência, é... porque a nossa educação, infelizmente, é muito deficitária.

Ilsa – Como foi, Virgínia, o início da sua escolarização? O que você lembra?

Virgínia – Foi muito agradável, eu comecei no Jardim de Infância, onde eu tive o primeiro contato com a... com o escrever, né, as primeiras letras, e o convívio familiar, minha mãe era professora, me ensinava muito em casa, então, desde que eu me lembro como pessoa, eu sempre tinha um caderninho e um lápis por perto. E daí a minha paixão pela educação.

Ilsa – E isso já contribuiu bastante...

Virgínia – Muito, foi minha referência sempre.

Ilsa – Toda sua infância foi em Santa Rita?

Virgínia – Não, eu apenas nasci em Santa Rita, e os primeiros anos de vida meu foram em Ouro Fino. O meu pai é de Ouro Fino, minha mãe é de Ouro Fino. Foi por um lado contingência do destino que eu fui nascer em Santa Rita...

Ilsa – Ah, sei, mas toda sua vida foi construída lá...

Virgínia – Em Ouro Fino, em Ouro Fino.

Ilsa – Mas cidade mesmo, ou na fazenda?

Virgínia – Não, sempre na cidade, sempre morei no centro de Ouro Fino e muito próximo da escola onde minha mãe lecionava, que era o Grupo Escolar Coronel Paiva, e minha mãe foi, assim, a diretora por longo tempo, então, era como se fosse uma segunda casa pra mim, porque esse grupo ficava na esquina da casa em que morávamos.

Ilsa – Criou uma familiaridade com a escola.

Virgínia – Muito, muito, sempre.

Ilsa – O que você guardou de sua época de escola?

Virgínia – Oh, todos os valores que eu tenho como referência, como formação de caráter, personalidade, e... saber discernir o bom e o ruim, saber, e... desvencilhar das situações difíceis, eu aprendi nestes anos, simples, de convivência tão simples, mas tão limpa, tão idônea, tão clara, que eu tive no ambiente escolar e isso pra mim hoje é fundamental.

Ilsa – Você se lembra de algo que te marcou muito dessa época da escola?

Virgínia – Lembra, lembro. Eu fui sempre era convidada pra participar das festinhas escolares, apresentar e..., os teatros, os cantos e tinha uma professora de canto, a Dona Julieta Burza, e sempre me chamava pra cantar, achava que eu tinha a voz muito boa, então, sempre, desde pequenininha, fazia parte das apresentações, e numa dessas vezes, eu ainda pequena, e fui chamada e estava quase na hora de apresentar o meu número, e eu fiquei apertada, tinha que ir ao banheiro, e nessa deu ir ao banheiro, eu caí no pátio, o pátio era assim... de... de terra batida e sujei todo o meu vestidinho branco, que eu ia fazer a apresentação, e na hora em que eu voltei eu tava toda suja e falei pra Dona Julieta: “Não vou apresentar, Dona Julieta, olha como eu é que eu tô, eu precisei, e...” Ela falou: “Não, você vai apresentar.” Então antes, de abrir as cortinas, ela... porque tinha lá todo arrumadinho um palco, ela colocou um lindo arranjo de flor na minha frente e falou assim; “Você não sai de trás do arranjo.” [risos] “Cê canta.” [risos] e eu morrendo de medo, tremendo, né, mas cantei direitinho, fiz a minha parte, ninguém percebeu, [risos] isso eu não esqueço, o sufoco que eu passei.

Ilsa – E você tinha que idade?

Virgínia – Ah, eu devia ter uns seis pra sete anos. Naquela época a gente usava umas tiarinhas, né, umas tiarinha brancas, e tinha vestidinho rodado de organdi, engomado, sabe, ficou todo amarrotado, mas a tiarinha tava lá impecável, o cabelo todo arrumado, uma belezinha.

Ilsa – O que falava a música?

Virgínia – Falava de uma homenagem a uma diretora que estava saindo. Então era imprescindível, eu tinha que fazer aquela homenagem. Final da apresentação eu fui muito aplaudida, mas não saí do lugar [risos] até que as cortinas se fechassem.

Ilsa – Sobre o livro que você guardou, Virgínia, como foi a história?

Virgínia – Esse livro infantil, na verdade é uma coleção de quinze livros, [folheando o livro] contos de escritores clássicos, Hans Cristian Andersen, Charles Perrault e Jakob Ludwig Karl Grimm, irmãos Grimm famosos, e lógico que naquela época eu não tinha consciência do valor desses escritos. É... Toda vez que minha mãe lia pra mim um conto, no início, eu viajava, mentalmente, principalmente esses contos que falavam das mil e uma noites, de Bagdá, do Oriente, então eu ia longe, porque a gente imagina, né, imaginação vai longe, e isso pra mim era uma maravilha. Então as noites minhas eram especiais, quando a minha mãe tinha tempo, e ia ler perto da cabeceira algum conto pra mim, era uma fonte, esses livros sempre foram fontes de viagens, é imagináveis, eu curti muito isso daqui...

Ilsa – Você estava me falando que foi um presente, né, deles, como foi? Foi numa ocasião especial?

Virgínia – Foi... Natal... No Natal, eu recebi uma caixa pesada de papelão, assim, rústico, eu não conseguia nem carregar. Eu falei: “Meu Deus, mas que boneca – porque eu achei que fosse ganhar uma boneca – Nossa que boneca pesada, o que eles fizeram com essa boneca?” Aí, quando eu vi, eram livros, de imediato eu achei horrível, porque, na verdade, eu queria brinquedo, eu queria boneca. Eu me lembro que naquela época, tinha uma boneca, que eu assim, era apaixonada, que uma amiga tinha. O nome da boneca era Chiquita Bacana, que ela era de salto alto, tinha dois ou três pares de roupa pra trocar, cabelo pra pentear, aquelas coisas... E eu não ganhei a Chiquita Bacana, eu ganhei um monte de livros, eu olhei e disse: “Ah, meu Deus.” Mas, eu não podia descontentar meus pais, eu falei: “Ah, que tá bom, né.” Perguntaram: “Gostou?” “Gostei, né...” Depois, que a minha mãe começou a pegar, à noite e ler os contos, aí eu descobri a riqueza que eu tinha nas mãos. E isso pra mim, foi uma descoberta contínua. E acho que foi isso que me, que despertô pra leitura, sabe, que até hoje pra mim é fantástico.

Ilsa – No início era sua mãe quem lia?

Virgínia – Sim.

Ilsa – E quando você começou a ler sozinha?

Virgínia – E aí comecei a ler depois dos seis, cinco, seis, sete anos, já.

Ilsa – Você lembra do primeiro livro que pegou pra ler?

Virgínia – Lembro... Era alguma coisa, não sei em que página está aqui, mas desses mil e uma noites, Sherazadi, referentes lá da Arábia, eu achava maravilhoso, príncipes, princesas da Arábia, sabe, aqueles contos, assim, eu era apaixonada!

Ilsa – O que você mais aprecia neste livro, nesta coleção?

Virgínia – É... a simplicidade e a facilidade de comunicação, uma leitura fácil, rápida, ah, com letras, num tamanho muito bom para a criança, né, são livros infantis, e muitos não são cansativos, a gente não cansa, sabe, a gente quer mais e mais. Isso é muito bom.

Ilsa – E hoje, você diante desse material, que você guardou durante tanto tempo. O que te ressurgue ao tocar novamente este material?

Virgínia – Olha, ressurgue uma saudade, morro de saudade daquele tempo, da minha mãe, linda mas muito austera, porque ela foi diretora, então, ela era toda disciplinadíssima, meu pai era dentista, mas era um pai, assim, um “pai-avô”, tudo que eu queria ele fazia. Eu fui filha única, então, ela era a disciplinadora. Eu lembro, da convivência dos dois comigo, tudo que eles faziam eu sentia que era pra passar algo de bom pra mim, então, eu ganhei muito com a convivência dos dois, muito. O referencial deles através dos livros, através da convivência diária, nossa não há

dinheiro que pague. Infelizmente, hoje, a gente não vê mais isso, mas eu tento passar pros meus filhos, muito isso, que não vale a pena você ter coisa, conquistar coisa, amearhar coisas, você tem que se formar, bem formado dentro de você, bem estruturado e dar valor a quem te dá valor e procurar construir uma família, uma família, porque sem família você não é nada.

Ilsa – Você tem alguma experiência interessante que você vivenciava com este livro?

Virgínia – Alguns, mesmos estes, mesmos estes da Arábia, a gente levou pro teatrinho da escola, então a gente sugeriu pra professora do primeiro ano, do segundo ano pra fazer um teatrinho, pra vestir aquelas roupas, né, porque o sonho da gente era vestir como princesinha, príncipe, e a gente conseguiu, sabe, fazer isso. E era muito gostoso, muito bom.

Ilsa – O que a levou a guardar este material?

Virgínia – Foi essa gratidão que eu tenho a meus pais, o respeito, porque eles eram pessoas que não eram pessoas ricas, né, eles viviam do trabalho deles, e custava caro eles conquistarem isso pra mim, então, eu acho que é obrigação minha preservar isso, obrigação, além da imensa gratidão que eu tenho por eles.

Ilsa – Como você guardou?

Virgínia – Olha, em princípio, eu guardei em estantes fechadas, mas com o passar do tempo, com minhas mudanças de vida, eles foram sendo colocados dentro de caixas de papelão, hoje, que eu estou tendo a oportunidade de voltar a colocar nos devidos lugares. [risos]

Ilsa – Que significa hoje pra você este material, este livro?

Virgínia – Olha... São joias, são joias preciosas, porque eles não existem mais, infelizmente, a juventude hoje, não dá valor que a gente dava, eu vejo isso pelos meus filhos, por mais que eu fale, que eu mostre, eles são muito informatizados pela internet, mas é... hoje, é tudo muito descartável. Então, pra mim, estes livros, esta coleção são jóias, realmente joias.

Ilsa – Virgínia, eu gostaria de te agradecer, né, por essa oportunidade de conversarmos, de você me apresentar este material.

Virgínia – Eu que agradeço. Eu fiquei muito sensibilizada pelo seu convite. Fiquei muito preocupada em atendê-la, só agora pude fazer isso, e estou a disposição, porque eu acho o seu trabalho de um... é uma iniciativa única, ela é original, e com certeza, você vai atingir sua meta com ele, e eu quero estar por perto para aplaudir.

Ilsa – Se Deus quiser. Muito obrigada!

d.6 ENTREVISTA VI

Livro: *A bonequinha preta*

(Alaíde Lisboa de Oliveira, 1988, edição comemorativa de 50 anos de publicação)

Nome completo: *Maria Aparecida Cobra Borges (Nubinha)*

Naturalidade: Borda da Mata - MG

Data de Nasc. 1939 (69 anos)

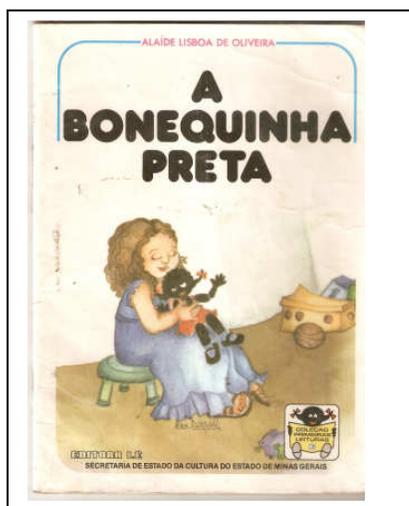
Profissão: Supervisora pedagógica

Escolarização: Ensino superior

Datas e Instituições onde estudou: Escola Estadual de Borda da Mata

Idade quando foi alfabetizado: 8 anos

Nome do professor (a): Isaura Maria Megale



Maria Aparecida Cobra Borges é supervisora pedagógica do Colégio São José, um colégio de 109 anos de existência em Pouso Alegre. Foi uma das inauguradoras do ensino primário do colégio em 1980.

Conhecida como Nubinha, comenta que todos a conhecem e a chamam desta forma, quase não atende quando a chamam pelo verdadeiro nome.

Ao perguntar se havia guardado o livrinho que estudou na primeira série, disse-me que sim, que tinha com ela uma relíquia, que não dava nem trocava por nada neste mundo: *A Bonequinha Preta*.

Nubinha não guardou o livro que estudou. Sempre teve vontade de adquiri-lo, mas não o encontrava. Depois que iniciou sua carreira no magistério, sentiu-se movida a encontrá-lo, como um auxílio pedagógico, a princípio, e assim passou a procurá-lo com mais intensidade.

Quando *A bonequinha preta* completou 50 anos de publicação, a editora, Lê, lançou uma nova reedição do livro. Foi então, nessa ocasião, que Nubinha pôde conseguir um exemplar.

A entrevista foi realizada no Colégio São José, dia 8 de maio, quinta-feira, às 13h, em seu ambiente de trabalho, por escolha da própria entrevistada. Durante a nossa conversa, demonstrou grande entusiasmo em contar cada episódio de sua aprendizagem e de sua escolarização.

ENTREVISTA VI

Apresentação:

Nubinha – Bom, eu sou Maria Aparecida Cobra, atualmente, sou coordenadora pedagógica do Colégio São José, há 28 anos que eu trabalho com educação aqui no Colégio São José, mas ao todo eu tenho 49 anos de trabalho, que em dezembro eu... nós vamos comemorar 50 anos de formatura de magistério... é... e desde que eu formei eu não parei de trabalhar mais, comecei em

1959 e não parei mais, é...já fui professora regente em escola rural, já fui professora regente na Escola Estadual Dom Otávio, onde eu já me aposentei, mas ali me aposentei como supervisora pedagógica, fui regente de primeira série, fui regente de segunda, fui de terceira e de quarta, onde eu fiquei mais tempo foi na terceira série, que eu trabalhei dezessete anos. No colégio, eu comecei trabalhando com quatro salas, porque eu fui a fundadora do ensino primário aqui, né, o termo antigamente era o primário. Nós começamos com quatro salas em 1980, no ano seguinte a gente já teve cinco salas e, graças ao nosso trabalho, o número de salas foi aumentando, e a gente chegou a ter quatro turmas de cada série no colégio.

Ilsa – Por que este chamado carinhoso de Nubinha?

Nubinha – Porque quando minha mãe me esperava, eu sou a neta mais velha das filhas... das sobrinhas mais velha das irmãs de minha mãe, então a minha tia madrinha já havia escolhido o nome: Núbia Mara, depois aquele processo antigo, né, filho nascia com parteira, em casa, e por ser a primeira, a minha mãe passou mal, eles ficaram preocupados, e por conta disso a minha avó fez uma promessa pra Nossa Senhora Aparecida, antes que nascer, que se fosse menina seria Maria Aparecida e se fosse homem João Batista, só que registrou Maria Aparecida, mas a família continuou me chamando de Núbia, Nubinha e carinhosamente até de Binha, nem falava Nubinha, e então, eu... fiquei sendo a Nubinha e dificilmente eu atendo quando alguém me chama pelo nome.

Ilsa – Quais as lembranças que você tem do início da sua escolarização?

Nubinha – Então, eu comecei a frequentar a primeira série na Escola Estadual da Borda da Mata, que os meus pais moravam lá. O papai tinha um sítio no município e mudou pra cidade pra eu começar a estudar. Eu comecei até em idade avançada, em vez de começar com sete eu comecei com oito. Em consequência disso, de eu ser a filha mais velha, de eu ter começado com oito anos, eu percebi que eu destacava na sala de aula, e eu me lembro que, no iníciozinho da alfabetização a minha professora pegou um livro, chamou uma colega de sala, na porta, e me mandou ler, ela descobriu que eu estava lendo, e me mandou ler aquele livro, então, ficou naquela alegria, né, naquela felicidade e eu também, que eu estava, né, apesar de ser bobinha ainda, né, que morava na roça, é... mais eu percebi que estava me destacando em relação aos outros, [folheando o livro] então foi uma lembrança muito boa. E esta professora de primeira série ainda está viva.

Ilsa – Você lembra o nome dela?

Nubinha – Isaura Maria Megale.

Ilsa – Isso foi tudo em Borda da Mata?

Nubinha – Tudo em Borda da Mata.

Ilsa – O que a senhora guardou de sua época de escola?

Nubinha – Olha, da minha época, específica de primeira série, eu só tenho boas lembranças, é... o meu relacionamento com os colegas era muito bom, eu me sentia muito querida pela sala, e... por eu ser uma menina dedicada, já mais madura, né, é... eu tinha assim, muito carinho da minha professora, meu relacionamento com ela era muito bom, nunca soube o que era um castigo, uma pena, que eu tivesse feito alguma coisa, então, eu tenho boas lembranças, mesmo. Depois só na quarta série que eu tive uma professora muito brava, que essa me marcou profundamente, ela não brigou comigo, mais eu via ela brigar com meus colegas, e agredia mesmo, puxava a orelha, um dia pegou o sapato, pegou o salto do sapato e bateu no aluno, sabe, então, era umas coisas que chocavam a gente antigamente.

Ilsa – E o material que a senhora guardou?

Nubinha – Olha eu fui alfabetizada em uma cartilha, que na época se chamava: Cartilha da Lili, mas não sei o autor, não sei nada, porque eu era criança, e a gente não tinha interesse de querer saber, mas como eu me destaquei e comecei a ler primeiro que os outros, então a minha

professora arrumou uma leitura intermediária pra mim e esse leitura intermediária foi *A bonequinha preta*, [pegou o livrinho e mostrou] que eu amo, tenho o maior carinho. E no começo quando eu lia *A bonequinha preta*, eu chorava de dó da bonequinha, porque na minha cabeça eu dava vida pra boneca, sabe, então, quando ela caiu no tabuleiro do verdureiro, né, eu chorava de dó da bonequinha, sabe, mais o que eu me lembro bem foi isso, nós fomos alfabetizados com a Cartilha da Lili, que começava com as vogais, depois ia juntando as sílabas e por último a leitura intermediária, que pra mim foi *A bonequinha preta*.

Ilsa – Sobre o livrinho, como, então, a senhora adquiriu este livrinho?

Nubinha – É... o que eu li era da biblioteca da escola, depois... por muito tempo eu vivia procurando *A bonequinha preta*, porque eu queria guardar, e não encontrei, é... quando aconteceu uma reedição dele, deixa eu ver a data, [procurando no livro] ele foi reeditado várias vezes, aqui, inclusive na homenagem que é feito à autora Alaíde Lisboa, que é a autora do livro. [procurando no livro] Quando a Alaíde completou... o livro completou 50 anos de existência, aí, ele foi reeditado, sabe, depois, nessa segunda edição foi que eu consegui, aí guardei como relíquia, dei para meus netos lerem, todos leram [risos] na fase da primeira série.

Ilsa – Nesta época a senhora já morava em Pouso Alegre?

Nubinha – Ah, já, eu morava em Pouso Alegre, eu fiz...

Ilsa – Alfabetizou e já veio?

Nubinha – Não, eu me alfabetizei na Escola Estadual, depois eu fui para um colégio religioso da irmãs dominicanas, da quinta série em diante, fiz o magistério lá e depois que me formei lá, eu vim trabalhar aqui. Eu fiz o concurso do Estado e fui aprovada e comecei a trabalhar na Escola Estadual Dom Otávio.

Ilsa – Foi nesta época que surgiu o interesse pelo livro?

Nubinha – Foi. Quando eu comecei a trabalhar na escola, aí eu me lembrei da *Bonequinha preta* e fiquei doida atrás dele, consegui, e cheguei a colocá-lo, mesmo, na biblioteca de sala da escola onde eu trabalhava, e aqui também tem um na biblioteca de sala, só que este que está aqui é meu, fica guardado lá na minha casa.

Ilsa – Como foi quando a senhora conseguiu este livrinho, esse primeiro contato seu com o livro?

Nubinha – Nossa, eu lembrava a história, né, porque foi uma coisa que me marcou profundamente, mas, é... quando eu consegui o livro, sentei com ele, questão de minutos eu reli novamente, sabe, aí, foi aquela emoção, né, aquela lembrança gostosa da infância, da minha professora, da minha escola, sabe, que ainda existe a escola, mudou o nome, quando eu estudei era Coronel José Inácio, hoje ela é Benedita Braga Cobra, que é inclusive o nome de uma tia-avó minha, por quem assim eu tinha muito respeito, muita estima, então esta escola ainda existe também.

Ilsa – Quando criança você lembra de quando a professora te deu este livrinho, das emoções, das sensações quando criança?

Nubinha – Olha, foi o que eu disse pra você, ela me chamou pra ler, abriu uma leitura e me mandou ler, quando ela viu que eu estava lendo, no dia seguinte ela trouxe, de presente pra mim, *A Bonequinha Preta*, mas não falou assim: “porque você está semi-alfabetizada”, me deu e falou: “é um presente pra você, porque ontem eu gostei muito da sua leitura, então eu trouxe pra você ler esta historinha.” E eu fiquei feliz da vida, né, ganhei um livro de sola d professora, de uma escola que eu já estava encantada. Porque ela me deu uma página pra ler, e eu li o resto, ela fez assim, uma espécie de motivação, me deu uma página, eu li, depois ela vem, no dia seguinte, e me deu o livro de presente.

Ilsa – Então esta foi sua primeira experiência de leitura com o livro? Leu uma página depois o livro todo?

Nubinha – Foi...

Ilsa – O que mais aprecia neste livro?

Nubinha – Olha na verdade o que eu aprecio é assim, é... a forma como a autora colocou da realidade daquela época, porque ‘a boneca caiu no tabuleiro de verduras do verdureiro’, são coisas que a gente não vê há muito tempo, isso né, ninguém vende mais verdura na rua, então, isso me chamou a atenção e eu tenho, assim, um carinho especial, porque são fatos daquela época, né, experiências daquela época, não sei se você conhece este livrinho, não?

Ilsa – Não.

Nubinha – Ele é muito interessante. [folheando o livro] Eu vou emprestar pra você dar uma lida, pra você conhecer, sabe. Olha aqui, [mostrando as ilustrações no livro] o verdureiro cata, socorre a boneca, sabe, a boneca caiu no tabuleiro de verduras. Tem aí a gravura do tabuleiro com as verduras. A menina, então, dormia com a bonequinha, sonhando com a bonequinha, vivia com a boneca. Ela devia estar na fase no animismo, porque ela dava vida à boneca, dialogava com a boneca, [procurando no livro] cadê a página? Aqui... [mostrando as ilustrações do livro] ela caindo pela janela, agora cê quer ver ela caindo no tabuleiro, então... quando ele acha a boneca e o gato... muito interessante, vou emprestar pra você.

Ilsa – E agora, Nubinha, diante deste livro, você começou a falar das lembranças, quais sentimentos ressurgem...

Nubinha – Ah, ressurgem a minha infância total, viu, ressurgem a minha sala de aula, os meus colegas, e eu tenho ainda... uns que eu ainda encontro, né, às vezes, esporadicamente, é... me volta a lembrança da minha infância na Borda da Mata, eu me lembro muito da casa, onde a gente morou, dos vizinhos, sabe, é uma recordação gostosa da minha infância.

Ilsa – Qual outra experiência você vivenciou com este livro? Você e o livro, o que você lembra dessa história?

Nubinha – Olha, eu e o livro?

Ilsa – Como, onde você lia, que horário?

Nubinha – Geralmente, porque na minha época, filho mais velho trabalhava, ajudava a olhar meus irmãos, então, eu chegava da escola, eu tinha as minhas obrigações, aí, depois que eu terminava as minhas obrigações, pra ajudar a mamãe, que éramos um número muito grande de irmãos, somos em dez irmãos, mas é claro, que na época que eu estava sendo alfabetizada nós tínhamos, eu tinha apenas quatro., mas sendo a mais velha, eu tinha determinadas obrigações, então, depois que a gente jantava, porque naquela época tinha o jantar, né, aí, eu me sentava, não tinha televisão na época, aí eu me sentava e eu ai ler o meu livrinho, eu voltava muitas vezes nas gravuras, sabe, a cada fala, a cada parágrafo, eu voltava, na gravura, eu me interessava pelas gravuras. Era assim... uma... diversão pra mim, era o que tinha na época, né.

Ilsa – E o que a levou a guardar este livro, a ter este livro?

Nubinha – O que me levou a guardar é... foi justamente isto, porque na verdade, ela começou a trabalhar comigo com a *Cartilha Lili*, né, mais, aí, num determinado momento eu deduzi, né, e acabei indo pra uma leitura intermediária. Na verdade o meu primeiro livro foi esse mesmo, então é a minha recordação, do meu primeiro livro da primeira série, é esse mesmo, porque o outro eu vi apenas algumas páginas, e já passei pra este. Que antigamente existia a cartilha e o livrinho de leitura intermediário, tal como *O Barquinho Amarelo*, né, ainda, ele tem também uma leitura intermediária.

Ilsa – Que significado tem hoje este livro pra você?

Nubinha – Ah, é uma relíquia, é relíquia, eu sou muito conservadora, sabe, eu guardo coisas, eu tenho guardado comigo as provas que eu fiz na quarta série, porque... do Ensino Fundamental, porque era todo um aparato pra gente terminar, pra gente receber o diploma de quarta série, né, era muito valorizado, então, nós fazíamos as provas no papel diferenciado, era uma folha de papel almaço dupla, que a gente levava, a professora fazia um cabeçalho com uma letra muito bonita, e depois a gente fazia naquela folha de sulfite... é... de papel almaço, e eu guardo, eu tenho guardado, sou dona de guardar as recordações, sabe, as coisas todas eu guardo. [risos] Então, por isso eu guardei o livrinho.

Ilsa – **Você se lembra de ter ler outras coisas, de ter lido outros livros?**

Nubinha – Não, não me lembro.

Ilsa – **Alguém mais lia em casa pra vocês?**

Nubinha – A mamãe gostava muito de ler, e por sinal escrevia muito bem, apesar dela ter até a quarta série. Então, ela gostava de ler, lia revistas, essas coisas, então, a minha experiência foi a minha mãe lendo. Papai não tinha tempo, mexia com a roça, com fazenda, com gado, essas coisas. Então.

Ilsa – **Eu quero te agradecer, você gostaria de dizer mais alguma coisa?**

Nubinha – Olha, eu quero pedir desculpas se de repente eu não correspondi à sua expectativa.

Ilsa – **Eu quero te agradecer pela sua atenção e pela oportunidade de conhecer um pouco da sua história.**

Nubinha – Eu fico feliz e honrada de ter sido chamada para isso, o que a gente puder contribuir.

d.7 ENTREVISTA VII –

A Série: *As mais belas histórias*

(Lúcia Casasanta, s.d.)

Nome completo: *Pe. Márcio Silva Souza*

Naturalidade: Itabira - MG Data de Nasc. 25/02/1960 (48 anos)

Profissão: Sacerdote

Escolarização: Mestrado

Datas e instituições onde estudou: Grupo Escolar Professor Emílio Pereira de Magalhães (1.^a a 4.^a série)

Idade quando foi alfabetizado: 7 anos

Nome do livro que usou: *As mais belas histórias* (Lúcia Casasanta)

Nome do professor (a): Maria José



Pe. Márcio Silva Souza é sacerdote da congregação dos Claretianos, há dezenove anos, pároco da Paróquia Imaculado Coração de Maria, em Pouso Alegre (MG). Apresenta-se movido pelo gosto pela leitura e pelos livros, não apenas pela profissão e posição que ocupa, mas por ter uma vida de envolvimento com leituras que lhe foram significativas.

Quando estava na secretaria da paróquia interrogando a secretária sobre a possibilidade de seus pais terem guardado o livrinho da época em que estudaram, Pe. Márcio, que estava no mesmo local, disse-me ter os livrinhos, mas que estava em Itabira, norte de Minas, com suas irmãs. Foi então que lhe expliquei sobre minha pesquisa e o padre solicitou o envio do material.

A entrevista ocorreu na sala de atendimento particular da paróquia, onde fui bem recebida, numa quinta-feira dia 19 de junho, às 15 horas.

Contou que não apenas ele tem um carinho especial pelos livros da coleção da *As mais belas histórias*, mas toda sua família, seus irmãos e irmãs, porque todos leram e utilizaram os livros no período escolar. Definiu-o não como um livro individual, mas como um livro familiar.

ENTREVISTA VII

Apresentação:

Pe. Márcio – Bom, meu nome completo é Márcio Silva Souza, sou natural de Itabira, Minas Gerais, e minha profissão é sacerdote, estudei toda... quase todo meu tempo escolar na minha terra natal, Itabira, terminando apenas o último ano aqui em Pouso Alegre, quando eu entrei no seminário, Santo Antonio Maria Claret. Os meus tempo de estudo foram... estudei um ano em Campinas, depois estudei três anos em Belo Horizonte, em Filosofia, mais quatro anos, sendo

deste, três em Curitiba, Teologia, mais um ano de Teologia em Belo Horizonte e estudei dois anos de Mestrado aqui em Pouso Alegre.

Ilsa – Faz quanto tempo que o senhor é sacerdote?

Pe. Márcio – Eu sou sacerdote há vinte anos, vinte anos de padre, exerci meu sacerdócio em Pouso Alegre e em Belo Horizonte. São três anos em Pouso Alegre, treze em Belo Horizonte e o resto aqui.

Ilsa – Padre, então, nós vamos conversar um pouco sobre sua história da escolarização, o que o senhor lembra da, do comecinho, quando o senhor entrou na escola?

Pe. Márcio – Eu me lembro sim, perfeitamente, porque naquela época havia uma ligação da escola com o mundo mais agrícola, de certa forma, onde de um lado era um pouco difícil a socialização do aluno, a gente saía de um ambiente bastante familiar, era um pouco rígido, de certa forma, mas, porém, já com início de maior abertura pedagógica. Então os primeiros anos eram de adaptação, pelo menos na minha cidade, ainda, estava começando o chamado pré-primário, nós entrávamos de primeiro ano direto, eu mesmo entrei no primeiro ano, mas chamava primeiro ano novato e pra depois faz o primeiro ano [risos], chamava repetentes, repetíamos mesmo sem querer. Isso era um problema.

Ilsa – Mas o senhor estudou na cidade mesmo, ou o senhor morava na fazenda?

Pe. Márcio – Não, minha família veio... morava num sítio, sim, mas quando eu nasci já estávamos num bairro, era um bairro na periferia da cidade. Eu estudei todo o tempo numa escola é... chamava Primeiro de Julho, posteriormente outro que era escola municipal, hoje é estadual, mas era Colégio Professor Emílio Pereira de Magalhães. Isso até o quarto ano, depois eu fui estudar num colégio particular, chamado Colégio Comercial Italiano, e ali eu estudei até o segundo grau.

Ilsa – O que o senhor guardou dessa época, o que mais lhe marcou?

Pe. Márcio – O que mais me marcou foi a maneira como se educava. Havia uma responsabilidade das professoras, de certa forma, era ainda aquela fase das filas, da separação de pátio dos homens, pátio das mulheres, das cartilhas, muitas cartilhas, do aprender decoradamente a tabuada, de frequentar a biblioteca, toda uma vez por semana, tinha que ir na biblioteca, cada dia era uma turma e também da disciplina, pouco disciplinar.

Ilsa – Eram muitos alunos?

Pe. Márcio – eram bastantes alunos, creio que, na minha escola, só na minha época, eu considero bastante, porque para um bairro era em média duzentos e duzentos e cinquenta alunos de primeira a quarta série.

Ilsa – O senhor consegue lembrar o nome da professora?

Pe. Márcio – Ih... não tem jeito de não esquecer [risos]. A minha professora mesmo se chamava Adélia... é... No primeiro ano eu tive uma certa dificuldade, porque interessante, naquele tempo as professoras, ela tinham uma certa limitação, faziam a repartições da turma, mas às vezes não ficavam atentas, então, às vezes elas mandavam o aluno pra uma turma, depois elas ficavam procurando o aluno pra retornar a turma original, eu fui enviado pra uma turma, quando na verdade pertencia a outra, então quando eu estava me acostumando com uma professora, então, vem aí, aquele rompimento, isso foi pra mim negativo didaticamente, até eu me acostumar com a outra professora. Eu não me acostumei, porque a primeira já estava na cabeça, interessante.

Ilsa – Já havia criado aquele vínculo.

Pe. Márcio – Vínculo, o vínculo. Aí aquele ano tive certa dificuldade, passei de ano mais minha mãe achou, como eu estava bastante doente, que havia também as dificuldades de enfermidade, tudo, aquelas coisas, a minha mãe me mudou de escola, e aí eu comecei o primeiro ano de novo, então, foi... as adaptações não eram fáceis, mesmo porque os alunos não eram tão saudáveis,

nossa época não havia, é...condições por exemplo: médico era distante, condições de tratamento, tudo isso..

Ilsa – Não tinha as prevenções que a gente tem hoje das vacinas.

Pe. Márcio – Exato... então (vi vários meses) muitos alunos não podiam ir a aula que estavam doente, né...

Ilsa – E quais livrinhos que o senhor guardou?

Pe. Márcio – Olha... eu guardei vários, mas há uma coleção que ela é... foi uma coleção utilizada pelas escolas, como se fosse assim um livro quase que base, essa coleção da Lúcia Casasanta, *As mais belas histórias*, existia também das poesias, das *As mais belas poesias*, que era uma outra coleção, mas essa aqui me marcou porque era... era uma forma da gente estar sempre em contato com a literatura, né, ele é... era diversificada, tem poesias, histórias, estórias, né, o que nós podíamos chamar de ... é... comparações...

Ilsa – Fábulas?

Pe. Márcio – Fábulas, fábulas é... então, era muito importante para o aprendizado e o primeiro livro dessa coleção era uma história que... que você não recebia o livro, você recebia a página do livro, a cada lição, depois constituía, chamado: *Os três porquinhos*, né, então, aquilo quase que a gente decorava, ficava na cabeça: Era uma vez Três Porquinhos...Eu tenho isso até hoje na cabeça, ficô memo. Então, recontava a história e aquilo ficava na... mente dos alunos, era muito bom.

Ilsa – Você lembra como foi seu contato com este livro, o senhor estava falando dos *Três porquinhos*, mas este livro *As mais belas histórias*, como foi quando o senhor recebeu este livro?

Pe. Márcio – Foi assim, as professoras falavam que queriam adotar um livro, este livro pro primeiro ano nós tínhamos que comprá-lo das mãos das professoras, não ia na livraria comprar, então se vendia aos alunos, elas entregava, como era um livro que ia fazer coleção das páginas, entregava por lição, entregava a capa e a lição e cada lição que você estudava, você ia pro um livro, então, era uma maneira didática que elas tinham da gente não adiantasse nas lições. E como era primeiro ano, era mais de aprender a ler, essa era uma forma de sempre repetir a lição.

Ilsa – Esse que começou no primeiro ano: *As mais belas histórias*.

Pe. Márcio – Exato... aliás era chamado pré... porque o primeiro mesmo já vinha com historinhas. Aí a gente já tava sabendo ler, então nós líamos as historinhas. É claro que isso aqui era a parte literária, porque tinha um aprendizado, na alfabetização, e tudo, né, mas essa era a parte literária, pra interpretação, tudo...

Ilsa – O senhor lembra como o senhor lia, como a professora fazia essa leitura?

Pe. Márcio – Sim, ela usava diversos meios, você vai reparar que há uns cânticos, era Toc, toc, como que é? Por exemplo, a gente cantava uma canção, canção da...da...flor... se cantava mesmo, aprendia-se a cantar, canção do Exílio, o que acontecia era o seguinte a cantar e com aquilo também gravava o que se cantava e gravava a lição.

Ilsa – Gravava o texto.

Pe. Márcio – Gravava o texto, outras vezes declamava poesia.

Ilsa – Era bem variado.

Pe. Márcio – Exato, bem variado. Havia alguns que eram é... por exemplo de reflexão de amor à pátria, de patriotismo, outros eram na linha moral, assim, pra poder também ter uma atitude diante da sociedade, diante da... Então, nós líamos, exatamente, às vezes tinha que trazer a tarefa de casa, você ainda dava algumas perguntas pra você ter respondido, havia diversas formas.

Ilsa – O que o senhor mais apreciava neste livro naquela época, o que mais marcava quando o senhor olhava...

Pe. Márcio – O que mais me marcou foi que essas histórias parecem que elas falavam na vida da vida, quando por exemplo, a história do Joca: [acompanhando no livro] Joca era um coelho que entrava na horta para roubar cenouras, né, então um dia o dono da horta pegou ele, é... i... ia come-lo, mas a esposa ficou com dó, ficou chorando, né, então ele falou: “Vai embora.” E a mãe sempre dando a lição não faça meu filho, porque um dia pode ser pior, não sei o que, e ele teimava, até que um dia ele voltou novamente para roubar as cenouras, o dono pegou e comeu, e ele virou uma pratada, quando a mãe foi procurar só achou lá as coisinhas dele e tava chorando: “eu falei tanto pro meu filho.” Então, mostrava e no fundo era uma lição pra gente, a história ensinava que a gente não devia fazer as coisas erradas.

Ilsa – Mostrava a consequência, né... E hoje diante deste livro, né, que sentimento que o senhor tem hoje, que sensações?

Pe. Márcio – Ah, eu tenho sentimento de gosto, quando eu me lembro é como se eu relembresse, talvez lá o contato com a.. com a... a infância, com os aprendizados, isso falava da vida, falava da nossa fé, olha pro céu. [leu um poema]

“A barca Nova
Oh, vamos Maria, vamos
Pela praia passear,
Vamos ver a barca nova
Que no céu caiu...”

Mas, era cantado. [depois cantou]

“Oh vamos Maria, vamos
Pela praia passear
Vamos ver a barca nova
que do céu caiu no mar.
Nossa senhora vai dentro
Os anjinhos a remar.
Remem, remem remadores
Que as águas são de flores.”

E cantava, era bonito. Era uma coisa que dava a gente suporte, este gosto pelo livro.

Ilsa – E como o senhor adquiriu estes livrinhos, como foi a história?

Pe. Márcio – Olha bem, adquirir estes era muito difícil, ainda mais que as famílias eram... não tinham tantas condições, naquela época era, era muito duro, chorava memo, até para conseguir livro. Muitas vezes era emprestado, ficava de um irmão para o outro, e eu de uma família grande, família de dez irmãos, imagina, né, dava pra aproveitar um pouco. Então, eu sei que vários irmãos meus sabe deste livro, minhas irmãs, e lá em casa é assim, como se fosse um gosto. Todo mundo gosta deles, chegar lá... isso daqui, quando eu consegui... esse daqui eu não consegui o original, eu corri atrás e encontrei num sebo em Belo Horizonte e mandei tirar xérox de todos os livros, e por isso que eu tenho, e rep... isso passou pra mãos das minhas irmãs e dos meus irmãos e eles lembrando das... das histórias, muito importante, ele não é só individual, ele era familiar.

Ilsa – Como foi quando o senhor foi a Belo Horizonte, o senhor estava no seminário?

Pe. Márcio – Eu já era sacerdote, porque estes livros, praticamente, não se achava, pelo menos no modelo original, não sei hoje é... como ta... parece que eu vi alguma coisa... Mas assim até com histórias novas. Mas parece que havia até certa magia o livro, você tem que, como é... os desenhos como é que eram, eram originais, não eram coloridos, porque não tinha... Nós coloríamos estes livros, a professora falava: “Quê colorir?” “Pode?” “Pode colorir.” Era realmente é... é... interessante, porque eles faziam com que a gente tivesse contato com o livro. Então, adquirir, exatamente, por causa da... do sentido familiar e porque gostava das histórias.

Essas histórias eu sabia de cor, talvez não com toda uma escrita, com a maneira exata como foi escrita, mas todo o conteúdo que diz a história a gente sabe, sabia, e por incrível que pareça entre esses, me levaram a entrar... não esse livro, mas teve um do quarto ano, chamado: Como é Bom ser bom, que me inspirou a entrar no seminário. Como um livro de literatura que eu li, O Cavaleiro, são igual... que é a história de um imperador Carlos magno, muito interessante. Então isso inspirava a gente também, parece que não fala, mas fala muito da cultura, da formação, do contato com o mundo, nosso contato com o mundo era através da leitura, ficava imaginando os imperadores. Tipo Carlos Drummond de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, ele falava que ficava embaixo de, da árvore lendo Robson Crusóé, não é? Então isso pra gente tinha essa magia, lendo debaixo de uma árvore ou deitado numa rede, enfim, mas deliciando as leituras...

Ilsa – Qual o significado que tem hoje pro senhor estes livros?

Pe. Márcio – Hoje, eu vou falar assim, que é uma relíquia, no bom sentido é claro, não para ficar guardado, mas para se ler, um sentimento de alegria, que quero até agradecer a Deus por ter conhecido, né, estas histórias, porque elas fizeram parte da minha formação, elas ajudaram para minha fé, para minha educação moral, para minha educação cívica diante da sociedade, da forma como Lucia Casasanta, realmente, conseguiu reunir histórias da literatura grega, da literatura latina, né, da literatura brasileira, contando através de diversas formas, claro que não é completo, porque o arquivo literário é muito grande, mas realmente, é... trouxe pra gente, dá o gosto de aprender a contar histórias. Que lá em casa só se contava histórias, minha mãe era uma verdadeira contadora de histórias, né, e havia esse cultivo na família, reuniu a família pra contar histórias, isso era muito comum, então meu pai, meus tios e agente gostava de ficar sentado, às vezes, na beira do fogão de lenha, escutando as histórias, a gente se deliciava com aquilo, sempre com um fundo de... de... assim... uma mensagem educativa. Agora, se contava assim, muitas histórias de assombração que era próprio, isso era comum também. Algumas coisas a gente sabia que era mentira, mas se sentia medo assim mesmo.

Ilsa – Mas e hoje, o que o levou a guardar este material?

Pe. Márcio – Ah, um sentimento afetivo.

Ilsa – Quanto tempo estão guardados?

Pe. Márcio – Que eles estão comigo já tem cinco anos, mas que eles estão em minha mente é desde criança, né. Ah, vou falar pra você que pra mim é... é um gostar, sabe, mesmo porque talvez o ambiente cultural que eu vivi, cultivava muito, é... a poesia, principal... a minha família, a minha mãe era poetisa, eu tenho poesias da minha mãe, né, minhas irmãs algumas delas gostam de escrever poesia, eu escrevo é claro, que são coisas um pouco mais, assim, digamos afetivo, mas... era cultivado isso, e talvez com certo, até... por ser a terra de Carlos Drummond de Andrade, então, havia, tinha que escrever jornaizinhos, fazia assim, concursos de redações, composições, poesias, né. Quantas vezes entrei em concurso, quando ganhava, saía no jornalzinho da escola, então havia esse gosto, né, eu me lembro que se acha assim, que não é uma realidade, quando é que você no terceiro ano de grupo, ia assim à biblioteca, gostava de ir à biblioteca, gostava. Professora... quando a gente vai à biblioteca, e que acompanhava, não era a professora, era a bibliotecária, se pegava o livro, a bibliotecária olhava o livro e perguntava: “Por que você escolheu o livro?”, e ela olhava, vê se tava dentro da capacidade pedagógica da gente ler, e essa função era da bibliotecária, não era da professora e isso era muito interessante. E ela explicava, fazia o pelotão da saúde e também, ah, fazia-se uma... essa professora foi a que mais me marcou, Foi a do terceiro ano, chamava-se Maria José, porque ela tinha uma didática, ela cativava os alunos. Então ela, por exemplo, ela fez um trabalho com os alunos para recolher livros, então íamos recolher livros para a biblioteca e fez também, conseguiu através de um Monsenhor da minha terra, ganhamos uma coleção de livros completa. Então, aquilo até era um

incentivo. Tinha dia que ela falava assim: “Olha, hoje não vai ter aula, hoje vai ter salada de frutas.” E ia todo mundo pra casa buscar fruta naturais e... ela tinha uma didática muito grande, e isso já é, eu chamo isso de um carisma pessoal, quando a pessoa tem o carisma pessoal ela sabe transmitir o ensinamento.

Ilsa – Ela inova, né?

Pe. Márcio – Inova, exato, ela sabia inovar, excelente, aquela ali era caris... vamos dizer assim, no bom sentido carismática. [risos]

Ilsa – Mas padre, muito obrigada por ter nos mostrado esses livros, contado pra gente a sua história, que é uma história muito interessante, e mesmo depois de muito tempo o senhor ainda lembrava desses livros e ainda foi atrás, procurar esses livros...

Pe. Márcio – Exato, sempre quando tinha assim, eu já illustrei através de momentos assim, algumas histórias deste livro. Hoje eu me lembro que não tem muito tempo, eu participei de um congresso... em espaço pequeno, na área de Bioética, foi um contador de história, ele contava histórias, que ele sabia contar histórias, tem que ter uma técnica, não é isso? Quem aprende a ler bem, aprende a contar história bem, então o que acontecia era que exatamente o fato de você contar a história de tal forma, a história, que é como se a pessoa estivesse expressando, quem está ali é como se estivesse na presença do personagem, se era um coelho, se era uma cabra, se era um porco, né, assim, parece que eles eram assim familiares à gente. O porquinho, não era aquele porco lá do chiqueiro, mas o porco era um inteligente, o Pedrico lá era um porco inteligente, né, o Palhaço, era o bobão, né, então, parece que a vida dos animais, a vida dos vegetais era uma vida muito próxima de nós, a gente era muito mais ecológico com isso, no fundo dizer, né... de tal forma que havia até um amor aos animais. Lá em casa se dava nome aos animais, o galo tinha nome, o porco tinha nome, e quando matava era um desespero, parecia que tava saindo até... [risos] Por que era a razão da... parece que isso cultivava o amor às criaturas também.

Ilsa – Tinha uma relação forte com a vida, né...

Pe. Márcio – Relação forte com a vida... Eu penso assim, claro que hoje existe outras formas de educar, claro, didáticas, sim, eu mesmo sei, né, mas cada tempo tem sua riqueza. O nosso tempo foi muito rico, muito rico, porque tinha que buscar, tinha que ser criativo, os recursos eram menos, então a criatividade tinha que ser maior, né, e cultivar a leitura era importante. Eu acho hoje, não sei, eu vejo assim, os jovens quando escrevem, né, tem a impressão de que: quem não escreve bem lê pouco, né, ou lê mal, então, é um problema. É... eu penso também que é essa falta, essa de... de leitura, não é bom, o conhecimento hoje tá acumulado, é muito fácil hoje chegar na internet, o conhecimento tá ali, então é até fácil, muito fácil fazer o trabalho. Antigamente, a professora colocava uma gravura no quadro e você tinha que fazer uma poesia, fazer uma composição, chamava composição, eu tinha que, ia escrever olhando aquela gravura e ia fazer uma redação, olha, como era a coisa, aguçar a imaginação, né, por uma gravura, e isso fazia com que... era difícil... não era fácil, não... ‘Cê olhava a gravura, coçava a cabeça: “O que eu vou escrever em torno dessa gravura?”’, e isso fazia com que a imaginação fosse, né. E havia correção também. E sempre um diário, todo dia as aulas começavam: Itabira, tanto de tanto de mil novecentos e tanto, querida professora, não sei o que... ‘Cê ia cantar na escola, tinha que cantar, chegava a hora da coisa: saudamos a professora, bom dia, bom dia! [risos] E tinha que ter um respeito, parece interessante, menina, o respeito da professora, mas isso era o universo *espólio*. Por que você respeitava a professora? Porque você em casa tinha que respeitar os pais, na igreja respeitava os padres, na sociedade as autoridades, né, na escola os professores, então, havia um universo *espólio*, e esse universo *espólio* que tá sendo perdido hoje, devido à sociedade mais pluralista, então, né, aqui está a dificuldade de se respeitar os pais dentro de casa, de respeitar a professora na escola, de respeitar uma autoridade, está dentro exatamente de uma certa liberdade

que não se sabe usar, não é a questão de julgar, no sentido moral, de dizer que está certo ou errado, mas a questão de ver que estamos numa sociedade tão pluralista, que perdeu aquele universo.

Ilsa – Perde o valor do ser humano...

Pe. Márcio – Perde o valor, porque a educação era repetida, o que se aprendia na escola, eu aprendia em casa, eu aprendia na igreja, eu aprendia na sociedade, havia uma linguagem comum. E isso aqui, hoje não, a linguagem hoje é diversificada, o que hoje é certo, amanhã já é errado, é aquela expressão: tudo que é sólido, desmancha no ar. Então as pessoas caem no relativo, relativismo. O que eu aprendi, que a minha professora me ensinou foi até pra mim, no dia de hoje, até deu um sentido moral pra minha vida, amanhã já não tem valor, então isso é um problema. Tá bem.

Ilsa – Mas, obrigada, Padre Márcio.

d.8 ENTREVISTA VIII

Cartilha Lalau, Lili e o Lobo, Rafael Grisi, A Cartilha Sodr , Benedicta Stahl Sodr , 1977, e o Livro de poesias

Nome completo: *Maria Helena Cunha Narciso*



Maria Helena Cunha Narciso foi minha supervisora durante alguns anos em que trabalhei na escola municipal. Demorei a localizá-la, pois além de estar atuando em outra instituição escolar, encontrava-se em licença de saúde.

Certo dia, recebi um convite *on-line* para adicioná-la como amiga no *Orkut*, e através deste meio de comunicação perguntei-lhe se havia guardado seu livro que estudou na primeira série. Explicou-me estar recuperando de uma cirurgia na vista, e que tinha sim alguma coisa, e após sua recuperação iria procurá-los.

Aguardei a resposta e, no dia 19 de junho, escreveu-me dizendo:

“Ilsa ,desculpe-me pela demora...

Fui para BHorizonte e depois fiz uma pequena cirurgia ,devido aos problemas de pele ...Sempre tenho que me cuidarrecomendação médica...

Quanto a minha vista tbém tenho que estar atenta ,fazer testes ,conforme orientação do médico de BH e ser acompanhada aqui,o que é bem melhor....

Não sei se vc já arranhou o livro que estava interessada...

Achei o livro que estudei e da filha também....

Livros que serviram de base para minha alfabetização:

Cartilha Sodr 

Cartilha Lalau, Lili e o Lobo e livro de Poesia da época ...”

A partir de então, passamos a nos comunicar pelo seu *e-mail*. Diferentemente dos outros entrevistados, Maria Helena não quis ser filmada, ou ao menos gravar nossa conversa por K7, disse não se sair bem em entrevistas, mas que responderia ao questionário. Entregou-me o questionário respondido e digitado.

Mostrou grande preocupa o em responder de forma em que o texto se apresentasse bem escrito, sem erros ortográficos ou gramaticais, por se destinar a uma entrevista de mestrado e para uma universidade como a UNICAMP. Isso fez com que a sua entrevista perdesse a espontaneidade, embora o essencial fosse mantido, mas limitou-se a um texto curto e objetivo.

Explicou-me que os livros não são os mesmos que estudou. Adquiriu-os em uma escola que trabalhou, teve grande satisfa o em guardá-los, por serem os mesmos livros da época em que estudou e pela possibilidade de apoio ao seu trabalho como alfabetizadora.

Entregou-me a entrevista no dia 26 de junho, às 13 horas, em sua residência. Fui bem recebida e tratada com muito respeito.

ENTREVISTA VIII

[Por responder à entrevista por escrito, achei conveniente preservar a forma original como ela me apresentou]

DADOS GERAIS:

Nome completo: Maria Helena Cunha Narciso

Naturalidade: Pouso Alegre - MG

Data de Nasc. 12/11/49 (59 anos)

Profissão: Aposentada (Analista Escolar - Estado de MG) e (Supervisora Escolar da Prefeitura Municipal-PA/MG)

Escolarização: Superior

Datas e Instituições onde estudou:

- Colégio Nossa Senhora do Carmo (BM-MG – Da 1ª série até 6ª série do Ens. Fundamental, em regime de internato) Colégio e Escola Normal Santa Dorotéia – PA-MG (Término do Ens. Fundamental e Magistério) 1968;
- Universidade Estadual de MG- Varginha (Letras - Português e Inglês e Suas Literaturas de 1º e 2º graus) 1974;
- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Eugênio Pacelli” - UNIVAS (Universidade do Vale do Sapucaí – Administração Escolar de 1º e 2º graus/ Magistério das Matérias Pedagógicas de 2º grau) 1982;
- Faculdade de filosofia Ciências e Letras - Ouro Fino – MG (Inspeção Escolar e Supervisão Escolar de 1º e 2º graus) 1983;
- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Fundação “Otávio Bastos “São João da Boa Vista – SP (Orientação Educacional) 1984;
- UNIFRAN - União das Faculdades Francanas - Franca – SP (Pós-Graduação -Didática do Magistério do 3º grau);
- Outros Cursos de Especialização e Atualização, em diversas instituições

DADOS SOBRE O MOMENTO DA ALFABETIZAÇÃO:

1. Idade quando foi alfabetizado:

Iniciei aos seis anos e aos sete já exercitava a leitura.

2. Quais lembranças você tem do início da sua escolarização?

Aos seis anos freqüentei a escola da fazenda de meu pai (Município de São Sebastião da Bela Vista – MG). Era uma sala “multisseriada” (1ª e 2ª séries). Estudávamos as lições em casa para lermos, todos os dias, para a professora. Era uma brincadeira para nós.

Aos sete anos fui para o Colégio (Colégio Nossa Senhora do Carmo em Borda da Mata, MG), em regime de internato. Neste período já não era diversão. Havia acompanhamento individual pelas freiras.

3. O que você guardou da sua época de escola?

Havia seriedade no trabalho e assimilávamos bem os conteúdos. A aprendizagem constituía meta essencial para o professor.

4. O que mais lhe marcou neste momento de escolarização? Por quê?

A tristeza de ficar longe da família, porque os encontros eram raros...

Os professores sempre rigorosos, sempre exigiam o cumprimento das tarefas de casa.

DADOS LIGADOS AO LIVRO GUARDADO:

a) Nome do livro que usou:

Na fazenda usei a Cartilha Sodré.

No colégio foram: Lalau, Lili e o Lobo, Caminho Suave, livro de Poesias e livros da biblioteca do colégio

b) Nome do professor (a):

1ª prof. aos seis anos: Janete ;

2ª prof. aos sete anos: Madre Elizabeth D.Barros

c) De que maneira você adquiriu o livro?

Encontrei esses livros na escola em que lecionei por algum tempo. Eles estavam destinados ao descarte, considerados incompatíveis com a nova ortografia. Nessa ocasião requisitei-os para meu uso.

d) Como foi seu primeiro contato com este livro?

Suas gravuras me atraíram muito, porque iam ao encontro das nossas expectativas.

e) Como ocorreu sua primeira experiência de leitura com ele?

Ainda pequena, lembro-me de que o professor elaborava fichas direcionadas a todos os alunos (Palavra chave e separação de sílabas). Decorávamos essa atividade a fim de que pudéssemos reconhecê-las em sala de aula.

O professor, em vários momentos sugeria que:

- lêssemos cartazes anexados aos livros;
- escrevêssemos na lousa;
- participássemos de jogos envolvendo sílabas, vogais e sentenças e outros.

f) O que você mais aprecia (ou não) neste livro?

As sílabas são bem trabalhadas. Nas lições, propriamente ditas, elas aparecem em muitas palavras e sempre em destaque. Esse procedimento facilitava a memorização.

g) Você, agora, diante deste material (livro/cartilha) que o acompanhou durante sua alfabetização/escolarização e que guardou durante tanto tempo. Quais sentimentos, emoções ressurgem ao ver e tocar novamente este livro? Olhando para este material o que mais você lembra?

Estes livros conduziram-me ao passado e muitas lembranças afloram em minha alma: colegas, colégio, brincadeiras, festas juninas, filhos pequenos. Nesta época não havia preocupação com Imposto de Renda, salário, inflação, violência, política, corrupção e tantas outras coisas que poderia acrescentar neste rol de palavras. Perdura a saudade!?!...

h) Você se lembra de algum fato/ experiência concreta na sua história com este livro?

Sim, eu me lembro muito da lição da Vaca. Eu não sabia o significado de malhada. Minha professora omitiu esta explicação. Não se usava consultas a dicionários. Na fazenda de meu pai as vacas eram vermelhas.

i) O que o (a) levou a guardar este material? Há quanto tempo está guardado?

Verifiquei que muitos alunos que recebia de 5ª à 8ª série, do Ensino Fundamental e até do Ensino Médio apresentavam deficiência na alfabetização. Muitas vezes trabalhei, individualmente, com eles. Estes livros serviram de base para elaboração de apostilas contendo seleção de palavras, que coincidiam com o dia-a-dia de suas vidas. A formulação de frases e histórias tornava-se fácil e prazerosa. Acompanhava-os com dedicação. O resultado sempre um sucesso.

. O livro Lalau, Lili e o Lobo e a coletânea de Poesias estão guardados desde 1970. Presenteou-me uma excelente professora de alfabetização.

A Cartilha Sodré foi adquirida após esta data.

j) Onde e como você o guardou? Outras pessoas usaram este material?

Os livros estão guardados em estante adequada. Meus filhos foram alfabetizados por mim e os livros foram complementos para a memorização das sílabas e palavras. Esse material, também, serviu de base para alfabetizar alunos. Trabalhei com turma de 1ª série ,em 1971, 1977 e 1978.

Na minha época, as professoras possuíam esse material, como referência para organização de suas aulas.

k) Que significado tem, hoje, para você este livro?

Já pensei em repassar para alguém da área de alfabetização, porém minha filha disse-me que se ela tiver filhos serei eu a responsável pela alfabetização deles. Ela não acredita na escola de hoje. Em sua opinião, a escola atual não se responsabiliza pelo essencial: Ler (interpretar) escrever, raciocinar e se conscientizar do que e para que se faz. Esta é, também, minha posição

Manifesta-se, ainda, com uma afirmação gratificante:

– “Está convicta de que sua mãe educou a ela e a seu irmão de maneira brilhante e satisfatória”.

Esse livro, no momento, representa uma história de trabalho, de metodologia envolvente e compromissada com a aprendizagem das crianças, que não encontramos nos dias atuais. Ele tem um valor histórico porque me transporta ao passado, enquanto criança e alfabetizadora.

d.9 ENTREVISTA IX

A Cartilha nacional

(Hilário Ribeiro, 1954)

Nome completo: *Maria de Barros Magalhães*

Naturalidade: Paraisópolis - MG Data de Nasc. 1923 (85 anos)

Profissão: Professora, supervisora e diretora aposentada

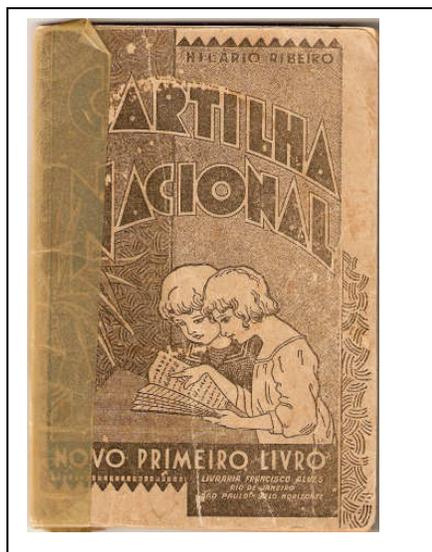
Escolarização: Ensino superior

Datas e Instituições onde estudou: Grupo Escolar Bueno de Paiva (1.^a a 4.^a série), em 1930
Magistério no Colégio Santa Dorotéia, em Pouso Alegre.

Idade quando foi alfabetizado: 7 anos

Nome do livro que usou:

Nome do professor (a): Maria Júlia Ferreira



A entrevista foi realizada no dia 11 de maio, num domingo, em Paraisópolis, na própria residência de Dona Maria de Barros, como é conhecida. Foi bastante acolhedora ao nos receber em sua casa.

Por intermédio de minha sogra, Maria Bernadete, que foi aluna no magistério da Dona Maria de Barros, que eu pude conhecê-la, conversamos por telefone, que me disse ter consigo uma cartilha muito antiga de 1952, mas que não era sua.

Uma senhora de 85 anos, muito atuante na igreja, toca piano, leciona aulas de catecismo e é uma referência na cidade, todos a conhecem.

Já foi professora, supervisora, diretora e inspetora de ensino, uma senhora muito culta e educada. Ela não guardou o livro que estudou, mas guarda o livro que foi da mãe, uma cartilha que a mãe estudou: *Cartilha nacional*, de 1952, não é a mesma que estudara, a original, foi adquirida depois.

A mãe, Almehy de Barros Magalhães, uma senhora que estudou até o terceiro ano, revelava um talento para música. Pianista desde os cinco anos, tocava e compunha. Amava a música, o estudo e a leitura. Sempre comentava das lições que lera na *Cartilha nacional* aos filhos e sobrinhos. Por comentar com frequência, os sobrinhos resolveram procurar essa cartilha nos sebos em Belo Horizonte. Encontraram a cartilha e presentearam-na. Ela ficou felicíssima por poder ver novamente aquele livro.

A Senhora Maria de Barros guarda esse material de leitura da mãe com muito carinho e emprestou-nos sem restrições, para uso da pesquisa.

ENTREVISTA IX

Ilsa – A senhora estava me contando que foi diretora, né...

Maria de Barros – Fui diretora, fui inspetora, trabalhei na delegacia de ensino de Itajubá, depois da delegacia fui chamada pra trabalhar em Araguari, e depois em João Pessoa, encarregada de fazer revisão do programa de ensino.

Ilsa – Aí lá a senhora trabalhou dois anos e meio, em João Pessoa. Aí a senhora pegou a época da ditadura, né.

Maria de Barros – Foi...

Ilsa – Nossa! A senhora sempre trabalhou como diretora ou trabalhou como professora também?

Maria de Barros – Trabalhei como professora, eu formei lá em Pouso Alegre e vim aqui e comecei a trabalhar como professora, não, peguei turma assim de primeira a quarta série, um pai exigiu que eu fosse professora do filho dele, da primeira à quarta série, pediu pra diretora, então eu levei uma turma da primeira à quarta série. Quando terminei, fui, nós fomos fazer... pra Belo Horizonte pra fazer um curso de férias lá, porque que eu tava com medo de pegar outra turma que aquela turma era tão boa. Então, chegamos lá, fazendo o curso de férias lá, e tava propaganda de um curso de administração escolar, que tinha aberto concurso, então fui prestar concurso e passei, fiz curso lá, no Instituto de Educação, e já vim como diretora. Eu tive pouco tempo de magistério. Depois quando eu vim de lá fui, continuei como diretora e como professora de Didática no Colégio Santa Ângela, no Colégio Santa Ângela foi onde trabalhei mais tempo, né.

Ilsa – Foi lá que a senhora foi professora da Bernadete?

Maria de Barros – Foi... era professora. Foi lá que comecei como professora de Didática nas quatro matérias: Português, Matemática, História e Geografia...

Ilsa – Chamava Didática?

Maria de Barros – É... Era Didática da Língua Portuguesa. Didática da Matemática, de Estudos Sociais, que era História e Geografia, e das Ciências Naturais.

Ilsa – Na época que eu fiz magistério chamava-se Metodologia.

Maria de Barros – É... Era... Metodologia e, mas o registro era como professora de Didática, depois levei outro registro como professora de Professora de Psicologia e Filosofia da Educação. Depois quando saí, voltei, mas quando aposentei, eu aposentei três vezes.

Ilsa – Olha... [risos] A senhora tinha três cargos?

Maria de Barros – Não. Eu aposentei primeiro como diretora, né, que era inspetora, mas eu sempre fui distraída, assim, com trabalho, não preocupava com título assim, então eu deixei passar, e as inspetoras foram efetivadas no cargo de inspetora e eu tava trabalhando nem lembrei de pedir. Então quando eu fui pedir ao Bilac Pinto, para efetivar, “Agora passou da época, agora não tem mais jeito” ele disse “Como é que você deixou passar assim?” Então pra eu aposentar como inspetora e aposentei como diretora. Mas daí foi começar esse negócio de chamar supervisora pras escolas, essas coisas, eu tava só lecionando no colégio e desocupada do Estado, foi preciso uma supervisora no ginásio, não tinha. Me chamaram pra trabalhar como supervisora. E daí começaram essas faculdades em tudo que é cidade do interior, porque antes não tinha... E daí, nos tinha o curso de administração escolar em Belo Horizonte.

Ilsa – Quando a senhora fez o curso lá em Belo Horizonte, a senhora teve que ficar lá, ou a senhora ia e voltava?

Maria de Barros – Não... Eu morei lá, tive que morar lá, porque além de ser longe o curso, era pesado, a gente começava meio-dia e ia até às cinco horas da tarde, todo dia. Além disso, a biblioteca, na época, tinha sido trazida por essas pessoas que faziam curso fora, então, a biblioteca a gente corria pra pegar livro em francês ou castelhano, porque a maioria era em inglês, quase não tinha nada em Português, era pesado, porque a gente passava a parte da tarde

assistindo aula e a parte da manhã fazendo tradução pra gente ter conteúdo, então era pesado, foi um curso bem pesado.

Ilsa – Isso foi na década de cinquenta?

Maria de Barros – Foi em 1951 e 1952. Foi na época do Juscelino. Que ele até foi nosso paraninfo.

Ilsa – Olha que interessante. A senhora tem lembrança de quando a senhora estudava, na época da sua primeira série? Como foi a alfabetização da senhora? A senhora começou com oito ou sete anos?

Maria de Barros – Sete.

Ilsa – Antes a senhora não tinha ido pra escola?

Maria de Barros – Naquela época, antes dos sete anos, ninguém ia pra escola. Porque eu acho que hoje eles estão apressando demais, estão encurtando a fase da infância, que é a melhor fase da vida.

Ilsa – Criança vai bebê, né.

Maria de Barros – Criança hoje não tem mais infância. E é uma judiação...

Ilsa – Outra realidade, né...

Maria de Barros – Eu acho que a criança precisa ter infância pra ela brincar, hoje tudo é, tudo é... é pronto pra ela. Ela não cria mais. Acabou a criatividade...

Ilsa – O que a senhora se lembra da primeira série?

Maria de Barros – Da primeira série lembro muito bem da professora.

Ilsa – A senhora lembra o nome dela?

Maria de Barros – Maria Júlia Ferreira.

Ilsa – Que lembranças a senhora tem?

Maria de Barros – Lembranças... Eu gostava, dessas coisas que ela punha no quadro assim, historinhas pra gente, né.

Ilsa – Tinha livrinhos?

Maria de Barros – Não. Tinha os cartazes que a secretaria mandava e com a leitura daqueles cartazes, essas coisas, a gente ia comentando e ia fazendo perguntas e depois ela escrevia a historinha no quadro e a gente copiava, e fazia o dever de casa, que ela mandava fazer o desenho, ilustrar a historinha.

Ilsa – A senhora se lembra da história?

Maria de Barros – Era: A roça do Zezito / Zezito tinha uma vaca / A vaca do Zezito era malhada. Então a gente gostava, achava uma belezinha. Contava a historia da roça e de um menino que chamava Zezito, a gente tinha um colega chamado Zezito.

Ilsa – Olha que interessante. É bonito a gente lembrar dessa época.

Maria de Barros – A minha professora era joia, professora feito ela hoje é difícil.

Ilsa – Da época que a senhora estudou, a senhora não guardou nada, foto, estas historinhas em caderninho?

Maria de Barros – Não.

Ilsa – Depois da primeira a segunda ou terceiro ano tinha outra professora?

Maria de Barros – Então, eu fiz o tempo todo com ela do primeiro ao quarto ano com uma professora só. Agora, eu falei pra você, nós tivemos dois anos de repetência, um por causa da revolução, que soldado do décimo segundo RI de Belo Horizonte ocuparam... ficaram hospedados no grupo, no prédio. Era novinho, mas eles deixaram o grupo em petição de miséria: sujo, com lixo. Então foi preciso fazer uma limpeza, pintar tudo de novo, consertar os estragos que eles fizeram. Porque os soldados vieram tudo longe da família coitados. Depois o outro ano, por causa da introdução desse tipo diferente de teste de avaliação e a classe inteira *rodô*, que a

professora teve que repetir junto com a gente e ela falava: “Foi um castigo pra mim”, porque quando eu entrei na sala de aula e que viu a cara de vocês todos sentados tudo de novo, deu dor no coração dela. [risos]

Ilsa – Isso marcou muito a senhora?

Maria de Barros – Marcou, porque eu gostava muito dela. A nossa classe era muito boa.

Ilsa – Eram quantos alunos, a senhora lembra?

Maria de Barros – Ah, era uns trinta.

Ilsa – Bastante, né.

Maria de Barros – Há pouco tempo uma... uma colega mandou pra mim um convite da formatura do primário e tinha o nome, mas aí tava tudo, mas morreu tudo cedo, né...

Ilsa – Os outros anos que a senhora estudou a senhora não teve contato com nenhum outro livrinho?

Maria de Barros – Não. A gente tinha os livrinhos da biblioteca, tinha os livrinhos, sim.

Ilsa – Algum livrinho que a senhora lembra que mais marcou?

Maria de Barros – E os livrinhos eu já lembro assim, quando eu tava trabalhando. *A bonequinha preta, O bonequinho doce*, da Alaíde Lisboa, aquele pessoal. Então a gente... mas do meu tempo não tenho.

Ilsa – O livrinho que a senhora tem é o livrinho da mãe da senhora, né?

Maria de Barros – A minha mãe que estudou nesta cartilha.

Ilsa – Eu achei muito interessante a história.

Maria de Barros – É... É o tempo da leitura do método alfabético, né. [segurando a cartilha]

Ilsa – Qual o nome da mãe da senhora?

Maria de Barros – Almehy de Barros.

Ilsa – Ela é natural de Pouso Alegre ou de Paraisópolis?

Maria de Barros – Não, daqui de Paraisópolis.

Ilsa – Ela estudou até a quarta série? Naquela época, às vezes, fazia só um ano...

Maria de Barros – No tempo dela tinha até a quarta série, mas ela era a primeira das irmãs, das filhas da minha vó. Daí foram nascendo as outras, daí nasceu a mais nova, que é mãe desses meninos aqui de Belo Horizonte, [apontando a foto dos sobrinhos no porta-retrato] e ela teve que sair da escola pra pajear...

Ilsa – Pra cuidar, né...

Maria de Barros – Mas a mamãe sempre leu muito, era poetisa, ela escreveu muita poesia, era pianista adorava tocar piano, então era uma pessoa assim, que sempre leu muito, sempre escrevia, nós temos um prêmio que ela ganhou lá da Holanda, pra Alemanha, que amigos nossos mandaram poemas dela lá pra Alemanha e pra Holanda, e ela recebeu... Uma vez... ela recebeu um Nock Prêmio de Mozart e outro um prêmio foi um álbum da Holanda, que a moça leu a poesia dela lá. E mandou pra ela um álbum pra ela sobre a Holanda, então nós temos guardado. Ela não fez nenhum... Isso que eu falo pra você, naquele tempo, que aprendia desse aqui... Ela aprendeu A, E, I, O, U e o aprimoramento do método alfabético, [folheando na cartilha] é antigo, né. E ela escrevia, ela fazia... sabia de tudo, conversava, fazia...

Ilsa – Na verdade ela estudou o quê? Três anos?

Maria de Barros – Três anos só que ela ficou na escola. E, hoje os alunos saem do curso colegial...

Ilsa – Superior, às vezes...

Maria de Barros – Sem saber ler e escrever. Eu acho que o ensino caiu demais. Nossa Senhora!

Ilsa – E ela estudou aqui mesmo, né? O que ela falava da época que estudava?

Maria de Barros – Ela estudou aqui.. Ela vivia repetindo as lições da cartilha, né. Por causa dela ficar repetindo, que os sobrinhos dela, porque ela sempre foi uma tia assim, que os sobrinhas, que o lazer deles era tudo aqui em casa, aqui eles brincavam, quebravam as coisas, tudo que eles não faziam na casa deles.

Ilsa – Aqui era o ponto de encontro.

Maria de Barros – Era o ponto de encontro, e eles então gostavam. E ela ficava assim: “Gente no meu tempo a minha cartilha era a Cartilha Nacional, eu tinha vontade de ver esta cartilha.” E eles tanto ouviram ela falar isso, que chegaram em Belo Horizonte, no sebo e acharam a cartilha. O dia que eles trouxeram pra ela foi uma festa, né. E ela ficava e de vez em quando ela olhava e lembrava, lembrava dos colegas, lembrava de tudo.

Ilsa – Que idade ela tinha quando eles trouxeram a cartilha pra ela?

Maria de Barros – Ah, ela já tinha uns oitenta anos.

Ilsa – Deve ter sido uma grande emoção pra ela.

Maria de Barros – Foi... foi sim... e ela ficou na maior felicidade... [risos]

Ilsa – O que será que causou essa felicidade dela?

Maria de Barros – O prazer de ver uma coisa que ela viveu em criança, que a mamãe sempre foi muito inteligente e muito ativa, sabe, ela era mesmo uma pessoa, assim, especial. Muita gente fala dela até hoje. Ela foi sempre muito esperta, muito... Ela morreu com noventa e quatro anos, sem nunca ter tido doença nenhuma, assim, morreu sem saber o que era pressão alta, diabete, o que era colesterol, o que era... essas coisas. Ela teve catarata já quando ela tava com noventa anos, foi no médico, foi interessante, que eu cheguei lá, o médico foi... olhava os exames dela e fazia uma cara assim, que eu: “Doutor, tem alguma coisa pesado aí?” “Não, eu nunca vi um exame deste tipo desse aqui, tudo dela ta no meio, não tem nada, nem demais, nem de menos, tudo certinho.” E ela com noventa anos. E ela morreu no dia trinta de novembro, vinte dias antes ela tocou piano.

Ilsa – Amava a música.

Maria de Barros – Amava. Compôs música pras netinhas dela e morreu...

Ilsa – Então, essa cartilha deve ser muito especial pra senhora, né?

Maria de Barros – Ah, é... eu guardo, é lembrança dela, da cartilha que ela estudou, *Cartilha nacional*, de Hilário Ribeiro. E ela falava: “gente se vocês acha lá no sebo é Cartilha Nacional de Hilário Ribeiro”.

Ilsa – Ela lembrava até o autor?

Maria de Barros – É... Lembrava tudo... Eu to falano dela, mas tem vários colega dela da mesma época, foram salientando e coisa... A escola ensinava muito antes. A escola de antigamente aprendia bastante. Minha mãe era uma pessoa assim, que ninguém acreditava que... ela não teve nem o quarto ano de grupo.

Ilsa – A senhora lembra alguma poesia dela?

Maria de Barros – Declamar eu não lembro. Um neto dela de Pouso Alegre, quando ela fez oitenta anos, ele fez um livrinho, sabe, com os poemas dela e ilustrou o livro, pôs uma árvore, um tronco, pois os filhos, os filhos e os netos, então pois as poesias dela tudo, meu primo lá de Belo Horizonte, temos sete primos, sabe, um deles que trabalhava na UFMG, então ele fez também um livro com as poesias dela, mas ela escreveu muito sobre o ipê e o vento aqui de Paraíso. Tanto é que eles brincavam, punha, vendo uma notícia dela no jornal, dizendo assim: “A mulher do ipê”. A poetisa do ipê e do vento, ela falava do vento, também falava muito... Com oitenta e... mais de oitenta, ela entrou no concurso da... do Banco Real, com uma poesia. Desta vez foram umas ex-alunas minhas que insistiram: “Dona Maria, vamos mandar, mandar pro concurso do Banco

Real.” Ela foi convidada pra ir lá em São Paulo pra receber, assim, a homenagem, mas ela não foi não.

Ilsa – O que ela mais apreciava neste livro?

Maria de Barros – O que ela mais apreciava? O livro todo, porque ela repetia as lições, ela sempre contava, os meninos riam porque ela ficava, assim, repetindo, então a lição falava isso: “O rei dos quadrúpedes/ rainha das aves / rei do quadrúpedes, leão/ rainha das aves, águia. Acho que tá desse jeito na cartilha, procura lá que tem essa lição.”

Ilsa – Ela já sabia de cor...

Maria de Barros – Ela sabia de cor a lição.

Ilsa – E ela falava alguma coisa de especial que tinha acontecido com ela quando criança e a cartilha? Alguma experiência que ela teve?

Maria de Barros – Não. Ela falava muito da professora dela. Ela falava assim, admirava tanto os professores, o respeito dela, a admiração pela professora era tanto que ela chegava a chegar perto pra sentir o cheirinho da professora, de tanto que elas gostavam. Hoje... Num dia desses... eu assino aquela revista Nova Escola, então, ela falou o jeito que os professores estão recebendo insultos pela internet. É, eu fico com pena até um professor assim, mas professor é isso, professor é aquilo, um colosso de coisa. Até aqui mesmo em Paraíso, no colégio que trabalhei Santa Ângela até 2006, uma que eu trabalhei com ela: “Dona Maria, esses dias abri a internet, uma ex-aluna nossa, metendo o pau em mim, mas eu respondi, eu pus outro e-mail perguntando pra ela, o que que eu fiz de mal pra ela, que ela enchia de xingamentos com aquelas palavras.” É uma judiação, acho, né, tem professor até apanhando... E a mamãe falava que eles gostavam de chegar perto da professora pra sentir até o cheirinho, o perfume, que a professora usava, ela chegava a mão na professora. Elas namoravam a professora, de tanto que elas gostavam.

Ilsa – Era um ídolo, né.

Maria de Barros – Era um ídolo, agora, na minha época que eu estudei eu também gostava demais da minha professora. Ela era uma pessoa respeitada e depois, que depois, que a gente foi professora, na época que eu fui professora também, ainda era respeitada, e ‘cê sabe, que até hoje eu encontro, eu tenho aluno de cabeça branca e fala: “Dona Maria a senhora lembra de mim?”... [continua contando histórias sobre rever ex-alunos.]

Mas eu tenho um prazer muito grande que onde eu vou, a gente sempre encontra ex-aluno, e eles sempre agradecendo e sempre lembrando o tempo gostoso de escola... [Contou do seu trabalho na catequese.]

Ilsa – Da época que a mãe da senhora estudava ela falava o nome da professora?

Maria de Barros – Lembrava... Dona Rosinha, era de Brazópolis. Ela contava da cor da roupa da Dona rosinha, o jeito que mexia o cabelo [fez o gesto] o jeito que era a professora dela que ela gostava tanto...

Ilsa – A mãe da senhora também foi alfabetizada com sete anos?

Maria de Barros – Foi... Ela foi alfabetizada com sete anos e piano ela começou a tocar com cinco. Porque a minha vó tocava, era pianista e ela ficava vendo minha vó e ia... Vovó tocava uma música, e quando vê, ela ia fazendo a melodia com um dedinho só.

Ilsa – E a senhora toca?

Maria de Barros – Toco.

Ilsa – A senhora toca na Igreja, né? E a senhora vendo este livrinho que emoções a senhora pode descrever pra gente?

Maria de Barros – Eu tenho este livrinho como a presença da minha mãe, né, uma coisa, uma coisa que ela gostava, que ela respeitava, que ela ficou felicíssima o dia que ela conseguiu, que os meninos trouxeram para ela. Eu guardo como uma lembrança dela. Quando a gente começou a

dar aula, também, no colégio, como professora de didática, que a gente dava a metodologia das matérias, mas o título que a gente tinha era de professora de didática e eu sempre falava, quando eu tinha que dar exemplo dos métodos antigos, que a gente estudava a evolução dos métodos e pensava assim, a minha mãe estudou quando era o método A, E, I, O, U, método alfabético.

Ilsa – Que significado tem hoje pra senhora este livro?

Maria de Barros – Uma lembrança da minha mãe... A presença dela, a gente... as coisas que ela... através da poesia dela, das coisas que ela gostava.

Ilsa – Eu quero agradecer a senhora por essa oportunidade de podermos conversar, né, de eu poder ouvir todas essas histórias, quero agradecer. Para minha pesquisa, para eu entender porque o livro é tão importante na vida de uma pessoa, eu estou buscando lá no passado. No passado, buscando como foi pra tentar compreender hoje, o presente, e poder entender hoje o presente.

Maria de Barros – Um dia, esses dias, um rapaz veio me entrevistar... “Por que você vai me entrevistar?” “É porque a senhora...” Não é porque eu tenho alguma coisa de importante, é que eu to velha e ainda mais por ter trabalhado como professora, professora é sempre muito conhecida, não é isso só, a gente vê a transformação, lamenta algumas perdas, né, apesar de a gente não estar gostando de nada de novo. Eu sempre gostei muito de música, e detesto a música de hoje, né, essa música gritada, e até cultivo a antiga. Essa semana ficamos muito tristes com a morte do Artur da Távola, que foi senador e ele tinha um programa, todo sábado, na TV Senado, o nome do programa dele era: Quem tem medo de música clássica, e ele sempre terminava o programa falando assim: “Música é vida interior, e quem tem vida interior, jamais padecerá de solidão.” E eu achava aquilo lindo, porque de fato a gente, na minha idade, eu gosto de ficar quieta, sozinha pra ouvir boa música...

[E continuamos a conversar sobre música.]